



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS – (PPGAV)**

**LUÍS MÜLLER POSCA**

**BOA VISTA IMAGINADA: representação da cidade pela arte e imagem mediada  
pelos olhares cidadãos**



**BRASÍLIA**  
**2023**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS – (PPGAV)**

**LUÍS MÜLLER POSCA**

**BOA VISTA IMAGINADA: representação da cidade pela arte e imagem mediada  
pelos olhares cidadãos**

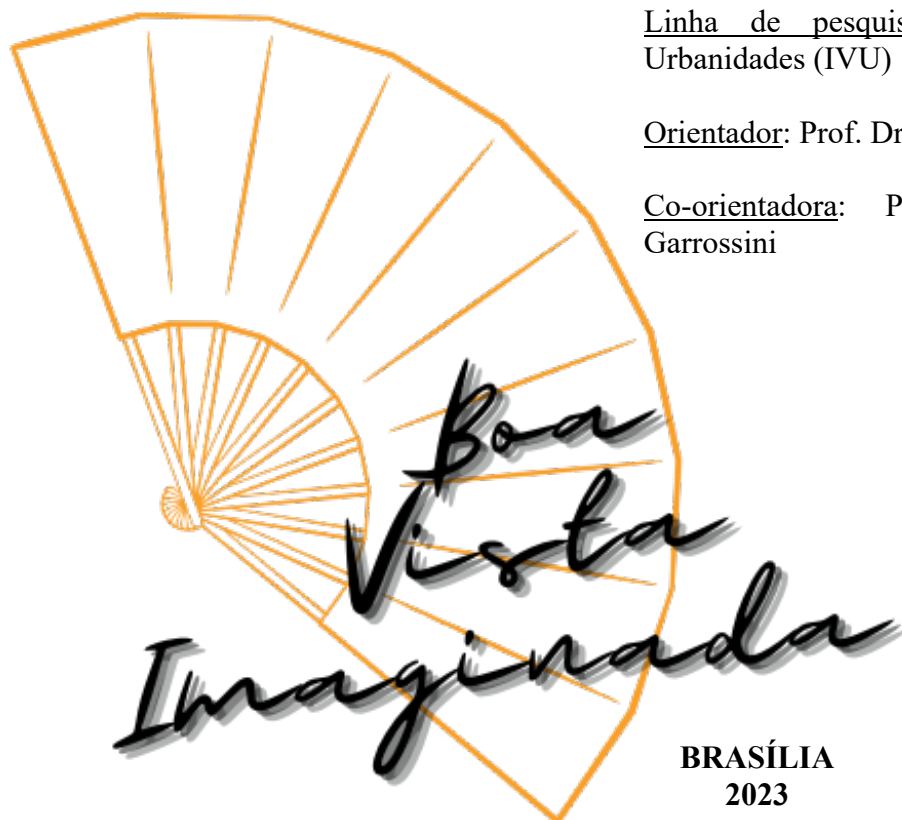
Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília - UNB, como requisito para obtenção do título de Doutor em Artes Visuais.

Área de concentração: Arte, imagem e cultura

Linha de pesquisa: Imagens, Visualidades e Urbanidades (IVU)

Orientador: Prof. Dr. Biagio D'Angelo

Co-orientadora: Profa. Dra. Daniela Fávoro Garrossini



**BRASÍLIA**  
**2023**

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

# FOLHA DE APROVAÇÃO



Universidade de Brasília  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

ATA Nº 14

Aos vinte e cinco dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e três, instalou-se a banca examinadora de Tese De Doutorado do(a) aluno(a) Luis Müller Posca, matrícula 190082020. A banca examinadora foi composta pelos professores Prof(a) Dr(a) KARINE DE MELLO FREIRE (UNISINOS - membro externo à UNB, não vinculado ao programa), Prof(a) Dr(a) RITA APARECIDA DA CONCEIÇÃO RIBEIRO (UEMG- membro externo à UNB, não vinculado ao programa), Prof(a) Dr(a) FÁTIMA APARECIDA DOS SANTOS (UNB/DIN- membro interno à UNB, não vinculado ao programa) Prof(a) Dr(a) SUZETE VENTURELLI (IDA/VIS membro interno à UNB, vinculado ao programa ) (Suplente) e Prof(a) Dr(a) BIAGIO D'ANGELO (IDA/VIS - membro interno à UNB, vinculado ao programa) , orientador(a)/presidente. O(A) discente apresentou o trabalho intitulado BOA VISTA IMAGINADA: representação da cidade pela arte e imagem mediada pelos olhares cidadãos. Concluída a exposição, procedeu-se a arguição do(a) candidato(a), e após as considerações dos examinadores o resultado da avaliação do trabalho foi (x) Pela aprovação do trabalho; ( ) Pela aprovação do trabalho, com revisão de forma, indicando o prazo de até 30 dias para apresentação definitiva do trabalho revisado; ( ) Pela reformulação do trabalho, indicando o prazo de (Nº DE MESES) dias para nova versão; ( ) Pela reprovação do trabalho, conforme as normas vigentes na Universidade de Brasília. Conforme os Artigos 34, 39 e 40 da Resolução 0080/2021 - CEPE, o(a) candidato(a) não terá o título se não cumprir as exigências acima.

**Dra. RITA APARECIDA DA CONCEIÇÃO RIBEIRO, UEMG**

Examinadora Externa à Instituição

**Dra. KARINE DE MELLO FREIRE, UNISINOS**

Examinadora Externa à Instituição

**Dra. FATIMA APARECIDA DOS SANTOS, UnB**

Examinadora Externa ao Programa

**SUZETE VENTURELLI, PARIS 1**

Examinadora Interna

**Dr. BIAGIO D ANGELO, UnB**

Presidente

**Luis Müller Posca**

Doutorando



Documento assinado eletronicamente por **Biagio d Angelo, Coordenador(a) do Instituto de Artes**, em 26/04/2023, às 15:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.umb.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.umb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **9625963** e o código CRC **899C6C82**.

*Dedico este trabalho aos meus Pais Luiz Carlos Posca e Cleide Lúcia Cardoso Posca que em suas gerações não puderam se dedicar aos estudos para trabalhar por uma vida melhor. Mas, por meio da Educação transformaram a vida de seus filhos, sendo um deles agora Doutor. Dedico, também, ao povo de Roraima e a cidade de Boa Vista – Sempre estarão em meu coração e imaginário!*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela oportunidade de ingressar e concluir esta etapa de formação acadêmica e profissional com sabedoria, serenidade e responsabilidade.

À minha orientadora Profa. Dra. Daniela Fávaro Garrossini (Dani), exemplo de Mulher, Professora, Servidora, Ativista, Artivista, entre outras muitas qualidades que tive o prazer de conhecer nestes anos de doutorado. Além de ter aberto as portas da UNB e me conceder a oportunidade de cursar o tão sonhado Doutorado em Artes Visuais, compartilhamos conhecimento, afetos e dores, nos apoiando mutuamente no enfrentamento da Pandemia de Covid19 e muitos outros enfrentamentos que se impuseram neste espaço temporal.

Ao Prof. Dr. Biagio D'Angelo, por ter me acolhido tão fraternamente como seu orientando, mesmo me situando na reta final de pesquisa. Também, pelas prazerosas aulas, seminários e por todo apoio necessário a conclusão desta Tese.

À minha família – Mãe Cleide, Pai Carlin, Vó Ieda, Érica, Guilherme, Helena e Dante que estão comigo onde quer que eu vá oferecendo todo o suporte e amor necessários para que eu possa realizar os meus sonhos sem esquecer de nossas fortes raízes.

Ao Felipe Aleixo, por ter acompanhado de perto grande parte desta pesquisa. Se hoje esta Tese existe é porque sonhamos coletivamente com ela.

À amiga Jéssica de Almeida, pelo apoio incondicional, pelo compartilhamento de sonhos e por sempre acreditar em mim. Da UFRR para a UNB e para a vida.

À Profa. Dra. Fátima Santos, que além de contribuir grandemente com este trabalho através de suas delicadas considerações na banca de qualificação e defesa, contribuiu igualmente com suas aulas, palestras, conferências e conversas. É admirável ouvi-la falar sobre a Cidade!

Aos demais membros da banca, Profa. Dra. Rita Aparecida da Conceição Ribeiro e Profa. Dra. Karine de Mello Freire por suas afetivas contribuições feitas na banca de defesa, ao Prof. Dr. Maurício Véra Sanchez, grande referencial de pesquisa que tive o prazer de ter em minha banca de qualificação colaborando com as questões de fronteira, a Profa. Dra. Virginia Tiradentes por suas deliciosas aulas no início do doutorado e por ter acompanhado de perto este trabalho que já vinha se desenhando lá no comecinho do curso e, também, a Profa. Dra. Suzete Venturelli que realizou um seminário incrível no

início deste percurso de estudos. Às demais Professoras e Professores do PPGAV-UNB, agradeço por todo o conhecimento compartilhado.

Ao meu orientador de Mestrado Prof. Dr. João Henrique Lodi Agreli, que em uma de nossas caminhadas pelo campus Santa Mônica da UFU me encorajou dizendo que eu tinha potencial para pesquisa e que não deveria parar no mestrado. Foi neste momento que indicou que o PPGAV da UNB poderia ser um caminho possível!

À UFRR, em especial, ao colegiado do curso de Licenciatura em Artes Visuais, pela confiança em meu trabalho, pela liberdade em se disponibilizar como um espaço para realização desta pesquisa e pelo tempo de liberação para finalização da escrita desta Tese.

Aos meus alunos(as)(es) pelas trocas em sala de aula, pela participação nas ações de pesquisa e extensão relacionadas a esta Tese e pela afetuosa torcida para que seu Professor alcançasse o mais brevemente os objetivos de sua formação profissional.

Aos meus queridos “*amiguIVUs*” – Diana Medina, Lu Ceschin, Paulinho Reis e Waleff Dias, inicialmente concorrentes na seleção de doutorado, cuja amizade se consolidou já no final do primeiro dia de provas e permaneceu em nossa aprovação, matrícula, disciplinas e por todo o tempo de nossos estudos em divertidas reuniões presenciais e virtuais. Certamente esta Tese não existiria sem toda a troca, afeto e amizade que existiu entre nós.

Aos cidadãos boa-vistenses que gentilmente colaboraram com a realização desta pesquisa.

Ao Sesc-Roraima, em nome de Rafael Pinto e Neto Freitas que acolheram minha proposta curatorial através do Edital do II KANAU – Salão de arte contemporânea, para a realização da exposição *Retratos de Boa Vista imaginada* (2023).

Ao grupo de pesquisa *Brasília imaginada: a cidade representada por meio dos seus processos simbólicos*, em nome de Beatriz Nery (Bia), que foi minha parceira em muitas trocas ao longo de nossas pesquisas e que inevitavelmente me influenciou em muitos dos caminhos que escolhi tomar.

Faço um agradecimento especial a todas as pessoas que indiretamente me trouxeram até aqui, sou hoje uma soma de tantas pessoas especiais que entraram em minha vida e que pavimentaram juntamente comigo os caminhos de minha trajetória – a todos(as) amigos(as) de longa e de curta data e a todos(as) os(as) meus(minhas) Professores(as) em nome de quem cumprimento Célia Soares (*in memoriam*) melhor Professora de Artes do mundo, que além de me inspirar na escolha da profissão, foi minha

colega de trabalho e me ensinou muito mais do que sua disciplina escolar quando me deu aulas na periferia de Ribeirão Preto - SP, me ensinou a sonhar e acreditar em meu potencial no mundo das artes.

Ao Théo (Théozinho) meu filho (pet) que nasceu junto com esta pesquisa e cotidianamente me acompanhou nas longas horas de escrita com todo amor e paciência.

E, por último agradeço às políticas públicas, em nome de quem cumprimento os Presidentes Lula e Dilma Rousseff pela criação de programas, leis e sobretudo por conceder acesso, em seus períodos de governo, que permitiram que alguém como eu, saído de uma periferia do interior, cria da escola pública, me tornasse Professor de uma Universidade Federal, cuja vaga só existiu devido ao programa REUNI e que através de outros programas sociais e investimentos na educação pública, gratuita e de qualidade possibilitasse minha formação como doutor, consequentemente garantindo a possibilidade de que possa devolver a sociedade toda a bagagem de conhecimentos que já adquiri e que vou continuar adquirindo pelos novos caminhos que eu venha trilhar!



*“Nós queremos te ver poderoso  
Lindo berço, rincão Pacaraima!  
Teu destino será glorioso  
Nós te amamos, querido Roraima!”*

*Hino do Estado de Roraima: Dorval de Magalhães; Dirson Félix Costa (1996)*

## RESUMO

Nesta pesquisa, que tem como base a teoria dos Imaginários Urbanos, investigamos a percepção social de Boa Vista – RR por meio dos imaginários dos cidadãos dessa cidade. De caráter transdisciplinar, nosso estudo desenvolve-se através de uma abordagem quali-quantitativa, coletando percepções cidadãs através de um estruturado questionário base, cujas informações são organizadas em um banco de dados imaginados, para, posteriormente, quantificá-las em estatísticas e, por fim, interpretá-las qualitativamente através de imagens e obras que reflitam sobre a representação do imaginário dessa urbe. Esse processo investigativo parte de uma revisão teórica sobre o espaço urbano da Capital de Roraima, uma cidade planejada e que é constantemente marcada pelos trânsitos nacionais e internacionais, devido à sua condição de território fronteiro, o que confere a Boa Vista processos constantes de alteração na paisagem e hibridação cultural em seu tecido urbano. Trata também do encontro com o Projeto Cidades Imaginadas, em especial, acerca da metodologia de trabalho com Imaginários Urbanos presentes nas obras de Silva (2001, 2006 e 2014) em diálogo com outras teorias e autores advindos da geografia, dos estudos sociais, psicanálise, outros, até chegar às adaptações metodológicas e os procedimentos adotados para alcançarmos os objetivos de nossa investigação. Como resultado, além das reflexões teóricas sobre Boa Vista e seus imaginários urbanos, a investigação foi aplicada com cidadãos boa-vistenses dentro de uma amostra de pesquisa, um banco com os dados imaginados foi criado, organizado e analisado de forma a enquadrar as percepções da coletividade cidadã de Boa Vista dentro da concepção triádica dos imaginários urbanos – Cidade, cidadãos e outridades (percepções dos outros). Ademais, estes dados enquadrados, também, foram revelados e interpretados por artistas e obras de artes visuais na exposição *Retratos de Boa Vista imaginada (2023)*. Por fim, através deste percurso teórico, metodológico e artístico fomos capazes de evocar representações únicas da cidade de Boa Vista extraídas única e exclusivamente dos imaginários de sua coletividade cidadã.

**PALAVRAS-CHAVE:** Boa Vista-RR. Imaginários urbanos. Imagem da cidade. Planejamento urbano. Fronteiras. Percepção. Representação.

## RESUMEN

En esta investigación, que se basa en la teoría de los Imaginarios Urbanos, investigamos la percepción social de *Boa Vista* – RR por medio de los imaginarios de los ciudadanos desta ciudad. Con carácter transdisciplinario, nuestro estudio se desarrolla a través de un enfoque cuali-cuantitativo, recogiendo las percepciones de los ciudadanos a través de un cuestionario base estructurado, cuya información se organiza en una base de datos imaginaria, para luego cuantificarlas en estadísticas y, por último, interpretarlas cualitativamente a través de imágenes y obras que reflexionan sobre la representación del imaginario de esta ciudad. Este proceso investigativo parte de una revisión teórica del espacio urbano de la Capital de *Roraima*, ciudad planificada y constantemente marcada por el tráfico nacional e internacional, debido a su condición de territorio fronterizo, lo que le otorga a *Boa Vista* constantes procesos de cambio en la hibridación paisajística y cultural en su tejido urbano. Se trata también del encuentro con el Proyecto Ciudades Imaginadas, en particular, sobre la metodología de trabajo con Imaginarios Urbanos presente en las obras de Silva (2001, 2006 y 2014) en diálogo con otras teorías y autores provenientes de la geografía, los estudios sociales, psicoanálisis, otros, hasta llegar a las adaptaciones metodológicas y los procedimientos adoptados para alcanzar los objetivos de nuestra investigación. Como resultado, además de las reflexiones teóricas sobre *Boa Vista* y sus imaginarios urbanos, la investigación se aplicó con ciudadanos de *Boa Vista* dentro de una muestra de investigación, se creó, organizó y analizó un banco con los datos imaginados para enmarcar las percepciones de la colectividad ciudadana de *Boa Vista* dentro de la concepción triádica de imaginarios urbanos – Ciudad, ciudadanos y otros. Además, estos datos enmarcados también fueron revelados e interpretados por artistas y obras de artes visuales en la exposición “*Retratos de Boa Vista Imaginada*” (2023). Finalmente, a través de este recorrido teórico, metodológico y artístico, pudimos evocar representaciones únicas de la ciudad de *Boa Vista*, extraídas única y exclusivamente del imaginario de sus ciudadanos.

**PALABRAS CLAVE:** Boa Vista-RR. Imaginarios urbanos. Imagen de la ciudad. Planificación urbana. Fronteras. Percepción. Representación.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - a) Venezuelanos em situação de rua – ocupação Praça Simón Bolívar; b) Protesto contra Venezuelanos na mesma praça; c) Reabertura da praça - murada e com fiscalização .....	21
Figura 2 - Protesto indígena contra o garimpo, no monumento que homenageia o garimpeiro (2021).....	22
Figura 3 - Boa Vista a capital da primeira infância.....	27
Figura 4 – Exemplo de Imagem midiática de caos urbano instalado em Roraima .....	28
Figura 5 – O centro da cidade de Boa Vista – RR. ....	36
Figura 6 – Bandeira do Estado de Roraima .....	36
Figura 7 - O Forte São Joaquim. ....	40
Figura 8 - Processo histórico da fundação da cidade de Boa Vista.....	41
Figura 9 – Prédio da sede da Fazenda Boa Vista e a Igreja Matriz (1858).....	42
Figura 10 - Bar “Meu Cantinho” e placa do projeto “Raízes”.....	43
Figura 11 - Vila de Boa Vista do Rio Branco (1924).....	45
Figura 12 - Mapa da Vila de Boa Vista do Rio Branco (1924).....	47
Figura 13 - Vista panorâmica da Vila de Boa Vista (1924). ....	48
Figura 14 – a) Igreja matriz, b) intendência e c) sede da antiga fazenda Boa Vista. ....	49
Figura 15 - Vista aérea do antigo assentamento de Boa Vista, em 1945. ....	50
Figura 16 – a) Residências de Taipa e b) a Prelazia do Rio Branco (Déc. 1940).....	53
Figura 17 – Assinatura do contrato para execução do plano urbanístico da cidade de Boa Vista (1944).....	55
Figura 18 - Maquete do plano urbanístico de Boa Vista (1944). ....	57
Figura 19 - O Centro Cívico de Boa Vista (década de 1940/1950). ....	58
Figura 20 - Organização dos três poderes na praça do Centro Cívico de Boa Vista. ....	59
Figura 21 – a) Comparação do Desenho de projeto da Cidade-Jardim e b) planejamento urbano de Boa Vista – RR.....	59
Figura 22 – a) Traçado urbano de Paris e b) traçado urbano de Boa Vista.....	60
Figura 23 – a) Planta Atílio Corrêa Lima, b) detalhe plano Armando de Godoy e c) Planta do setor sul (Armando de Godoy) para Goiânia. ....	62
Figura 24 - Mapa dos bairros de Boa Vista, 2021.....	66
Figura 25 - Ponte dos Macuxi, Rio Branco - Boa Vista.....	71
Figura 26 - O Beiral em diferentes épocas.....	74
Figura 27 - Demolição das casas no Beiral (2017) – Boa Vista-RR.....	76
Figura 28 - Detalhes do Parque do Rio Branco (2021). ....	78
Figura 29 - Parque do Rio Branco.....	80
Figura 30 - Figuras que representam os principais pontos nodais centrais de Boa Vista.....	81
Figura 31 – Figuras que representam os Pontos Nodais fora do centro de Boa Vista. ....	82
Figura 32 - Ponte dos Macuxi com vista da Serra Grande (Boa Vista). ....	84
Figura 33 - Torre da Embratel.....	85
Figura 34 - Monte Roraima.....	85
Figura 35 – a) Mangueira da Ataíde Teive antes do asfaltamento e, b) atualmente, com as luzes de Natal.....	86
Figura 36 - Arquitetura na órbita do centro-cívico de Boa Vista.....	87
Figura 37 - Palácio Hélio Campos - Governo de Roraima. ....	89
Figura 38 - Portal do Milênio.....	89
Figura 39 - Monumentos na praça do Centro-cívico.....	90
Figura 40 - Monumentos no complexo Ayrton Senna. ....	91
Figura 41 – Monumentos e Patrimônios do núcleo inicial da cidade de Boa Vista.....	92

Figura 42 - Prédios históricos - Centro de Boa Vista.....	93
Figura 43 - 3 Acepções dos imaginários. ....	108
Figura 44 – Lógica triádica .....	114
Figura 45 - Conceitos da Cidade Vista à Imaginada.....	119
Figura 46 - Diagrama da Produção fantasmal.....	135
Figura 47 - Bien venidos a Boa Vista?.....	137
Figura 48 - Grupo Manifesto a Roraima na praça Simón Bolívar (2018).....	138
Figura 49 - Manutenção da praça Simón Bolívar (2018).....	139
Figura 50 - Frames dos documentários a) Porto Alegre e b) Bogotá imaginada .....	148
Figura 51 - Mapa de respostas. ....	150
Figura 52 - Manual de aplicação da pesquisa .....	151
Figura 53 - Exposição realizada no Espaço Cultural Renato Russo – 508 SUL representando o CONIC e o Conjunto. ....	152
Figura 54 - Aplicação teste do questionário de Boa Vista (2020). ....	153
Figura 55 - Mapa prévio da caminhada.....	155
Figura 56 - Participantes da deambulação pelo Centro de Boa Vista. ....	155
Figura 57 - Mapa final da deambulação por Boa Vista.....	157
Figura 58 – Parte do Questionário proposto por Silva (2006). ....	159
Figura 59 - Questionário base de Boa Vista Imaginada, adaptado de Silva (2006).....	164
Figura 60 – Parte de respostas à Questão 75. ....	168
Figura 61 - Exemplo de tabela dinâmica e gráfico no Excel .....	169
Figura 62 - Exemplo de construção de infográfico dos dados de Boa Vista imaginada. .....	170
Figura 63 - Gráfico gerado pelo <i>Google Forms</i> relacionado à escolaridade dos participantes. ....	171
Figura 64 - Mirante Edileuza Lóz com o sol da tarde.....	220
Figura 65 - A alegria do Boa Vista Junina (o maior arraial da Amazônia).....	222
Figura 66 - Parte do Edital do II Kanau .....	225
Figura 67 - Parte do Edital do II Kanau 2 .....	226
Figura 68 - Resultado do Edital II Kanau .....	227
Figura 69 - Planta da galeria Franco Melchiorri (Sesc-RR).....	231
Figura 70 - Expografia Retratos de Boa Vista imaginada.....	232
Figura 71 - Plotagem texto curatorial.....	234
Figura 73 - Plotagem do texto de apoio cidadãos .....	236
Figura 74 - Plotagem do texto de apoio outridades.....	237
Figura 75 - Modelo de ficha técnica para as obras.....	238
Figura 76 – Reminiscência.....	239
Figura 77 - Além do Portal.....	239
Fonte: Sesc Roraima .....	239
Figura 78 - ComoVER a cidade .....	240
Figura 79 - Acesso ao vídeo ComoVER a cidade.....	240
Figura 80 - Sem título .....	241
Figura 81 - Eu, nós, Roraima .....	241
Figura 82 - Reflexos do cotidiano .....	242
Figura 83 - O que te faz andar? .....	242
Figura 84 - Seres em movimento .....	243
Figura 85 - Pertencentes.....	243
Figura 86 - Indigenofuturismo .....	244
Figura 87 - Murais da seção outridades .....	245
Figura 88 - Montagem da obra Reminiscência .....	245

Figura 89 - Montagem da obra do PLAC.....	246
Figura 90 - Obra Pertencentes.....	246
Figura 91 - Montagem das obras de Giovana Peres e Hema Vieira .....	247
Figura 92 - Escultura de Saulo Rodrigues e Mural de Afronativa.....	247
Figura 93 - Paredes móveis em alusão a tríade e parte da obra de Pérola .....	248
Figura 94 - Abertura da exposição (fala do curador) .....	248
Figura 95 - Visita inaugural .....	249
Figura 96 - Visita inaugural 2 .....	249
Figura 97 - Artistas e texto curatorial.....	250

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - População residente, segundo os municípios das capitais – 1872/1991. ....	64
Tabela 2 - População residente em 2000 e população residente em 2010, por situação do domicílio, com indicação da população urbana residente na sede municipal, área total e densidade demográfica, segundo as mesorregiões, as microrregiões e os municípios. ....	67
Tabela 3 – Lista atualizada de bairros de Boa Vista-RR (2021).....	72
Tabela 4 - Locais selecionados para investigação de Boa Vista imaginada. ....	165
Tabela 5 - Compilado de percepções questão 11 do questionário base .....	182

## LISTA DE INFOGRÁFICOS

Infográfico 1 - Perfil dos participantes.....	175
Infográfico 2 - Perfil dos participantes 2.....	176
Infográfico 3 - Cartões postais referentes a questão 11 do questionário base.....	178
Infográfico 4 - Qual é o personagem que identifica Boa Vista.....	183
Infográfico 5 - Lugares que identificam Boa Vista.....	184
Infográfico 6 - As qualidades urbanas.....	185
Infográfico 7 - Paleta de cores de Boa Vista.....	186
Infográfico 8 - Playlist de Boa Vista.....	187
Infográfico 9 - Os três lugares representativos de Boa Vista Fonte: Próprio autor .....	188
Infográfico 10 - O acontecimento mais importante do último ano .....	189
Infográfico 11 - Os acontecimentos mais importantes.....	190
Infográfico 12 - Sobre o futuro de Boa Vista.....	192
Infográfico 13 - Qualifique os seguintes aspectos da sua cidade.....	193
Infográfico 14 - Qualifique os seguintes aspectos da sua cidade 2.....	194
Infográfico 15 - Qualifique sua percepção sobre a corrupção dos dirigentes de Boa Vista .....	194
Infográfico 16 - Como você percebe Boa Vista.....	196
Infográfico 17 - O que mais gosta e o que menos gosta .....	197
Infográfico 18 - Os 4 lugares de diversão .....	198
Infográfico 19 - Mencione uma rua ou área que você considere 1 .....	199
Infográfico 20 - Mencione uma ou área que você considere 2 .....	200
Infográfico 21 - O caráter dos boa-vistenses Fonte: Próprio autor .....	202
Infográfico 22 - Naturalidade dos boa-vistenses.....	203
Infográfico 23 - Como você se movimenta pela cidade.....	204
Infográfico 24 - A juventude e os idosos de Boa Vista Fonte: Próprio autor .....	205
Infográfico 25 - Qualificação dos usos e espaços da cidade .....	206
Infográfico 26 - Qualificação do uso de tecnologias.....	207
Infográfico 27 - Qualificação dos cuidados com o corpo .....	207
Infográfico 28 - Sobre o tempo livre dos boa-vistenses.....	208
Infográfico 29 - Como os boa-vistenses são percebidos .....	211
Infográfico 30 - Cidades com mais afinidades com Boa Vista .....	212
Infográfico 31 - Cidades com menos afinidades com Boa Vista .....	213
Infográfico 32 - Cidades latino-americanas com mais afinidades com BV .....	214
Infográfico 33 - Cidades latino-americanas com menos afinidades com BV .....	215



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>19</b>
CONTEXTUALIZAÇÃO E FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.....	25
OBJETIVOS .....	30
HIPÓTESES.....	31
ORGANIZAÇÃO DA TESE .....	32
<b>CAPÍTULO I – A CIDADE DE BOA VISTA – RR: ASPECTOS HISTÓRICOS, GEOPOLÍTICOS E A IMAGEM DA CIDADE.....</b>	<b>34</b>
1.1. Breve Contexto histórico da Tríplice Fronteira do Extremo-Norte do Brasil.	34
1.2. Certidão de Nascimento da Cidade .....	35
1.3. Ocupação do Vale do Rio Branco .....	38
1.4. Boa Vista como Fazenda, Povoado/Freguesia .....	41
1.4.1. Vila de Boa Vista do Rio Branco e Cidade.....	44
1.4.2. A cidade como Capital do Território Federal do Rio Branco .....	50
1.5. A Cidade Planejada .....	53
1.6. Boa Vista – Capital do Estado de Roraima .....	66
1.6.1. Leitura de Boa Vista a partir dos elementos da imagem da cidade.....	68
<b>CAPÍTULO II – IMAGINÁRIOS URBANOS.....</b>	<b>95</b>
2.1 O encontro com os imaginários urbanos .....	95
2.2 Teorias e conceitos .....	96
2.2.1 As três acepções dos Imaginários Urbanos .....	104
2.2.2 Lógica Triádica .....	113
2.3 Da Cidade Vista à Imaginada.....	117
2.3.1 Pontos de Vista cidadãos.....	120
2.3.2 Emblemas urbanos .....	122
2.3.3 Territórios e limites .....	124
2.3.4 Mapas e Croquis.....	127
2.3.5 Cenários e Olhares .....	129
2.3.6 Fantasmagorias urbanas .....	131
2.4 Assombro social .....	136
2.5. Imaginários de Fronteira .....	142
2.6 Da teoria à prática .....	147
<b>CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>159</b>
3.1 Coleta dos dados imaginários.....	161
3.2 Questionário base: adaptação e aplicabilidade na cidade de Boa Vista – RR.....	162
3.3 Análise qualitativa dos dados.....	167
3.4 Metodologia Visual: interpretações da Imagem da cidade de Boa Vista – RR pela perspectiva cidadã.....	172

<b>CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>174</b>
4.1. Os dados de Boa Vista imaginada.....	174
4.2. Perfil dos participantes.....	175
4.3. Cidade.....	177
4.4. Cidadãos.....	202
4.5. Outridades.....	209
4.6. Croquis e a Boa Vista de seus cidadãos.....	216
4.6.1. Emblemas da Boa Vista imaginada.....	219
<b>CAPÍTULO V – A IMAGEM DA CIDADE PELA PERSPECTIVA CIDADÃ...</b>	<b>224</b>
5.1. Proposta curatorial.....	224
5.2. Seleção dos artistas/obras.....	228
5.3. Expografia.....	231
5.4. Exposição Retratos de Boa Vista imaginada.....	238
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>251</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>256</b>
<b>APÊNDICE A – Questionário base de Boa Vista imaginada.....</b>	<b>265</b>
<b>APÊNDICE B – Proposta curatorial para o II Kanau do Sesc – Roraima.....</b>	<b>306</b>
<b>ANEXO A – Edital do II Kanau do Sesc – Roraima.....</b>	<b>317</b>
<b>ANEXO B – Resultado do edital II Kanau do Sesc - Roraima.....</b>	<b>335</b>

## INTRODUÇÃO

Quando Thomas More escreveu *Utopia* em 1516 [2005], imaginou a cidade como uma espécie de não-lugar, inexistente no mundo real e composta por um governo ideal, que, por sua vez, proporcionaria as melhores condições de vida a um povo equilibrado e feliz.

Seria, então, uma perda de tempo pensar na cidade ideal? Ou tal pensamento traria luz aos caminhos para o uso dos locais em que vivemos?

Na tentativa de responder objetivamente a esses questionamentos, sobre o “lugar utópico” que nos convenciamos a chamar de cidade, coadunamos o pensamento de Park (1967), quando afirma que a cidade é a tentativa mais bem-sucedida do homem de refazer o mundo em que vive de acordo com os desejos de seu coração. Logo, sendo a cidade esse mundo que o homem “criou”, esta, por sua vez, será também o lugar em que ele está condenado a viver. Dessa forma, indiretamente, podemos entender que, ao criar a cidade, o homem refaz a si mesmo.

Uma cidade não pode se resumir à topografia: ela é também utopia e delírio, uma soma de opções de espaços que percorrem tanto os aspectos físicos, abstratos e figurativos quanto os *espaços imaginários*. *Fazemos a cidade* enquanto a percorremos durante o dia, mas também à noite, desde que dentro de certos cuidados e emoções. Cidade, portanto, é o limite até onde podemos chegar, mas, também, é a abertura por onde entramos (SILVA, 2001).

Essa pequena discussão inicial traz à luz os grandes temas que serão discutidos nesta tese: a *cidade*, seus *habitantes* e os *imaginários urbanos*, mais especificamente, tendo como objeto de estudo a cidade de Boa Vista, capital do estado brasileiro de Roraima.

Elucidamos, de antemão, que este estudo apresenta um caráter transdisciplinar<sup>1</sup> e tem como foco a pesquisa sobre a percepção imaginária do espaço urbano da cidade de Boa Vista – RR, sua imagem e conseqüentemente a Arte. Busca referências em outras áreas, como a Arquitetura e Urbanismo, o Design, a Comunicação, a Antropologia, a

---

<sup>1</sup> Conceito que se contrapõe a fragmentação dos conhecimentos em disciplinas. Embora concebidas separadamente, a complexidade (também chamada de pensamento complexo) e a transdisciplinaridade articulam-se. Se vistas separadamente, uma torna-se princípio da outra. O pensamento complexo foi sistematizado por Morin (1991), e a transdisciplinaridade, por Nicolescu (1999). A teoria da complexidade e transdisciplinaridade sugere a superação do modo de pensar dicotômico das dualidades (sujeito-objeto, parte-todo, razão-emoção etc.) proveniente da visão disseminada por Descartes (1973), estimulando um modo de pensar marcado, sobretudo, pela articulação.

Sociologia, a Filosofia e a Semiótica, considerando, assim, o pensamento de Santos (2017, p. 45), de que “é superficial pesquisar as linguagens da cidade sem traçar relações transdisciplinares, pois o estudo das linguagens presentes na cidade demanda conhecimentos de muitas áreas”.

Além do caráter transdisciplinar deste estudo, é importante marcarmos, logo de início, qual é o tipo de pensamento sobre o qual nos debruçamos nesta pesquisa de doutoramento em Artes Visuais, cujo objeto de estudo é uma cidade/capital brasileira: Boa Vista. Entendemos que a cidade é um espaço de articulações e trocas complexas (“complexa” no sentido do que é “tecido junto”) de pessoas, fluxos, espaços e de uma infinidade de relações tramadas dentro de um determinado ambiente ou contexto. Trabalhamos, assim, com o *pensamento sistêmico*<sup>2</sup>.

O “pensamento sistêmico” mostra-se pertinente para nós, tendo em vista que permite a compreensão de um fenômeno dentro de um contexto, estabelecendo-se, assim, a totalidade das interações envolvidas, em oposição à busca das relações causais simples entre partes isoladas, típicas do pensamento analítico, ou seja, as relações complexas que são desenvolvidas na cidade entre cidadãos e seu contexto (CAPRA, 1997).

A pesquisa de sistemas complexos está se tornando cada vez mais importante não apenas nas ciências naturais, de onde surgiu, mas também nas ciências sociais. O campo da teoria dos sistemas é muito amplo; por isso, consideramos as cidades como um dos objetos de estudos dentro dos chamados sistemas complexos, assim como também são, por exemplo, as epidemias, os ecossistemas, o cérebro humano, o mercado e diversos outros sistemas, como a sociedade em geral. Nas palavras de Morin (2005, p.19), trata-se de “associação combinatória de elementos diferentes”, ou seja, todos esses sistemas partilham do fato de terem muitos indivíduos ou elementos que interagem entre si em um mesmo ambiente (contexto).

Inicialmente, a presente pesquisa sobre a representação da imagem de Boa Vista estaria concentrada a um marco temporal mais restrito e recente (2015-2020), considerando-se as experiências vivenciadas pelo autor desta tese nessa cidade. Todavia, se nos restringíssemos apenas a esse período, a pesquisa seria limitada sobretudo porque não consideraria importantes variáveis históricas que podem aparecer nas percepções da

---

<sup>2</sup> A emergência do movimento sistêmico é uma resposta à incapacidade da ciência analítica de lidar com as diversas formas de complexidade. O pensamento sistêmico surge como alternativa para a abordagem de um amplo espectro de fenômenos e situações, em relação às quais a abordagem analítica tem se mostrado insuficiente ou inadequada (KASPER, 2000).

coletividade cidadã atual. Ao considerarmos isso, foi necessária uma revisão dos objetivos iniciais deste estudo, pois passamos a entender que os aspectos históricos trariam uma amplitude de imagens e comparações possíveis com o cenário recente, em decorrência das mudanças sociais, políticas e causadas pela pandemia do Covid19<sup>3</sup>.

O nosso interesse inicial em estudar a representação da imagem de Boa Vista se deu pelas observações sistêmicas realizadas acerca das constantes mudanças ocorridas a partir da chegada massiva de imigrantes venezuelanos, que teve seu ápice durante os anos de 2015-2019. Isso gerou (e ainda gera) diversas reações dos cidadãos boa-vistenses: desde ações solidárias de amparo até protestos xenofóbicos e agressões. Isso pode ser ilustrado, por exemplo, a partir do que está representado na Figura 1, a seguir:

Figura 1 - a) Venezuelanos em situação de rua – ocupação Praça Simón Bolívar; b) Protesto contra Venezuelanos na mesma praça; c) Reabertura da praça - murada e com fiscalização



Fonte: a) ONUBR (2019), b) G1 (2019) e c) FolhaBV (2018) adaptado pelo autor.

A partir do entendimento da pesquisa da imagem da cidade como um estudo amplo, que não poderia deixar de considerar diversas variáveis históricas sobre a formação da cidade em questão, é que nos aproximamos da *Teoria dos Imaginários*

<sup>3</sup> Esta pesquisa teve início no ano de 2019 e, em março de 2020, precisou ser readaptada com o início da quarentena e do isolamento social, fazendo-nos repensar os rumos de nossa pesquisa por caminhos possíveis de serem realizados remota e virtualmente.

*Urbanos*, desenvolvida nos trabalhos de Armando Silva, inspiração para esta pesquisa. E isso porque, em suas investigações, o autor tem demonstrado que as pesquisas sobre o urbano muitas vezes se mantêm apenas dentro de critérios do conhecido senso comum ou de enfoques tradicionais. Silva (2001), em contrapartida, vai além: busca refletir sobre a comunicação existente entre a cidade e seus cidadãos, por meio de um enfoque aos procedimentos coletivos no que tange à construção da imagem de uma cidade. Além disso, estabelece procedimentos metodológicos que permitem captar a imagem subjetiva dos desejos dos cidadãos sobre a cidade que habitam.

Dessa maneira, direcionamos os rumos da nossa pesquisa para um caminho menos analítico ao retirar o foco desse momento pós-processo migratório e das consequentes alterações nessa cidade decorrentes apenas da migração venezuelana. Compreendemos que isolar e analisar a cidade apenas pelo viés da migração seria reduzir demais a dimensão perceptiva que a pesquisa pode alcançar. Especialmente, se levarmos em consideração a efervescente hibridação cultural dessa urbe não somente pelo viés da migração internacional, uma vez que, por si só, Roraima é o estado brasileiro com a maior quantidade de povos indígenas do Brasil (cerca de 11%) e composto por mais de 45,3% de pessoas não naturais dessa região (IBGE-Censo, 2010). Logo, é preciso considerarmos esses dados como cruciais para compreender o território de trânsitos, encontros e desencontros que marcam Boa Vista.

Figura 2 - Protesto indígena contra o garimpo, no monumento que homenageia o garimpeiro (2021)



Fonte: Amazônia Real (2021).

Entendemos, assim, que os rumos do projeto de pesquisa inicial precisavam abrir espaço para um raciocínio complexo do que é a cidade de Boa Vista a partir das percepções de seus cidadãos, considerando diversos pontos de vista geracionais, de gênero e classe social, tanto dos nativos desse estado, quanto dos migrantes de outros estados e de imigrantes dos outros países de fronteira, que completam a teia social boavistense de hoje.

Após refletir sobre todas essas inquietações colocadas e aproximando-se do trabalho de Silva (2001, 2006 e 2014), nosso ponto de partida se deu através do estudo aprofundado da Teoria dos Imaginários Urbanos e de sua metodologia para análise das cidades (devidamente apresentada em nosso Capítulo II), selecionando, assim, aspectos essenciais para a construção dos procedimentos metodológicos de nossa tese, de modo a considerar que Boa Vista se configura como uma cidade/capital planejada em um território de fronteira, o que a diferencia sobremaneira das outras cidades já pesquisadas por esse autor, em seus quase 30 anos de projeto.

Sendo assim, nossa tese versará sobre a representação da imagem de Boa Vista-RR, considerando, especificamente, a percepção dessa cidade vinculada à sua teia social, ou seja, à percepção cidadã, única e exclusivamente através da ótica de quem vive, usa e constrói esse espaço urbano. Utilizamos, para isso, a metodologia dos Imaginários Urbanos (SILVA, 2006) adaptada à realidade de nossa investigação – território planejado com alta concentração de povos originários, marcado pelas migrações nacionais e intensificado pelas imigrações e fronteiras, sobretudo, a venezuelana.

Além da dimensão imaginária, recorreremos a Lynch (2011) e à sua metodologia de análise da imagem da cidade, que nos são importantes para o entendimento dos aspectos da imagem da cidade enquanto território construído. Especialmente, porque a imagem de Boa Vista vem sendo alterada desde os primórdios de sua história oficial (passa de uma fazenda a uma capital planejada de um estado membro do Brasil), até os últimos anos, tem ganhado atenção midiática em virtude da crise migratória venezuelana.

Todos esses aspectos, entre outros, promoveram alterações nas paisagens desse território estabelecido, no qual se foram criando rugosidades<sup>4</sup>, além, é claro, da mudança

---

<sup>4</sup> “O que, na paisagem atual, representa um tempo do passado, nem sempre é visível como tempo, nem sempre é redutível aos sentidos, mas apenas ao conhecimento. Chamemos rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares” (SANTOS, 2006, p. 92).

simbólica/imaginária que nos propusemos a analisar. Assim, as teorias de Silva (2001) e de Lynch (2011) não podem ficar de fora desse processo de análise do espaço urbano de Boa Vista.

Vale ressaltar que adentrar, também, as questões da geografia social, a fim de analisar o processo histórico de uso e ocupação desse espaço urbano, considerando, portanto, a modificação das paisagens e rugosidades, é também fundamental para esta pesquisa, que não pode desconsiderar aspectos/variáveis históricos no processo complexo de formação dessa cidade planejada. Logo, este trabalho busca, nos estudos sociais, subsídios para compreender a relação dos cidadãos com essa urbe. Recorreremos, assim, a Santos (2006), Lefebvre (1991 e 2011), Harvey (2000) e Ferrara (1988, 1999, 2000), juntamente com Silva (2001, 2006 e 2014) e Lynch (2011), buscando visões complementares sobre a cidade e seus cidadãos, reunindo, assim, o escopo teórico que utilizaremos para apresentar Boa Vista dentro dessa perspectiva dos estudos sociais e imaginários urbanos.

Esta pesquisa tem uma abordagem quali-quantitativa. É quantitativa na medida em que visa trazer luz às estatísticas de como os boa-vistenses apreendem sua cidade, emergindo, assim, os dados de percepção urbana através dos quais será possível checarmos a incidência dos imaginários sobre fatos reais que urbanizam essa cidade. Ademais, é qualitativa na medida em que consideramos o material coletado de entrevistas, observando como esses dados de percepção podem ser materializados em obras artísticas, sob diversas modalidades, como fotografias, instalações, esculturas, vídeos, entre outras, promovendo, assim, novas leituras acerca do urbano.

Entendemos, portanto, que, para os procedimentos metodológicos de mapeamento da cidade de Boa Vista, essas entrevistas, adaptadas do questionário base da metodologia do projeto Cidades Imaginadas de Silva (2006), serão fundamentais para alcançarmos os objetivos de nossa investigação. O foco dessas entrevistas é o reconhecimento da cidade pela perspectiva do cidadão.

Após a realização da pesquisa de campo, capaz de demonstrar os consensos e oposições da coletividade cidadã, com objetivo de comparar memórias e imaginários individuais em relação à coletividade entrevistada, finalmente analisaremos esse material coletado a fim de encontrar resposta(s) para a seguinte pergunta de pesquisa:

*"Qual é o imaginário urbano de Boa Vista centrado nos indivíduos e em sua teia social?"*



Por meio dessas entrevistas, que buscam a percepção desses imaginários, será possível concentrar os nossos esforços em materializar a *representação da imagem da cidade de Boa Vista-RR* do alvorecer do século XXI pela perspectiva cidadã, ou seja, os imaginários de todos os agentes envolvidos na investigação.

Por fim, tal representação busca, sobretudo, no campo da Arte, terreno para a construção das interpretações dos desejos e percepções cidadãs por meio da Metodologia dos Imaginários Urbanos.

## CONTEXTUALIZAÇÃO E FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

A cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima, é conhecida por ser a capital brasileira mais distante de Brasília, única que se situa totalmente no hemisfério Norte, acima da linha do Equador. É pouco lembrada, quando o assunto diz respeito às cidades planejadas do Brasil; todavia, ela passou por um processo de planejamento urbano que redesenhou a cidade na segunda metade do séc. XX, muito embora já existisse um pequeno núcleo inicial de cidade que foi considerado no momento de implantação do seu plano urbanístico e, portanto, integra até os dias de hoje a paisagem dessa urbe.

Para muitos brasileiros, que desconhecem a realidade local, esse território é por vezes associado apenas à floresta e às suas raízes indígenas, desconhecendo, assim, o fato de que Boa Vista é uma cidade de ruas largas, arborizadas e repleta de dispositivos urbanos pensados para o bem-estar de sua população. “Tem despontado nos últimos anos (2019-2021), mesmo durante a pandemia de Covid19 e a crise econômica mundial, na questão da criação de empregos e geração de renda, sendo que em 2020 foi o estado que mais gerou postos de trabalho no país” (GOVERNO DE RORAIMA, 2021). Sobretudo, é um espaço urbano fortemente marcado pelas mesclas culturais advindas de processos migratórios diversos, marcados e intensificados pela presença dos trânsitos internacionais que cruzam as fronteiras dos países vizinhos – República da Guiana Inglesa e Venezuela.

É fato que a paisagem de Boa Vista vem sendo alterada por diversos processos históricos que envolveram desde esse planejamento urbano a questões políticas e sociais envolvendo demarcações e ocupação de territórios indígenas e, também, devido ao histórico de uso e ocupação da cidade mediante outros processos migratórios, como o garimpo e o funcionalismo público, em virtude de ser um dos estados mais jovens que saiu de uma condição de território federal para estado membro em 1988,

consequentemente gerando uma demanda pela ocupação de postos de trabalho em todas as esferas estaduais.

Muitas dessas alterações são advindas de migrações internacionais dos países de fronteira com Roraima, como é o caso da fuga da crise política e econômica venezuelana, fator mais recente a ser considerado nessa investigação e que, como já citamos, tem causado rugosidades na paisagem urbana dessa cidade. Dessa forma, o tecido urbano de Boa Vista tem sido redesenhado e, em nossa concepção, vem produzindo a imagem de uma “nova cidade”, feita cada dia mais de fluxos, aproximações e distanciamentos sociais. É, assim, cenário de severas repressões, mas também palco de uma grande efervescência cultural a partir do encontro das diferentes culturas.

A hibridação cultural<sup>5</sup>, fenômeno estudado pelo antropólogo argentino contemporâneo Canclini (2015), demonstra que, quando estruturas socioculturais diferentes se misturam, pode haver o rompimento das barreiras que separam o que é culto, popular e massivo, e é a partir dessa multiculturalidade que as estruturas socioculturais que existiam de forma separada se fundem, gerando uma nova configuração cultural que pode modificar totalmente grupos e espaços, como é o caso de nossa investigação.

Ainda citando Canclini (2015) e esse processo de hibridação cultural, especificamente em territórios como o de Boa Vista, que se trata da capital brasileira com o menor índice populacional, mas que, agora, com o expressivo aumento populacional, devido à migração venezuelana<sup>6</sup>, tem perdido parte de sua característica de cidade pacata e enfrentado problemas, que comumente chamamos de cidades grandes, uma trama urbana que impacta as formas de habitar e usar esse território:

Sem dúvida, a expansão urbana é uma das causas que intensificaram a hibridação cultural. [...] Passamos de sociedades dispersas em milhares de comunidades rurais com culturas tradicionais, locais e homogêneas, em algumas regiões com fortes raízes indígenas, com pouca comunicação com o resto de cada nação, a uma trama majoritariamente urbana, em que se dispõe de uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação (CANCLINI, 2015, p. 285).

---

<sup>5</sup> Termo cunhado e estudado pelo antropólogo argentino contemporâneo Nestor Garcia Canclini, em seu livro: “Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade” (2015).

<sup>6</sup> Com o crescente movimento migratório venezuelano, intensificado no ano de 2018, Boa Vista apresentou um aumento de 10,31% de sua população total apenas entre 2018 e 2019. Entre 2020 e 2021, esse aumento seria de 5,1% configurando-se em cerca de 47% na última década. Em virtude disso, o estado de Roraima tem despontado como o estado brasileiro que teve os maiores crescimentos populacionais dos últimos quatro anos (IBGE, 2021).

Esse contato peculiar de diferentes culturas neste cenário transfronteiriço do Brasil tem nos instigado, portanto, a investigar qual é o *imaginário* dessa cidade que passou por diversas transformações sociais e territoriais, como já dissemos, desde sua fundação enquanto município, após seu planejamento urbano, até o recente e expressivo aumento populacional, conseqüentemente o choque entre diferentes línguas, sotaques e costumes dentro desse sistema complexo que é a cidade de Boa Vista hoje. Isto é, desde os estranhamentos até as aproximações com o outro (que pode ser o estrangeiro, o migrante de outra parte do Brasil, o não indígena), mas que acaba se tornando parte do nós (cidadão boa-vistense).

Com os processos de alteração no tecido urbano e a hibridação cultural, foram identificados impactos na Arte urbana e nos processos de criação artístico-culturais desta cidade, afetando não só as ocupações dos dispositivos urbanos, mas também o imaginário dos artistas residentes, em trânsito e também o cidadão comum de Boa Vista, que em muitos casos, tem se encontrado dividido entre uma dualidade no que compete à “imagem” atual dessa cidade – desde a imagem pré-estabelecida da bela e planejada Boa Vista, capital da primeira infância, repleta de belos jardins e riquezas naturais, distorcida pela imagem de um lugar de caos e guerra, cujos problemas atuais da cidade decorrem desses processos migratórios recentes.

Figura 3 - Boa Vista a capital da primeira infância.



Fonte: AVSI Brasil (2020)

Em contraponto com a imagem anterior, a grande mídia, nos últimos anos, tem veiculado materiais que evocam uma imagem “caótica” dessa cidade às massas, como

nesses exemplos abaixo: “Venezuelanos trazem caos para Roraima<sup>7</sup>”, “Venezuelanos e brasileiros se enfrentam nas ruas de Roraima<sup>8</sup>”:

Figura 4 – Exemplo de Imagem midiática de caos urbano instalado em Roraima



Fonte: Adaptado de a) Jornal O Globo (2016) e b) Jornal Folha de São Paulo (2018)

Diante desses e outros estigmas sociais que os cidadãos boa-vistenses têm enfrentado é que nos interessou mergulhar nesse campo imaginário que vem alterando as percepções simbólicas sobre essa cidade, produzindo ora uma alegoria imagética de cidade hospitaleira, ora de caos. Foi assim que recorremos à consolidada metodologia dos imaginários urbanos de Silva (2001), com o estudo das cidades sob três perspectivas: *a cidade vista, a cidade marcada e a cidade imaginada*.

Complementar a Silva (2001), em um estudo realizado na cidade do México, Canclini (2010) trata também de estudar a diversidade de imaginários urbanos observando como essa cidade era constituída no discurso periódico de cada dia, no rádio e na televisão. Esse autor observou que, como em outras cidades, matérias diárias ou semanais com temáticas sobre as cidades mostram que o discurso jornalístico sobre a Cidade do México, por exemplo, é em 50% pautado naquilo que o gestor, as autoridades ou os agentes hegemônicos dizem sobre a cidade e, em menor escala, é que se concede

<sup>7</sup> Matéria do jornal O globo com título que pode induzir o leitor a pensar que os venezuelanos estão causando o caos em Roraima. <https://oglobo.globo.com/brasil/venezuelanos-levam-caos-roraima-20419502> (Roxo 2016).

<sup>8</sup> Matéria do jornal Folha de São Paulo em que o título dá a impressão de que venezuelanos e brasileiros se enfrentam nas ruas de Roraima. <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/08/refugiados-venezuelanos-sao-agredidos-e-expulsos-de-tendas-em-roraima.shtml> (Prado e Mello 2018).

espaço aos atores sociais de base, ou seja, pautado naquilo que os cidadãos pensam ou falam sobre ela.

Nesse sentido, coletar as percepções sociais a partir da perspectiva do cidadão é o ponto fundamental dentro das metodologias de trabalho com os imaginários urbanos. Em síntese, o estudo da percepção imaginária de uma cidade, além de considerar os aspectos físicos e sociais, também interpreta os símbolos e as evocações da coletividade cidadã utilizados para representá-la.

Assim, contextualizados acerca do território a que nos propusemos investigar e da teoria na qual estamos nos pautando para pesquisar a cidade pelo ponto de vista de seus cidadãos, desdobramos aqui a problemática deste projeto de pesquisa:

***Enquadrar<sup>9</sup> os imaginários urbanos de Boa Vista, através de distintos pontos de vista cidadãos, a fim de compreender como processos históricos, migratórios e político-sociais afetam o retrato dessa urbe hoje. Consequentemente, desvendar diferentes formas de interpretar e representar tais percepções através de uma metodologia de trabalho capaz de responder à pergunta de pesquisa abaixo:***

***"Qual é o imaginário urbano de Boa Vista centrado na percepção dos indivíduos e em sua teia social?"***:

Finalmente, justificamos que esta pesquisa apresenta um viés de ineditismo, tendo em vista que será o primeiro trabalho versado sobre o tema, com foco no estado de Roraima (Boa Vista) e em sua teia social. Logo, estamos tratando de uma cidade planejada e com uma notável presença de migrantes e imigrantes – que podem fazer emergir outros imaginários relativos à questão de fronteira. Isso contribui não só para o meio acadêmico, enquanto um estudo de caso, dentro do fenômeno dos imaginários urbanos, cujos procedimentos metodológicos e analíticos podem servir de base para outras pesquisas do mesmo teor, como também para os estudos da Arte, Imagem, Urbanismo, bem como para a sociedade roraimense em geral, que, muitas vezes, é esquecida pelo restante do Brasil devido ao seu distanciamento geográfico e às poucas informações veiculadas seja através de estudos bibliográficos, seja através de espaço midiático e que, recorrentemente, tem sido apresentado à massa como um lugar de caos urbano em virtude da migração venezuelana.

Nesse sentido, coadunamos Peixoto (1996, p. 13), quando diz:

---

<sup>9</sup> *Enquadrar* no sentido metafórico da fotografia de “colocar em quadro”, selecionando aquilo que pretendemos captar através de uma imagem fotográfica.

A função da arte é construir imagens da cidade que sejam novas, que passem a fazer parte da própria paisagem urbana. Quando parecíamos condenados às imagens uniformemente aceleradas e sem espessura, típicas da mídia atual, reinventar a localização e a permanência. Quando a fragmentação e o caos parecem avassaladores, defrontar-se com o desmedido das metrópoles como uma nova experiência das escalas, da distância e do tempo. Através dessas paisagens, redescobrir a cidade.

Assim, ao final da pesquisa, pretendemos ser capazes de redescobrir Boa Vista, com o intuito de materializar a representação dessa cidade através das lentes de quem a usa e ocupa – sua coletividade cidadã.

Por fim, verificaremos como as hipóteses propostas por nós, abaixo relacionadas, se efetivarão ou não a partir de nossos objetivos e das análises de nosso corpus.

## OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa é coletar, descrever e interpretar os imaginários urbanos da teia social de Boa Vista, com o intuito de produzir uma representação dessa cidade com base nas percepções de seus cidadãos.

Para materializar essa representação, serão consideradas variáveis histórico-geográficas, identitárias, migratórias, enfim, aspectos que envolvam as relações sociais, em geral, e suas consequências no que concerne aos processos artísticos decorrentes do encontro de diversas culturas neste espaço urbano transfronteiriço do Extremo-Norte do Brasil.

Além disso, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- Adaptar as metodologias de trabalho advindas da teoria dos Imaginários Urbanos a fim de desenvolver instrumental próprio de pesquisa para a análise de nosso objeto de estudo – a cidade de Boa Vista e sua teia social.
- Criar um banco com os dados imaginados das percepções dos cidadãos boavistenses.
- Interpretar os dados dessa investigação qualitativamente através de uma Metodologia Visual, de modo que, a partir dessas interpretações, buscaremos elaborar obras de arte que evoquem a Boa Vista presente no imaginário de sua teia social em contraponto com a imagem da cidade real, ou seja, daquilo que os meios hegemônicos divulgam.

- Registrar e analisar a recorrência de aspectos dos imaginários de fronteira, tendo em vista as variáveis geopolíticas e geopoéticas dessa região e como os deslocamentos internacionais para Boa Vista potencializaram processos de choque e hibridação cultural.

## HIPÓTESES

Adotamos nesta tese a hipótese macro de que as alterações na paisagem urbana de Boa Vista e que o processo de hibridação cultural têm alterado as percepções simbólicas da coletividade cidadã no que concerne ao imaginário urbano dessa cidade e que esse processo tem afetado e causado efeitos na cidade real.

Além dessa hipótese principal, também acreditamos que a imagem da cidade de Boa Vista, perante a percepção de seus cidadãos, deverá apresentar visões dicotômicas entre a imagem de uma Boa Vista planejada, tranquila e bela em contraponto a outra Boa Vista, caótica, perigosa, cujos fantasmas da migração venezuelana, potencializados pela imagem midiática, possam afetar as maneiras como as pessoas percebem essa cidade.

Consideramos ainda que, por mais que a implantação da cidade/capital Boa Vista tenha diversos marcos históricos, como, por exemplo, o planejamento urbano na década de 1940, a passagem de Território Federal para Estado Membro da Federação na década de 1980, entre outros, o período de 2015 até o atual (2022) foi marcado por grandes acontecimentos que devem aparecer na análise dos imaginários dessa cidade – como as eleições de 2018 e as reações cidadãs advindas desse pleito eleitoral, a migração venezuelana e os impactos na densidade demográfica e na paisagem urbana, bem como a pandemia de Covid19.

Tendo em vista que essas situações, que consideramos como fantasmas urbanos<sup>10</sup>, têm rondado a cidade nesses últimos anos e causado o que Silva (2014) nomeia de condição de assombro social<sup>11</sup>, no momento das análises, mediante a evocação de tais situações citadas, acreditamos que encontraremos correspondências das percepções imaginárias com esses e outros fatos reais, ilustrando, assim, a incidência do imaginário sobre o território construído.

---

<sup>10</sup> Conceito apresentado por Silva (2014), que associa os comportamentos ou reações dos cidadãos a uma ordem fantasiosa, como um “fantasma” que ronda a cidade e que acaba transformando e vivenciando o processo de urbanização, causando o que chama de “assombro social”.

<sup>11</sup> O aprofundamento desses conceitos encontra-se em nosso Capítulo II que trata dos elementos e conceitos dos Imaginários Urbanos.

Por fim, nossa última hipótese é a de que, ao revelar os fantasmas urbanos que rondam os cidadãos de Boa Vista, será possível capturá-los através das lentes das Artes em mídias que podem ser fotografias, desenhos, vídeos, obras multimídias, sobretudo imagens que representem essa cidade pela ótica da coletividade cidadã.

## ORGANIZAÇÃO DA TESE

A fim de uma maior compreensão, por parte do leitor, das etapas que serão abordadas nesta tese, organizamos nosso texto da seguinte forma:

No **CAPÍTULO I – A CIDADE DE BOA VISTA – RR, ASPECTOS HISTÓRICOS, GEOPOLÍTICOS E A IMAGEM DA CIDADE**, será abordado o levantamento histórico para compreensão dos mais relevantes processos histórico-sociais e geográficos da implantação da cidade de Boa Vista, capital do Estado de Roraima. Os principais autores que trazem contribuições sobre esses aspectos serão: Veras (2009), Pavani e Moura (2006), além das informações oficiais da cidade coletadas no último Censo do IBGE – realizado em (2010). Após apresentar os marcos históricos e geográficos gerais, para completar o capítulo, adentramos, como contribuição final, a questão da imagem da cidade baseados na obra de Lynch (2011), em diálogo com outros autores, visando sinalizar, através dos elementos de sua teoria: *vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos*, um olhar atualizado sobre o que é a Boa Vista de hoje, apresentando alguns dos dispositivos urbanos e aspectos gerais com relação ao território construído.

No **CAPÍTULO II – IMAGINÁRIOS URBANOS**, relatamos o encontro com o Projeto Cidades Imaginadas do Prof. Dr. Armando Silva e aspectos gerais de sua metodologia dos Imaginários Urbanos, presentes em suas principais obras (2001, 2006 e 2014), subsídios necessários para o avanço da adaptação e aplicação dessa metodologia de trabalho em nosso objeto de estudo – Boa Vista. Além de Silva (2001, 2006, 2014), teorias e conceitos advindos da geografia e dos estudos sociais, como a construção e a natureza do espaço, direito à cidade, entre outros, serão acionados para melhor compreendermos a relação cidade e cidadãos com a percepção das urbes por meio dos estados imaginários. Os principais autores nessa frente são: Santos (2006), Lefebvre (1991, 2011), Harvey (2000) e FERRARA (1988, 1999, 2000); esta última colabora no sentido de abordar a periferia/centro e a percepção da cidade entrelaçado com os olhares



de Silva. Por fim, complementar às teorias estudadas, delinearemos aspectos dos imaginários de fronteira, defendidos por Sánchez (2018) e finalizaremos o capítulo exemplificando essas teorias através de aplicações já realizadas.

No **CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**, detalhamos nossas escolhas, procedimentos e aplicações da investigação acerca dos imaginários urbanos de Boa Vista. Apresentamos, ainda, como se deu o processo de adaptação do Questionário Base do projeto Cidades Imaginadas (SILVA, 2006) e a aplicação das entrevistas com cidadãos em nossa cidade. Demonstraremos, ainda, a plataforma e os softwares utilizados no processo de coleta dos dados. Faremos a exposição, também, do cálculo amostral dessa pesquisa, bem como de exemplos das análises e possíveis interpretações que serão realizadas, após a criação do banco de dados imaginados dessa urbe.

No **CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**, conforme delineado em nossos procedimentos metodológicos, apresentamos os dados de nossa investigação já organizados de forma qualitativa e quantitativa, através de infográficos ilustrados criados após a análise dos dados imaginados da investigação. A partir dos resultados acerca dos consensos da coletividade entrevistada, buscamos confrontar as percepções imaginárias dos cidadãos de Boa Vista com situações reais, seja através de fotografias, materiais jornalísticos, outros, demonstrando, portanto, os croquis e emblemas urbanos elegidos pelos participantes da investigação de Boa Vista imaginada.

No **CAPÍTULO V – A IMAGEM DA CIDADE PELA PERSPECTIVA CIDADÃ**, ainda dentro da grande área da representação das percepções cidadãs, mas, neste caso, totalmente voltada para a questão imagética e estética - Metodologia visual, serão apresentadas as interpretações ou *enquadramentos* dos dados de nossa investigação, de maneira poética, traduzidos nas formas das Artes Visuais através da curadoria da Exposição *Retratos de Boa Vista imaginada (2023)* – Mostra realizada com a reunião de dez artistas selecionados para evocar as percepções da coletividade cidadã. Na sequência, serão tecidas as **CONSIDERAÇÕES FINAIS**, resumindo as conclusões a que chegamos no decorrer de nosso trabalho.

Por fim, serão apresentadas as nossas referências consultadas, completando, assim, o trabalho realizado nesta pesquisa.

## CAPÍTULO I – A CIDADE DE BOA VISTA – RR: ASPECTOS HISTÓRICOS, GEOPOLÍTICOS E A IMAGEM DA CIDADE

### 1.1. Breve Contexto histórico da Tríplice Fronteira do Extremo-Norte do Brasil

Neste capítulo, vamos tratar da história e da geografia do que conhecemos hoje como a cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima. Mais especificamente, focaremos sua história recente, que é repleta de modificações e de diferentes roupagens em seu tecido urbano; isso poderá ser visto ao traçarmos um panorama por que passou ao longo do tempo e através dos dados oficiais coletados a partir do século XIX.

Oficialmente, Boa Vista originou-se a partir da sede de uma fazenda, construída no mesmo século. No entorno dessa que tinha o título de “Fazenda Boa Vista do Rio Branco”, surgiu um pequeno povoado – a Freguesia de Nossa Senhora do Carmo, que, durante um bom tempo, foi o único em toda a região do alto Rio Branco<sup>12</sup>.

Em 1890, o povoado foi elevado à condição de Vila e, em 1926, passou a ser município, adotando o nome da antiga fazenda: “Boa Vista”. Vale dizer que, até então, Roraima não se configurava propriamente como um estado brasileiro independente: estava sob a jurisdição do estado do Amazonas, entre 1890 e 1943. Posteriormente, com a criação do Território Federal do Rio Branco, em 1943, Boa Vista foi escolhida para ser sua capital (IBGE - Censo, 2010).

Depois de passar por todas essas mudanças, Boa Vista ganhou uma nova “roupagem” a partir da segunda metade da década de 1940, através de um processo de planejamento urbano, que alterou a paisagem e o tecido urbano da cidade. Sua modificação mais significativa com relação ao seu *status*, contudo, ocorreu ao final da década de 1980, a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, que transformou o Território Federal de Roraima em um Estado-Membro da Federação – Roraima –, cuja capital, com seu desenho urbano de leque aberto, foi herdada do antigo Território Federal. Logo, considerando todas essas mudanças, é importante resgatarmos pontos marcantes dessa história “oficial” da cidade/capital Boa Vista, através de seus dados oficiais publicados, a fim de que seu contexto seja bem compreendido pelo leitor que não conhece esse espaço brasileiro.

---

<sup>12</sup> Região de Confluência dos rios Tacutu e Uraricoera no vale do Rio Branco (30 Km a Norte de Boa Vista-RR), tem sua foz na margem esquerda do Rio Negro (Estado do Amazonas).

Partimos, assim, para um olhar atento a cada um dos seus marcos oficiais de fundação, de modo que apresentamos, a seguir, como organizamos a descrição dessa trama urbana em nossa tese. No subcapítulo 1.2., a seguir, intitulado “Certidão de nascimento da cidade”, apresentamos os aspectos essenciais para compreensão do espaço geográfico de nossa urbe. No subcapítulo seguinte, 1.3., intitulado “Boa Vista como Fazenda, Povoado/Freguesia, Vila, até alcançar o *status* de Município”, tratamos do processo histórico de transformação do *status* dessa cidade. Na sequência, subcapítulo 1.4., intitulado “A cidade enquanto Capital do Território Federal do Rio Branco”, já independente da jurisdição do Estado do Amazonas, abordaremos aspectos sobre o processo de independência do território. Depois, no subcapítulo 1.5., intitulado “A cidade planejada”, propomos um olhar para o processo de implantação do plano urbanístico de Darcy Aleixo Derenusson para Boa Vista, até chegarmos a seu desenho mais atual, no subcapítulo 1.6., intitulado “Boa Vista – Capital do Estado de Roraima”, onde apresentaremos um panorama atual dessa cidade com base na leitura dessa urbe do tempo presente e nos elementos da imagem da cidade, de Lynch (2011).

## 1.2. Certidão de Nascimento da Cidade

A cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima, é (re)conhecida popularmente por diversos aspectos. Iniciamos esta subseção elencando alguns deles.

No imaginário do povo Macuxi, é a terra de Makunaima<sup>13</sup>; estatisticamente, é a segunda capital, entre as capitais<sup>14</sup> do Brasil, com a menor população; territorialmente, é um importante espaço de riquezas naturais por estar situada no Norte do Brasil, na cobiçada “Região Amazônica”, à margem direita do Rio Branco, afluente do Rio Negro; geograficamente, é conhecida como a única capital que está no hemisfério Norte, totalmente acima da linha do Equador, além de ser a capital brasileira mais distante de Brasília – DF. Historicamente, é considerada uma das capitais mais jovens do Brasil, uma vez que Roraima só se tornou um Estado-Membro da Federação no ano de 1988 e, conseqüentemente, fez de Boa Vista sua capital.

---

<sup>13</sup> Há diferentes lendas que retratam o mito de Makunaima. Uma delas fala de um ancestral guerreiro dos índios Maku (mau) ima (grande), que, quando contrariado, enviava do alto do Monte Roraima tempestades, castigando as tribos. Segundo a lenda, ele adormece em sua morada no Monte Roraima e pode despertar a qualquer momento se algo em seu reino não estiver ao seu agrado (MUSARA, 2010).

<sup>14</sup> A menor capital do Brasil, em termos de população, é Palmas (TO) (IBGE - Censo, 2010).

Figura 5 – O centro da cidade de Boa Vista – RR.



Fonte: Folha BV (2020).

Figura 6 – Bandeira do Estado de Roraima<sup>15</sup>.



Fonte: Governo do Estado de Roraima, (2019).

<sup>15</sup> Na bandeira do Estado de Roraima, as principais cores (verde, amarelo, azul e branco) são uma representação da integração do estado com o Brasil. Separadamente, cada cor tem um significado específico: o verde representa as densas matas e cerrados; o amarelo (na estrela) representa a farta riqueza mineral; o branco, a paz; e o azul, o céu e os puros ares de Roraima; a fina faixa vermelha simboliza a linha do equador; a estrela amarela, representa WEZEN - DELTA do Cão Maior, também presente na bandeira nacional (GOVERNO DE RORAIMA, 2019).

No tecido urbano<sup>16</sup> de Boa Vista, encontramos vasta diversidade populacional e cultural, especialmente em virtude dos processos migratórios que têm ocorrido desde a sua fundação, bem como pela presença da grande variedade de etnias de povos indígenas que ainda habitam nesse lugar (cerca de 11% da população, segundo o último Censo, do IBGE (2010), concentrando, dessa forma, a maior população indígena do país.

Boa Vista é um espaço urbano fortemente marcado, também, pelas trocas culturais advindas da migração, intensificadas pela presença dos trânsitos internacionais entre pessoas dos países vizinhos – República da Guiana Inglesa e República Bolivariana da Venezuela. Há, assim, uma verdadeira diversidade cultural, “que torna a cidade mais atraente, sempre hospitaleira e calorosamente aprazível” (PAVANI; MOURA, 2006, p. 17).

Como diria Canclini (2006), trata-se de um “local fronteiriço” não só pelo fato de ser um território de fronteira geopolítica com dois países – Venezuela e Guiana Inglesa, mas também pela “sensação fronteiriça” desse lugar, marcado e intensificado por envolver elementos culturais de todo o Brasil e, também, desses países vizinhos, em um constante processo de hibridação cultural através da mistura de gente daqui, de lá e de acolá coabitando o mesmo tempo e lugar.

Vale ressaltar, ainda nesse sentido, que o estado de Roraima conta, a norte, com 964 km de fronteira com a Guiana Inglesa e 958 km com a Venezuela. A sul, faz fronteira com Amazonas e Pará; a Leste, apenas com a Guiana; e, a oeste, com Amazonas e, também, Venezuela. O estado está localizado na direção norte/sul em 643°19' e na direção leste/oeste em 541°00'. Com relação à sua extensão territorial, possui uma área de 225.116,1 km<sup>2</sup>, sendo, assim, maior do que a República da Guiana e do que vários outros estados brasileiros, como Acre, Amapá, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná e o Distrito Federal (FREITAS, 1997).

Boa Vista diferencia-se de vários espaços urbanos do Brasil devido ao processo de planejamento urbano por que passou, o que redesenhou seu espaço urbano na segunda metade do século XX. Esse plano urbanístico se fez a partir da forma de um “leque

---

<sup>16</sup> Refere-se à escala na qual se definem as relações físicas e jurídicas entre espaços públicos e espaços privados, em que se definem as ruas e praças, as quadras e lotes, a propriedade (ou posse) do espaço urbano, sua produção material, bem como sua apropriação, uso ou transformação. Essas relações se definem nos projetos e nas obras (REIS FILHO, 2006, p. 13)

aberto”, concebido pelo engenheiro civil Darcy Aleixo Derenusson, entre os anos de 1944 e 1946. Além disso, Boa Vista foi cuidadosamente arborizada, com suas largas avenidas radiais convergindo para o centro administrativo.

A cidade nasceu, como citamos anteriormente, da sede de uma fazenda para a criação de gado, estabelecida no local no século XIX, em meados de 1830, por Inácio Lopes de Magalhães, oficial do Forte São Joaquim do Rio Branco, à época recém-chegado do Ceará. Essa propriedade deu origem à “capital mais setentrional do país” (PAVANI; MOURA, 2006, p. 23).

Em 09 de julho de 1890, Boa Vista passou, oficialmente, à condição de cidade, criada pelo então Governador do Estado do Amazonas, Augusto Ximeno de Villeroy, completando, em 2022, 132 anos de sua fundação.

Seu clima é quente e úmido, com apenas duas estações climáticas bem definidas: inverno, com estação das chuvas (de abril a setembro), e verão, com a seca (de outubro a março). A temperatura varia de 20° a 38°, sendo a média anual de 27,4°C. A cidade é contemplada, ainda, com ventos alísios, vindos do Caribe entre os meses de dezembro e março, e está a uma altitude de 95m, acima do nível do mar (PAVANI; MOURA, 2006). Com relação ao horário, Boa Vista segue o fuso de Manaus; sendo assim, está 1h (uma hora) a menos com relação ao horário de Brasília.

Ressaltamos, ainda, que Boa Vista é uma cidade tipicamente administrativa, uma vez que sedia os três poderes – Executivo, Legislativo e Judiciário – do estado de Roraima. É, portanto, o lugar em que se concentra a maior parte dos serviços estaduais dos 15 municípios de Roraima: Alto Alegre, Amajari, Boa Vista, Bonfim, Cantá, Caracarái, Caroebe, Iracema, Mucajaí, Normandia, Pacaraima, Rorainópolis, São João da Baliza, São Luiz do Anauá e Uiramutã.

Após essa breve apresentação do espaço urbano que nos propusemos a estudar, apontaremos, sinteticamente, alguns marcos históricos do processo de formação dessa cidade. Tais aspectos vão nos apoiar para a compreensão, posteriormente, dos três elementos que compõem a análise de nossa tese – a tríade: cidade, cidadão e outridades (perspectiva dos outros) com foco na cidade de Boa Vista e em seus cidadãos.

### 1.3. Ocupação do Vale do Rio Branco

A história de Boa Vista é fortemente marcada pela política, iniciada com as agruras advindas do processo de colonização e pelo consequente apagamento de grande

parte das raízes indígenas desse local. É intensificada sobretudo após a fundação do município, em virtude da sucessiva política dos governos militares, que acabaram ditando muitos rumos quanto ao processo de ocupação desse espaço urbano.

Contudo, as razões políticas que conduziram as estratégias de integração territorial do atual estado de Roraima e, conseqüentemente, de Boa Vista podem ser remontadas ao período Colonial, século XVIII, quando o Governo Português tratou de estabelecer uma estrutura de ocupação constante na Amazônia, tendo em vista os conflitos com os espanhóis, ingleses, franceses e holandeses. Para isso, utilizou-se, a priori, das missões religiosas e, posteriormente, criou estabelecimentos ligados ao governo (como fortes, aldeias, fazendas, entre outros), sobretudo para reter o indígena nessas terras e, assim, forçá-lo a produzir para o mercado interno e externo – um processo constante de captura de indígenas para serem escravizados (VERAS, 2009).

A conquista desse espaço amazônico, no período colonial, se deu através de empreendimentos conduzidos pelo estado, planejados e executados com prioridade política pelo governo metropolitano. O processo de ocupação dessa região, que hoje é conhecida como a capital de Roraima, aconteceu, exclusivamente, por meio dos rios; logo, todos os estabelecimentos eram construídos próximos às margens, principalmente em pontos de confluências, como foi o caso do Forte São Joaquim<sup>17</sup> e da maioria das fazendas reais, localizadas no vale do Rio Branco.

A coroa portuguesa, preocupada em defender a região da expansão colonial espanhola e holandesa, determinou ao estado do Grão-Pará a construção de um forte às margens do Rio Branco. Essa determinação estava apoiada nas informações sobre o controle territorial empreendido pelos espanhóis e holandeses que eram beneficiados com o uso de mecanismos político e econômico dos recursos naturais e do comércio com os índios. Nesse empreendimento, a população indígena era utilizada ora como colaboradora, no contato com outras etnias indígenas, ampliando o mercado consumidor, ora como produto comercial, aumentando o capital (PAVANI; MOURA, 2006, p. 18).

---

<sup>17</sup> Por ordem do rei de Portugal, D. José I, foi aprovado, em 14/12/1752, o projeto arquitetônico de uma edificação, para consolidar a ocupação e a defesa da região do Rio Branco, ampliando, assim, o poder político da Capitania de São José do Rio Negro. O engenheiro alemão Philipe Sturm, a serviço de Portugal no Brasil, escolheu o local estratégico para construir o Forte, na confluência dos rios Tacutu e Uraricoera, formadores do Rio Branco. O forte recebeu o nome de “São Joaquim do Rio Branco”. Sua construção foi iniciada em 1775 e concluída somente em 1778, sendo desativado e abandonado em 1900, transformando-se em ruínas nos anos subsequentes. Hoje, resta somente o alicerce da edificação do forte, localizada a 32 km de Boa Vista (PAVANI; MOURA, 2006, p.18-19).

Figura 7 - O Forte São Joaquim.



Fonte: Veras (2009, p. 43).

O povoamento desse território inicialmente foi disperso, concentrando-se em aldeamentos missionários, em povoações, para onde convergiam os indígenas aldeados ou onde estavam localizados os comércios das chamadas “drogas do sertão<sup>18</sup>” (ANDRADE, 2004, p. 34).

Portanto, para pensar Boa Vista e a produção de seu espaço no âmbito geográfico é preciso considerar a dinâmica do território construído no jogo político da vida cotidiana, individual e coletiva, ou seja, da sociedade em movimento, em processo de constituição de fluidez (VERAS, 2009).

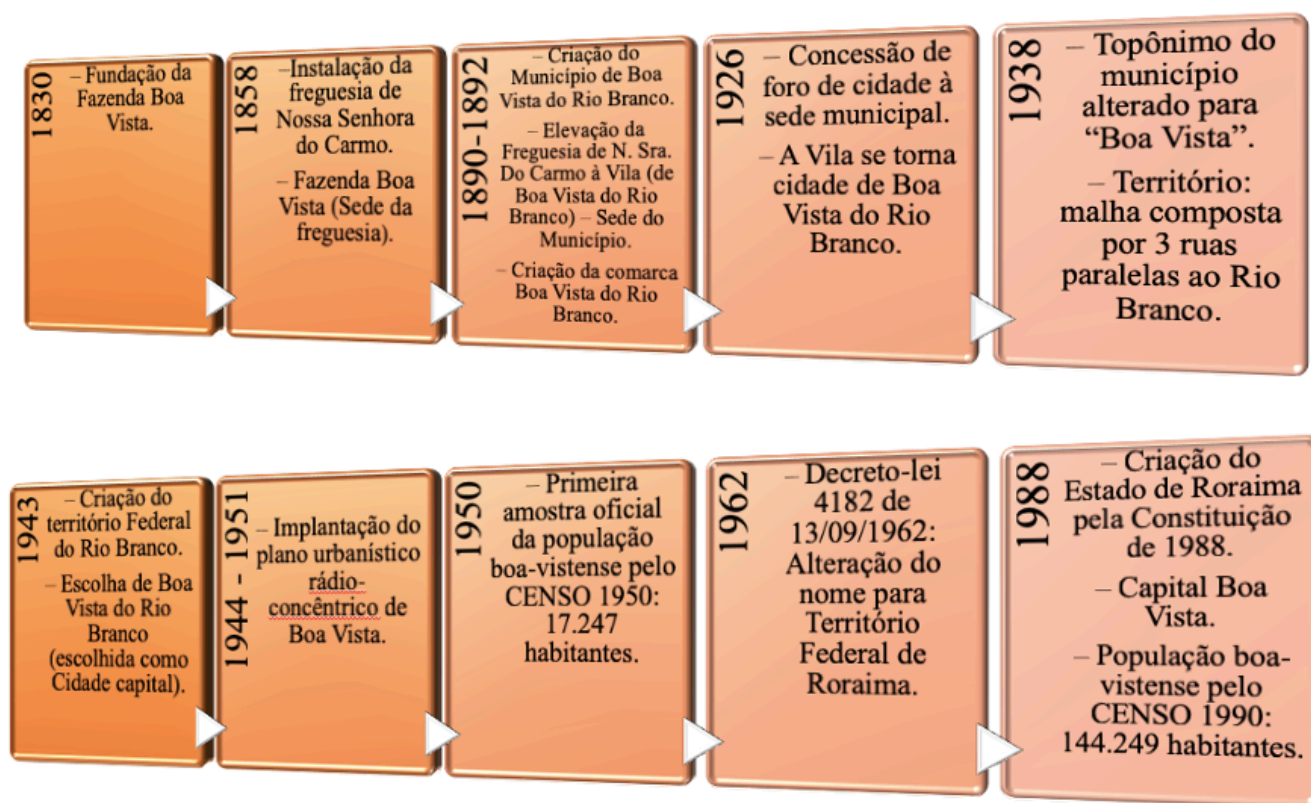
Nesse sentido, organizamos uma imagem que sintetiza os principais momentos de constituição de Boa Vista como espaço geográfico até o seu estabelecimento enquanto cidade, focalizando seus principais marcos históricos, que serão devidamente mais bem explicados nas subseções a seguir:

---

<sup>18</sup> As chamadas drogas do sertão abarcavam uma série de produtos como o guaraná, o anil, a salsa, o urucum, a noz de pixurim, pau-cravo, gergelim, cacau, baunilha e castanha-do-pará. Todas essas especiarias tinham alto valor de revenda no Velho Continente e, com isso, logo o contrabando apareceu nessas áreas. Para controlar a exploração das drogas do sertão, Portugal optou por deixar a exploração desses gêneros a cargo das missões jesuíticas que empregava mão-de-obra indígena (SOUSA, 2019, n.p.).



Figura 8 - Processo histórico da fundação da cidade de Boa Vista.



Fonte: Dados bibliográficos organizados pelo autor.

#### 1.4. Boa Vista como Fazenda, Povoado/Freguesia

Como já expusemos, no ano de 1830, o capitão do Forte São Joaquim, Inácio Lopes de Magalhães, instalou, a 32 km do Forte, uma fazenda à margem direita do Rio Branco. Tinha o propósito de servir como base para um pequeno povoado destinado a se abastecer de produtos derivados da pecuária, nas regiões do Rio Negro e do Amazonas. Essa fazenda, chamada “Fazenda Boa Vista”, tem assim um território que se origina de uma das inúmeras fazendas de gado situadas ao longo dos rios que compõem a bacia do Rio Branco, pertencente à então província de “São José do Rio Negro”, atual Amazonas. Vale sinalizar que, anteriormente a esse período de colonização do território, o espaço da fazenda abrigava a aldeia dos índios Paraviana (VERAS, 2009, p. 55).

A fartura de água do local, os campos naturais e os buritizais, típicos da paisagem desse local, faziam do lavrado da região do Rio Branco o lugar ideal para a pecuária. Essa dinâmica colonizadora, por meio da criação de gado, era uma das soluções apontadas por

Manoel da Gama Lobo D'Almada<sup>19</sup> para o desenvolvimento da região. Assim, embalado pelo programa governamental de valorização econômica da terra, garantindo ocupação, alimento e defesa, Inácio Lopes de Magalhães projetou a construção da sede da Fazenda Boa Vista na área em que hoje funciona o conhecido restaurante “Meu Cantinho”, nas proximidades da Igreja Nossa Senhora do Carmo (PAVANI; MOURA, 2006).

Figura 9 – Prédio da sede da Fazenda Boa Vista e a Igreja Matriz (1858).



Fonte: Pavani e Moura (2006, p. 22).

---

<sup>19</sup> Manuel da Gama Lobo de Almada (D'Almada) foi governador da Capitania de São José do Rio Negro (hoje Estado do Amazonas). Em 1789, introduziu o gado bovino e equino nas Fazendas São Bento e São Marcos às margens do rio Uraricoera, e depois na Fazenda São José, no rio Itacutú, no vale do rio Branco, atual Estado de Roraima. Entrou em combate com invasores espanhóis, ingleses e holandeses, que aqui haviam fixado unidades militares com objetivo de posse, exploração de minérios, de plantas medicinais, além de apreensão de índios para vender como mão de obra escrava nos portos de Manaus, Belém e Rio de Janeiro. Lobo D'Almada combateu, libertou os prisioneiros, expulsou os invasores, tomando-lhes o gado e cavalos, e os doou para a guarnição do Forte São Joaquim e para as famílias que moravam nas adjacências. As manadas ficavam soltas nos campos, e muitos foram os que se apropriaram deste gado para formar fazendas. Personalidade histórica muito reverenciada em Boa Vista, tem seu nome na primeira unidade de ensino do Território Federal do Rio Branco – o antigo Grupo e hoje Escola Lobo D'Almada. A Escola foi a primeira unidade de ensino criada pelo Governo Territorial, pelo Decreto nº 06 de 19/04/1945, assinado pelo primeiro Governador do Território, capitão Êne Garcez dos Reis (CÂNDIDO, 2019).

Figura 10 - Bar “Meu Cantinho” e placa do projeto “Raízes”.



Fonte: acervo pessoal.

Por meio do Ato de Lei 601, conhecido como a “Lei das Terras do Império”, que buscava “reorganizar” as terras rurais nas freguesias, é que se dá a certidão de registro de “Boa Vista”, em 18 de setembro de 1850. Oito anos mais tarde, por força da lei provincial n. 92, de 09 de novembro de 1858, visando a um maior domínio administrativo, sobre a região, estabeleceu-se que a sede da Freguesia de Nossa Senhora do Carmo se localizaria acima das cachoeiras do Rio Branco, em um lugar denominado “Boa Vista” (IBGE - Censo, 1990).

Levando-se em conta a especificidade da região como “fronteiriça”, por meio do Decreto Estadual n. 49, de 09 de julho de 1890, o então governador da província do Amazonas, Senhor Augusto Ximeno de Villeroy, criou o município de Boa Vista do Rio Branco, elevando a Freguesia de Nossa Senhora do Carmo ao *status* de Vila, com a designação de “Vila de Boa Vista do Rio Branco”, sede do então município, criada a partir do território do município de Moura<sup>20</sup>. No entanto, sua instalação, segundo o IBGE (2010), aconteceu somente no dia 25 de julho do mesmo ano.

---

<sup>20</sup> A área municipal da Vila de Boa Vista foi desmembrada do antigo município amazonense de Moura.

#### 1.4.1. Vila de Boa Vista do Rio Branco e Cidade

Desde as épocas mais remotas, o homem habituou-se a dividir o espaço geográfico, considerando, sobretudo, as características provenientes das condições naturais e do aproveitamento desse espaço. O espaço produzido, segundo Andrade (1987, p. 20), configura-se como “um espaço social e não um espaço natural”; no caso de Boa Vista, o espaço urbano partiu de uma realização humana, uma criação, que foi se constituindo ao longo do processo histórico de sua formação – de fazenda para povoado, de povoado para freguesia, de freguesia para Vila/sede municipal, e, posteriormente, cidade (ANDRADE, 1987, p. 37).

É importante considerar, nesse sentido, que foi no século XIX, com a expansão causada pela busca da borracha na região e, conseqüentemente, pelo desenvolvimento dessa indústria, que a Amazônia, como um todo, começou a “perder sua face indígena”, diante do grande fluxo migratório ocasionado por essa atividade. Além disso, foi uma época em que o indígena “deixa de ser” a mão de obra essencial, passando a ser retirado violentamente de seus territórios. Nesse período, a ação conjunta entre o Governo do Amazonas, dos pecuaristas, das ordens religiosas e das camadas mais pobres da população (aqui, incluem-se os indígenas residentes nesse espaço à época) deu início ao desenvolvimento da Vila de Boa Vista do Rio Branco. A realidade socioespacial dessa então vila estava pautada nos setores da agropecuária e do extrativismo mineral (garimpo), bem como constituía-se como espaço de defesa da Fronteira Norte do País (VERAS, 2009).

Sobre a ocupação do terreno urbano, já era possível observar um padrão de ocupação, priorizando-se as partes mais altas e não alagáveis.

A Vila era pequena, e com uma reduzida densidade demográfica, revelava, desde então, clara tendência de não ocupação da margem esquerda do Rio Branco, diferentemente da margem direita, que foi habitada inicialmente nas áreas não alagáveis. A Vila expandia-se tendo em vista os terrenos de cotas mais altas. Porém, sem nenhum procedimento técnico e de forma desordenada (VERAS, 2009, p. 37).

Figura 11 - Vila de Boa Vista do Rio Branco (1924).



Fonte: Pavani e Moura (2006, p. 26).

Os terrenos urbanos estavam sob o domínio do Governo Territorial do Amazonas, que os concedia aos habitantes, comerciantes, fazendeiros, religiosos, entre outros que ali se instalavam. Nessa época, a União, o Governo Municipal, os comerciantes, os fazendeiros, os religiosos e as famílias importantes eram os principais proprietários fundiários da Vila de Boa Vista. Coube, então, ao estado brasileiro, controlado pela elite local, a tarefa de direcionar e (re)planejar a Vila de Boa Vista, a fim de impulsionar o setor produtivo, bem como criar alternativas para tornar adequada a organização socioespacial da Vila (VERAS, 2009).

Assim como em outros territórios brasileiros, a Vila de Boa Vista do Rio Branco (1890), posteriormente cidade em 1926, passou por um processo de desconstrução do espaço de seu meio natural, com a emergência de novas formas e funções que atenderiam às necessidades dos habitantes. Todavia, o surgimento de novos arranjos espaciais não suprimiu integralmente as formas do passado em Boa Vista, mas, sim, as renovaram, através das “novas funções”, que adquiriram na articulação do espaço (VERAS, 2009).

Para Godoy (2004), o grande propósito dessa desconstrução, além da questão de equipar a Vila com equipamentos urbanos, também era gerar condições de produção e capacidade de controle desse espaço, algo que podemos identificar, com Santos (2006), como a materialidade e a mediação entre os sistemas de produção, de controle e reprodução do trabalho em sua dimensão técnica e material.

Segundo o autor, o espaço tem sempre um componente de materialidade, que traz parte de sua concretude e empiricidade. Tempo, espaço e mundo são, nesse contexto, realidades históricas que devem ser mutuamente interseccionadas. Em qualquer momento, o ponto de partida da materialidade é a sociedade humana em processo, enquanto esta se realiza. Essa construção da realidade se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições (SANTOS, 2006).

Com isso, o tempo torna-se material e, conseqüentemente, é assimilado ao espaço que não existe sem a materialidade. A técnica surge como um traço de união, tanto historicamente, como epistemologicamente, e possibilita o que Santos (2006) chama de “empiricização” do tempo, bem como permite uma qualificação da materialidade sobre a qual as sociedades humanas trabalham. Essa “empiricização” pode ser, assim, a base de uma sistematização, solidária com as características de cada época. Ao longo da história, as técnicas se dão como sistemas, diferentemente caracterizadas (SANTOS, 2006).

Em outras palavras, o espaço seria um sistema de sistemas ou “sistemas de objetos e sistemas de ações”:

Apenas o espaço é um misto, um livro formado como já o dissemos da reunião indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações os sistemas de objetos o espaço materialidade formam as configurações territoriais onde a ação dos sujeitos ação racional ou não vem instalar-se para criar um espaço esse espaço o espaço geográfico é mais que o espaço social dos sociólogos porque também inclui a materialidade (SANTOS, 2006, p. 199).

Pensar a cidade e sua produção, de acordo com Carlos (2007, p. 90), é pensar a partir da “espacialidade das relações sociais em sua natureza social e histórica”. Logo, para pensar Boa Vista e sua respectiva produção no âmbito da Geografia, deve-se partir da dinâmica do território construído, nas políticas da vida cotidiana, seja de maneira individual e/ou coletiva, considerando a sociedade em movimento, em processo de constituição de fluidez (VERAS, 2009).

É como reforça Cavalcanti (2001, p. 15), ao analisar a cidade como um espaço geográfico: “a cidade é um espaço geográfico, é um conjunto de objetos e de ações, mas entendendo que ela expressa esse espaço, como lugar de existência das pessoas, não apenas como um arranjo de objetos tecnicamente orientados.”

A Vila de Boa Vista do Rio Branco passou a figurar entre os municípios amazonenses relacionados pela Lei Estadual n. 33, de 04 de novembro de 1892. Em

divisão administrativa, referente ano de 1911, passou a ser constituída pelo distrito sede e foi apenas elevada à condição de cidade a partir do ato da Lei Estadual n. 1.262, de 27 de agosto de 1926, em que passou a ser denominada como Boa Vista do Rio Branco (IBGE - Censo, 2010).

Ressaltamos, ainda, que, em meados de 1920, esse espaço já apresentava um aspecto de vila solitária, isolada do restante do país, embora contribuísse com todos os impostos, que, à época, eram direcionados à capital do Amazonas. Sendo assim, o dinheiro arrecadado não era revertido para a Vila e sua população, ocasionando uma má orientação tributária (SANTOS, 2004).

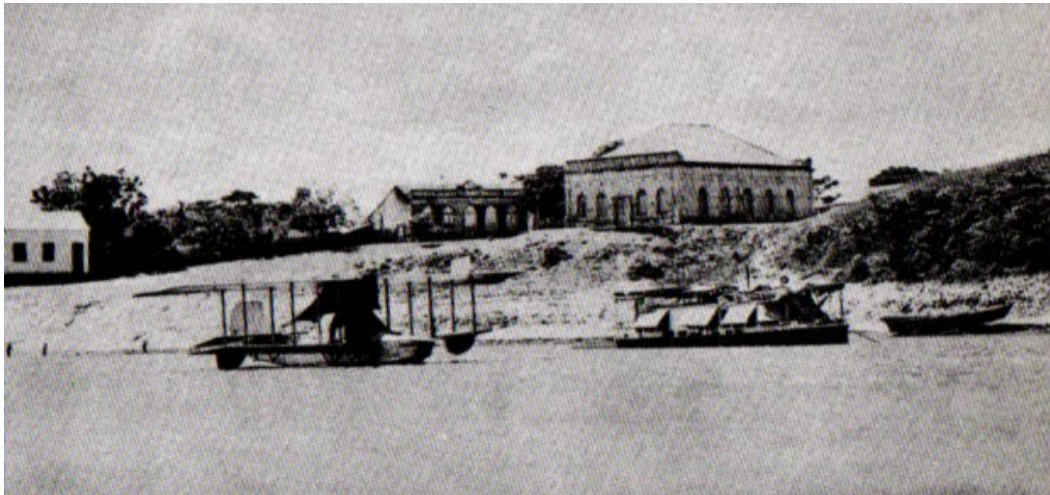
Figura 12 - Mapa da Vila de Boa Vista do Rio Branco (1924)



Fonte: ÁVILA (2018, n.p.).

Em 1924, Boa Vista era o único agrupamento próximo ao Rio Branco que teve a honra de ser chamada de Vila; em seu território, havia 164 casas, algumas construídas com tijolo, mas a maioria feita de reboco e pau a pique, além da igreja, da intendência e de armazéns (HAMILTON RICE, 1978).

Figura 13 - Vista panorâmica da Vila de Boa Vista (1924).



Fonte: Pavani e Moura (2006, p.27).

De acordo com Santos (2004, p. 82), nessa época, a Vila de Boa Vista do Rio Branco:

apresentava casas bem construídas com misturas de pedra e cal cobertas de telhas bem cuidadas e pintadas com cores alegres e uma Bela capela que causaram boa impressão a qualquer visitante; tinham ao todo 49 residências entre casas e barracos que eram dispostas separadas uma das outras, dando uma impressão de espaço ocupado bem maior do que o real dava pela largura das suas ruas semelhantes a avenidas das grandes cidades e apesar de não possuir calçamento as ruas eram mantidas limpas e bem conservadas.

Com relação aos dados populacionais da cidade, estes aparecem apenas no censo de 1950. Encontramos, em alguns autores, sobretudo exploradores e pesquisadores, algumas estimativas populacionais. Em Eggerath (1924, p. 12), por exemplo, identificamos a informação de que, em 1920, a população de Boa Vista do Rio Branco estaria em torno de 1300 habitantes, estimativa próxima da apresentada por Hamilton Rice (1978), que afirma que esse território compreendia em torno de 164 casas, abrigando uma população de 1200 pessoas. Pavani e Moura (2006), embora não apresentem essa estimativa, afirmam que os habitantes que aí residiam nesse período constituíam um aglomerado composto por portugueses, brasileiros mestiços, índios e alguns negros vindos das Índias ocidentais pela Guiana Inglesa.

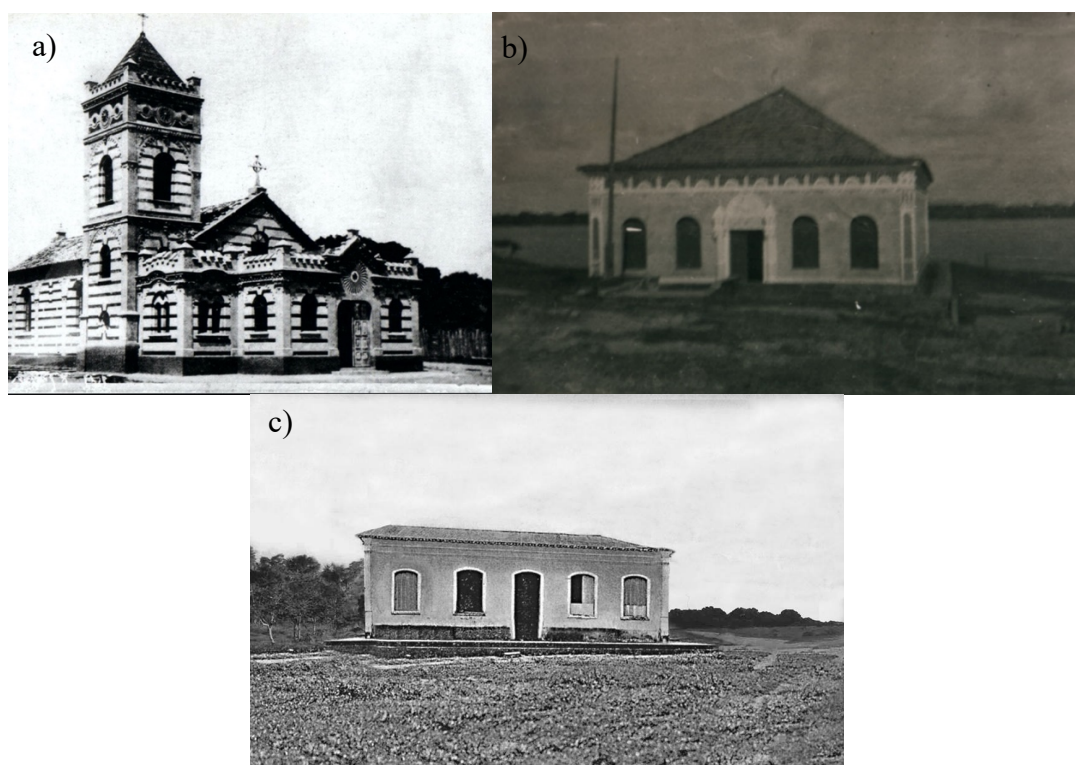
Segundo Hamilton Rice (1978, p. 63), a iconografia da Vila, nessa época, mostra que o núcleo urbano primitivo apresentava traçado ortogonal, com ruas se cruzando em ângulos retos, possivelmente para simplificar a circulação e facilitar o processo de



loteamento dos terrenos disponíveis. Além disso, Oliveira (1929, p. 25) aponta que essas ruas retas tinham como particularidade o fato de serem largas, porém, ainda sem iluminação e arborização. Destacavam-se por possuir um comércio ativo, que abastecia toda a região, até mesmo as fronteiras da Venezuela e da Guiana.

A matriz, a sede da intendência e a residência da antiga sede da fazenda de Boa Vista compunham, basicamente, a paisagem urbana e eram os espaços focais da vida na Vila.

Figura 14 – a) Igreja matriz, b) intendência e c) sede da antiga fazenda Boa Vista.



Fonte: a) PAVANI; MOURA (2006, p. 40), b) e c) Instituto Aimberê Freitas (2021, n.p.)

Ao que podemos constatar, Boa Vista do Rio Branco, nas primeiras décadas do séc. XX, ainda possuía uma população escassa. Além disso, a atividade comercial era incipiente e ainda não havia quase nenhum tipo de saneamento básico. Em questão de dispositivos urbanos, estes ainda eram apenas um sonho (VERAS, 2009).

Em 1938, o topônimo do município e do distrito foi simplificado para “Boa Vista”, ficando, assim, subordinado ao Estado do Amazonas até o ano de 1943.

Foi assim que, nessa trajetória histórica de Fazenda > Povoado/Freguesia > Vila > até se tornar a cidade de Boa Vista, esse “novo” município foi sendo desenhado

paulatinamente. Destacamos, por fim, que, nessa época, Boa Vista ainda não detinha a função de sede de decisões políticas; além disso, seu território era composto por uma malha de apenas três ruas paralelas à margem do Rio Branco, como podemos constatar nos registros históricos, cartográficos e imagéticos.

#### 1.4.2. A cidade como Capital do Território Federal do Rio Branco

Essa paisagem que descrevemos no subcapítulo anterior, isolada e em construção, passou a ser conhecida a partir de relatos e percepções dos exploradores e viajantes que por ali passaram e a descreveram. Logo, nesse período compreendido entre os anos de 1890 e 1940, os dados dos sistemas de objetos e ações, em sua maioria, foram expressos a partir de observações empíricas dos que por ali passavam, moravam, exploravam ou governavam. “Era o urbano na infinita Amazônia em transição para o lavrado, o único depois de Manaus para quem seguia ao Norte em direção à Venezuela e à Guiana ou o primeiro para quem descia desses países” (SILVA, 2007).

Figura 15 - Vista aérea do antigo assentamento de Boa Vista, em 1945.



Fonte: VERAS (2009, p. 67).

Essa configuração espacial permanece até o ano de 1944. O próprio governador Êne Garcez, primeiro do novo Território Federal, ao chegar em Boa Vista, observou que,

na cidade, só havia três ruas paralelas ao Rio Branco: a rua da Prelazia, a Sebastião Diniz e, a última, que, até então, só tinha um lado, a Getúlio Vargas.

Em virtude da situação precária com relação às construções rudimentares dessa época (instalações sanitárias inadequadas, ausência de energia elétrica e saneamento básico), os moradores locais, fazendeiros, comerciantes e indígenas aspiravam alcançar autonomia política e administrativa em relação ao governo do estado do Amazonas e seu descaso com a região, lutando para que o município de Boa Vista fizesse parte de uma unidade autônoma com área territorial definida. Tal anseio só foi atingido em 1943, com a criação do Território Federal do Rio Branco, que delimitava uma grande área em que a cidade se encontrava, o qual, mais adiante, passou a chamar-se “Roraima” (VERAS, 2009).

Somente a partir do estabelecimento dessa região como Território Federal do Rio Branco (instituído pelo Decreto-Lei Federal n. 5.812, de 13/09/1943<sup>21</sup>, retificado pelo de n. 5.839, de 21/09/1943 – denominado Roraima a partir de 1962<sup>22</sup>) é que a cidade começa seu efetivo processo de independência político-administrativa, sendo elevada, agora, à categoria de capital do novo Território Federal do Rio Branco (IBGE - Censo, 2010).

“A criação do Território Federal do Rio Branco (1943), chamado posteriormente de Roraima (1962), foi uma parte do projeto do Governo Vargas para a integração da Amazônia ao contexto nacional então sob a égide do crescimento nacional” (D’ÁCAMPORA, 2012, p. 72). Uma das diretrizes desse governo era a integração com todo o território nacional, especialmente das fronteiras despovoadas do país, movimento esse pautado na disseminação da “marcha para o Oeste” (D’ÁCAMPORA, 2012).

No dia 1º de setembro de 1940, finalmente, foi realizado o recenseamento geral da República, quando se teve um diagnóstico censitário coerente com a realidade local. Foram recenseados 10.509 habitantes, dos quais 5.248 residiam no distrito-sede de Boa Vista, 610 em Caracará e 4.651 no Murupu (IBGE – Censo, 1950, p. 8).

---

<sup>21</sup> Além do Território Federal do Rio Branco, no Norte, foram criados outros quatro Territórios Federais: Amapá, Guaporé, Ponta Porã e Iguacu, no sul do país; anteriormente, já havia sido criado pelo decreto-lei número 4.102, de 09/02/1942, o território de Fernando de Noronha. Tais áreas foram desmembradas dos estados do Amazonas, Pará, Mato Grosso, Santa Catarina, Paraná e Pernambuco (D’ÁCAMPORA, 2012, P.70).

<sup>22</sup> Interessante observar que, devido à confusão com o Território Federal do Rio Branco do Acre, que possuía o mesmo topônimo do Rio Branco, foi instituído o decreto-lei 4182 de 13/09/1962, que mudou o nome do território federal do Rio Branco para território federal de Roraima (VERAS, 2009, p. 59)

Vale ressaltar que esse período foi fortemente marcado pela Segunda Guerra Mundial, de modo que a conjuntura local exigia do Governo Federal medidas urgentes para solucionar as condições rudimentares de vida dos habitantes do município de Boa Vista e, sobretudo, desenvolver, proteger e ocupar essa região fronteira durante a Guerra. Segundo Júnior (1993, p. 113), “o surgimento de núcleos populacionais nessa faixa de Terra do Extremo-Norte do país foi resultado da necessidade de defender as fronteiras do Brasil de invasões estrangeiras”.

Entre a década de 1940 e 1950, a região pouco progrediu em termos populacionais e econômicos, de acordo com o Censo (1991), de modo que a taxa de crescimento demográfico foi de apenas 5,49%. A dificuldade de transitar pelo território e pelas regiões de fronteiras, na ausência das prometidas vias de acesso e com uma economia que não carecia de mão de obra extensiva – pois sobrevivia basicamente da criação de gado – estimulava os colonos a irem embora da região, pois, diante desse cenário, não havia atrativos suficientes para a fixação desse elemento humano nessa região de fronteira (D’ÁCAMPORA, 2012).

Essa dinâmica de produção e reprodução do espaço urbano<sup>23</sup> de Boa Vista nos mostra que foi a partir desse pequeno núcleo inicial (anterior à implantação do plano urbanístico) que se deram as ações e intencionalidades que culminaram no processo de planejamento de uma cidade na selva, conseqüentemente atribuindo um papel de poder central na fronteira do Brasil setentrional (VERAS, 2009).

Territorialmente, a cidade cresceu à margem direita do Rio Branco, ocupando parte da planície de inundação, e interiorizando-se para o setor Oeste da cidade, onde o terreno é plano e com pouca declividade. Nesse sentido, analisar a produção do espaço urbano de Boa Vista significa também analisar a reconstrução da cidade a partir da criação do Território Federal do Rio Branco em 1943 e a implantação do plano urbanístico por Êne Garcez dos Reis em 1944, que abordaremos na sequência.

---

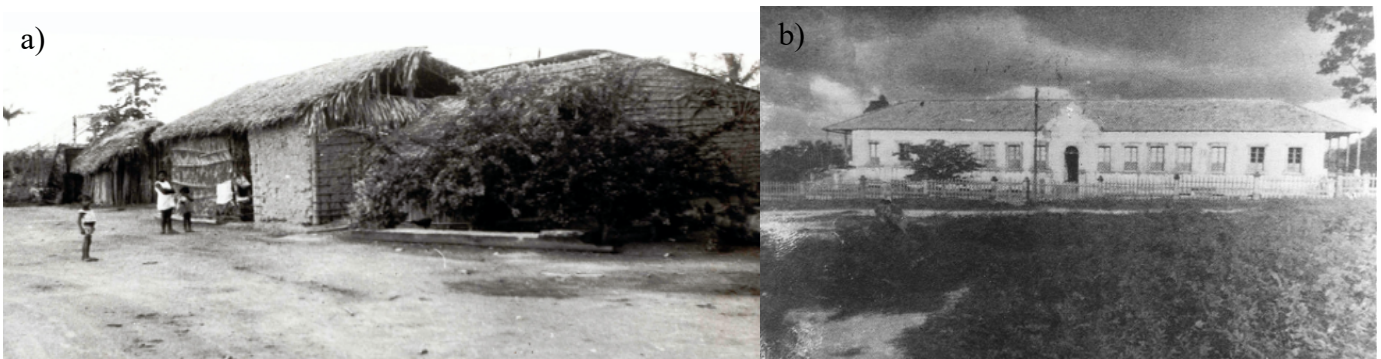
<sup>23</sup> A dinâmica de produção do espaço urbano é resultante das atividades sociais nas esferas econômica, cultural, educacional e outras. Por esse motivo, compreendê-la é também uma forma de entender o próprio ser humano e a estrutura das sociedades. É produzida pela ação dos proprietários dos meios de produção, dos proprietários fundiários, dos promotores imobiliários, do Estado e dos grupos excluídos. Todos esses agentes modelam o espaço urbano, são eles que produzem sua paisagem urbana e definem sua dinâmica (VERAS, 2009).

## 1.5. A Cidade Planejada

Com a criação do Território Federal do Rio Branco pelo então Presidente Getúlio Vargas e consequente escolha por Boa Vista como sua capital, é também criado um marco na história não apenas dessa cidade, como também do Brasil, pois a partir dessa escolha, essa cidade passa a ser a terceira capital brasileira projetada e construída no período republicano – dando sequência a Belo Horizonte (1893) e Goiânia (1933) –, a única localizada na região norte (TREVISAN et al., 2018).

A situação dessa cidade pré-planejamento urbanístico era a seguinte: contava com poucos habitantes, com edificações um tanto quanto desordenadas, uma centena de residências, o Hospital Coronel Mota, a Igreja Matriz e a Prelazia. Isso ficou conhecido como o núcleo central de Boa Vista (TREVISAN et al., 2018).

Figura 16 – a) Residências de Taipa e b) a Prelazia do Rio Branco<sup>24</sup> (Déc. 1940)



Fonte: Veras (2009, a) p. 90 e b) p. 84).

Como essas ruas principais estavam dispostas em um terreno elevado e representavam, na época, uma proteção contra as inundações do Rio Branco, ficou decidido que esse núcleo central (inicial) seria preservado. Todavia, esse pequeno “centro” da cidade não detinha dimensões, infraestrutura, nem tampouco condições necessárias para abrigar as funções pertinentes à nova administração do Território Federal e seu consequente aumento populacional (TREVISAN et al., 2018).

---

<sup>24</sup> Construída para servir de hospital para as populações da bacia do Rio Branco, a prelazia entra na história do estado não só por ser casa religiosa, mas, também, como prédio público e Palácio governamental. Tem um estilo neoclássico, de linhas puras e representam um Marco na história da arquitetura de Boa Vista. O nome prelazia se deve ao fato de Monges Beneditinos, da Igreja Católica, residirem no local a partir de 1924 (PAVANI; MOURA, 2006, p. 45).

Presidida pelo Governador Êne Garcez dos Reis, juntamente do Prefeito Mário Homem de Mello (nomeado em 20 de junho de 1944), foi criada uma comissão encarregada da instauração dessa “nova” unidade urbana; para isso, propuseram um *plano quinquenal territorial*, em que constava a exigência de elaboração de um *plano diretor* para essa nova cidade de Boa Vista.

Para condução desse plano, foi estabelecida uma concorrência pública, que resultou na escolha da *Darcy A. Derenusson Ltda.*, empresa comandada pelo engenheiro civil Darcy Aleixo Derenusson<sup>25</sup> (1916-2002). Como podemos checar na publicação do Diário Oficial da União, de 12 de agosto de 1944:

O Governo do Território Federal do Rio Branco, faz público que acha-se aberta concorrência para urbanização da cidade de Boa Vista, capital do referido território.

As propostas, em envelope lavrado, serão aceitas até o dia 27 do corrente, à Avenida Rio Branco, n. 117, sala 415, nesta Capital, onde os interessados receberão todos os dados informativos para execução do referido serviço.

Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1944. — José Oliveira da Costa Maio, Proc. do Território Federal do R. Branco (DOU, 1944, n.p.).

Coube ao engenheiro Derenusson, após vencer a concorrência, chefiar uma equipe multidisciplinar, com conceituados especialistas incumbidos da confecção do cadastro topográfico do sítio urbano, da elaboração dos projetos de saneamento e da implantação das redes de captação de esgotos sanitários e de águas pluviais, além do abastecimento de água e energia elétrica. Enfim, Derenusson dirigiu e coordenou toda ordem de projetos e obras de urbanização, passou sete meses fazendo um levantamento da realidade socioespacial baseado no relatório do governador Êne Garcez e de sua equipe de técnicos, além de coletar informações sobre as carências da população através de conversas com a comunidade (VERAS, 2009).

---

<sup>25</sup> Profissional relegado ao segundo plano, quando comparado a colegas que desempenharam o igual ofício de projetar novas capitais – como Aarão Reis (1853-1936), Attilio Corrêa Lima (1901-1943) e Lucio Costa (1902-1998). Esses três urbanistas têm em comum a autoria de planos urbanísticos para cidades de caráter administrativo. Neste rol, o nome de Derenusson ficou omissso na crônica do urbanismo brasileiro, por esta acatar apenas Belo Horizonte (1893), Goiânia (1933), Brasília (1957) e, por último, Palmas (1989), como as capitais projetadas no período republicano. A ausência de Boa Vista (1944) desse seletto grupo talvez encontre justificativa na própria localização de Roraima, facilmente esquecida no cenário econômico-social do país; talvez no fato de não ser considerada uma cidade nova aos moldes das outras quatro, seu projeto sendo entendido como um mero plano de expansão para um assentamento existente; ou talvez pela própria postura reservada de Derenusson, que não escreveu nem divulgou documentos ou fotos do projeto – as únicas imagens aéreas do conjunto urbanísticos datam da década de 1970, publicadas por revistas como National Geographic e Manchete (TREVISAN et al., 2018, p. 3).

Figura 17 – Assinatura do contrato para execução do plano urbanístico da cidade de Boa Vista (1944).



**Legenda:** I. Governador Capitão Êne Garcez dos Reis, II. Eng. Civil Darcy Aleixo Derenusson, III Eng. Mário Alves, IV. Secretário de Saúde Dr. João de Paula Gonçalves, V. Dr. Mesquita (Médico), VI. Jaime Fonseca (Estagiário), VII. Tenente Bonolino, VIII. Dr. Walter Pinheiro guerra, IX. Primeiro Tenente Paulo Soter da Silveira, X. Jornalista do DIP (departamento de empresa e propaganda), XI. Cronista Pilar Drummond

Fonte: Veras (2009, p. 98).

Ao todo, seu plano resultou na produção de cerca de 1.000 plantas, detalhando quantidades de materiais necessários a cada obra. A primeira planta topográfica levou oito meses para ser concluída, o que permitiu estabelecer diretrizes do projeto da nova cidade. Na ocasião, em vez de se optar pela simples expansão espontânea da área já urbanizada, a solução adotada foi um projeto integralmente novo; contudo, vale ressaltar, o projeto preservou e incorporou o que pôde do traçado pré-existente para, a partir dele, expandir-se de modo radioconcêntrico (MORAIS; GOMES FILHO, 2009).

Um novo projeto, com ideais simbólicos de semear o novo, o progresso em sobreposição ao velho, passado. “Um reflexo da política de rearranjo urbano, a fim de destituir a cidade de seu caráter anterior, preso ainda uma imagem rural e provinciana” (MORAIS; GOMES FILHO, 2009, p. 152). Um plano previsto para atingir sua ocupação total em 25 anos.

Com o novo projeto, esse núcleo original foi estendido com a sobreposição e acréscimo de um traçado parcialmente rádio concêntrico, que combina doze

vias irradiadas a partir de uma grande praça e cinco avenidas envoltórias com uma série de ruas que seguem um padrão em xadrez. Circundado esse arcabouço, foi previsto um cinturão verde de modo a controlar e conter o crescimento da cidade e acomodar grandes equipamentos, como o aeroporto, o hipódromo e o estádio desportivo. Em nenhum sentido uma concepção inovadora, concebida em consonância com modelos já largamente aplicados desde as cidades ideais renascentistas e retocados por uma extravagância barroca, essa configuração enfatizava um ponto focal, a praça cívica central – com cem metros de largura, somando-se praça e vias marginais. Para impor sua monumentalidade cênica, esse espaço deveria ser enquadrado por edifícios administrativos e instituições culturais em estilo *art-déco* (TREVISAN et al., 2018, p. 2).

Em 1945, Derenusson e equipe realizaram as primeiras visitas ao sítio urbano, instalando seu escritório no assentamento existente. Nessa fase preliminar do plano de Boa Vista, foi preciso, inicialmente, sanear para depois urbanizar, ou seja, antes de colocar em prática o trabalho de urbanização, foi necessário primeiro combater focos de mosquitos responsáveis por surtos epidemiológicos, típicos da região.

Relatos do próprio Eng. Derenusson revelaram que ele mesmo solicitou ao governador que fosse dada prioridade ao sistema de redes de esgoto sanitário e de águas pluviais, em função do levantamento que tinha realizado, em que constatou que a maioria da população sofria de alguma enfermidade em decorrência da ausência de saneamento básico. Posteriormente, constatou-se que, em menos de dois anos, Boa Vista já não sofria mais com casos de malária e que a mortalidade infantil na cidade havia caído para níveis muito baixos (VERAS, 2009).

Após acurada análise da Divisão de Obras do Ministério da Justiça e da Divisão de Edifícios Públicos do Departamento Administrativo do Serviço Público - DASP, o plano de urbanização foi aprovado pelo então Presidente Eurico Gaspar Dutra, em 1946, tendo início em 22 de maio do mesmo ano. Derenusson relatou que seu sucesso ao implantar o plano diretor de urbanismo de Boa Vista justamente se deu pelo fato de ter iniciado os trabalhos com as obras de rede de águas pluviais e esgotos para então iniciar as obras de construção propriamente ditas, evitando, assim, prejuízos públicos (TREVISAN et al. 2018).

Levando-se em consideração as boas práticas sanitárias, a implantação da nova cidade de Boa Vista iniciou-se pela construção das redes de esgotos e de águas pluviais e, na sequência, foi feita a abertura das avenidas radiais. Para sua execução, Derenusson criou em 1947 a empresa Riobras Industrial Ltda., onde atuou como sócio-gerente e engenheiro. Essa empresa foi responsável por inúmeras obras na capital roraimense entre os anos de 1947 e 1950. A mão de obra chegou a contar com 2.500 operários, trazidos de



Manaus, São Paulo e Rio de Janeiro, fato que também contribuiu com o crescimento da cidade e alterou comportamentos socioespaciais, com relação à demanda de equipamentos e serviços, uma vez que, no período, os equipamentos/serviços disponíveis não supriam as necessidades da população. Muitos desses operários constituíram suas famílias e permaneceram na cidade (A GAZETA DE RORAIMA, 1991).

Toda a operação logística era feita via Manaus, uma vez que grande parte dos produtos e bens tinha de ser importada de outras regiões do país, um planejamento que demandava um adicional de cerca de seis meses para chegar a Boa Vista. Só para se ter uma ideia, o deslocamento entre o Rio de Janeiro, cidade do engenheiro, e Boa Vista levava cerca de dois meses, sendo que o trecho final era feito exclusivamente por barco pelo Rio Amazonas e seus afluentes. O planejamento das obras foi, portanto, questão crucial, demandando alternativas àquelas existentes *in loco* (TREVISAN et al., 2018).

Figura 18 - Maquete do plano urbanístico de Boa Vista<sup>26</sup> (1944).



Fonte: Veras (2009, p. 95).

Resolvidas as questões logísticas para a implementação e o início, de fato, dos trabalhos, em pouco tempo, o cenário urbano de Boa Vista passou por uma grande transformação. “Essa operação urbanística, que se estendeu durante as décadas de 1950 e 1960, dividiu a cidade em cinco bairros”. Na década de 1950, estavam estabelecidos dessa forma: *Porto da Olaria, Rói-couro, Caxangá, Praça da Bandeira e Centro*, totalizando, na época, 17 mil habitantes (PAVANI; MOURA, 2006).

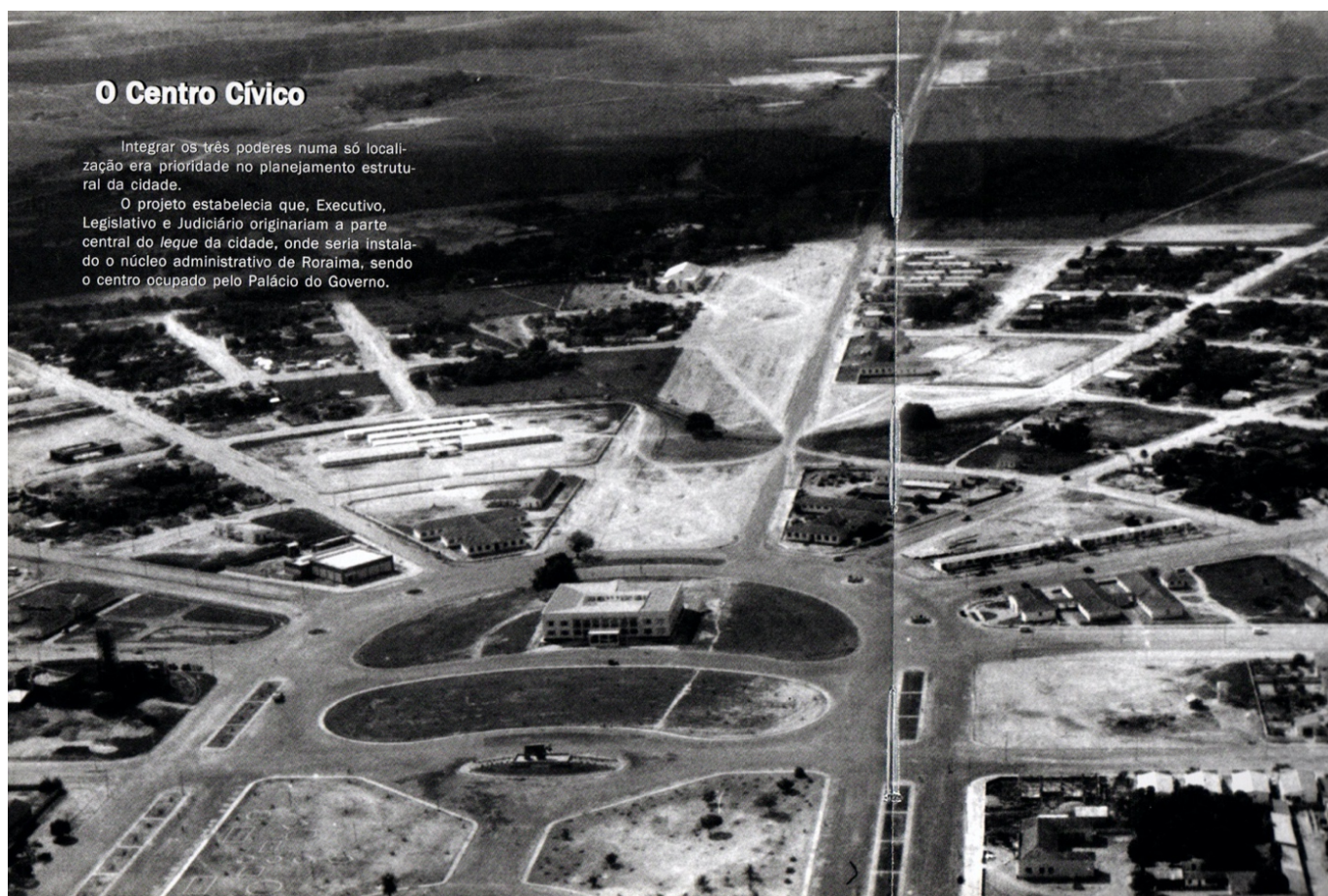
---

<sup>26</sup> A fim de explicar a proposta e motivar a população local sobre os ganhos que estavam por vir, foi feita uma maquete, que ficou exposta por um mês na loja Mesbla no Rio de Janeiro, antes de ser levada em definitivo para Boa Vista em fins da década de 1940 (TREVISAN et al., 2018).

A partir da construção de equipamentos urbanos como praças, loteamentos residenciais, escolas, entre outros, a cidade viu sua paisagem congregar uma nova configuração espacial; a dinâmica socioespacial passou, portanto, por uma alteração estrutural, na qual manteve uma íntima união com as formas. Tal dinâmica é apontada por Trindade Júnior (1997, p. 10), que afirma que velhas formas são alteradas para uma adequação às novas funções, o que significa que a organização espacial, pré-existente, já não atende, de maneira eficaz, à dinâmica social de um novo momento histórico, alterando, portanto, as formas de uso do solo, levando o espaço a se adequar ao movimento que lhe dá dinamismo (VERAS, 2009).

Como podemos visualizar nas imagens a seguir, integrar os três poderes numa só localização era prioridade no planejamento estrutural da cidade. “O projeto estabelecia que Executivo, Legislativo e Judiciário originariam a parte central do leque da cidade, onde seria instalado o núcleo administrativo de Roraima, sendo o centro ocupado pelo Palácio do Governo” (PAVANI; MOURA, 2006, p. 30).

Figura 19 - O Centro Cívico de Boa Vista (década de 1940/1950).



Fonte: Pavani e Moura (2006, p. 30-31).

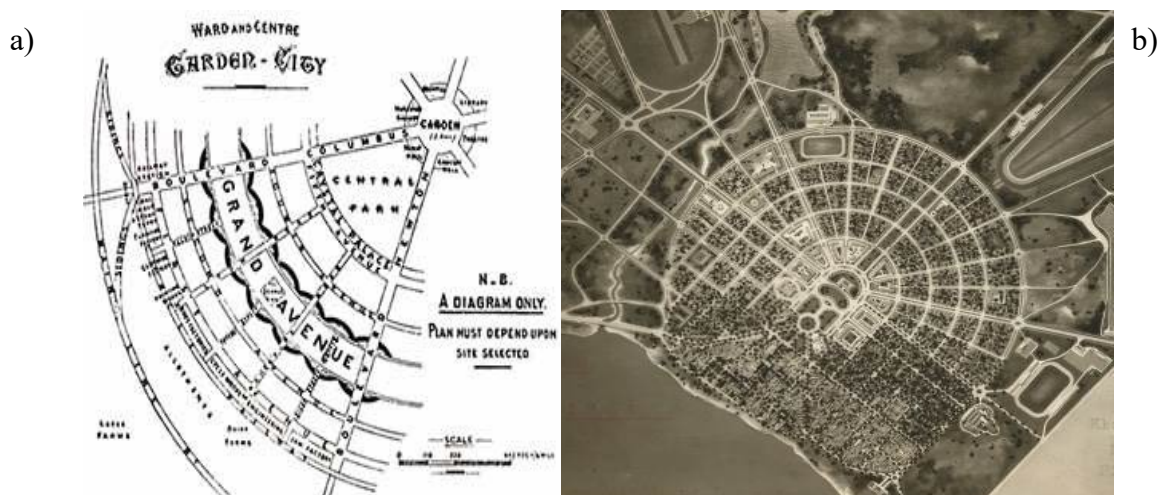
Figura 20 - Organização dos três poderes na praça do Centro Cívico de Boa Vista.



Fonte: Google Earth, adaptado pelo autor.

Além disso, também foram estabelecidas quadras residenciais permeadas por áreas verdes que se estendiam até o cinturão verde periférico aos moldes do ideário Howardiano de cidade-jardim<sup>27</sup>.

Figura 21 – a) Comparação do Desenho de projeto da Cidade-Jardim e b) planejamento urbano de Boa Vista – RR



Fonte: Parsons; Schuyler (2002, p. 27) e Veras (2009, p. 95).

<sup>27</sup> Ebenezer Howard, assim como seus contemporâneos utopistas da Inglaterra da virada do século, imaginou um modelo para a cidade ideal propondo um desenho espacial circular, cuja evolução pode ocorrer por “gomos”. No centro está um espaço da população, uma praça central da qual partem vias arborizadas radiais. Os círculos concêntricos são avenidas numeradas a partir do centro, todas amplas e arborizadas. A terceira avenida, maior que as demais, abriga os equipamentos comunitários (escolas, parques infantis, bibliotecas etc.). Na periferia, ficam as indústrias e entrepostos comerciais, e além deles está o cinturão verde agrícola de abastecimento (HOWARD, 1898).

De acordo com Darcy Romero Derenusson, filho do engenheiro que projetou a nova cidade de Boa Vista, muitas pessoas confundem o planejamento urbano da cidade com o planejamento de Paris e desfaz esse mito citando que, à época, a inspiração de seu pai, como de vários outros arquitetos que trabalharam no planejamento de cidades, era imprimir o conceito de cidade-jardim, mas pondera algumas semelhanças com o planejamento da capital francesa:

O planejamento de Paris tem a relação entre a largura da rua com a altura dos edifícios, que não poderia ter mais da metade da largura da rua como altura, o que torna a cidade ventilada. Por conta disso, não há muitos edifícios altos em Boa Vista, pois não havia necessidade de se construir grandes prédios. O que valia mais era o traçado (CORREIA, 2016, n.p.).

Figura 22 – a) Traçado urbano de Paris e b) traçado urbano de Boa Vista.



Fonte: Google Earth

Como podemos observar na Figura 22, a comparação possível entre a cidade de Boa Vista com a cidade de Paris deve-se ao seu desenho urbano, também radial concêntrico, com avenidas largas e grandes jardins, espaços abertos e verdes com o intuito de melhorar a salubridade da cidade e o lazer de sua população, além dessa convergência para a praça principal.

Boa Vista, na verdade, foi projetada com inspiração na cidade de Belo Horizonte, seguindo os mesmos padrões do traçado urbano da capital de Minas Gerais, pois apresentava subdivisões em zona urbana, suburbana e sítios, além de reservar uma área privilegiada para a implantação de edifícios monumentais de administração pública, bem

como partir de linhas retas, avenidas largas e perspectivas convergindo para o centro (MORAES; GOMES FILHO, 2009).

[o plano de Belo Horizonte] foi uma importante iniciativa governamental para conferir à cidade uma aparência moderna em pleno século XIX. O traçado regular e a inspiração em projetos realizados nas principais cidades europeias delineava, no Brasil, uma tendência de criar cidades monumentais e aptas às novas necessidades de circulação e estética. A concentração das atividades cívicas e administrativas num centro monumental, para o qual deveriam convergir os principais eixos urbanos, foi uma atitude de vanguarda que se repetiu em planos seguintes, como o de Goiânia e o de Brasília, por exemplo (MORAES; GOMES FILHO, 2009, p. 155).

Esse modelo de cidade-jardim, com radiais convergindo para um núcleo central, têm sua origem na proposta de Howard para as cidades da Inglaterra em 1898. Tal modelo surge no final do século XIX e se transforma no produto urbanístico mais bem-sucedido da discussão que se promovia à época sobre os prejuízos causados à vida urbana pelo acelerado processo de industrialização.

Howard idealizou esse esquema das cidades-jardins usando esquemas das cidades ideais do Renascimento e do Barroco; logo, os esquemas das cidades-jardins são fortemente radiais concêntricos, assim como o centro primário e os subcentros. Usou, além disso, a tradição europeia quando promoveu os centros dessas cidades como centros comunitários e culturais, como lugares predestinados para serviços coletivos e atividades de vizinhança.

Em Goiânia<sup>28</sup>, podemos perceber, no plano de Armando de Godoy, um traçado mais abstrato que incorpora os elementos das cidades-jardins, procurando aliar o aspecto urbano com os componentes rurais. Fica evidente a semelhança do plano de Godoy com o traçado de Boa Vista (MORAES; GOMES FILHO, 2009).

---

<sup>28</sup> “Em 1933, o interventor federal de Goiás, Pedro Ludovico Teixeira, encomendou a elaboração de um plano urbanístico para Goiânia ao arquiteto e urbanista Atilio Corrêa Lima. No ano de 1936, o engenheiro arquiteto Armando de Godoy substituiu aquele arquiteto, refazendo partes do projeto de Atilio, já concluído” (MORAES; GOMES FILHO, 2009, p. 154).

Figura 23 – a) Planta Atílio Corrêa Lima, b) detalhe plano Armando de Godoy e c) Planta do setor sul (Armando de Godoy) para Goiânia.



Fonte: Adaptado de Moraes e Gomes Filho (2009, p. 156).

No caso de Boa Vista, fica evidente a inspiração no modelo de Howard através das semelhanças nas radiais concêntricas, nas áreas verdes e no núcleo central, o centro cívico, grande espaço de convergência e que recebeu os principais prédios públicos do Governo (VERAS, 2009).

Esse fato é endossado por Moraes e Gomes Filho (2009), que afirmam que essas parecem ser as principais fontes de inspiração do projeto da capital roraimense, valendo-se dos mesmos princípios urbanísticos, da mesma concepção de avenidas radiais e perimetrais e monumentalidade do centro cívico, como local de convergência.

É interessante apontarmos que, em todos esses projetos citados, além da questão da cidade-jardim, coincide o fato de que havia profissionais com formação no Rio de Janeiro nas três cidades. No plano de Belo Horizonte, Aarão Reis convidou para fazer parte de sua equipe vários profissionais formados pela escola Politécnica do Rio de Janeiro. Em Goiânia, tanto Atílio Corrêa Lima quanto Armando Godoy residiam e exerciam suas atividades também no Rio e, por fim, Darcy Aleixo Derenusson era formado pela Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, transformada posteriormente em Universidade Federal do Rio de Janeiro, além de viver e ter a sede de sua empresa, Rio Brás, também no estado do Rio de Janeiro (MORAES; GOMES FILHO, 2009).

Portanto, é possível compreendermos melhor as inspirações de Derenusson, uma vez que sua formação deve ter tido grande influência da escola carioca e é provável que tenha entrado em contato com esses outros projetos citados e que foram realizados por seus conterrâneos. Acreditamos, por fim, que a formação profissional de Derenusson foi fundamental para influenciar o desenho do plano de Boa Vista.

As obras na capital seguiram em ritmo lento, em parte por conta das questões logísticas, mas também por divergências políticas quanto aos rumos da cidade<sup>29</sup>. Um destaque a ser apontado aqui é a paixão desenvolvida pelo engenheiro no período de desenvolvimento do seu projeto de cidade; essa paixão pôde ser constatada pelos habitantes locais, em conversas descontraídas nas praças, onde era comum encontrar o engenheiro abrindo as plantas da cidade e ensinando o que seria um projeto.

A Riobras, empresa que Derenusson fundou para execução do plano urbanístico, além de construtora e empreiteira, era também a produtora dos materiais de que necessitava – dadas as dificuldades logísticas já salientadas anteriormente. Isso não era fornecido por sua usina de concreto, e sua olaria teve de ser transportada por um avião, Douglas C47, de sua propriedade (TREVISAN et al., 2018).

Conhecido por sua simplicidade e simpatia, o engenheiro tinha seus funcionários como companheiros de trabalho. Ele desenvolveu uma verdadeira devoção à construção da nova Boa Vista, de 1944 a 1951, exceto durante o governo de Fêlix Valois (1946-1948). Derenusson participou ativamente na implantação da cidade, morando, inclusive, em Boa Vista, nesse período. Rígido, o engenheiro primava pela manutenção de uma simetria horizontal e vertical, de acordo com as normas de seu plano; instituía que as construções só podiam ter no máximo dois pavimentos e em terrenos de 15x40 e 20x40 metros. Esses eram fatores que, segundo o Engenheiro, explicariam por que Boa Vista apresenta os belos jardins e não possui favelas, como a maioria das capitais do país (A GAZETA DE RORAIMA, 1991).

Na concepção de Derenusson, para além do significado técnico de construção, o significado das radiais iria além. Tal definição estaria envolvida em um sentimento patriótico que abrangia toda essa região fronteira da Amazônia setentrional e representava a presença marcante do Governo Central frente à cobiça Internacional. O engenheiro assim descreve tal relação com as radiais de seu planejamento:

---

<sup>29</sup> As obras se iniciaram na gestão de Êne Garcez dos Reis (1943 a 1945) e perpassaram as administrações de outros três governadores: Fêlix Valois de Araújo (1946 a 1948), Clóvis Nova da Costa (1948 a 1949) e Miguel Ximenes de Melo (1949 a 1951) (TREVISAN et al., 2018)

Partindo de um centro gerador, busca os confins do norte de nosso território, irradiando a energia de seu povo, como a protegê-lo, Roraima guardião do Norte [...] na época em que foi projetada a planta da cidade de Boa Vista (1944-1946), estávamos no fim de uma Guerra. E já muito antes disso, não poucos olhos gulosos invadiam nossas fronteiras com missões exploradoras [...] para se firmarem e ocupar em nossa Terra [...] Mais do que simples radiais, mais do que um simples leque, seria a própria alma brasileira, presente, com o corpo e o coração para garantir a integridade de nossos limites. E, portanto, o sistema radial o símbolo de união territorial, social, linguístico e ideário do povo brasileiro do Extremo Norte (A GAZETA DE RORAIMA, 1991, n. p.).

Todavia, tal devoção ao empreendimento fez com que abdicasse temporariamente de sua família, que permanecia no Rio de Janeiro, além de outros trabalhos em curso concomitantes à implementação do plano urbanístico de Boa Vista.

Em 1951, devido a entraves políticos e dificuldades operacionais em Boa Vista, Derenusson retornou em definitivo ao Rio de Janeiro. Projetar e implantar uma cidade certamente fora uma ocasião única, que seletos profissionais tiveram a oportunidade de provar. Mas, com a troca dos governos, seu plano original foi sofrendo descontinuidades, e a implantação do plano urbanístico acabou tomando outros rumos. Algo que pode ser visualizado mediante os dados da Tabela 1, sobre as estatísticas de população residente, segundo os municípios das capitais – 1872/1991. Boa Vista começa a vislumbrar um aumento populacional gradativo a partir da década de 1950:

Tabela 1 - População residente, segundo os municípios das capitais – 1872/1991.

<b>Estatísticas Populacionais</b>										
População residente, segundo os municípios das capitais – 1872/1991										
População residente										
Município	1872	1890	1900	1920	1940	1950	1960	1970	1980	1991
Boa Vista	–	–	–	–	–	17.247	25.705	36.464	67.047	144.249

Fonte: IBGE, Censo (1990).

Após a troca da denominação de Território Federal do Rio Branco para Território Federal de Roraima<sup>30</sup>, em 1962, parte do Município de Moura, do estado do Amazonas,

<sup>30</sup> Um fato a ser destacado nesse processo foi a participação popular para a escolha, por meio de um plebiscito realizado pelo Jornal “O Átomo”, do nome “Roraima” como sendo mais indicado para substituir o nome Rio Branco. No entendimento de Magalhães (1986), havia necessidade de resolver esse problema toponímico, pois existiam casos de pessoas que pretendiam ir para o Rio Branco, Acre, e vinham para Boa Vista do Rio Branco, fora o constante extravio de correspondências e mercadorias, alimentos, remédios entre outros, que era constante (VERAS, 2009).



foi acrescido ao território. Em divisão territorial, datada de 1º de julho de 1960, o município de Boa Vista passou a ser constituído de quatro distritos: Boa Vista, Conceição do Maú, Depósito e Uraricoera, assim permanecendo em divisão territorial datada de 1º de janeiro de 1979 (IBGE - Censo, 2010).

Interessante observar que, após a década de 1970, o aumento populacional se tornou mais expressivo, tanto que o engenheiro Derenusson se surpreendeu ao ver que a cidade havia crescido conforme o que planejou em sua origem, ao visitá-la em 1966. Afirmou, ainda, que, na década de 1970 do século XX, Boa Vista chegou a ser apontada como a cidade com a melhor qualidade de vida em todo o Brasil (A GAZETA DE RORAIMA, 1991).

Pela Lei Federal n.º 7.009, de 1º de julho de 1982, foram extintos os distritos de Conceição do Maú, Depósito e Uraricoera, sendo seus territórios anexados ao distrito sede do município de Boa Vista (IBGE - Censo, 2010).

Com relação ao plano urbanístico/plano diretor de fato, o rompimento da malha original, planejada para um período de 25 anos, ocorreu apenas nos anos 1980 devido ao crescimento urbano demográfico, em virtude dos processos migratórios tanto da zona rural como de outros estados brasileiros, sobretudo do Nordeste. Logo, o planejamento inicial de adensamento urbano e populacional foi superado, e, atualmente, o traçado previsto no plano urbanístico de Derenusson, representa cerca de 10% da extensão total da cidade. Alguns eixos do crescimento ainda seguiram as diretrizes inicialmente previstas; outros, seguiram um caminho diverso conformando uma malha urbana diferenciada em muitas de suas porções (TREVISAN et al., 2018; MORAES; GOMES FILHO, 2009).

Com a promulgação da nova Constituição Federal, em 5 de outubro de 1988, o Território Federal de Roraima teve seu *status* alterado para “Estado de Roraima”. Assim, aquela pequena população da década de 1940 salta, para Boa Vista do início dos anos 1990, para 144.249 mil habitantes, salto demográfico que só possível graças à sua refundação.

Portanto, a eficácia da ação urbanística implementada por Êne Garcez, através do planejamento de Derenusson, trouxe para Boa Vista uma contemporaneidade, um aspecto de cidade bem planejada em relação às outras capitais da Região Amazônica (VERAS, 2009).

## 1.6. Boa Vista – Capital do Estado de Roraima

Como podemos observar nos subcapítulos anteriores, a trajetória dessa cidade, que, para nós, é “a estrela que brilha mais ao Norte do Brasil”, em alusão às estrelas correspondentes às capitais brasileiras na bandeira nacional, é uma narrativa repleta de transformações, fluxos, migrações, permeada e marcada por suas fronteiras, por vezes geopolíticas, por vezes invisíveis, além das constantes alterações da paisagem, levando-se em consideração sua forma (paisagem urbana) e desdobramentos sociais e, sobretudo, por ainda contar com um enorme potencial para futuras mudanças que vislumbram novas formas de se habitar essa região da Amazônia setentrional, quando consideramos que Roraima tem uma das menores densidades demográficas do Brasil.

Atualmente, a divisão administrativa da cidade é formada por 56 bairros, agrupadas em quatro zonas, além do centro: Zona Norte, com 6 bairros; Zona Sul, com 5 bairros; Zona Leste, com 4 bairros; e Zona Oeste, com 40 bairros onde estão concentrados 75% da população.

Figura 24 - Mapa dos bairros de Boa Vista, 2021



Fonte: Prefeitura Municipal de Boa Vista (2021)

Essa cidade, que se inicia a partir da sede de uma fazenda, no século XIX, passa por diversas roupagens (povoado, vila, freguesia e cidade/capital), tem seu centro urbano redesenhado por um processo de planejamento urbano na metade do século XX, e chega à terceira década do século XXI (2021) completando 131 anos de existência com uma expectativa populacional de aproximadamente 420 mil habitantes – aumento de 47%, se comparado aos dados do CENSO (2010). Na Tabela 3, observamos a comparação dos dados populacionais oficiais dos anos 2000 e 2010.

Tabela 2 - População residente em 2000 e população residente em 2010, por situação do domicílio, com indicação da população urbana residente na sede municipal, área total e densidade demográfica, segundo as mesorregiões, as microrregiões e os municípios.

<b>ESTATÍSTICAS POPULACIONAIS</b>							
<b>Município</b>	<b>População residente 2000</b>	<b>População residente 2010</b>	<b>Urbana</b>	<b>Urbana na sede municipal</b>	<b>Rural</b>	<b>Área total Km2</b>	<b>Densidade demográfica Hab./Km2</b>
<u>Boa Vista</u>	200.568	284.313	277.799	277.799	6.514	5687,0	49,99

Fonte: IBGE, Censo (2010).

Atualmente, dois terços da população roraimense habitam na capital Boa Vista. É válido ressaltar que, mesmo com esse grande aumento demográfico, é uma das menores capitais estaduais com relação à população do Brasil. Todavia, essa cidade/capital, em sua história recente (2015-2021), tem visto um expressivo crescimento de sua população, devido ao grande fluxo de imigrantes e refugiados venezuelanos que se instalaram na cidade por motivos de refúgio decorrentes da crise política e social no país vizinho.

Diante de todo esse panorama histórico-geográfico que aqui foi citado, antes de adentrarmos nas questões acerca dos imaginários urbanos e da respectiva metodologia de trabalho para coleta e análise dos dados imaginários da coletividade cidadã de Boa Vista, temos o intuito de finalizarmos este capítulo compreendendo melhor a escala dessa cidade/capital do hemisfério Norte. Para isso, apresentamos, a seguir, algumas contribuições baseadas na obra de Lynch (2011) acerca de sua teoria sobre as imagens públicas de uma cidade em diálogo com outros autores.

### 1.6.1. Leitura de Boa Vista a partir dos elementos da imagem da cidade

Lynch (2011) vai além de seus olhos de especialista, decifrando o espaço urbano tanto através das formas físicas que o compõem, quanto indo além, pois também leva em consideração a visão de seus habitantes (para quem a cidade é feita), sendo considerado pioneiro no envolvimento participativo dos cidadãos nas questões urbanas.

O autor baseou-se em pesquisas empíricas e, ancorado na percepção dos cidadãos, infere os elementos principais que estruturam a imagem da cidade: marcos, limites, pontos nodais, vias e bairros.

Esse trajeto, aceca das percepções dos cidadãos, também é utilizado por nós, a fim de que façamos uma leitura atual de como a cidade de Boa Vista se enxerga, sobretudo devido a uma imagem forte captada nas conversas com populares dessa cidade, que, muitas vezes, evoca sensações representativas que relacionam a imagem dessa urbe com o interior, a floresta, o distanciamento geográfico e o esquecimento.

Sobre a percepção inicial da cidade, Lynch (2011, p. 1) aponta que “cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados”. Nesse sentido, em nossas aplicações iniciais intermediadas por entrevistas com habitantes de Boa Vista, pudemos constatar uma pregnância simbólica ou imagem forte nos participantes, acerca da imagem de Boa Vista, através de suas próprias percepções e através de suas compreensões sobre como “os outros” – os que não vivem na cidade – percebem essa urbe.

Analisando as respostas dos populares, pudemos atestar que, para a coletividade entrevistada, “a imagem” de Boa Vista evoca a imagem de uma cidade de interior, embora ela seja uma capital. Constatamos isso através de várias associações à natureza e a uma sensação de calma e tranquilidade ao se referirem à representação desta urbe” (POSCA; GARROSSINI, 2021, p. 121).

Essa evocação a uma cidade de interior nos leva à definição daquilo que se poderia chamar de imaginabilidade:

a característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado. É aquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas, poderosamente estruturadas e extremamente úteis do ambiente. Também poderíamos chamá-la de *legibilidade* ou, talvez, de *visibilidade* num sentido mais profundo, em que os objetos não são apenas passíveis de serem vistos, mas também nítida e intensamente presentes aos sentidos (LYNCH, 2011, p.11).

Além de sua própria percepção sobre Boa Vista, a coletividade cidadã entrevistada também foi questionada sobre qual seria a imagem desta urbe, pela perspectiva do olhar do ‘outro’, ou o que não habita a cidade. Segundo as percepções dos participantes, a imagem que esse outro tem sobre Boa Vista seria muito próxima da representação que eles mesmos citaram – tranquilidade, potencializada pelo contato próximo com a natureza, que caracterizaria, assim, Boa Vista como uma cidade calma em comparação com outras urbes que têm poucas reservas naturais diferentemente de Roraima. Produzindo, em alguns relatos, uma alegoria de que Boa Vista é uma grande aldeia/comunidade, construindo, dessa forma, também, uma imagem de cidade floresta, cheia de índios, entremeados por casas e edifícios (POSCA; GARROSSINI, 2021).

Com relação a essa imagem prévia de cidade que evoca a tranquilidade, a floresta e o indígena, na sequência vamos esboçar uma leitura da cidade de Boa Vista de acordo com os elementos da teoria de Lynch, trazendo também considerações de análises realizadas por Souza (2015), para então adentrarmos aos conceitos principais dos imaginários urbanos e sua aplicabilidade na cidade de Boa Vista, a fim de que, ao final do trabalho, analisando os dados imaginários, possamos comparar a representação da imagem da cidade pela perspectiva cidadã, com essa imagem prévia que aqui foi colocada.

Ao analisar a cidade de Boa Vista, especificamente, os elementos presentes na parte do plano urbanístico, Souza (2015) relaciona estrutura e forma urbana, identificando a importância dos elementos visuais para a localização e referência na circulação na parte central do plano urbanístico, apontando os elementos de Lynch como método de análise:

## **Vias**

São os canais de circulação pelos quais o observador se locomove de modo habitual, ocasional ou potencial. Podem ser ruas, alamedas etc. Para muitos, são os elementos predominantes em sua imagem mental. Os habitantes de uma cidade observam-nas à medida que se locomovem por elas e ao longo dessas vias os outros elementos ambientais se organizam e se relacionam (LYNCH, 2011).

Um dos elementos visíveis e característicos de Boa Vista são as vias largas, típicas das cidades planejadas, que possuem uma larga estrutura, o que facilita o escoamento do transporte. Destacamos as dez vias que convergem para o centro-plano, localizado na Praça do Centro Cívico, onde se concentra a estrutura político-administrativa: a Rua

Professor Agnelo Bitencourt e as Avenidas: Mário Homem de Melo, Gláycion de Paiva, Capitão Êne Garcez dos Reis, Ville Roy, Capitão Júlio Bezerra, Nossa Senhora da Consolata, Benjamin Constant, Dr. Silvio Botelho, João Pereira de Melo (SOUZA, 2015).

A construção de todas essas vias buscava uma interligação futura com as zonas da cidade, contudo, houve uma interrupção na continuação dos gabaritos das vias, diminuindo as faixas de circulação, reforçando a falta de um plano urbanístico para a expansão da cidade, de forma a integrar as que se expandiram posteriormente. Outra característica é a da concentração das instituições ao longo das vias principais, com destaque para a avenida capitão Êne Garcez dos Reis, que desemboca no aeroporto internacional de Boa Vista (SOUZA, 2015).

### **Limites**

Os limites são os elementos lineares não usados ou entendidos como vias pelo observador; são as fronteiras entre duas fases, quebras de continuidade lineares. Em nosso caso, o maior limite encontrado em Boa Vista é justamente o Rio Branco, que direcionou, inclusive, a fundação da cidade. Lynch (2011) considera também como limites praias, lagos, cortes de ferrovias, espaços em construção, muros, paredes etc.

Para o autor, são referências laterais; mais que eixos coordenados, esses limites podem ser barreiras mais ou menos entre uma região de outra, mas também podem ser costuras, linhas, ao longo das quais duas regiões se relacionam e se encontram. Ainda que possuam sistema viário para muitos, esses elementos limítrofes são importantes características organizacionais sobretudo devido ao seu papel de conferir unidade a uma cidade por água ou parede (LYNCH, 2011).

Figura 25 - Ponte dos Macuxi, Rio Branco - Boa Vista.



Fonte: Prefeitura Municipal de Boa Vista (2021).

Para Souza (2015), nesse aspecto da limitação, destaca-se a franja final como área física limítrofe do plano urbanístico, onde estão localizadas as avenidas Major Williams e Terêncio Lima. Nas demais áreas, os limites não são visíveis, pois há uma continuação do plano, integrando-o às áreas de expansão. O autor ainda menciona o Rio Branco como um dos limites mais significativos, que delimita a extremidade física do plano.

Outro destaque é o de ser o gabarito das edificações, em sua maioria, horizontal, criando-se uma unidade entre os bairros próximos à área do plano. Podem-se destacar as avenidas principais como limites visuais horizontais da área do P.U.B.V.<sup>31</sup>, de cujos limites são orientadores para a população que circula na área.

## **Bairros**

Para Lynch (2011), os bairros são as regiões de médio ou grande portes de uma cidade, concebidos como dotados de extensão bidimensional. São locais onde o observador neles penetra mentalmente e são reconhecíveis por possuírem características comuns que os identificam.

Sempre identificáveis a partir de seu lado interno, são também usados para referência externa quando vistos de fora. Até certo ponto, muitos estruturam suas cidades dessa maneira, com diferenças individuais em suas respostas a quais são os elementos

---

<sup>31</sup> Plano urbanístico de Boa Vista.

dominantes, as vias ou os bairros. Algo que não parece depender apenas do indivíduo, mas também da cidade propriamente dita (LYNCH, 2011)

Para Souza (2015), uma das características de identificação dos bairros, a partir da leitura do plano urbanístico de Boa Vista, é a similaridade entre eles, eliminando-se, assim, diferenças espaciais em relação às características arquitetônicas.

Abaixo, podemos checar a lista dos 56 bairros de Boa Vista (2021), onde nitidamente aferimos o crescimento da cidade para o setor Oeste, como já citamos anteriormente, devido ao terreno plano e pouca declividade, o que causou uma distorção, na forma de uso do espaço urbano. O setor Leste foi definido como área nobre; enquanto o setor Oeste, o periférico, é marcado pela “privatização dos benefícios da urbanização e pela marginalização das populações mais pobres, historicamente excluídas dos bens e serviços produzidos pela sociedade” (VERAS, 2009, p. 18).

Tabela 3 – Lista atualizada de bairros de Boa Vista-RR (2021)

<b>LISTA DOS BAIRROS DE BOA VISTA-RR (2021) POR ZONA</b>		
<b>NÚMERO</b>	<b>ZONA</b>	<b>BAIRRO</b>
1	-	Centro
2	NORTE	31 de março
3	NORTE	Aeroporto
4	NORTE	Aparecida
5	NORTE	Estados
6	NORTE	Paraviana
7	NORTE	São Francisco
8	SUL	13 de setembro
9	SUL	Calungá
10	SUL	Governador Aquilino Mota Duarte
11	SUL	Marechal Rondon
12	SUL	São Vicente
13	LESTE	Caçari
14	LESTE	Canarinho
15	LESTE	São Pedro
16	LESTE	05 de outubro
17	OESTE	Asa Branca
18	OESTE	Alvorada
19	OESTE	Professora Araceli Souto Maior
20	OESTE	Bela Vista
21	OESTE	Buritis
22	OESTE	Caimbé
23	OESTE	Cambará
24	OESTE	Caraná
25	OESTE	Cauamé
26	OESTE	Centenário



27	OESTE	Cinturão Verde
28	OESTE	Jardim Equatorial
29	OESTE	Senador Hélio Campos
30	OESTE	Jardim Caranã
31	OESTE	Jardim Primavera
32	OESTE	Jardim Floresta
33	OESTE	Jardim Tropical
34	OESTE	Jóquei Clube
35	OESTE	Liberdade
36	OESTE	Mecejana
37	OESTE	Nova Canaã
38	OESTE	Nova Cidade
39	OESTE	Operário
40	OESTE	Pintolândia
41	OESTE	Piscicultura
42	OESTE	Pricumã
43	OESTE	Raiar do Sol
44	OESTE	Doutor Silvio Botelho
45	OESTE	Doutor Silvio Leite
46	OESTE	Santa Luzia
47	OESTE	Santa Tereza
48	OESTE	Tancredo Neves
49	OESTE	União
50	OESTE	Olímpico
51	OESTE	Doutor Aírton Rocha
52	OESTE	Laura Pinheiro
53	OESTE	Murilo Teixeira
54	OESTE	Said Salomão
55	OESTE	São Bento
56	OESTE	Cidade Satélite

Fonte: Prefeitura Municipal de Boa Vista (2021).

Na ocasião de sua pesquisa, Souza (2015) apontou como uma exceção, acerca da questão das similaridades entre os bairros de Boa Vista, o antigo “Caetano Filho”, ou “Beiral”, que à época ainda se integrava ao núcleo urbano inicial da cidade, na área central da cidade, às margens do Rio Branco. O autor afirmou que esse bairro possuía características muito específicas, como o traçado irregular e ressaltou que na própria área do plano urbanístico o bairro se localizava no Centro; logo, podemos inferir que era uma área de grande interesse do terreno urbano da cidade.

Pavani e Moura (2006) também citam que, no Caetano filho – Beiral, diferentemente de outros bairros da cidade, poderia ser encontrada a representação típica da arquitetura em madeira, na margem do Rio Branco, e que além dessa arquitetura com influências Franco-espanhola, nesse local também existiam representações ribeirinhas em tipologia de palafita.

Figura 26 - O Beiral em diferentes épocas.



Fonte: Cândido (2017, p. n.p.).

Com a proposta de integrar o espaço urbano do Caetano Filho com os bairros Calungá e Centro, região popularmente conhecida como Beiral<sup>32</sup>, juntamente do espaço da Orla Taumanan, ponto turístico que conta com vista para o Rio Branco. Um espaço que correspondia a uma área correspondente a 1.356.159,31 metros quadrados

<sup>32</sup> O apelido “Beiral” foi uma denominação dada pelos moradores, devido à localização às margens (ou beira) do Rio Branco. Apelido reforçado também, devido ao tradicional ponto de venda de peixe que havia na localidade. A Lei Municipal nº 188, de 14 de novembro de 1988, que instituiu a “Divisão Intraurbana da cidade de Boa Vista”, não contemplou a área do Beiral, como um “Bairro” e sim, como um “núcleo” do “Centro Histórico de Boa Vista”. Portanto, o “Francisco Caetano Filho” era um grupo habitacional dentro do “Núcleo Histórico de Boa Vista” e, como tal, parte do Patrimônio Público. De acordo com a Lei nº 1117, de 31 de dezembro de 2008, publicada no Diário Oficial do Município de Boa Vista, este espaço do Caetano Filho era considerado uma Área Especial de Interesse Social, no que diz o plano diretor do município de Boa Vista (PREFEITURA DE BOA VISTA).

e 5.528,60 metros de perímetro. Em 10 de julho de 2017, a então Prefeita de Boa Vista, Teresa Surita, em entrevista, anunciou um projeto de revitalização da área a partir da demolição das casas alagadas para fazer um parque – o Parque do Rio Branco – sem deixar ali qualquer resquício da história nessa região.

Essa, que é uma das regiões mais antigas da cidade, já existia muito antes de 1830 e das décadas de 1930 e 40, quando as primeiras moradias começaram a ser erguidas pelos homens brancos. Antes deles, nessa área, viviam comunidades indígenas, marcada pela presença de malocas das etnias Makuxi, Wapichana e de alguns Paraviana/Paravilhana, cuja etnia está desaparecida/extinta (CAVALCANTE, 2021).

Nesse mesmo local, onde se encontrava a área do Caetano Filho, desde o início do processo de urbanização, já era possível identificar o processo de periferização do espaço e conseqüentemente segregação de algumas famílias, já que estes não faziam parte das grandes famílias locais e estavam à margem da sociedade, uma espécie de baixada e/ou formação de favela, quando comparado à área da Fazenda Boa Vista e com o Casarão Bento Brasil.

Os primeiros moradores brancos praticavam a agricultura de subsistência, além da pescaria no Rio Branco. Aos poucos, as atividades foram evoluindo e as olarias surgiram. Inclusive, o nome “Olaria” foi a primeira denominação da área onde estava o “Beiral”, atualmente o “Parque do Rio Branco”. Depois, veio a época da exploração de minérios pelos garimpeiros, o que impulsionou o processo de ocupação daquela área de terra às margens do rio (CAVALCANTE, 2021).

Ficou conhecida como “uma zona que sofria com alagamentos provocados pelas chuvas, pelo intenso tráfico de drogas e prostituição” (PREFEITURA, 2021). Estava localizado em uma Área Especial de Interesse Social, uma vez que era vizinho de um dos espaços turísticos mais importantes da cidade de Boa Vista-RR – Orla Taumanan.

Desde 1956, há registros de enchentes na região do Beiral. Em 2011, a área ficou submersa pelas águas do Rio Branco, e no mês de julho de 2017 teve sua maior enchente. Desde então, esse espaço, de grande interesse social, tem visto sua paisagem ser modificada, quando a “revitalização” foi iniciada pela prefeitura municipal, o que ocasionou retirada de cerca de 300 famílias dessa região. Seja por meio de aluguel social, seja por meio de indenizações dos imóveis, essa população foi forçada a “migrar” para outros bairros da cidade, sendo que algumas delas, que foram beneficiadas pelo programa Minha Casa Minha Vida, foram realocadas para o bairro Laura Moreia, cerca de 16 km

de distância do local onde viviam antes, dentro do perímetro central da cidade (BARBOSA, 2019).

Ainda em 2017, as primeiras casas começaram a ser demolidas, causando angústia aos moradores da comunidade; alguns moradores foram até impedidos de entrar em suas residências à época. Todavia, havia um compromisso firmado pela Prefeitura de que as demolições de todas as casas seriam realizadas após todos os acordos serem fechados e os moradores entregarem suas chaves.

Figura 27 - Demolição das casas no Beiral (2017) – Boa Vista-RR



Fonte: Barbosa (2019, n.p.).

Essa grande mudança estrutural da paisagem urbana nos permite recorrer a Lefebvre (2011) e a suas discussões acerca do que define como o direito à cidade, ou seja, o direito de não exclusão da sociedade urbana das qualidades e benefícios da vida urbana. O autor escreve sobre a segregação socioeconômica e seu fenômeno de afastamento. Ele refere-se à “tragédia dos *banlieusards*”, pessoas forçadas a viver em guetos residenciais longe do centro da cidade. Perante esse cenário, exige-se o direito à cidade como uma recuperação coletiva do espaço urbano por grupos marginalizados que vivem nos distritos periféricos da cidade (LEFEBVRE, 2011).

Inevitavelmente, esse caso do Beiral nos faz refletir acerca dos processos de *gentrificação*, recorrentes nos estudos urbanos de nossa época, algo que está próximo à “revitalização” de bairros abandonados e/ou negligenciados. As intenções por trás de tal

revitalização não partem de uma demanda social, ou seja, não envolvem os interesses dos próprios moradores do bairro. Essa situação é compreendida por ENGELS (1935) *apud* HARVEY (2013, p. 83):

O crescimento das grandes cidades modernas dá à terra em certas áreas, em particular as de localização central, um valor que aumenta de maneira artificial e colossal; os edifícios já construídos nessas áreas lhes diminuem o valor, em vez de aumentá-lo, porque já não pertencem às novas circunstâncias. Eles são derrubados e substituídos por outros. Isso acontece, sobretudo, com as casas dos trabalhadores que têm uma localização central e cujo aluguel, mesmo com o máximo de superlotação, não poderá jamais, ou apenas muito lentamente, aumentar acima de um certo limite. Elas são derrubadas e no seu lugar são construídas lojas, armazéns e edifícios públicos.

Nos processos de gentrificação, é avaliado o potencial do local no que concerne à geração de rendimentos e lucro com o aumento dos valores do metro quadrado. Com isso, a cidade acaba modificando seu desenho urbano e social de acordo com a especulação do mercado imobiliário; logo, regiões ficam mais caras e outras mais baratas.

Esse é apenas um dos exemplos que ilustra sucintamente algumas das alterações nas paisagens e as rugosidades na cidade/capital Boa Vista em nossos tempos. “Gentilmente”, essas cerca de 300 famílias foram expulsas para outros locais da cidade, distantes da área central em que antes viviam, especialmente longe do Rio Branco, que era fonte de renda de vários dos antigos habitantes do local. Por fim, a cidade expulsa aqueles que ali estavam, viola seus direitos ao uso desse espaço em nome de um utópico progresso, com tons de higienização da área central (mais valiosa aos olhos do capital e do outro), “resolvendo”, assim, os incontáveis problemas sociais da região, transformando o problema, feio e caótico em um lugar onírico, com potencial para atrair pessoas de fora, que passam a olhar aquele espaço urbano como uma utopia de cidade moderna e ideal (POSCA, 2020).

Na sequência, continuando os apontamentos acerca dos elementos que compõem a imagem da cidade, ao tratarmos dos principais pontos nodais de Boa Vista, demonstraremos esse novo grande ponto nodal de Boa Vista – O Parque do Rio Branco, que ocupou esse antigo espaço da cidade – O Beiral.

## **Pontos nodais**

Os pontos nodais são pontos ou lugares estratégicos de uma cidade, nos quais o observador pode adentrar; são os focos intensivos para os quais ou a partir dos quais esse

observador se locomove. Podem ser junções, locais de interrupção do transporte, um cruzamento ou uma convergência de vias, momentos de passagem de uma estrutura a outra. Também, podem ser concentrações que adquirem importância por serem a condensação de algum uso ou de alguma característica física, como um ponto de encontro numa esquina ou uma praça fechada (LYNCH, 2011).

Figura 28 - Detalhes do Parque do Rio Branco (2021).



Fonte: Prefeitura Municipal de Boa Vista (2021)

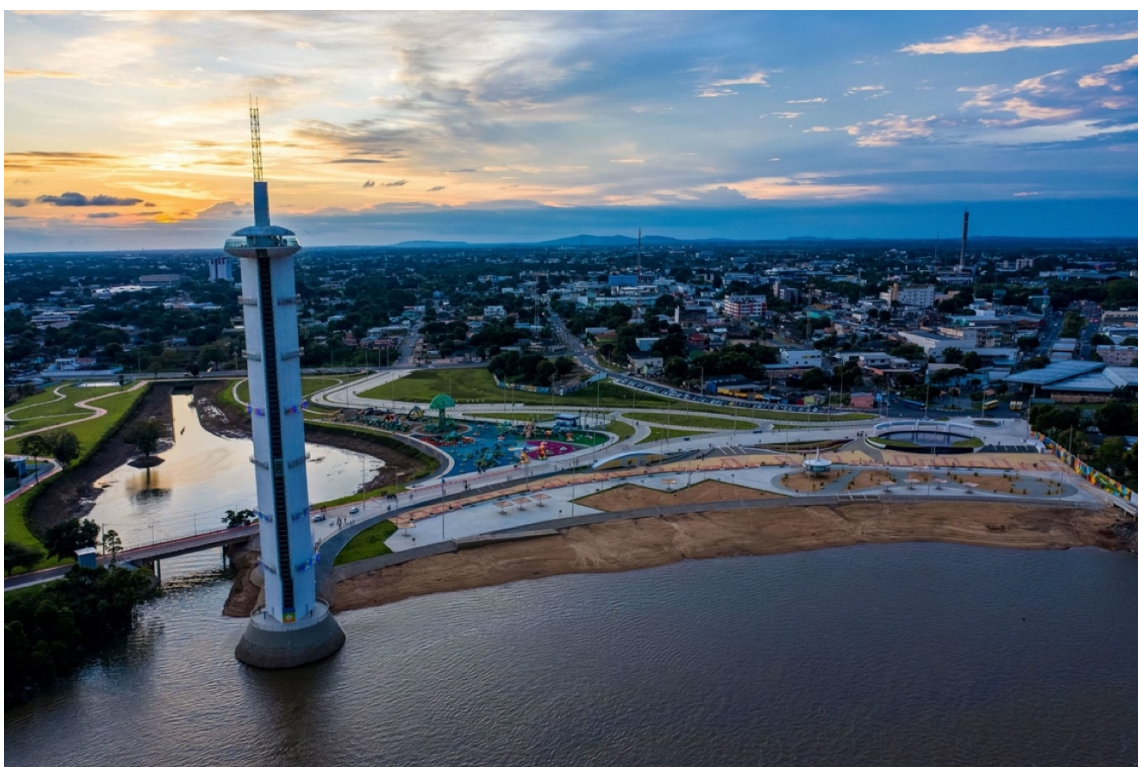
Em pleno Centro de Boa Vista, com a proposta de integração ao espaço da Orla Taumanan, O Parque do Rio Branco, inaugurado em 20 de dezembro de 2020, é nosso mais atual exemplo de um ponto nodal na Cidade de Boa Vista, uma vez que reúne várias das características apontadas por Lynch: é penetrável, enquanto uma grande praça ou ponto de encontro, no qual os observadores podem se locomover, caminhar, passar do espaço da orla para as atrações turísticas do Parque.

Esse novo “cartão postal” da cidade, de acordo com a Prefeitura de Boa Vista (2021), “além de ser uma obra turística, foi uma obra social”. Erguido às margens do Rio Branco, foi concebido em uma área onde antes estava localizado o “Beiral”, como citamos anteriormente. A Prefeitura de Boa Vista (2021) na descrição do dispositivo explica que: “As mais de 350 famílias que ali residiam em situação de vulnerabilidade social foram indenizadas de forma justa e transparente, tendo assim a oportunidade de mudar para locais com melhores condições de moradia” – situação contestada por parte dessa população que residia no local.

De volta à Lynch (2011), alguns desses pontos nodais são o foco e a síntese de um bairro cuja influência se irradia e do qual são um símbolo. Como no caso do Parque, que hoje é um dos espaços mais representativos da cidade, contando inclusive com um Mirante “Edileusa Lóz”, imponente símbolo que conta com 120 metros, sendo o ponto de observação mais alto de Boa Vista e de toda a Região Norte. A parte superior do mirante tem 250m<sup>2</sup> e fica a 93 metros de altura, cujo observatório possui piso de vidro e vista panorâmica da cidade e do Rio Branco. O Mirante conta com dois elevadores – um social e um panorâmico, onde é possível, durante a subida, contemplar as belezas naturais da cidade (PREFEITURA, 2021).

Lynch (2011) cita, ainda, que os pontos nodais também podem ser chamados de núcleos e que muitos deles têm a natureza tanto de conexões como de concentrações, cujo conceito se liga ao de via, uma vez que as conexões são tipicamente convergências de caminhos; liga-se, também, ao conceito de bairro, tendo em vista que os núcleos são os focos intensivos dos bairros. De qualquer maneira, alguns pontos nodais podem ser encontrados em praticamente qualquer imagem e, em certos casos, podem ser o traço dominante.

Figura 29 - Parque do Rio Branco.



Fonte: Prefeitura Municipal de Boa Vista (2021).

Esse grande ponto nodal da capital roraimense dispõe de vários atrativos, como: a maior “Selvinha Amazônica de Boa Vista”, com elementos da fauna e flora Amazônica, o espelho d’água em formato de meia-lua, uma praia artificial, um atracadouro, que também serve como barra correnteza – assim, o banheiro do Rio Branco não leva a areia da praia –, quadras de esportes, calçadões para prática de caminhadas, dois murais artísticos, um com 34 pinturas de artistas regionais, e outro pintado pelo artista de renome internacional Eduardo Kobra (PREFEITURA, 2021).

Além do Parque do Rio Branco, a partir do conceito do elemento ponto nodal, de Lynch (2011), Souza (2015) evidenciou, em sua análise, como ponto nodal característico de Boa Vista a Praça do Centro Cívico, pois esta seria uma ligação direta entre as avenidas que vão ao seu encontro, tornando-a como a maior referência visual, já que possibilita o deslocamento para outras zonas da cidade.

Além desses dois grandes pontos nodais característicos, I. Parque do Rio Branco e II. Praça do Centro Cívico, consideramos como os mais representativos pontos nodais de Boa Vista: o III. Complexo Ayrton Senna de praças, em especial a IV. Praça das águas, a V. Orla Taumanan, VI. A praça Barreto Leite, o VII. Parque Anauá e a VIII.



Universidade Federal de Roraima, todos esses localizados na área central, dentro do plano urbanístico. Abaixo, na Figura 30, apresentamos, respectivamente, uma imagem de acordo com a ordem acima descrita de tais pontos:

Figura 30 - Figuras que representam os principais pontos nodais centrais de Boa Vista





Fonte: Prefeitura Municipal de Boa Vista (2021)

Fora da área central, evidenciamos: IX. A ponte dos Macuxi, X. O Teatro Municipal, XI. O Mercado Municipal São Francisco, XII. O parque Germano Augusto Sampaio, XIII. A Vila Olímpica Roberto Marinho, XIV. O Parque ecológico Bosque dos Papagaios, XV. a Praça Simón Bolívar (para onde convergem as três grandes Avenidas de acesso aos três países da Tríplice-Fronteira, Avenida Brasil-BR-174, Avenida Venezuela e Avenida das Guianas) e XVI. o Viaduto Pery Lago (primeiro da cidade).

Figura 31 – Figuras que representam os Pontos Nodais fora do centro de Boa Vista.





Fonte: Prefeitura Municipal de Boa Vista (2021).

## Marcos

Para Lynch (2011), os marcos são outro tipo de referência, mas, nesse caso, o observador não consegue entrar/penetrar neles (como o que ocorre com os pontos nodais); assim, são externos. Em geral, são objetos físicos definidos de maneira muito simples: fachadas de edifícios e lojas, sinais ou elementos naturais, como montanhas. Seu uso implica a escolha de um elemento a partir de um conjunto de possibilidades.

Alguns marcos são distantes, tipicamente vistos de muitos ângulos e distâncias, acima do ponto mais alto de elementos menores e usados como referências radiais. Nesse sentido, podemos citar, no contexto de Boa Vista, a Serra Grande e a antena da Embratel (que é visível em grande parte do território da cidade). O mirante Edileuza Lóz, citado anteriormente, também pode ser considerado um marco na medida em que se configura como um ponto de referência na cidade; é, também, um ponto nodal, uma vez que permite que o observador adentre em seu espaço.

Figura 32 - Ponte dos Macuxi com vista da Serra Grande (Boa Vista).



Fonte: Prefeitura Municipal de Boa Vista (2021)

Figura 33 - Torre da Embratel.



Fonte: Prefeitura Municipal de Boa Vista (2021)

Segundo Lynch (2011), os marcos podem estar dentro da cidade ou a uma distância tal que, para todos os fins, simbolizam uma direção constante. Isso é o que acontece com a Serra Grande (visível acima das edificações da cidade) e, também, com o Monte Roraima, que, por mais que não seja visível dentro do espaço urbano de Boa Vista, representa o grande marco referencial e identitário da população roraimense como um todo.

Figura 34 - Monte Roraima.



Fonte: Governo de Roraima (2019, n.p.).

Lynch (2011) também cita, como exemplos de marcos, as torres isoladas, as cúpulas douradas, as grandes montanhas, entre outros. Cita, inclusive, como um grande marco natural, o Sol, cujo movimento é suficientemente lento e regular. Outros marcos são basicamente locais, sendo visíveis apenas em lugares restritos e a partir de uma certa proximidade. São eles os inúmeros anúncios e sinais, fachadas de lojas, árvores, maçanetas de portas e outros detalhes urbanos que preenchem a imagem da maioria dos observadores.

Inferimos, nesse ponto, um curioso marco natural da cidade de Boa Vista: a Mangueira da Av. Ataíde Teive. Todo o processo de urbanização seguiu seu curso sem que essa árvore fosse retirada, sendo ela, até hoje, um ponto de referência para o comércio local.

Figura 35 – a) Mangueira da Ataíde Teive antes do asfaltamento e, b) atualmente, com as luzes de Natal.



Fonte: Ramalho; Rodrigues (2021)

Para Lynch (2011), todos esses tipos de marcos são, geralmente, usados como indicadores de identidade ou, até, de estrutura, bem como parecem se tornar mais confiáveis à medida que um trajeto vai ficando cada vez mais conhecido.

No que concerne aos marcos, Souza (2015) assevera que, na área do Plano urbanístico de Boa Vista (Centro) e adjacências, os marcos são divididos por setores, sobressaindo-se, no entorno da Praça do Centro Cívico, os edifícios dos poderes executivo, legislativo e judiciário. Para o autor, as edificações que contornam a praça tornam-se marcos devido às diferenças entre cada edifício, servindo como referências

visuais horizontais para o reconhecimento das avenidas principais, já que cada avenida possui um edifício como referência visual.

Em sentido horário, encontramos os seguintes prédios: I. o Hotel Aipana Palace (antigo Boa Vista, estatal), II. a Catedral Cristo Redentor, III. o Fórum Sobral Pinto, IV. o Banco do Brasil, V. o terreno onde ficava a “Secretaria Estadual da Educação” (atualmente demolido), VI. o Terminal Luiz Canuto Chaves, VII. a Secretaria da Fazenda Federal, VIII. o Tribunal de Justiça, IX. a Assembléia Legislativa, X. os Correios, XI. o Palácio da Cultura Nenê Macaggi e XII. a sede do Banco da Amazônia, todos ladeando o XIII. Palácio do Governo Hélio Campos (MARTINS, 2010).

Figura 36 - Arquitetura na órbita do centro-cívico de Boa Vista.





Fonte: Acervo pessoal



Figura 37 - Palácio Hélio Campos - Governo de Roraima.



Fonte: Conexão Roraima (2019)

Um dos espaços públicos mais utilizados em Boa Vista é a conhecida Praça das Águas, que pode ser considerada como um excelente exemplo de ponto nodal da cidade, bastante frequentada pela população boa-vistense e pelos turistas que visitam a cidade, situada ao longo da larga via Êne Garcez. Nessa praça, está instalado o Portal do Milênio, monumento central que se constitui em um marco visual de referência em Boa Vista. Um dos elementos, também importante, dentro da proposta do plano urbanístico era integrar o *boulevard* da avenida Êne Garcez dos Reis até o aeroporto, estabelecendo uma conexão direta, próxima ao núcleo administrativo (SOUZA, 2015).

Figura 38 - Portal do Milênio.



Fonte: Prefeitura Municipal de Boa Vista (2021).

Em nossa análise, ainda dentro da área central do plano urbanístico, há uma série de monumentos que podem ser considerados Marcos da cidade, uma vez que evocam nas pessoas questões identitárias. No Centro Cívico, encontramos os seguintes marcos: I. Monumento ao Garimpeiro, que, além de marco, pode ser considerado como mais um exemplo de ponto nodal da cidade, pois se situa no centro dessa praça, de forma que o observador pode adentrar seu espaço, ao redor de um espelho d'água; II. Coreto, cujo espaço remete a duas homenagens a Raimundo Soares, o “Marreta” e ao Memorial Internacional ao indígena Macuxi Ovelário Tames; III. Monumento à Bíblia; e IV. Monumento ao CAN (Correio Aéreo Nacional).

Figura 39 - Monumentos na praça do Centro-cívico.

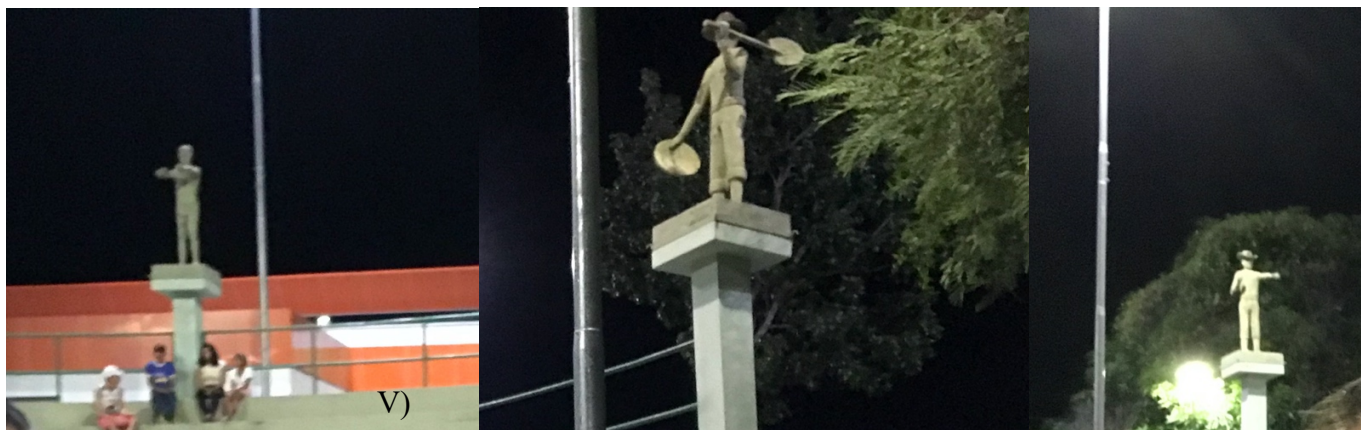


Fonte: Acervo pessoal

No complexo Ayrton Senna de praças, mais especificamente na Praça da Cultura, encontramos: V. o Monumento aos Três Pioneiros (1992) – Índio, Fazendeiro,

Garimpeiro, e, no final do complexo, VI. o monumento de uma Pirâmide, em alusão ao esoterismo.

Figura 40 - Monumentos no complexo Ayrton Senna.



Fonte: Acervo pessoal.

Na praça Barreto Leite, às margens do Rio Branco, na Orla Taumanan podemos encontrar o VII. Monumento do Veleiro – Primeiro Monumento aos pioneiros (1975), VIII. o novo Monumento aos pioneiros de Roraima (1995), além dos prédios tombados que marcam a história e o início da cidade como IX. o prédio do Bar meu cantinho – Sede

da antiga Fazenda Boa Vista, X. a Igreja Matriz de Boa Vista, XI. O prédio restaurado da  
intendência e a XII. A residência da família Brasil.

Figura 41 – Monumentos e Patrimônios do núcleo inicial da cidade de Boa Vista.



Fonte: Acervo pessoal

Saindo da Praça Barreto Leite, caminhando pelo Centro histórico de Boa Vista, entre outros prédios, tombados ou não, encontramos: XIII. a Prelazia, a XIV. Casa das 12 portas e XV. a Casa da cultura.

Figura 42 - Prédios históricos - Centro de Boa Vista.



Fonte: Acervo pessoal

Esses e outros marcos, referenciais e arquitetônicos, que não foram citados, resistiram às rugosidades do tempo e permanecem compondo a paisagem urbana dessa cidade. Alguns deles, restaurados; outros em processo de restauração; e alguns, infelizmente, abandonados. Fato é que todos eles são marcos que identificam a história, a sociedade e a identidade do povo de Boa Vista.

Finalizando esse capítulo, comungamos com o pensamento de Lynch (2011, p. 2) de que “a cidade não é apenas um objeto percebido e talvez desfrutado por milhões de pessoas de classes sociais e características extremamente diversas, mas também o produto de muitos construtores que por razões próprias nunca deixam de modificar sua estrutura”. Se, em linhas gerais, ela pode ser estável por algum tempo, por outro lado, está sempre se modificando, nos detalhes; só um controle parcial pode ser exercido sobre seu crescimento e sob sua forma não há resultado final, mas apenas uma contínua sucessão de fases.

Buscamos, portanto, neste capítulo, apresentar breves apontamentos acerca das principais fases pelas quais esse espaço urbano passou. Uma história, sobretudo, de disputa de espaços, intensificada por uma presença colonizadora e militar, em busca de uma constante garantia de soberania. Nessa trama, repleta de migrações, uma identidade social, em processo constante de mutação, é característica da população que aqui nasceu, ou que escolheu Boa Vista como seu lar.

Uma vez que apresentamos esse panorama da cidade, enquanto espaço físico dentro de um sistema complexo de relações, é interessante citarmos que, para além da cidade enquanto entidade física, seus cidadãos são peças fundamentais desse sistema. Lynch (2011, p. 1) aponta que “cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados”. Nesse sentido, na sequência desse panorama que objetivou introduzir essa Boa Vista com seus dados oficiais, suas tramas, marcos e representações ao longo do tempo, trataremos de algumas possibilidades metodológicas que se centram no estudo das cidades, com foco na coletividade cidadã que vive e usa o espaço urbano investigado – por meio de metodologias de trabalho com imaginários urbanos.

Portanto, no próximo capítulo, nos debruçaremos a apresentar os principais conceitos desses imaginários com foco no método de Silva (2001, 2006 e 2014), em diálogo com outros autores que também investigam os estudos de imaginários cidadãos, para que, então, finalmente, possamos nos centrar na adaptação metodológica proposta por nossa pesquisa, em que coletaremos, analisaremos e interpretaremos os imaginários urbanos da teia social de Boa Vista.

## CAPÍTULO II – IMAGINÁRIOS URBANOS

### 2.1 O encontro com os imaginários urbanos

Neste capítulo, desafiemo-nos a apresentar os principais conceitos e elementos que compõem os estudos das cidades, em especial, aqueles que são considerados pela metodologia de trabalho com Imaginários Urbanos, presentes nas obras do Professor Dr. Armando Silva, em projetos coordenados por ele, ou por autores que apresentam visões complementares à sua teoria, como, por exemplo, Lucrécia Ferrara. Em resumo, essa escolha se justifica por tratarmos de uma metodologia de trabalho largamente aplicada, uma vez que, por quase trinta anos de desenvolvimento, o macroprojeto de Silva (2001), *Cidades Imaginadas*, já foi testado e aplicado em diversas cidades da América-Latina, América-Central, Espanha e em comunidades latino-americanas espalhadas pelo mundo. Atualmente (2021-2022) reformulado, encontra-se em fase de realização o projeto “*ciudades y comunidades imaginadas latinas en la era digital*<sup>33</sup>” – Cidades e comunidades Latinas Imaginadas na era digital, previsto para acontecer simultaneamente em 86 cidades em todo o mundo, sendo que 42 delas já estão em fase de aplicação dos questionários.

Esse encontro, que aqui estamos relatando, se inicia através do primeiro contato com a obra *Imaginários Urbanos*, Silva (2001), resultado de uma grande pesquisa realizada pelo autor nas cidades de Bogotá e São Paulo, na década de 1990. Deparamo-nos, portanto, através do encontro com essa metodologia, com a possibilidade de ela funcionar como suporte inicial para analisar as questões que afetam o urbano e o cidadão na cidade de Boa Vista, como fomos apontando em nosso trabalho até esse momento e que será ampliado a partir do entendimento do espaço social e das percepções coletivas que coletaremos em nossa tese. Foi por intermédio dessa leitura primeira que sistematizamos o anteprojeto dessa investigação e que conseqüentemente os caminhos

---

<sup>33</sup> “Cidades e comunidades latinas imaginadas na era digital” é uma nova fase do projeto de pesquisa “Imaginários Urbanos” realizado na América do Sul, América Central e Espanha, cujo objetivo foi captar, a partir de uma antropologia do desejo cidadão, os modos de ser urbano em diferentes cidades que foram estudadas de forma comparativa, inicialmente, entre os anos de 1998 e 2005, mostrando que sua metodologia poderia ser útil para responder à compreensão dos fenômenos urbanos contemporâneos independentemente de sua localidade geográfica.

dessa tese encontraram os caminhos do projeto, já em curso desde 2017, “Brasília Imaginada: a cidade representada por meio dos seus processos simbólicos<sup>34</sup>”.

Além desse encontro com as obras de Silva (2001, 2006 e 2014), compreender os principais conceitos e teorias nas quais os elementos dos imaginários urbanos têm sua gênese (Espaço Social, Tecido Urbano, Percepção e Território) é crucial para procedermos com a apresentação da Metodologia dos Imaginários Urbanos e para a busca pela representação social da Boa Vista imaginada. A discussão do espaço para além dos limites territoriais tem tomado as Ciências Sociais e tem recebido grande atenção, estendendo-se para além do campo da Geografia. Na essência, isso está ligado aos processos combinados de urbanização e globalização: novas geografias se desenvolveram em todas as escalas. Essas novas configurações espaço-temporais que determinam o nosso mundo clamam por novos conceitos de espaço correspondentes às condições sociais contemporâneas, e os imaginários vêm atuando nesse sentido ao se mostrarem promissores por meio dos resultados das pesquisas já realizadas.

Portanto, para que possamos ter uma base conceitual de apoio na construção metodológica desta tese, apresentamos, a seguir, a divisão em subcapítulos desse panorama de estudo sobre a cidade e os imaginários urbanos: 2.2. Teorias e conceitos; 2.3. Da Cidade Vista à Imaginada – em que apresentamos os elementos dos imaginários urbanos; e, por fim, 2.4. Da teoria à prática – em que apresentamos, na prática, algumas experimentações adaptadas da metodologia de trabalho com os imaginários urbanos.

## 2.2 Teorias e conceitos

Ao iniciarmos um texto cujo centro do debate é a Cidade, logo pensamos em uma rápida definição de cidade como uma área urbanizada, que inclui uma determinada população e que pode variar entre poucas centenas até dezenas de milhões de habitantes. Ou, buscando termos mais técnicos, designa uma dada entidade político-administrativa urbanizada que concentra ofertas de serviços culturais, religiosos, de infraestrutura ou consumo e que reúne os mais diversos fluxos e atividades humanas.

É fato que a cidade contemporânea é palco de diversas transformações, tanto físicas como sociais, em um sistema complexo de alterações, trocas, apagamentos e construções

---

<sup>34</sup> Projeto de pesquisa cuja coordenadora é a Profa. Dra. Daniela Garrossini, orientadora desta tese de doutorado. O autor desta tese também é participante e membro da coordenação dessa investigação iniciada em 2017, ainda em curso (previsão de encerramento em 2022).



sociais da realidade, em que o ser humano é o personagem central dessa trama que se conecta a este espaço transformando em realidade os seus sonhos do que é viver. Essa trama urbana vai sendo configurada através de processos culturais – e o fator **tempo** é tão importante quanto **sujeito e cidade** ao tratarmos do espaço urbano, pois, para olhar, enxergar e captar essa cidade sem as lentes opacas que a vida contemporânea nos impõe, é preciso contextualizar o tempo nos estudos de uma urbe. Logo, as rotinas cidadãs e os ritmos acabam nos condicionando a um olhar efêmero, fugaz, que cada vez mais afeta nossos modos de se relacionar com o espaço urbano e, conseqüentemente, nossa vida em sociedade.

O olhar e não ver, o experimentar os contextos diários e não os sentir, talvez por estarmos “acostumados” ou “anestesiados” nos percursos experimentados no cotidiano, podem levar os atores de uma urbe a uma não reflexão sobre os espaços que ocupam e, conseqüentemente, a se adaptarem às fantasmagorias de um ou outro lugar, perdendo o potencial das afecções que a cidade traz. É a cidade que é construída no coletivo e na qual deixamos, a cada segundo vivido, uma herança.

Nós, enquanto parte desse sistema complexo de relações, possuímos o direito sobre a reivindicação de novas possibilidades, em um mundo repleto de regras pré-estabelecidas. O direito de “produzir um espaço”, por exemplo, ultrapassa e transcende a vivência em um mundo previamente estruturado e organizado espacialmente, o que significa reconstruir relações no espaço e no tempo, que decorrem de recursos de comunicação e regras territoriais.

Esse tempo é o grande narrador histórico e geopolítico. Assim, para se compreender uma nova urbanidade, na qual se concretizam várias maneiras de ser cidadão, incluímos mais uma condição: a de mediação entre as experiências com o urbano por uma perspectiva cidadã.

Deveríamos, todos e cada um de nós, ter o direito de explorar de maneiras criativas a relação com a natureza e as possibilidades transformadoras inerentes ao ser de nossa espécie. Isso se traduz no direito de explorar a possibilidade de diferentes combinações dos itens de nosso repertório evolutivo – as capacidades de cooperação, de diversificação, de competição, a produção da natureza e das diferentes dimensionalidades do espaço e do tempo (HARVEY, 2000, p. 332).

É com base nesse direito de atuar como agente transformador do espaço que recorreremos à busca pela **cidade imaginada**. Em suma, as cidades imaginadas são entendidas como expressividades grupais, com seus modos singulares de ser e, desse

modo, no convívio com seu sentido de estar em público. Logo, os estudos sobre os imaginários se dedicam a entender de que forma construímos e arquivamos na memória individual e pública desde nossos desejos e percepções sociais até nosso modo grupal de ver, de viver, de habitar e desabitar nosso mundo. O imaginário, então, tem um efeito social real (SILVA, 2014).

Antes de nos aprofundarmos na questão da cidade imaginada, é preciso primeiro tratar de questões fundamentais no que diz respeito ao lugar onde se opera esse imaginário. Encontramos, então, em Merleau-Ponty (1962), uma teoria baseada nos conceitos básicos de “espaço”, “tempo” e “mundo vivido” em sua fenomenologia da Percepção. Recorrendo a ela, descobrimos uma diferença entre o que chama de mundo vivido e mundo percebido, além do pensamento de que, por um lado, a ciência se refere a uma experiência de mundo (ao mundo vivido) sem a qual os símbolos da ciência não teriam nenhum sentido e de que, por outro lado, a ciência seria uma determinação e uma explicação de um mundo percebido (MERLEAU-PONTY, 1962).

Todavia, Merleau-Ponty ainda distingue o espaço físico construído pela percepção, conceitualmente compreendido desse espaço vivido: o espaço mítico, o espaço dos sonhos, da esquizofrenia e da arte. Este último estaria implicado na relação entre o sujeito e o mundo ao seu redor, sendo ele agrupado na corporeidade desse sujeito (MERLEAU-PONTY, 1962, p. 243-244 e 291).

Ainda sobre esse espaço vivido, mítico, não-espaço ou espaço imaginado, podemos recorrer a teoria de Lefebvre (1991) acerca da produção do espaço, mas não sem antes tratarmos de uma de suas fontes acerca do viver e morar. Nesse sentido, inferimos que essa teoria de Lefebvre é baseada, entre outros autores, em Bachelard, especialmente, acerca da sua Poética do Espaço, e em sua análise fenomenológica sobre o vivido, cujo grande projeto é o de esquematizar uma fenomenologia da imaginação baseada em imagens poéticas de um espaço feliz (SCHMID, 2012).

Vinculado a seu valor de proteção, que pode ser positivo, existem também os valores imaginados que logo tornam-se dominantes. Esse espaço que foi apreendido pela imaginação não pode permanecer indiferente, sujeito às medidas e estimativas de seu investigador. Ele foi vivido, não na sua positividade, mas com toda a parcialidade da imaginação (BACHELARD, 1969, p. 31-32).

Não obstante, apontamos aqui uma primeira diferenciação entre o que podemos chamar de um aspecto “real” (ou material) do espaço e um aspecto “vivido” (imaginado),

por meio da qual fica claro que ambos os aspectos poderiam evocar um único e mesmo “espaço”.

Esse espaço, intitulado de *feliz* por Bachelard (1969), não pode ser caracterizado apenas como um espaço imaginado ou vivido, uma vez que ele corresponde também às questões da prática espacial, que envolvem, portanto, cidadãos desse espaço. Logo, podemos compreender que espaço social é um produto social. Sendo assim, é preciso primeiramente romper com a ideia generalizada que fazemos do espaço, comumente imaginado como uma realidade material autônoma, para compreendermos o que Lefebvre (1991) defende como a produção do espaço.

Ao invés dessa visão geral de espaço, autônomo ou que existe em si mesmo, esse autor defende um conceito de produção do espaço propondo uma teoria que compreende o espaço interligado à realidade social. Logo, podemos compreender que o espaço em si mesmo nunca poderá servir como um ponto de partida epistemológico, uma vez que ele não pode existir em si mesmo, ele é produzido.

Ele considera o espaço e o tempo, elementos centrais para a sua teoria, juntamente da sociedade, com seus pensamentos, ideologias, sensibilidades e imaginação. Assim, cidadãos (sociedade) se relacionam dentro de um espaço temporal com suas atividades e práticas, aproximando esse autor de um conceito que relaciona espaço (simultaneidade), realidade social e tempo, ou seja, o processo histórico da produção social. Dentro dessa perspectiva, espaço e tempo não são apenas fatores materiais nem tampouco reduzidos ao *status* de conceitos, mas, sim, aspectos integrais da prática social. A partir dessas suposições é que Lefebvre (1991) constrói sua teoria do espaço social e do tempo.

Uma vez compreendido que espaço e tempo são produtos sociais e pré-requisitos para a produção social, esse autor infere que ambos não podem existir de maneira global. Pois, uma vez que eles são produzidos socialmente, só podem ser compreendidos dentro do contexto específico de uma sociedade. Ele assevera que espaço e tempo não são fatores apenas relacionais, mas fundamentalmente históricos, o que demanda, portanto, uma análise da produção do espaço que deve considerar as constelações sociais, relações de poder e conflitos relevantes em cada situação (SCHMID, 2012).

Dessa forma, o espaço deve ser compreendido como um sistema complexo de relações que são produzidas e reproduzidas consecutivamente. O elemento de análise da produção do espaço é, portanto, o processo ativo de produção que acontece dentro de um determinado tempo. O espaço não pode ser considerado como pronto, mas, sim, continuamente produzido, fato que está diretamente ligado com o fator tempo.

A teoria da produção do espaço de Lefebvre (1991) é, portanto, singular no que concerne aos estudos das cidades, uma vez que permite a compreensão e análise dos processos espaciais, sobretudo dentro de determinado contexto, como em um sistema complexo. Logo, ela integra sistematicamente as categorias cidade e espaço em uma única e abrangente teoria social.

Assim, Lefebvre (1991) assevera que a atividade no espaço estabelece um sistema que corresponde ao sistema de palavras (teoria da linguagem). A partir desta perspectiva, a análise tridimensional da **produção do espaço** aparece como se segue:

**Prática espacial:** este conceito designa a dimensão material da atividade e interação sociais. A classificação espacial significa focar no aspecto da simultaneidade das atividades. A prática espacial, em analogia com a dimensão sintagmática da linguagem, denota o sistema resultante da articulação e conexão de elementos ou atividades. Em termos concretos, poder-se-ia pensar como as redes de interação e comunicação se erguem na vida cotidiana (ex. a conexão diária entre casa e o local de trabalho) ou no processo de produção (relações de produção e troca).

**A representação do espaço:** representações do espaço dão uma imagem e desta forma também definem o espaço. Análoga à dimensão paradigmática da linguagem, uma representação espacial pode ser substituída por outra que mostre similaridades em alguns aspectos e diferenças em outros. Representações do espaço emergem ao nível do discurso, da fala como tal e, conseqüentemente, encerram formas verbalizadas tais como: descrições, definições e especialmente teorias (científicas) do espaço. Ademais, Lefebvre considera mapas e plantas, informação em fotos e signos dentre as representações do espaço. As disciplinas especializadas envolvidas com a produção dessas representações são a arquitetura e o planejamento e também as ciências sociais (e aqui, a geografia é de especial importância).

**Espaços de representação:** a terceira dimensão da produção do espaço é definida por Lefebvre como a inversão (terminológica) da “representação do espaço”. Trata-se da dimensão simbólica do espaço. De acordo com isso, espaços de representação não se referem aos espaços propriamente, mas a algo mais: um poder divino, o logos, o Estado, o princípio masculino e feminino e outros. Esta dimensão da produção do espaço refere-se ao processo de significação que se conecta a um símbolo (material). Os símbolos do espaço poderiam ser tomados da natureza como as árvores ou formações topográficas proeminentes, ou eles poderiam ser artefatos, prédios e monumentos; eles poderiam também se desenvolver a partir da combinação de ambos, como, por exemplo, as “paisagens” (SCHMID, 2012, p. 11, **grifos nossos**).

Como podemos observar, Lefebvre (1991) descreve o espaço social relacionado a uma tridimensionalidade ou três dimensões: *o espaço social*, advindo da prática, uma espécie de teia de atividades ou interações conectadas sob uma base material ou um

ambiente construído; na *representação do espaço*, encontramos a prática espacial demarcada linguisticamente, uma forma de representação que serve de base para processos de comunicação e bússola do espaço; e, na terceira, *espaços de representação*, temos um simbolismo espacial desenvolvido que expressa e evoca regras, valores e experiências sociais.

O fenômeno urbano estende-se sobre uma grande parte do território e a um processo induzido que Lefebvre (2011, p. 18) chama de "implosão-explosão" da cidade. Esse território está encerrado num tecido urbano cada vez mais fechado, não sem diferenciações locais e sem ampliação da divisão (técnica e social) do trabalho para as regiões, aglomerações e cidades.

Ao mesmo tempo, nesse tecido, as concentrações urbanas tomam proporções gigantescas; logo, as populações se acumulam atingindo densidades preocupantes (por unidade de superfície ou de habitação). Ao mesmo tempo, ainda, muitos núcleos urbanos antigos se deterioram ou explodem, conseqüentemente, as pessoas se movem para periferias distantes, residenciais ou produtivas. Escritórios substituem os apartamentos nos centros urbanos. O autor cita que, às vezes, os centros acabam tornando-se guetos para os pobres e, em outros casos, os mais abastados conservam fortes posições de disputa nos corações de cidades, como por exemplo ao redor do Central Park, em Nova Iorque. (LEFEBVRE, 2011).

Enfim, a metáfora de tecido urbano é mais do que meramente a de um tecido jogado sobre determinado território; essas palavras indicam uma espécie de proliferação biológica e uma espécie de rede de malhas desiguais, que deixam escapar setores mais ou menos amplos: lugarejos, aldeias e até mesmo regiões inteiras.

Colocando esse fenômeno em distintas perspectivas: a) a partir dos campos e b) a partir das cidades, observa-se o seguinte:

a) Movimento de concentração populacional em cidades pequenos ou grandes, suas relações de propriedade, exploração, comércio e em um processo de que resulta ao mesmo tempo no despovoamento e na "descamponização" das aldeias que permanecem rurais, perdendo aquilo que constituía a antiga vida camponesa: artesanato, pequeno comércio local. Os antigos "gêneros de vida" caem no folclore.

b) Ampliação generalizada das periferias e com esse aumento populacional a conseqüente ampliação de redes bancárias, comerciais, habitacionais etc.

Através dessas observações que relacionam o êxodo rural/vilarejo x urbano e periferia x centro, Lefebvre chega à seguinte definição da metáfora desse fenômeno chamado tecido urbano:

o tecido urbano pode ser descrito utilizando o conceito de ecossistema, unidade coerente constituída ao redor de uma ou de várias cidades, antigas ou recentes. Semelhante descrição corre o risco de deixar escapar o essencial. Com efeito, o interesse do "tecido urbano" não se limita à sua morfologia. Ele é o suporte de um "modo de viver" mais ou menos intenso ou degradado: a sociedade urbana. Na base econômica do "tecido urbano" aparecem fenômenos de uma outra ordem, num outro nível, o da vida social e "cultural" (LEFEBVRE, 2011, p. 19).

Trazidas pelo fenômeno do tecido urbano, sociedade e vida urbana penetram também nos campos, admitindo, todavia, os sistemas de objetos (água, luz, carro etc.) e os sistemas de valores (danças, canções, costumes da cidade), além das preocupações da vida urbana com a segurança e com as futuras perspectivas territoriais. Compreendemos, com isso, que o tecido urbano oferece suporte aos modos de vida dentro de uma determinada urbanidade.

A configuração única do tecido urbano de cada cidade, permite, assim, a emergência de diferentes modos de viver, acarretando experiências urbanas únicas. Entende-se que, ao oferecer tal suporte às diversas e orgânicas formas de vida que nele existem, esse tecido também pode ser descrito como um ecossistema urbano, trazendo, portanto, um grande potencial de observação de trocas culturais dos modos de viver urbanos.

Segundo Lefebvre (2011, p. 19) “o ecossistema urbano dá vida, de forma distinta, à sociedade urbana [...] As bases econômicas da sociedade urbana possibilitam a emergência de fenômenos da vida social e cultural que se penetram no tecido urbano através de seus sistemas de objetos e valores”. Esses sistemas, já citados anteriormente, são pertencentes a essa sociedade ou teia social e passam por transformações em conjunto com o ecossistema urbano.

As estruturas urbanas ou território idealizado dentro de um ecossistema são consideradas, por Silva (2001), como uma consequência da vivência cotidiana (território vivido) de sua teia social, uma vez que a teia social é o principal agente de renovação e modificação das dinâmicas espaciais. Dessa forma, podemos confluir que teia social – Cidadão (Silva, 2001) e sociedade urbana – Cidade (Lefebvre, 2011) podem ser apontadas como estruturas simbólicas vivas e interdependentes que não podem existir isoladas, uma

vez que a vivência do cidadão constrói a cidade, assim como a cidade constrói a vivência do cidadão (NERY, em preparação).

Na teoria, o conceito da cidade (da realidade urbana) compõe-se de fatos, de representações e de imagens emprestadas à cidade antiga (pré industrial, pré-capitalista) mas em curso de transformação e de nova elaboração. Na prática, o núcleo urbano (parte essencial da imagem e do conceito da cidade) está rachando, e no entanto consegue se manter; transbordando, freqüentemente deteriorado, às vezes apodrecendo, o núcleo urbano não desaparece (LEFEBVRE, 2011, p.20).

Além da linguagem, Lefebvre (1991) também adverte uma passagem às três dimensões da produção do espaço a partir dos conceitos trazidos da fenomenologia francesa: percebido (*perçu*), de concebido (*conçu*) e de vivido (*vécu*). Uma tríade que é ao mesmo tempo individual e social, e que se constitui tanto da autoprodução do homem como também da sociedade. Todos os três conceitos indicam processos ativos tanto individuais, como sociais, ao mesmo tempo, conforme a divisão a seguir:

**Espaço percebido:** o espaço tem um aspecto perceptível que pode ser apreendido por meio dos sentidos. Essa percepção constitui um componente integral de toda prática social. Ela compreende tudo que se apresenta aos sentidos; não somente a visão, mas a audição, o olfato, o tato e o paladar. Esse aspecto sensualmente perceptivo do espaço relaciona-se diretamente com a materialidade dos “elementos” que constituem o “espaço”.

**Espaço concebido:** o espaço não pode ser percebido enquanto tal sem ter sido concebido previamente em pensamento. A junção de elementos para formar um “todo” que é então considerado ou designado como espaço presume um ato de pensamento que é ligado à produção do conhecimento.

**Espaço vivido:** a terceira dimensão da produção do espaço é a experiência vivida do espaço. Essa dimensão significa o mundo assim como ele é experimentado pelos seres humanos na prática de sua vida cotidiana. Neste ponto, Lefebvre é inequívoco: o vivido, a experiência prática, não se deixa exaurir pela análise teórica. Sempre permanece um excedente, um remanescente, o indizível, o que não é passível de análise apesar de ser o mais valioso resíduo, que só pode ser expresso por meio de meios artísticos (SCHMID, 2012, p. 14).

Esse segundo aspecto apontado por Lefebvre (1991), de espaço concebido, que, antes, precisa existir em pensamento, integrado à produção de conhecimento, pode ser encontrado na obra de Bachelard, que o exemplifica a partir de um espaço (gaveta de um guarda-roupas), que, por princípio, deve ser imaginado: “uma gaveta vazia é inimaginável. Ela pode apenas ser pensada. E para nós que temos que descrever o que imaginamos antes daquilo que conhecemos, o que sonhamos antes do que verificamos, todos os guarda-roupas estão cheios” (BACHELARD, 1969, p. 33-34).

Podemos dizer que existem três momentos centrais na teoria da produção do espaço: o primeiro, voltado à produção material; o segundo, voltado à produção de conhecimento; e o terceiro, com a produção de significados. Dessa forma, a teoria de Lefebvre (1991) não reside no espaço em si, nem tampouco no ordenamento da materialidade dentro do espaço. Devemos, portanto, compreendê-lo em um sentido ativo, ou seja, como uma complexa rede de relações que é produzida e reproduzida continuamente. Ela deve ser entendida em um sentido ativo como uma complexa rede de relações que é produzida e reproduzida continuamente (SCHMID, 2012).

O objeto da análise (espaço) é, conseqüentemente, o processo ativo de produção que acontece no tempo. O autor destaca ainda que, através de distintas problemáticas, vivenciamos o que Lefebvre (2011) chamou de uma crise teórica e prática da cidade. Complementar a essas crises de fatos e representações relacionados ao espaço da cidade, Canclini (2010) argumenta que as cidades não podem ser resumidas apenas aos fenômenos físicos, enquanto modo de ocupar o espaço, mas, sim, a lugares onde ocorrem os fenômenos expressivos, os quais se tencionam com a racionalização da vida social. E conclui que todas as teorias que buscam uma definição para o que é ser urbano falharam em conseguir chegar a uma resposta unitária e satisfatória.

### 2.2.1 As três acepções dos Imaginários Urbanos

Aproximando-se desse universo do Urbanismo Cidadão, diretamente ligado à questão da vida social, é que traçamos uma aproximação dos conceitos até aqui trabalhados com o enfoque metodológico criado por Silva e descrito em suas obras (2001, 2006 e 2014), fruto de diversas experimentações e adaptações teórico-metodológicas relativas ao urbano com foco no cidadão que foram sendo feitas ao longo das três últimas décadas.

Muito embora os estudos desse autor já viessem se direcionando ao espaço da cidade, com foco em um novo urbanismo cidadão, podemos apontar como um ponto crucial de partida de sua teoria dos imaginários urbanos algumas investigações sobre as imagens urbanas qualificadas, com foco no estudo de imagens de grafite presentes na cidade de Bogotá. Nesse contexto, o autor se desdobrou na busca por um sistema de comunicação que lhe fosse próprio, diante de outros sistemas de imagens, como a publicidade ou o estudo das vitrines urbanas dessa cidade. Essas investigações o levaram até a primeira publicação de sua obra, “Imaginários urbanos”, em 1992, momento em que



já não era tão importante para o autor permanecer nessa busca por sistemas estruturais de comunicação cidadã a partir das imagens urbanas qualificadas, mas, sim, o processo de confluir uma antropologia dos desejos cidadãos para então deduzir a criação desse novo urbanismo, baseado mais nas intenções coletivas e psicológicas e em suas projeções sobre o uso e a evocação das Urbes pelo cidadão que usa e vive essas cidades (SILVA, 2006).

Logo, essa mesma evolução dos estudos dos imaginários urbanos marcou, também, o percurso de uma cidade estudada como inscrição visual (um grafite, uma vitrine) até outra não visível; nesse caso, inscrita nas paixões e emoções de seus habitantes e que se fizeram realidade a partir dos usos e maneiras de abordar sua vida cotidiana. Por isso mesmo, o enfoque de seus estudos preservou essas duas inscrições: a da marca física e a do desejo invisível. Poderíamos dizer, portanto, que, nesse caminhar metodológico, seus estudos passam de uma cidade vista a outra imaginada; entretanto, ambas convivem em nosso mesmo horizonte urbanístico.

Nesse sentido, Ferrara (2000) aponta que, ao ser proposto um estudo dos espaços urbanos, entendendo-se a cidade como veículo de informação “produtora e participante de textos não-verbais”, superamos a mera compreensão das organizações físicas dessa cidade. Segundo essa autora (2000, p. 118), tanto o termo “imagem da cidade” quanto o termo “imaginário urbano” são categorias de análise perceptivas não só “na cidade” como “da cidade”, visto que a qualificam.

Logo, imagem da cidade e imaginário urbano podem se relacionar à capacidade cognitiva da pessoa apreender, refletir e produzir informação (em todas as suas relações de interação e inter-relação) na cidade e sobre a cidade (GROSSI et al., 2020).

Nessa conjuntura, a imagem da cidade faria referência a alguma informação de significado único que expressa algo construído e concreto na cidade, ou seja, a imagem é palpável, identificável, descritiva e reconhecida.

Com relação ao imaginário da cidade, Ferrara (2000) aponta que ele corresponde à necessidade de os seres humanos produzirem conhecimentos por meio da multiplicação dos significados, atribuindo, portanto, significados aos significados, ou seja, a capacidade associativa de produzir diversas imagens a partir de uma imagem concreta.

Para alcançar essa nova maneira de abordar o urbano, que leva em consideração a cidade enquanto território físico e a informação codificada e interpretada por sua teia social, foi necessário o desenvolvimento de distintas metodologias de trabalho com técnicas de investigação específicas e de diferentes modos de proposição de ações criativas que conduziriam ao enriquecimento e fortalecimento dos processos coletivos de

identidades urbanas. Em nosso texto, nos atemos prioritariamente à metodologia de trabalho de Armando Silva por compreendermos que ela se aproxima mais das intenções de nossa pesquisa.

As técnicas de investigação elaboradas por Silva (2014) incluem a conformação de uma base de dados sobre percepções cidadãs, bem como a comparação desses resultados com estatísticas provenientes de fontes oficiais acerca dos mesmos temas da investigação subjetiva. Além disso, reúne uma coleta de imagens sobre os cidadãos no dia a dia de suas cidades, que circulam por distintos meios de comunicação massivos, além da busca por obras de ficção (livros, filmes, outros) que são assumidas como objetos de criações de determinada cidade. Criam-se, assim, marcos de referência sobre a cidade de estudo.

Adicionalmente a esse panorama de pesquisa acerca da cidade, Silva (2006) propôs o avanço em uma outra linha metodológica – a linha da criatividade: que implicou reconstruir as percepções cidadãs através de coleções de fotos sobre distintas atuações e imaginações cidadãs, além da elaboração de materiais audiovisuais para serem transmitidos em diversas mídias, como modos de intervir na cidade, uma estratégia denominada pelo autor de “representações paralelas<sup>35</sup>” no arquivamento dos cidadãos.

No desenvolvimento desse enfoque metodológico que busca compreender o urbano a partir do ponto de vista do cidadão, Silva (2006) vem contando com valiosas colaborações de outros pesquisadores e equipes de trabalho em diversas cidades onde já foram realizadas tais investigações dos imaginários e que lhe ajudaram a esclarecer e construir vários dos itinerários metodológicos que compõem o seu manual.

Ainda dentro da perspectiva de estudo que aborda o urbano a partir do cidadão, predomina uma ordem imaginária. Tratando dos conceitos fundamentais de sua teoria, Silva afirma o seguinte acerca do conceito de fantasmagoria urbana:

Sempre que um fantasma ronda pela cidade há uma ordem fantasiosa que marca um comportamento ou uma reação cidadã esses fantasmas circulam, se transformam e vivem o processo de urbanização. Os lugares dos imaginários são múltiplos tão amplos e variados como a imaginação. O imaginário se impõe, a princípio, como um conjunto de imagens e signos de objetos de pensamento cujo alcance, coerência e eficácia pode variar e cujos limites se redefinem sem cessar (2006, p. 17).

---

<sup>35</sup> Atualmente, as representações paralelas compõem a frente de metodologia visual nos imaginários urbanos.

Para estreitar esse conceito de um fantasma que assombra e afeta os cidadãos de uma determinada urbe, Silva (2006) refere-se, antes, a três grandes acepções dos imaginários e que foi construindo nesse processo de teorização urbana: 1. o imaginário associado à pregnância simbólica da linguagem; 2. O imaginário como inscrição psíquica e na perspectiva de uma lógica inconsistente; e 3. o imaginário enquanto construção social da realidade.

A própria imaginação simbólica (propriamente dita) é alcançada quando o significado não será possível com uma coisa específica como tal, uma palavra exata ou uma descrição única. A percepção urbana serve, então, como suporte teórico e metodológico para decodificar a cidade em questão e investigar seus aspectos subjetivos correlacionáveis aos seus sistemas físico-espaciais.

É claro que essa Percepção urbana, cujo conceito central provém da fenomenologia, é totalmente dependente do sujeito, ao levarmos em conta, por exemplo como um cidadão percebe uma imagem, uma paisagem ou um monumento, Lefebvre (1991, p. 113) assevera que “um camponês não enxerga “sua” paisagem da mesma forma que um morador da cidade desfruta um passeio por lá”. Todavia, a atitude de Lefebvre com relação à versão fenomenológica sobre a percepção é um tanto descrente. Dessa forma, ele a associa com o conceito de prática espacial para apontar que a percepção não incide apenas na mente, mas também repousa numa materialidade concreta e produzida (LEFEBVRE, 1991).

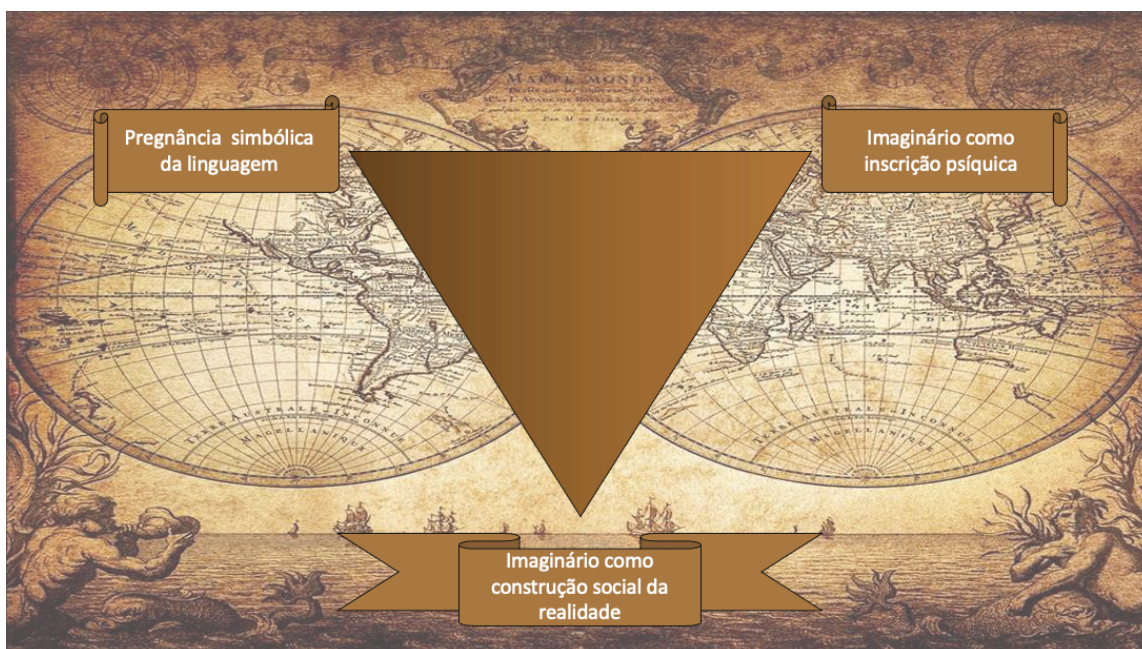
Neste panorama, perceber a cidade pode envolver diversos fatores, desde uma análise qualitativa de seus espaços físicos como também a busca pelo entendimento de como se dá o caráter da subjetividade dela, sejam eles culturais, simbólicos, históricos, sociais e estéticos até identificar as possíveis relações presentes entre os usuários e o espaço urbano, por meio de suas atividades, papel social (normas, características, comportamentos de grupos etc.), relações que interagem com os sistemas circunscritos a eles, bem como seus símbolos e significados presentes que levam a ultrapassar o entendimento convencional ou ambiental das cidades, para se compreender as relações pessoais e interpessoais, dinâmicas sociais e transformações físico-espaciais (BRONFENBRENNER, 1996).

Para Silva (2006), o que é reconhecido nesse espaço, mais do que uma coisa, vem a ser um sentido, ou muitos, que podem abarcar a expressão simbólica. Entretanto, diante das constantes modificações espaciais, funcionais, sociais e simbólicas das cidades,

compreendê-las para além de seus aspectos físicos é o primeiro passo para conhecer sua identidade presente nos contextos urbanos e como se dão suas transformações.

Antes de nos aprofundarmos nesse estreitamento dos conceitos dos imaginários enquanto 1. pregnância simbólica da linguagem, 2. inscrição psíquica na perspectiva de uma lógica inconsistente e 3. Construção social da realidade, abaixo apresentamos um esquema visual, que traduz essas três acepções dos imaginários:

Figura 43 - 3 Acepções dos imaginários.



Fonte: Silva (2006) adaptado pelo autor.

A expressão “pregnância simbólica”, de acordo com Silva (2006), foi apresentada para os estudos dos imaginários através da obra de Cassirer (1998), que a empregou para referir-se à impotência que condena o pensamento a não poder intuir algo sem deixar de relacioná-lo com um ou vários sentidos. Na consciência humana, essa pregnância é a consequência de que nada é simplesmente apresentado, e, sim, representado.

A partir dessa perspectiva da pregnância, o termo “imaginário” pode ser usado no sentido de invenção de algo, como, por exemplo, inventar uma novela ou até mesmo de colocar uma história no lugar de outra que seja verdadeira. Silva (2006) recorda o filósofo Castoriadis (1982) e suas explicações acerca da fusão do imaginário com o real ao enfatizar que, na história da humanidade, as imaginações fundamentais foram a origem de nossas ordens sociais. Cita como exemplo o caso de Deus, que, segundo ele, cumpre uma função social de acordo com os objetivos de uma sociedade. Poderíamos dizer, então, que inventamos Deus e, portanto, “Ele” nos constrói através da religião e da moral.

Assim, o imaginário (a invenção de Deus) afeta os modos de simbolizar daquilo que conhecemos como realidade, e essa atividade, portanto, se infiltra em todas as instâncias da nossa vida social.

Nas percepções sociais, a pregnância do inconsciente também tem efeito em várias manifestações, sobretudo se uma causalidade sintomática está presente, segundo a qual o efeito de uma circunstância social produz reações imprevisíveis ou imperceptíveis à simples compreensão consciente. Logo, é indispensável buscar os profundos motivos que a ocasionaram. Esse precedente da psicanálise, que marca a relação entre mente e corpo através de seus sintomas, não é estranha a um movimento na análise simbólica dos acontecimentos urbanos, no qual somos interessados a tornar explícitas as intenções sociais que, por meio de projeções grupais, aparecem na segmentação imaginária de um espaço e nas escrituras, discursos e representações que produzem seus efeitos – produtos dos imaginários urbanos.

O conceito de imaginário, enquanto “inscrição psíquica”, emerge da Psicanálise de Lacan (1976), que tratou de introduzir a noção de Lei<sup>36</sup> e proibição, que diz o seguinte:

É necessário distinguir, então, o princípio do sacrifício, que é simbólico (cultural) da função imaginária que nele está consagrado, mas que o vê, ao mesmo tempo, que lhe dá o seu instrumento. Na ausência de um objeto real sobre o qual determinar a proibição, o termo ‘significante imaginário’ é introduzido para impor (como representação) a proibição sobre os objetos (p. 163 *apud* SILVA, 2006, p. 18-19).

Ao questionar-se, então, sobre a lógica de situar os imaginários em sua condição de invenção e inscrição psíquica no espaço da cidade, Silva (2006, p. 19) aponta que: “Na percepção da cidade, há um processo de seleção e reconhecimento que vai construindo esse objeto simbólico e coletivo chamado cidade”. Declara que, em todo símbolo ou simbolismo, subsiste um componente imaginário e que esse procedimento corresponde a um caminho semelhante aceito, segundo as abordagens modernas, para qualquer reconstrução lógica das manifestações concebidas como inconscientes.

Recorremos novamente a Lefebvre (1966) que também tratou do conceito de símbolo e dos vários significados que podem ser atribuídos a ele no que concerne aos fatos e imaginários sociais. O autor indica que o símbolo pode associar-se ao conceito de signo matemático, enquanto também linguagem viva e vivida, carregado de imagens,

---

<sup>36</sup> Para nosso estudo a Lei [derivada da psicanálise], tem um sentido de cultura, da ordem simbólica e ela, introduz, portanto, a ideia de Proibição (SILVA, 2006, p. 18)

emoções, afetividade e conotações vitais a sua substancialidade, sua ambiguidade e sua complexidade enquanto também um símbolo (SCHIMID, 2012).

A vista disso, Lefebvre não almejou cair na irracionalidade e no misticismo, pelo contrário, ele se propôs a investigar o instintivo, emocional e também o irracional como fatos sociais. É neste sentido que ele expande seu interesse pelo símbolo e sua significância para os seres humanos em uma dada sociedade. Dessa maneira, o símbolo, penetra nas estruturas e ideologias sociais e atua como um pilar para a alegoria e o fetiche (SCHIMID, 2012).

Ele constitui, portanto, a base do imaginário social, que é diferente do imaginário individual. Conseqüentemente há também uma distinção clara entre a função filosófica do imaginário e a função social do símbolo já que os símbolos não são exauríveis. Deste modo, sua formalização não seria possível (LEFEBVRE, 1966, p. 258-269).

Por conseguinte, Silva (2006, p. 20) considera que as lógicas inconsistentes<sup>37</sup> – “que possuem uma feliz homofonia e referência com o inconsciente [...] que [...] não está suficientemente estruturado como Lei explícita” – correspondem, portanto, a lógicas de culturas textualizadas, e, nessa direção, a fantasmagoria urbana, já mencionada, participaria dessas lógicas. Assim, poderíamos compreender que o recorte imaginário proposto nos estudos das cidades pelo autor nos conduz a um fazer distinto ao do enfoque sociológico, baseado mais em evidências externas. Em nosso caso, estamos diante de acontecimentos apenas textualizados que antes constroem patrimônio de estruturas implícitas de intercomunicação social.

De acordo com Ferrara (1998), decodificar esse urbano e compreender sua lógica supõem o reconhecimento da sintaxe, do modo de formar que o identifica, da possibilidade de romper com a homogeneidade a fim de projetar elementos de predicação e qualificação. Logo, a autora afirma que a essa operação damos o nome de *percepção urbana* enquanto um modo de reter e gerar informação sobre a cidade, ou seja, percepção é informação (GROSSI et al., 2020).

Sustentamos, portanto, que a *percepção imaginária* corresponde a um nível superior de percepção social – terciário, ligado ao pensamento visual. Isso significa que,

---

<sup>37</sup> Nesse sentido de lógicas inconsistentes, o autor recorre à condução de certas premissas formuladas por Lotman (1969), acerca dos problemas de uma tipologia da cultura, mais especificamente quanto à sua divisão estabelecida entre culturas gramaticalizadas e textualizadas. As gramaticalizadas são aquelas regidas por sistemas de regras explícitas e manifestas, nelas evidencia-se a lei explícita como um código de direito enquanto nas textualizadas, que são estabelecidas por repertórios de exemplos e comportamentos, a própria sociedade, de modo implícito, gera não apenas suas leis, mas também as formas delas serem lidas.

nesse ponto, já passamos por duas instâncias anteriores. Em primeiro lugar, a percepção como registro visual, no caso de ver uma imagem para estudo, com independência de seu eventual observante e, em segundo, enquanto se estuda a imagem pelas marcas de leituras, segundo pontos de vista, que foram previstos pelo seu executor material, ou em outros níveis, seu enunciador.

A busca por esse nível terciário, em que a ordem do imaginário não depende de uma imagem, por estar além delas, fez que a metodologia de Silva (2006) evoluísse na busca de modos de construção desse pensamento social. Dessa forma, inicialmente o autor parte de um procedimento de confluência de processos sociais e avança até o que denominou de microprocessos imaginários, para averiguar não somente as percepções sociais macros, como, por exemplo, deduzir a cor de uma cidade ou a sensação de perigo como construção imaginária. Mas, também, examina tais temas urbanos em uma mínima escala qualificada de croquis urbanos, dividindo-a e setorizando ao máximo. Em outras palavras, avançou não somente para captar uma realidade urbana dominante para todo o território da cidade, mas intensificou o trabalho para compreendê-la em seus fenômenos isolados. Se começarmos por definir tais croquis cidadãos, ou seja, as percepções territoriais pelo ponto de vista cidadão, muitas vezes sem espaço geográfico, mas como expressão do lugar figurativo (às vezes narrativo) onde as circunstâncias da vida social são reveladas, o isolamento de certas microrrealidades continua.

Podem ser nomeados então de microprocessos imaginários aqueles objetos que a investigação dos imaginários pode captar a partir de um microuniverso, como se estivéssemos tratando de uma pesquisa em laboratório, para expor esses objetos, não com a rigidez de um dado obtido, mas unido de outras formas representativas de trazer à luz uma insígnia social, por onde se pode chegar a conclusões do restante ou de boa parte de uma determinada cultura urbana.

Com relação às projeções estatísticas, dentro da metodologia dos imaginários urbanos, digamos que uma rua se apresente como perigosa e numericamente seja a mais qualificada como tal, dentro de determinada cultura urbana; porém, se observarmos esse dado através de distintos “setores sociais”, podemos identificar que são os meios de comunicação os que mais a qualificam como tal. Assim, podemos observar esse dado segundo “pontos de vista gênero” e descobriremos que essa rua em questão pode ser perigosa para as mulheres e nada perigosa para os homens e daí, então, propor hipóteses sobre as associações ao perigo (nessa rua) de gênero feminino.

Como se pode ver por meio desse exemplo, esse grande e genérico croqui de **perigo na cidade** pode ser decomposto e fragmentado em detalhes que remetem mais concretamente a uma questão específica e quase imperceptível que foi inserida nas mentes dos cidadãos. Logo, os microprocessos imaginários, de acordo com Silva (2006), não são alcançados apenas pelo caminho das estatísticas. Também se utiliza a técnica de “observação contínua”, que consiste em acompanhar um fenômeno de maneira contínua e sistemática incluindo, inclusive, a coleta e utilização de fotos ou recortes de imprensa até chegar a alguma dedução significativa do fenômeno estudado. É intrínseca a essa abordagem combinar os resultados estatísticos (coleta de dados) com outras informações, tanto de dados oficiais como de criações visuais (representações paralelas).

Quando falamos dessa percepção imaginária, o fazemos não na medida em que sua percepção realista seja verificável (comprovável) ou não, nem na medida em que seja ou não uma mensagem: adiantada por seu enunciador, mas, sobretudo, no grau em que sua percepção é afetada pelos cruzamentos fantasiosos de sua construção social e recaem sobre a teia social de uma urbe, cujas operações buscamos captar através dos procedimentos metodológicos dos imaginários urbanos.

Traçando um paralelo acerca da imagem urbana enquanto uma fruição coletiva e o imaginário, que, para Ferrara (2000), é desencadeado pela solidão, essa autora complementa: “pelo imaginário, a imagem urbana de locais, monumentos, emblemas, espaços públicos ou privados passa a significar mais pela incorporação de significados extras e autônomos do que em relação à imagem básica que lhe deu origem” (FERRARA, 2000, p. 118).

Cabe ressaltar que a autora enfatiza a percepção da imagem da cidade como meio indispensável para a produção da identidade e dos significados urbanos; já Pinto (1995, p. 8) reconheceu os imaginários sociais como instância para falar sobre uma nova construção da realidade. Assim, os imaginários sociais seriam “aquelas representações coletivas que governam os sistemas de identificação social e que tornam visível a invisibilidade social”.

O acesso a esse campo, de acordo com Silva (2006), sempre se dá de forma indireta por uma ambiguidade constitutiva: não podemos interpretá-lo segundo a lógica de uma racionalidade específica, uma vez que não se identifica com o discurso ideológico ou dedutivo. Ao invés disso, tem a ver mais com cosmovisões, meta-histórias, mitologias e cosmologias; não se configura, portanto, como um arquétipo fundamental, mas como



forma de expressão transitória, como mecanismo indireto de produção social, como substância histórico-cultural.

Por isso, aparece como forma imaginária da relação social, mas não se constrói, como as imagens, pela inversão e esmaecimento do objeto, pois sua configuração tem mais a ver com os sonhos diurnos do que com os noturnos. Logo, está mais dirigido para o futuro do que para o passado (SILVA, 2006). Para Ferrara (2000), a percepção urbana pode ser entendida, sobretudo, como uma prática cultural que necessita de certa compreensão da cidade e se ampara no uso urbano e na imagem física da cidade, “a qual é formada por imagens de fragmentos habituais como a praça, o quarteirão, as ruas, entre outros elementos” (FERRARA, 1988, p. 3). A autora ainda propõe entender a “arquitetura como intervenção cultural por meio da forma e da qualidade do espaço, algo que vai muito além do simples desempenho projetivo” e, segundo ela, “entender a arquitetura como linguagem é assumi-la como instrumento de intervenção cultural; interação arquiteto e usuário, espaço e uso” (FERRARA, 2000, p. 158).

Assim como Silva, Ferrara também propõe um estudo da cidade que ultrapassa a percepção rotineira do usuário e que busca uma percepção sobre diversos ângulos incomuns na cidade, a fim de apreender seus signos, suas formas de se expressar e de se comunicar.

### 2.2.2 Lógica Triádica

Os imaginários, enquanto construção social da realidade, são consequências diretas de se compreender o imaginário, antes, como uma inscrição psíquica, pois é a partir daí que o ser humano é possuidor de uma lógica representativa. As profundas relações entre a estrutura linguística humana para Silva (2006) são a base de uma lógica representacional como a desenvolvida por Peirce (2005) em suas tríades: primeiridade, segundidade e terceiridade.

Por sua vez, constituem o fundamento experimental da psicanálise freudiana em sua primeira topografia – consciente, pré-consciente e inconsciente – e da elaboração de seu segundo tópico estrutural: id, ego e superego. Essas experimentações freudianas encontraram eco na nova psicanálise, que também passa por Peirce (2005), para propor três ordens de inscrição psíquica: o real, o imaginário e o simbólico.

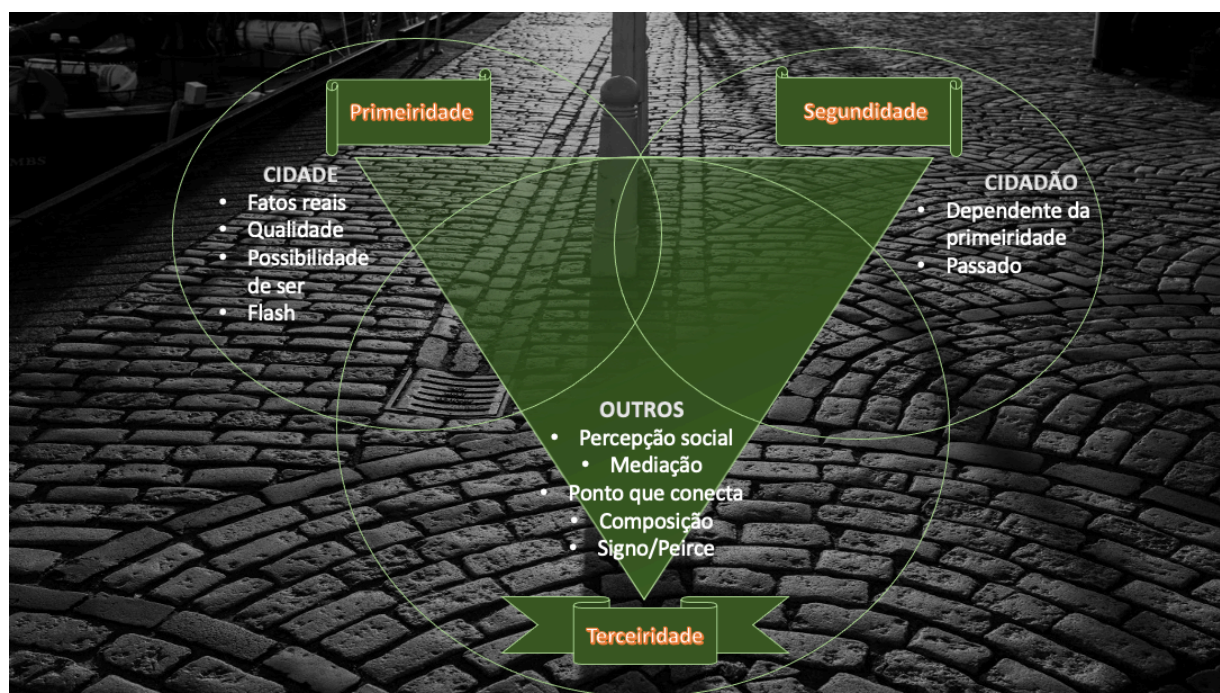
Silva (2006), reportando-se à Restrepo (1993), afirma que ela contribuiu com sua perspectiva experimental ao propor uma estrutura tripartida a partir da qual se concebem

as culturas urbanas; isso se tornou a base para a organização do “questionário base” dos imaginários urbanos, das bases de dados, como parâmetro estrutural de análise das informações obtidas e dos livros resultantes das investigações imaginárias:

A compreensão do urbano a partir do cidadão inter-relaciona 3 fatores: a cidade, os cidadãos e as outridades. Por sua vez, cada um desses fatores se compreende triadicamente: a cidade se projeta como qualidades, qualificações e cenários; os cidadãos entre temporalidades, marcas e rotinas e as outridades urbanas (como nos vêm os outros das outras cidades comparadas de um estudo) em afinidades, distanciamentos ou anseios (SILVA, 2006, p. 16).

Entrecruzar, portanto, esses elementos como fatos de informação e de projeção cidadã é o que vai permitir o desenho dos já citados croquis cidadãos. Abaixo, apresentamos um esquema que traduz em imagem essa lógica triádica:

Figura 44 – Lógica triádica



Fonte: SILVA (2006, p. 23-25) adaptado pelo autor.

Essa lógica experimental de Peirce (2005) para a metodologia dos Imaginários Urbanos funciona “como uma arquitetura com bases profundas e firmes” que se baseia em três conceitos escolhidos de acordo com os três modos de ser no pensamento que funcionam como categorias: *primeiridade*, *segundidade* e *terceiridade*. A primeiridade é uma possibilidade; os fatos reais da segundidade e terceira implicam uma

combinação: “ideia elementar de algo que se deve à sua relação em suas diferentes formas com as outras duas” (RESTREPO, 1993, p. 79).

Por analogia ao modelo fenomenológico de Peirce, a divisão triádica dos imaginários urbanos é composta, portanto, pela **cidade, o cidadão e os outros/outridades**. Na primeiridade, está a cidade como uma qualidade segundo a qual os habitantes têm a possibilidade de ser cidadãos.

A **primeiridade** está posta como a possibilidade de ser, é uma qualidade, “o ser de qualidade recai inteiramente sobre si mesmo. Eles estão situados nos fatos, mas não são os fatos “. O princípio de primeiridade é o que podemos denominar como um flash. Um exemplo citado por Silva (2006, p. 23-24) faz referência ao primeiro olhar de Adão sobre a Terra “quando ele abriu os olhos pela primeira vez, antes de fazer distinções e tomar consciência de sua existência, isto é, primeiro, presente, original, espontâneo, livre”.

A **segundidade**, ao contrário da primeiridade, que é pura possibilidade, “refere-se ao que é ‘real’, o que realmente é e que só sabemos quando já passou”. A característica predominante da segundidade é o passado, o que foi feito, como uma foto que já foi tirada. Silva (2006, p. 25) novamente recorre a Peirce, com um exemplo extraído da Bíblia, sobre quando Deus disse: “haja luz e a luz foi feita”. Esta díade (primeiridade mais segundidade) é existência, “como a presença de um universo experiencial, é agir como oposto, ao que está potencialmente, em estado de germinação”. A segundidade nos Imaginários Urbanos é potencializada na figura do cidadão, um sujeito que começa a germinar dentro de uma primeiridade, a cidade. Logo, a cidade torna-se “real” porque existem cidadãos que a habitam, dessa forma eles a realizam e a atualizam.

A **terceiridade** refere-se aos outros dois anteriores, mas com a diferença de que se na segundidade a relação é de dependência, na terceiridade é composicional. Um terceiro é sempre um *link*, um meio, uma ponte que conecta o primeiro com o último (exatamente como procuramos representar na Figura 44 – com a imagem do triângulo invertido, cuja vértice inferior representa a mediação entre os outros dois vértices superiores). Logo a terceiridade é a mediação como uma etapa intermediária. O signo é o melhor exemplo de um terceiro na arquitetura de Peirce (2005): o signo como representação – como uma categoria lógica – é um terceiro. Um signo representa a ideia que ele produz ou modifica. É um veículo que transmite algo de fora para a mente. Aquilo que representa é denominado seu objeto, aquilo que transmite seu significado e a ideia que seu intérprete origina.

A representação é terceiridade. Na Psicologia, a tríade também ocorre nas categorias de consciência: consciência da qualidade (sensação), da resistência (percepção/vontade) e sintética (conhecimento). A terceiridade nos Imaginários Urbanos é o mesmo que a percepção social (representação) que procuramos decifrar através das diferentes técnicas de pesquisa desenvolvidas por uma metodologia de trabalho nas diferentes cidades imaginadas.

Nessa forma de ver o conhecimento, o signo enquanto tal, quando o recebemos ou o produzimos, já é um terceiro. A realidade, portanto, é da ordem de três. Podemos observar que, quando representamos o real através de um signo, a realidade já está representada. Ferrara (1999) enfatiza os signos como sendo os meios de expressão e informação da cidade, dando destaque para o uso do espaço urbano e os hábitos cidadãos, comparando-os como signos ou meios que expressam as relações entre o espaço e o usuário, suas formas de habitar e viver na cidade.

Além disso, a autora destaca outros signos presentes na cidade como as arquiteturas, as cores, os traços, os monumentos, o *design* dos equipamentos, os sons presentes no espaço, a publicidade, os veículos de comunicação em massa, entre outros elementos que geram informação para o usuário na cidade ao mesmo tempo em que expressam a identidade da mesma (FERRARA, 1988).

Através da associação entre esses signos encontrados de forma dispersa e descontínua na cidade, geramos significados e realizamos uma leitura não verbal da cidade. Essa leitura não verbal, entretanto, se dá de forma desorganizada, sem uma ordem pré-estabelecida ou sistematizada e é afetada pela própria percepção do leitor, que apresenta suas próprias experiências no uso de códigos e linguagens (FERRARA, 1988).

Assim, temos a linguagem como uma representação da realidade e ela é, portanto, a construção. Ou seja, nunca acessamos o real, mas, sim, suas representações. O sujeito surge como efeito da linguagem e, portanto, capturar o real, a coisa sem representação, é impossível. A realidade é uma representação do real; por isso, é da ordem de representação. Assim, o real está além de todos os imaginários possíveis que se possam acessar. Fazemos realidade, e a linguagem é o principal veículo, mas não o único. Quando representamos um mundo, pode haver uma sobrecarga de desejo, inconsciente, mas ele está ali e, portanto, não se esgota com o que a minha linguagem diz.

O usuário, então, identifica a cidade como lugar à medida em que se relaciona com ela, a utiliza e a apreende, transformando o espaço urbano em uma manifestação

sociocultural que rompe com a caracterização idealista de espaço projetado (FERRARA, 1988).

Não obstante, estudar as representações coletivas em sua linguagem e em suas imagens é o que Silva (2006) denominou de imaginário social. Seu estudo corresponde a um dos tipos de representações coletivas que são feitas de acordo com diferentes pontos de vista. Assim, o que é imaginado coletivamente como realidade torna-se a mesma realidade socialmente construída.

A imaginação se faz realidade, logo, captar os traços da percepção do cidadão e devolvê-los como mapas de evocação da cidade é um dos objetivos das investigações imaginárias. Assim, avançamos para a construção de escalas perceptuais de cheiros, sons, sabores e outras emoções sensoriais, como forma de leitura de bases de dados ou pelas análises de imagens. É assim que a circularidade entre a cidade e seus cidadãos pode ser entendida.

Na verdade, para Silva (2006), essa lógica tornou-se consciente de sua tarefa na pesquisa dos Imaginários Urbanos à medida que o pensamento científico avançou. Embora essas investigações compartilhem o trabalho sistemático da lógica triádica com o trabalho criativo de expressão estética, ambas as frentes de trabalho não excluem o fato de que uma abordagem lógica seja proposta no que corresponde às formas como a informação é organizada e arquivada.

Dessa perspectiva teórica, diversos conceitos e termos surgiram para abordar metodologicamente fenômenos urbanos subjetivos na metodologia proposta por Silva (2006), como: croquis, pontos de vista cidadão, pontos de vista determinantes, emblemas e fantasmas urbanos. A seguir, vamos explorar com maior riqueza de detalhes cada um desses principais conceitos que fundamentam a Metodologia dos Imaginários Urbanos e que serão utilizados nas análises dos dados da investigação da Boa Vista imaginada.

### 2.3 Da Cidade Vista à Imaginada

Estudar o imaginário de uma cidade é também acompanhar o processo de ressignificação desse espaço urbano e, portanto, entender as pessoas que o habitam. Sendo assim, baseado em suas experiências com a aplicação de sua metodologia de trabalho, Silva (2001) organizou o desenvolvimento do estudo das cidades a partir de três perspectivas ligadas às teorias e aos conceitos anteriormente apresentados: a **cidade vista**, a **cidade marcada** e a **cidade imaginada**.

A primeira perspectiva, cidade vista, busca observar a interação dos habitantes com o espaço visual (letreros, grafite, construções, monumentos, vitrines etc.). É revelada pelas imagens e representações que o cidadão evoca do espaço urbano, que, ao viver a cidade, cria o ponto de vista cidadão; quando somado a outros “pontos de vistas”, projeta a percepção de um grupo social sobre a cidade.

A cidade marcada, segunda perspectiva, é delimitada a partir de seus territórios – os usos e as funções atribuídas aos seus espaços, que revelam quais são os lugares para morar, para trabalhar, para diversão, para relaxar, entre outros, desvelando as preferências e as segmentações feitas na cidade pelos cidadãos.

Por fim, a terceira perspectiva, cidade imaginada, é construída a partir das representações evocadas da cidade. É um objeto simbólico construído em um nível superior de percepção (inconsciente), formado pelo conjunto de construções sociais e espaciais que se materializam nas expressões cidadãs, determinando a forma como o cidadão responde ao espaço urbano (SILVA, 2001).

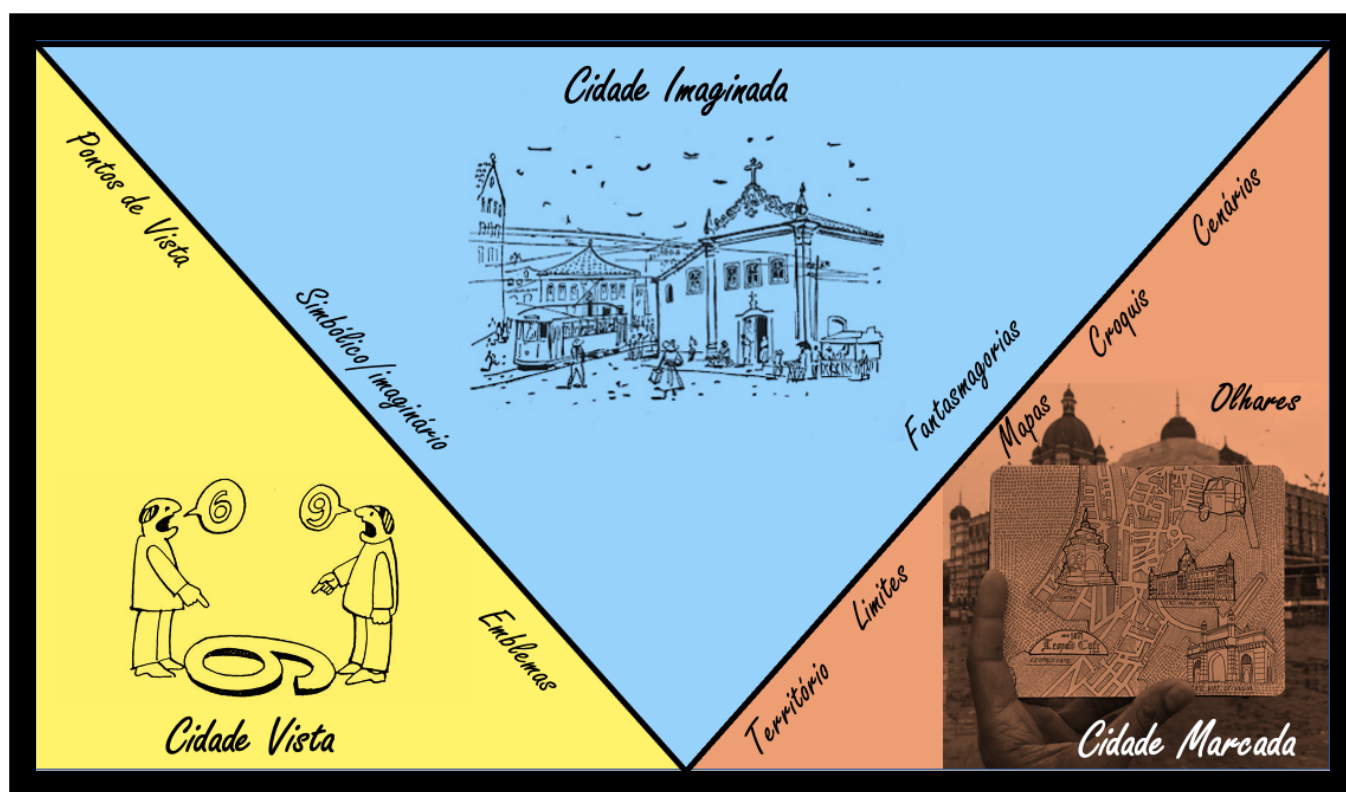
Ao longo do desenvolvimento da investigação das cidades imaginadas, diversos textos, gráficos e imagens foram sendo produzidos tanto pelo criador dessa teoria, como por coordenadores em diversas cidades que se utilizaram do método de Silva. Assim, materiais diversos foram sendo agrupados em uma espécie de **arquivo urbano**, que, segundo Silva (2014), podem ser divididos em três tipos:

- *Arquivos privados*: relativos à dimensão privada do cidadão fora do domínio do estado ou público, mas que diante de meios audiovisuais podem circular, tornando público o que nasce com intenção privada – os cliques sobre práticas privadas na cidade e os álbuns de família se enquadram nessa categoria de arquivo urbano.
- *Arquivos vicinais*: manifestações cidadãs expressadas entre aqueles que habitam perto do outro, ou vizinhos – os grafites, as vitrines e outdoors se enquadram nesses arquivos, que tratam dos pontos de vista urbanos de circulação comunal.
- *Arquivos públicos*: são aqueles produzidos pela comunidade para seu próprio povo, uma vez que pertence a todos, sendo criado por um todo ou uma parcela dessa coletividade, segundo algum dos pontos de vista determinantes – os resultados dos dados obtidos nos trabalhos do projeto cidades imaginadas em diversas cidades ao longo das três décadas de investigação produziram, portanto, esses arquivos públicos.

Todos esses tipos de arquivo fazem referência a um sujeito específico: o privado, o comunitário e o público e são, portanto, formadores de cidadania ou identidade. Segundo Silva (2014, p. 128): “se referem a práticas sociais mediante as quais, de um ponto de vista estético e político, a coletividade cria sua própria imagem, com a qual se mostra diante da urbe”. Inerentes a essa condição imaginária, trata-se de arquivos que guardam e projetam visões cidadãs do futuro.

Enfim, esses arquivos dos imaginários urbanos demonstram que, além dos saberes comprovados empiricamente ou referenciais, o cidadão se alimenta também de ilusões, ódios, lembranças etc. Sentimentos que geram objetos e representações. Para melhor interpretação desses elementos fundamentais ou categorias que compõem a teoria dos Imaginários Urbanos, novamente optamos por evocar a figura do triângulo, em diferentes cores, para representar cada uma das três perspectivas descritas pelo autor na busca desses arquivos cidadãos.

Figura 45 - Conceitos da Cidade Vista à Imaginada.



Fonte: SILVA (2001) adaptado pelo autor.

A busca pelos diversos arquivos urbanos surge a partir da observação e das marcas que o imaginário deixa na cidade e em seus cidadãos: o álbum de família como um arquivo privado; o grafite e as vitrines como arquivos vicinais; e as cidades imaginadas como arquivos públicos, ou aqueles que foram produzidos por todos em benefício comum. Cria-se, dessa forma, um ponto de vista acerca dos reconhecimentos de estratos sociais de uma urbe: o tempo livre das pessoas, a juventude, a velhice, a masculinidade e a feminilidade (SILVA, 2014).

Para coletar tais registros dos estratos sociais, é preciso compreendermos os mecanismos que operam na metodologia dos imaginários no que tange à definição e à delimitação das cidades imaginadas. A partir do momento em que ampliou a participação cidadã em suas investigações acerca do urbano, cada um desses elementos apresenta categorias fundamentais para compreensão dos dados imaginários e da metodologia de busca, bem como da análise e interpretação dos resultados encontrados nas cidades investigadas, entre outros. Destacamos esses elementos, a seguir, por se alinharem à investigação de Boa Vista imaginada. Na Cidade Vista: pontos de vista cidadãos e emblemas urbanos. Na cidade marcada: territórios e limites, mapas e croquis, cenários e olhares. E na cidade imaginada: fantasmagorias urbanas fundamentais para a sequência da discussão que tratará da condição de assombro social defendida pelo autor nas discussões mais recentes.

É a partir desses conceitos-chave que se inicia o trabalho de campo buscando analisar esse cidadão que habita e age como um construtor de realidades urbanas arquiváveis. Logo, vamos delinear alguns referenciais fundamentais na construção teórica dos arquivos dos imaginários, bases necessárias para a compreensão do questionário base e da análise dos dados obtidos nas investigações dos imaginários urbanos.

### 2.3.1 Pontos de Vista cidadãos

Desde sua obra “Ponto de vista cidadão”, Silva (1987) procurou formular uma teoria com base na configuração dos cidadãos, a fim de gerar bases para a compreensão da leitura da imagem de uma cidade. A partir da imagem grafite, com a qual inicia os trabalhos sobre imagens urbanas (a imagem por excelência), foi possível ir compreendendo o restante do entorno iconográfico de outras séries de imagens urbanas.

Entretanto, essas preocupações iniciais de uma imagem por excelência começaram a desviar-se para novos interesses, concentrando-se, especialmente, em



conceber o tipo psicológico e social de indivíduo que se apresentava a partir da própria enunciação de uma mensagem, procurando, assim, decifrar o caminho contrário à simples contestação da mensagem e indagando, portanto, sobre os possíveis jogos psicológicos e sociais que poderiam ocorrer a um indivíduo cidadão ao encontrar-se como leitor ou observador efetivo dessas mensagens urbanas (SILVA, 2001).

Esse autor esclarece que compreende o ponto de vista como uma operação de mediação: “a que se produz entre o quadro ou imagem e seu observador real”. Assim, o ponto de vista implica diretamente um exercício de visão – o captar de um registro visual, mas que também compromete o olhar, isto é, o sujeito das emoções que se projeta e se “enquadra” naquilo que vê (SILVA, 2001, p.11).

No universo teórico dos Imaginários Urbanos, os pontos de vista são considerados um dos conceitos básicos ou elementares, uma vez que interessa ao autor observar como a cidade é vista por seus cidadãos, a partir de dois sentidos:

- primeiro, como estratégia de enunciação, na medida em que, na construção da imagem, já está compreendido o cidadão destinatário com características de especial competência comunicativa tanto verbal como visual;
- segundo, do ponto de vista de um patrimônio cultural implícito, que sempre atuará como especial sugestão identificadora nessa relação dialógica de participação cidadã.

Os pontos de vista cidadãos determinam os filtros a partir dos quais são feitos os urbanismos cidadãos, ou seja, como a cidade é mostrada e como os cidadãos a percebem e interpretam. É assim que nascem as representações urbanas filtradas por um *ponto de vista dominante*. “O que é representado corresponde aos cenários dos cidadãos em seus tempos, suas marcas e suas rotinas. Na cidade, do ponto de vista do cidadão, trata-se de ver o mundo a partir de um filtro social” (SILVA, 1987, p. 68).

O autor ainda esclarece que, por ponto de vista cidadão, compreende uma série de estratégias discursivas, por meio das quais os cidadãos contam as histórias de sua cidade, mesmo quando tais relatos possam, igualmente, ser representados em imagens visuais. Através dessa categoria, desvia-se do estudo da imagem como acontecimento gráfico (grafite, publicidade) e abre a possibilidade de examinar a construção dessa imagem, seja deduzindo o cidadão que é previsto em qualquer imagem urbana, seja consultando-o diretamente, como proposto nos questionários das cidades imaginadas: “os pontos de vista cidadãos correspondem a filtros de percepção a partir dos quais se examina a

informação estatística, segundo as categorias fixas dos formulários (nível sócio-econômico, faixa-etária, sexo, moradia, nível de ensino, etc.” (SILVA, 2014, p. 149).

Esses pontos de vista aproximam-se das possibilidades narrativas de fortes raízes culturais em cada geografia urbana. A soma imaginável dos pontos de vista dos cidadãos de uma cidade agrupa a leitura simbólica que se faz da cidade, bem como corresponde a sua representação e as diferentes estratégias narrativas. O autor infere que, quando esses pontos de vista podem ser projetados por grupos sociais ou outras marcas demográficas como (sexo, idade etc.), passamos a perceber formas imperantes de percepção cidadã. Logo, dentro do questionário base, a primeira parte, denominada 'Identificação'<sup>38</sup>, que é composta por nove causas de identificação do respondente, corresponde diretamente a esse conceito de pontos de vista investigados a partir de uma dessas categorias fixas: local de residência, trabalho, atividade, nível socioeconômico, escalas de idade, gênero, origem ou geração urbana e pessoas com quem compartilha uma casa.

O autor também traz um enfoque ao conceito de *pontos de vista determinantes* quando as informações são cruzadas por um dos três pontos de vista fundamentais na vida urbana: **classe social** (alta, média, baixa), **gênero** (masculino e feminino) e **escalas de idade**. Então, os nomeia de *determinantes* porque afetam de forma singular o uso e evocação da cidade examinada por um desses pontos de vista, dando origem, dessa forma, “à cidade das mulheres ou dos homens”, “a cidade dos adultos ou idosos” e “a cidade popular da classe média ou dos ricos”; todos esses filtros de pontos de vista fornecem informações sobre o modo de perceber e usar cada cidade e podem contribuir com percepções diversas no momento de cruzamento dos dados através das análises como variáveis de pesquisa (SILVA, 2014).

### 2.3.2 Emblemas urbanos

Um emblema é definido como uma representação social de alta concentração simbólica do ponto de vista urbano ou por todo um grupo de cidadãos. Assim, atua como um ícone de reconhecimento da cultura urbana e passa a representar uma cidade pensada a partir de seu planejamento urbano. Esses emblemas alcançam e mantêm o poder de evocar uma cidade tanto em suas avaliações positivas quanto negativas. Portanto, os

---

<sup>38</sup> Sem que haja qualquer tipo de identificação pessoal do entrevistado.

emblemas participam da natureza estética de uma cidade e são as figuras que mais expressam e, por isso, representam a sua imagem pública (SILVA, 2006).

“Em muitas ocasiões, em contraposição aos privilegiados emblemas eleitos pelos cartões postais, que reforçam a visão oficial da cidade, os emblemas escolhidos pelos cidadãos mostram também projeções de objetos ou lugares de valoração negativa”. (SILVA, 2014, p. 146)

Com base no conceito de pontos de vista, podemos fazer referência a três etapas de operação para os nascimentos dos emblemas/bandeiras urbanas: 1. objeto de exibição; 2. observações pelo cidadão; e 3. consequências do olhar.

No primeiro ponto, trata-se de qualquer imagem observada por um cidadão dentro de um panorama global: desde imagens visuais (avisos, publicidade), até relatos, como boatos, fofocas ou lendas de uma cidade.

No segundo ponto, fazendo uma analogia com a fotografia, supõe-se um *enquadramento*, uma vez que a fotografia *enquadra* seu visor sobre o objeto que quer fotografar, e, quando o quadrante do visor coincide com o objetivo, dizemos que o objeto está enquadrado. Então, é o momento certo de “fazer a foto”. Uma outra analogia seria a da leitura de um texto ou observação de uma imagem, em que ocorre uma operação similar à do enquadramento; logo, o indivíduo procura fazer coincidir o que sabe com o que agora conhece através da nova mensagem que está recebendo com a leitura.

Nesse contexto, a mediação social através dos meios de comunicação ocupa um importante lugar dentro dessa perspectiva, acerca de toda imagem em órbita pela cidade (não apenas sobre as imagens dos meios de comunicação de massa) para despertar imaginários coletivos: “o que ativa essa memória [a dos imaginários] não pertence à ordem dos conteúdos e nem sequer à dos códigos, pertence à ordem das matrizes culturais” (BÁRBERO, 1987, p. 250).

Por fim, na terceira operação referente às consequências do olhar cidadão, é possível depreendermos que o texto não se dirige a um cidadão particularmente, mas, sim, a uma teia social, pelo menos aquela implicada dentro dos limites de um território. Dessa forma é que nascem esses emblemas, que podem ser convertidos em bandeiras/estandartes cidadãos de um determinado território, por um determinado período. Pode-se, desse modo, concluir que *exibição, enquadramento e olhar* conformam essas três operações que constroem o *ponto de vista* do observador.

Por outro lado, o olhar em sua característica de referência imaginária a um desejo desencadeia a fantasia, ou seja, é ponto de desencadeamento de fantasmas individuais ou

coletivos. Logo, as fantasias cunhadas por uma coletividade podem ganhar forma na escritura ou na imagem por meio de uma inscrição dessa natureza e serem disfarçadas em piadas, provérbios, canções, poemas ou em apelos diretos, que surgem para a sua distribuição coletiva em qualquer parede ou muro da cidade (SILVA, 2001).

Esse estudo sobre o olhar direcionou o autor a compreender que o que qualifica o ponto de vista cidadão é a exposição pública e, portanto, não estamos ante o olhar de um espectador, mas de um cidadão. Logo, esses conjuntos iconográficos não apenas cumprem a função de mostrar-se, mas, simultaneamente, definem uma cidade: daí se depreendem consequências importantes, pois tais conjuntos iconográficos não só cumprem o papel de se mostrar, mas, concomitantemente, também definem uma cidade (SILVA, 2001).

### 2.3.3 Territórios e limites

Território é uma categoria, utilizada pelos geógrafos e antropólogos, em suas considerações sobre o uso dos espaços relativos à cidade. Foi e continua sendo um espaço no qual habitamos com os nossos entes queridos, no qual, também, a lembrança do antepassado e a evocação do futuro nos permitem referenciá-lo como um lugar com certos limites geográficos e simbólicos.

Como marca de habitação de pessoa ou grupo, os territórios podem ser denominados e percorridos tanto física como mentalmente: os territórios denominam-se, mostram-se ou materializam-se em uma imagem, em um jogo de operações simbólicas, nas quais, por sua própria natureza, situam os seus conteúdos e marcam os seus limites, ou seja, carecem de operações linguísticas e visuais. Em suma: “As territorialidades urbanas se originam na experiência do território diferencial como espaço ou vivência reconhecida por um grupo de determinada urbe, a partir do qual se imagina um coletivo” (SILVA, 2014, p. 145-146).

Dominar um território é, portanto, assumi-lo em uma dimensão linguística imaginária; percorrê-lo andando e marcando-o de uma ou de outra forma é dar-lhe entidade física, algo que se conjuga com o ato denominativo. Dentro dos seus horizontes, podemos defini-lo como o “eu com o meu entorno”. Assim, o território vive os seus limites e transpor essas fronteiras provoca a reação social que anuncia ao forasteiro (outro, de fora) que está pisando nas bordas de outro espaço. Foi desse modo que nasceram os mapas e a cartografia, porém, em seu desenvolvimento, geralmente nos mostram o

nacional como território, e, então, o *território diferencial*, na maioria das vezes, funciona apenas como um mapa mental, daí o seu grande e diversificado poder de representação (SILVA, 2001).

O território apresenta-se como a exibição de uma unidade ao possibilitar um encontro da extensão geográfica empírica, seus habitantes e costumes com um mapa, respectivamente. Vale esclarecer que existe um mapa nacional, que tem a intenção de homogeneização de uma coesão social em prol de um *status quo* nacional e o outro (mapa regional) que se insinua como um croqui, representação regional em primeiro plano para só no segundo plano apresentar essa representação nacional. Logo, essa ideia de mapa regional prevê e acentua as diferenças sociais. Poderíamos dizer que nessa oposição nação/território – nacional/regional esse segundo termo (território) se amplia para a designação de *território diferencial* (SILVA, 2001).

Essa noção de *território diferencial* sempre subsistirá dentro de qualquer país, porém, segundo Silva (2014), território e nação podem estreitar-se e desenvolver-se de maneira muito mais permanente em países latino-americanos ou no chamado Terceiro Mundo, foco dos estudos do autor. Para ele, em geral, as práticas territoriais coincidem com uma manifestação nacional, imposta por uma minoria que controla os poderes de representação. De tal forma que, como território, além de outras elaborações simbólicas, apontamos a uma estratégia de comportamento social ou urbano.

Além de físico, os territórios são também extensão mental (imaginada). Tomando como exemplo os processos de conquistas territoriais, existe uma ampliação automática e de cálculo dos limites de posse que se alinha com o conceito de país nacional, em poder visualizar a extensão por meio do mapa ou carta geográfica. Já os que vivem e sustentam a ideia de território se assemelham mais aos colonizados, mantendo-se em grande parte no mapa mental; assim, sua representação simbólica é mais poderosa:

o território diferencial não só “enxerga” uma extensão que possa concordar com o simulacro icônico visual da cartografia, mas auto-representa-se sob muitas formas, em uma infinidade de circunstâncias, o que faz com que seu equivalente visual seja menos preciso – não se trata de uma simples carta geográfica – mas, naturalmente, seja mais rico e complexo (SILVA, 2001, p. 19)

Essa ideia de país nacional direciona seus habitantes a olharem o seu próprio país na ilusão do mapa delineado por suas fronteiras, ao passo que o habitante territorial vive o seu país e essa vivência o leva a várias representações. O território, em sua revelação

diferencial, é, portanto, um espaço vivido, marcado e reconhecido como tal, em sua variada e rica simbologia.

Os exercícios de dominar e percorrer determinado espaço, baseados na macrovisão do mundo que passa por nosso microcosmo afetivo (ou seja, diz respeito ao lugar no qual aprendemos a denominar, situar ou marcar no mundo que compreendemos), são um processo que parte de nosso interior psicológico, ou de nossos interiores sociais, enquanto um território, e encaminham-se para o mundo, como resto.

Essa oposição entre “território” e “mundo como resto”, para Silva (2001), nos permite indicar algumas categorias acerca da indagação comunicacional dos territórios, o que nos possibilita compreender onde se oculta, onde aparece, onde se desfaz e onde se transforma o território e nossas cidades: as noções de limite e margem, não só verbal como também visual; a de mapa e croqui e a sua reconstrução nos temas territoriais de centro e de periferia, também enquanto marca ou desmarcação territorial e seus enfoques de circuito e fronteira; a noção de ponto de vista cidadão como focalização narrativa em que os habitantes de uma cidade anunciam seus relatos urbanos; e, por fim, a representação da sua cidade e parte dela, em que a colocação em cena nos devolve o foco de onde e como se olha o território.

Os territórios também têm limites, porém imprecisos, e sobretudo funcionam como uma circunstância evocativa perante a uma fronteira visual. Em alguns casos, é registrável como uma margem é concebida na vivência em grupo; também pode funcionar como um nó de onde se chega, mas também de onde se parte.

Fato que para Silva (2001) suscita diversas dúvidas acerca de uma territorialidade genuína afetada pelos efeitos globais de culturas internacionais. Quando trata especificamente sobre os limites, o autor aponta um aspecto não só indicativo, mas também cultural no uso social das marcas e margens, dentro das quais os usuários, familiarizados com elas, se autorreconhecem e fora das quais pode se localizar o estrangeiro, ou, em outras palavras, aquele que não pertence ao território em questão.

Assevera que se reconhece um território precisamente em virtude da visita do estrangeiro. Logo, o processo de territorialização, dentro dos Imaginários Urbanos, acontece na medida em que os limites se estreitam e não permitem excluir a presença estrangeira; por exemplo, diante de um problema de ordem pública dentro de uma hipotética cidade universitária com a presença de estudantes e agentes de organismos secretos (de fora). Esses estrangeiros ficarão evidenciados no seu aparecer inapropriado, uma vez que esses desconhecem os códigos de autorreconhecimento dos habitantes desse

território em questão (cidade universitária). Logo, esse processo de se delatar seria aquilo que Silva (2001) chama de uma territorialização dos limites.

Ainda sobre essa metáfora do limite enquanto um nó, Silva (2006) trata os limites também como alguns nós que operam como locais de chegada de uma caminhada ou começo de uma redistribuição do caminho, comungando, assim, com o pensamento Lynch (2011) sobre as confluências de trilhas ou concentrações de determinadas características com o conceito de pontos nodais, já sinalizado em nosso Capítulo 1.

Essa margem visual dos limites permite diferentes evocações, e a cidade em seu processo de evolução vai deixando diversas margens em seu território, tais como caminhos que, embora possam estar fechados, permanecem como trilhas aos habitantes, ou nas construções, que antes eram campos abertos, mas que agora podem existir lugares nos quais se proibiu o acesso, como condomínios fechados; no caso desse último exemplo, não necessariamente territorial, corresponde a margens urbanas, fato que ajuda a delinear a elaboração de croquis da cidade.

Por fim, há, sobretudo, dois grandes tipos de espaços a se reconhecer em um ambiente urbano. O oficial, projetado pelas instituições e criado antes que o cidadão o conceba à sua maneira; e outro, que de acordo com o que foi dito anteriormente, podemos chamar de espaço ou território diferencial, que consiste em uma marca territorial usada e inventada, na medida em que o cidadão o nomeia ou inscreve. Haverá, portanto, várias combinações entre um e outro polo, e a noção de limite pode ser útil para compreender que aquilo que separa o espaço territorial oficial é uma fronteira, descoberta por quem ultrapassa as suas margens, isto é, uma vez que existem os limites, acreditamos que é possível aceitar que a fronteira é algo que separa o que nos é dado daquilo que nos apossamos em um território (SILVA, 2001).

#### 2.3.4 Mapas e Croquis

A ideia de mapa e de croqui remete à maneira de representação ao citarmos que um território, como marca pessoal ou grupal, pode ser nomeado e percorrido tanto de maneira física como mental. Através desse primeiro entendimento, operações linguísticas e visuais tornam-se os seus principais apoios de representação. Nesse sentido, o território materializa-se em uma imagem aliada a um jogo de operações simbólicas que situa seus conteúdos e marca os seus limites. Esse é o princípio da cartografia física, que corresponde à criação de mapas oficiais pelo governo, feitos de maneira técnica em

relação aos limites oficiais ou legais de uma determinada comunidade, país ou cidade. Concomitante a isso, podemos considerar a cartografia simbólica equiparando-se com a física, que deverá ocupar-se do levantamento dos croquis cidadãos (SILVA, 2001).

Entendidos como os mapas dos afetos dos cidadãos, os croquis emergem as formas de viver a cidade alojadas nas mentes de seus habitantes (urbanismo cidadão), segundo, é claro, os pontos de vista cidadãos. Diferentemente dos emblemas urbanos, que trazem à tona os lugares de identificação de uma coletividade, os croquis referem-se a situações de especial carga imaginária para diversas comunidades dentro de uma coletividade cidadã, em que, mais do que a identificação em sí, se destacam os afetos. Exemplificando, os croquis referem-se aos caminhos de afeto e convivência que sobressaem às rotas ou vias oficiais de uma urbe, assim como há lugares amados ou odiados perante as memórias sociais de uma coletividade cidadã e que marcam os usos e evocações na cidade (SILVA, 2014).

Nesse horizonte de sentidos, Silva (2001) opõe o mapa ao croqui. Graficamente, pode-se desenhar um mapa com uma linha contínua, assinalando, assim, um simulacro visual daquilo que se deseja representar. O croqui, ao contrário da linha contínua, é idealizado pela linha pontilhada, uma vez que seu destino é representar tão somente os limites evocativos ou metafóricos, os quais não admitem pontos precisos de corte de um território por sua expressão de sentimentos coletivos na atividade social. O território, portanto, não é mapa, mas, sim, um croqui, que vive a contingência da sua própria história social.

Os croquis sociais passam a ser, nessa perspectiva, uma nova medida territorial, já que a cidade já não mais permite apenas ser assumida em sua imensidade geográfica, bem como pelas grandes extensões ou também pelo fato de que os cidadãos atuam cada vez mais transnacionalmente. Como consequência desse processo, as novas vidas urbanas desterritorializadas de espaços tradicionais tendem a viver mais o croqui. Como exemplo, podemos nos referir a uma determinada comunidade virtual, pela internet, para tratar de temas de interesses comuns, ou seja, um espaço territorial cibernético que reúne uma coletividade, não necessariamente de uma mesma urbe ou país. Logo, se antes o mapa marcava as fronteiras determinadas de propriedades geopolíticas, os croquis as desmarcam e fazem viver seu revés, não aquilo que se impõem como fronteira, mas naquilo que o cidadão impõe como desejo (SILVA, 2001).



Portanto, os mapas são das cidades, e os croquis, dos cidadãos. Assim, um estudo de imaginários, fundado nas percepções cidadãs, é dos croquis, que fazem mapas do afeto mentais de maneira coletiva.

### 2.3.5 Cenários e Olhares

A referência aos olhares cidadãos é empregada nas análises das imagens visuais urbanas, onde cidadão, sujeito das emoções, se projeta e, portanto, se enquadra naquilo que olha, ou seja, o Cenário (SILVA, 2014).

Nesse sentido, o autor aponta que as noções de centro e de periferia são interessantes para ressaltar o fluxo social da cidade, sendo o centro aquilo que é focal, e aquilo que o rodeia é chamado de periférico; ambos estão em constante deslocamento não apenas em seu sentido físico, mas também social. Com relação a esses cenários, em constante processo de deslocamentos, e que temos setores elitizados se isolando, muitas vezes entre as zonas norte e sul, a periferia também vai se deslocando e assim, o autor assevera que “a cidade não é só o lugar do parecer, mas [também] do aparecer” (SILVA, 2001, p. 25).

Todavia, esse constante movimento ganha um caráter quase que teatral nessa grande variedade de cenários urbanos; permite, inclusive, algumas contradições acerca desse processo de atuação, como nos casos em que o centro é ocupado por setores marginais. Contudo, Silva aponta que seu trabalho procurou apresentar as cidades não só como exercício dos setores dominantes sobre o povo indefeso, mas como lugar de mestiçagem e do encontro cultural; logo, a cidade mescla hábitos, percepções, histórias, enfim, “é cultura se fazendo como costura” (SILVA, 2001, p. 26).

O autor assevera, ainda, que a partir de um olhar cidadão para um imóvel, por exemplo, podemos deduzir o fantasma do medo que assombra parte dos moradores de determinada localidade. Ele cita o exemplo do edifício *Tamayi*, em Caracas, para o qual há lenda urbana de um ladrão conhecido como “homem-aranha”, que furtava os primeiros andares de edifícios, escalando suas grades. Sucessivamente, por conta desse medo, os habitantes foram gradeando todo o prédio até que essas grades chegassem ao último andar, mostrando, portanto, como o medo real foi cedendo espaço ao medo imaginário (SILVA, 2014).

As imagens provenientes desses olhares cidadãos, cujo foco são aqueles cenários ou imagens privilegiadas dentro de uma urbe, podem ainda atuar como ícones urbanos,

que carregam em si a função de identificar visualmente uma urbe ou algum setor dela em diferentes épocas a partir de determinados pontos de vista. Por exemplo, Silva (2014, p.154) aborda os diferentes enquadramentos sobre a *Giralda*, em Sevilha<sup>39</sup>, em diferentes épocas e sob a perspectiva de diferentes pontos de vista de distintos momentos históricos: “Giralda Falange (ponto de vista fascistas), Giralda Roja (ponto de vista comunista)” etc. Esse procedimento converge ao que diz Ferrara (1988), quando trata da comparação entre fotografias do passado e do presente, dos mesmos locais urbanos, quando comentadas pelos usuários da cidade. Esse método, segundo a autora, traz a memória para o contexto da percepção cidade, sendo esta comparação um método fundamental em uma pesquisa de percepção ambiental.

É interessante, nesse ponto, relativo aos olhares dos cidadãos, uma metáfora que Silva (2001) faz com relação às vitrines de uma cidade, na qualidade de estratégias de representação urbana, comparando a vitrine com uma janela urbana, sob a qual construímos um espaço para que os outros nos olhem e para que também possamos olhar através dela. Um jogo que se mescla com a projeção de como ela quer ser vista com os olhares que também se mostram ou que se veem. O autor afirma que, por trás de cada vitrine, existem interesses. Essas vitrines excitam a imaginação e, por vezes, geram frustração. Deve ser encarada, assim, como um espaço de desejos, adquirindo altos conteúdos simbólicos.

Isso significa que cada comunidade produz os significados simbólicos de suas vitrines e, por conseguinte, concebem a sua estilística. Em cada cidade, vários tipos de cenários sociais e estéticos serão feitos segundo os seus habitantes, suas condições econômicas, etnia e educação.

Portanto, é a sua permanência na vitrine que a fará nossa, algo da nossa cidade, da nossa cultura, da nossa forma de perceber a realidade. Uma vitrine indica a forma como os usuários percebem o mundo, suas distâncias e anseios. Gera, então, uma epistemologia, uma forma de conhecer e sentir as coisas que correspondem àquilo que as pessoas usam. Por isso, os limites das vitrines, suas verdadeiras fronteiras, serão nada menos que a própria cidade e, dentro desses limites, é a própria cidade que é vista por suas vitrines, assim identificando esse território e marcando essa urbe como uma grande vitrine (SILVA, 2001).

---

<sup>39</sup> Exemplificações expostas em Silva (2014).

### 2.3.6 Fantasmagorias urbanas

Conforme já apresentamos, a percepção imaginária corresponde a um nível superior de percepção. Isso significa que já foram ultrapassadas outras duas instâncias superiores: percepção como registro visual e o momento em que se estuda a imagem de acordo com pontos de vista. Quando abordamos a percepção imaginária, não estamos tratando de algo que seja verdadeiro ou falso, mas, na medida em que as percepções inconsistentes são afetadas pelas intersecções fantasiosas de sua construção social, tais intersecções recaem sobre os cidadãos reais de uma urbe (SILVA, 2006).

Nesse ponto, o autor considera que as lógicas inconsistentes fazem uma referência com o inconsciente, ou seja, o *inconsciente-inconsistente* corresponde à lógica de culturas textualizadas. Nesse sentido, evocamos as fantasmagorias da cidade, que participariam de tais lógicas no interior das culturas urbanas.

As relações entre imaginário e simbólico na cidade se dão como princípio fundamental. Em sua percepção, o imaginário utiliza o simbólico para se manifestar e quando essa fantasia cidadã faz efeito em um simbolismo concreto; como exemplos, temos os boatos, os mitos, ou a marca de um lugar como espaço territorial. Então, o urbano se faz presente como a imagem de uma maneira de ser. Logo, a construção imaginária perpassa múltiplos estandartes de narrativas cidadãs, mas, por baixo de todos os seus relatos, corre como uma fonte primária de acontecimento psíquico a figura espectral e densa do fantasma social (SILVA, 2001).

Considerado por Silva (2014) como o elemento substancial dos imaginários públicos, o fantasma urbano caracteriza-se como a presença indecifrável de uma marca simbólica da cidade vivida, em que se sustenta uma relação mais de caráter imaginário do que de comprovação empírica. Sempre que um fantasma ronda pela cidade, há uma ordem fantasiosa que marca um comportamento ou uma reação cidadã; esses fantasmas, portanto, rondam a cidade, transformam-se e vivem o processo de urbanização.

Isso quer dizer na prática que, se um grupo de paulistanos enxerga uma rua como sendo a rua das mulheres, isso não quer dizer que realmente seja a rua que tem mais mulheres nessa cidade, mas que se coincidir de um grupo significativo percebê-la assim, conseqüentemente tal rua será de natureza feminina quanto à sua percepção urbana. Nesse caso, podemos dizer que o imaginário afetou o simbólico e o real construído e que foi dividido o uso social de uma parte da cidade e dos seus cidadãos com relação à feminilidade da rua em questão.

Chamamos, então, de “fantasma urbano” a presença indecifrável de uma marca simbólica na cidade, vivida como uma experiência coletiva por todos os seus habitantes, ou uma parte dela, através da qual nasce ou se vive uma referência de caráter mais imaginário do que de comprovação empírica. Logo, na teia social, existem fatos, ideias ou projetos que dão maior margem para a produção imaginária do que outros. Será fantasmagórica qualquer cena que represente uma produção social do fantasma; o cenário de fundo corresponderá ao espaço da cidade; e sua realização como ente fantasioso que afeta uma conduta cidadão corresponde ao efeito imaginário<sup>40</sup> sobre o acontecer cotidiano da cidade (SILVA, 2001).

Em seus estudos, Silva (2001, 2006, 2014) vasculha a origem etimológica e as analogias da palavra “fantasma”, utilizando-se dos efeitos desencadeadores desses significados como símbolos urbanos. Vai da origem grega da palavra e sua significância enquanto algo que *se mostra, se vê*, ou também enquanto um fenômeno, uma epifania e uma fantasia, além de ter uma relação direta, quase que de vizinhança, com a palavra *espectro* que também se relaciona às questões do ver e do olhar. Para o autor, os espectros são as almas penadas que se deixam ver em determinado espaço; eles causam horror e são aplicados, geralmente, às grandes ameaças ocultas pressentidas e aos sofrimentos que pairam ao longe. Como, podemos citar o espectro da guerra que paira sobre o mundo atual. Desde suas origens, os fantasmas são seres invisíveis que, de alguma forma, nos falam, que se deixam ver, que aparecem e que depois vão embora.

epistemologicamente como culturalmente [o fantasma] serve de base do conceito de imaginário. [...] significa o que se vê o tangível e que, em algum momento passou a ser também **o que não se vê**, mas se atinge a partir das emoções, o fantasma, a fantasmagoria. Os fantasmas aparecem, estão na literatura, no cinema, na arquitetura, nos lugares escuros, nas casas velhas. São as almas penadas que produzem medo ou assombro. O que parece e desaparece tal qual uma sombra (SILVA; REBOLLO, 2010, p. 25, **grifos nossos**).

A noção de fantasma levada ao urbano pode possuir interessantes demonstrações na vida social e na vida psíquica da sociedade, uma vez que, no exercício de vida cotidiana, acontecem fenômenos inexplicáveis ou estranhos que geram atitudes cidadãs; se não são estranhas, pelo menos são de extrema subjetividade e só se fazem explicáveis até um certo limite de possibilidades (SILVA, 2001).

---

<sup>40</sup> Compreendemos esse efeito imaginário sobre a teia social como a condição de assombro social.

Segundo o autor, existem **três circunstâncias** sobre a qual se evidencia a impressão fantasmal: o primeiro deles se dá na *segmentação social do espaço de uma cidade*, quando, por exemplo, habitantes localizam uma cor como sendo a cor da cidade. Evidentemente, essa cor não pode ser comprovada empiricamente, já que é verdade que não existe uma cor objetiva que possa defini-la; porém, a cor de uma cidade possui grande espaço de formação imaginária e, se levarmos em conta, no momento de averiguar esse dado, os pontos de vista determinantes de cidadãos de uma urbe, como idade ou gênero, será possível definir o espectro social dessa cor. Por exemplo, se para determinada geração uma cidade pode ser considerada hipoteticamente cinza, pode ser que uma elaboração fantasmal de origem histórica, em certas condições reais – como o volume de chuvas no tempo histórico de sua geração – tenha levado esse grupo a percebê-la dessa forma. Já para habitantes procedentes de outras regiões e que trazem consigo para essa urbe outra escala cromática, tal percepção cromática poderá ser totalmente diferente (SILVA, 2001).

Também há *os fantasmas por força dos saberes culturais*. Nesse caso, o autor cita como exemplo o desejo e a nostalgia para exemplificar a impressão fantasmal. Em uma de suas investigações, por exemplo, ao entrevistar uma coletividade de moradores da cidade de São Paulo, dos quais muitos eram migrantes da região Nordeste do Brasil, Silva (2001) observou que estes elegeram como “a cidade mais linda do Brasil” o Rio de Janeiro, que é uma cidade quente (em contraponto à “frieza” de São Paulo) e de forte apelo publicitário. Houve, ainda, correspondências imaginárias a Recife e Fortaleza, por força dos sentimentos de nostalgia de suas terras natais.

E, por último, *a produção fantasmal na memória dos cidadãos*, em que fatos históricos marcam e rondam as percepções das pessoas, como se um acontecimento da cidade fosse tão marcante que, na comparação entre passado e futuro, não será possível se livrar dos efeitos de assombro, enquanto esse fantasma rondar essa cidade, como uma “alma penada sem redenção social”.

Nos três casos há uma produção fantasmal por força dos fatos, por razões culturais ou por memória cidadã. No primeiro caso temos uma fantasia de maior natureza subjetiva, pois os fatos mesmos que se descrevem, como a cor, possuem tal natureza pessoal; no segundo haveria uma fantasmagoria construída por topologia cultural, pois as referências se produzem por efeitos comparativos do que se conhece, se dá a conhecer ou sobre a forma como se dá a conhecer. Na terceira opção estamos diante de um fantasma histórico, o passado que envolve o nosso futuro. Nos 3 casos há uma produção imaginária que marca a vida cidadã pelos fatos, pela cultura, pela história (SILVA, 2001, p. 57).

Ao ser questionado sobre um aprofundamento nesse conceito de fantasmas, o autor asseverou que existem ainda três maneiras de produção de imaginários segundo a modelização estabelecida acerca dos arquivos cidadãos. Em sua forma inicial, vive-se do fantasma como objeto de referência, ou seja, através daquela figura fantasmagórica que afeta a percepção social, sem que exista uma evidência empírica. O clássico exemplo citado pelo autor, nesse caso, é a referência do odor que existia na Rua Hidalgo, no centro do México, que foi posteriormente canalizada pelo poder público; logo, o problema empiricamente não deveria mais existir. Mas, perante a percepção dos habitantes, permanecia exalando esse odor imaginário, configurando-se como um bom exemplo de fantasma que ronda a cidade e traz efeitos para a cidade real.

Em um outro exemplo, ao questionar também cidadãos do México sobre onde eles creem que existiam tribos urbanas, estes projetaram que essas tribos ficavam em alguns lugares da cidade, mas, na realidade empírica comprovável, elas de fato não existiam. Aqui, percebe-se o fantasma pois os habitantes se viam afetados pelas tribos urbanas onde elas de fato não existiam. Nesse sentido, devemos reiterar que os imaginários se tratam de uma teoria das práticas sociais, e, portanto, as fantasmagorias atuam como uma antropologia do desejo do cidadão.

Logo, os fantasmas existem porque se incorporam nos objetos, nos fatos e nas memórias cidadãs. Outro clássico exemplo dessa situação são as fotografias ou registros do fantasma do medo em situações urbanas, capturado<sup>41</sup> em imagens dos cidadãos que vivem com medo de serem roubadas ou assaltadas, fechando-se dentro de grades de proteção, e evitando os centros urbanos de toda a América Latina no período noturno, porque os fantasmas assustam e nos fazem agir (REBOLLO; SILVA 2010).

Para evidenciar esse fenômeno, em seus estudos, Silva (2001; 2014) evoca a imagem dos círculos de Euler, a fim de demonstrar como a atuação dessa produção fantasmal impera na ordem imaginária. Esses fantasmas rondam, convertem-se e vivem o processo de urbanização; não são estanques, ou seja, é possível que novos fantasmas surjam e afetem os usos e mentalidades cidadãs. Isso se associa à ação de novos imaginários como os da modernidade ou o do passado ou o da incerteza de um determinado momento histórico. Na Figura 46, adaptamos o esquema dessa produção fantasmal sobre a ordem empírica e a imaginária:

---

<sup>41</sup> Aqui, fazemos referência à fotografia do edifício *Tamayi*, em Caracas, citado no tópico 2.3.5. Cenários e olhares.

Figura 46 - Diagrama da Produção fantasmal.



Fonte: Silva (2001; 2014) adaptado pelo autor.

A ordem empírica cede ou é transformada pela imaginária e vice-versa. O que nos interessa, de fato, é a zona intermediária: é nessa área que se sucede o acontecimento fantasmal, ou a mescla das ordens, e sempre que se produz essa mescla, estaremos na vida fantasmagórica da cidade, pois, enquanto o empírico é fático e demonstrável, o imaginário é assimilável à fantasia (SILVA, 2001).

Assim, o fantasma vive sob a marca do imaginário, só que dentro de certas condições de verossimilhança. Se alguma coisa não é de fato um fantasma, será algo inerente à ordem empírica e ponto. O problema aparece quando, ao se assumir algo como fantasia, isto segue operando como se fosse uma realidade factível, tal qual vimos em todos os casos citados para exemplificar a realização de um fantasma urbano.

Então, o fantasma sempre será de ordem imaginária, porém vive-se como se fosse real: a crença de que na verdade uma rua é de mulheres; que um odor existe onde o esgoto que antes por ali escorria fora canalizado; o enjaulamento social pelo fantasma do medo nas cidades, entre outros assuntos do mesmo teor (SILVA, 2014).

Dando continuidade aos efeitos desse fantasma, para encerrarmos essa descrição dos elementos que compõem a teoria dos Imaginários Urbanos, no próximo subcapítulo, trataremos da relação dos elementos anteriormente apresentados, especialmente o que

concerne às fantasmagorias urbanas com a condição de assombro social, os afetos, portanto, produzidos pelos efeitos dos fantasmas nas reações cidadãs.

#### 2.4 Assombro social

Toda essa construção teórica que viemos assinalando em nosso trabalho, acerca dos Imaginários Urbanos de Silva (2001, 2006), relativa às inscrições no psíquico, social e na constituição dos arquivos urbanos que focam o espaço da cidade a partir do urbanismo cidadão, ou seja, a partir da lente coletiva de seus habitantes, leva esse autor a levantar uma nova definição para aquilo que viemos denominando de imaginários urbanos, que seria a condição de se produzir o *assombro social*. Nesse sentido, Silva (2014<sup>42</sup>) discute aspectos e exemplifica essa condição:

Há, então, produção de imaginários onde uma função estética se faz predominante não como arte e sim dentro do processo das interações sociais que, como fato afetivo, se desenrola de modo comunitário e, então, ao modo de uma rede de afetos. O comunitário significa o comum, [...], a diferença da produção do assombro entre a arte e o social é uma: na arte o estético está vinculado à esfera do gosto, do prazer ou da inteligência emotiva, se bem que também à crítica, na contemporaneidade; já na interação social se trata de um juízo, emotivo também, mas sobre a convivência coletiva. Trata-se de forças psicológicas de uma coletividade, em boa parte emancipadas em sua percepção de juízos lógicos, comprováveis pela razão ou de modo empírico, e, enquanto vão tomando forma em sua circulação social, vai predominando essa sensação de assombro sobre a referencialidade ao objeto que a provoca (SILVA, 2014, p. 178).

Isso quer dizer que, na Arte, os imaginários não têm a função de representar uma convivência social, mesmo nos casos de performances dispostas para que os cidadãos atuem na arte pública. Já nos imaginários sociais, o estético enquanto verdade assimilada é parte do corpo desse cidadão que compõe a coletividade. Logo, “é a maneira pela qual as palavras ou as imagens de onde o sujeito constitui as categorias imaginárias se tornam ação e se transformam em programas de vida urbana” (SILVA, 2014, p. 179). Dessa forma, podemos dizer que os imaginários urbanos se debruçam em tais programas sociais

---

<sup>42</sup> Imprescindível apontarmos aqui que essa obra, original de 2013, sob o título “*Imaginarios, el asombro social*”, traduzida para o português, em 2014, pela edições Sesc SP, sob o título de “Imaginários, estranhamentos urbanos”, produziu um ruído nas intenções conceituais desse autor nesse processo de tradução do título para o português. Em conversa com o pesquisador em 2019, Silva apontou que seu conceito de “assombro social” foi mal interpretado quando traduzido por “estranhamentos urbanos”.



nos quais a função estética se faz dominante como um modo de perceber e atuar de uma coletividade.

Podemos traçar uma forte correspondência com os exemplos que Silva (2014) traz sobre ver algo assombroso na cidade. Apresentamos, aqui, um exemplo de forte carga simbólica de nossa investigação na cidade Boa Vista, do que na época (2018) se apresentou como um *fato de assombro social* de nossa vivência cotidiana nessa cidade. Na imagem abaixo, de Igo Estrela, podemos ver migrantes venezuelanos radicados na já introduzida praça Simón Bolívar, olhando para um dos frontões dessa praça que, por estar de frente à Avenida Venezuela, trazia a seguinte inscrição: “*Bien venidos a Boa Vista*”, em língua espanhola.

Figura 47 - Bien venidos a Boa Vista?



Fonte: Metrópolis (2018).

Nessa praça, as famílias, por não terem conseguido vagas nos abrigos criados pela Operação Acolhida do Governo Federal brasileiro, aglomeravam-se em barracas ou ficavam ao relento, no chão, coberto por pedaços de papelão. Devido ao número cada vez maior de recém-chegados, a Prefeitura de Boa Vista, em 2018, adotou algumas medidas para evitar que novos habitantes ocupassem a praça. Uma delas foi a adoção do uso de pulseiras para controlar a entrada e a saída no espaço, sob fiscalização diária da Guarda Municipal.

Nesse mesmo exemplo, em contraponto ao que diz o frontão da praça “*Bien Venidos a Boa Vista*”, podemos evocar uma outra imagem, do mesmo ano, que mostra uma reação de parte de boa-vistenses que, poucos dias antes do fechamento da praça, em 31 de março de 2018, resolveram protestar nesse mesmo espaço que servia de abrigo provisório aos migrantes contra a vinda deles para Roraima/Boa Vista; eles pediam, ainda, pelo fechamento da fronteira do Brasil com a Venezuela.

Figura 48 - Grupo Manifesto a Roraima na praça Simón Bolívar (2018)



Fonte: Folha BV (2018).

Munidos de cartazes e bandeiras do Brasil, os manifestantes também pediam que as praças públicas deveriam ter mais segurança e ficar livres dos “refugiados”; palavras de ordem como “Brasil” e “Fecha a Fronteira” ganharam a simpatia de motoristas e caminhoneiros que passavam pelo local, embora o organizador da manifestação ressaltasse que o ato não tinha cunho preconceituoso contra os estrangeiros. Citamos uma fala de um participante do ato:

A cidade está bagunçada. A cidade não tem mais paz nos semáforos, em porta de supermercado, em porta de banco. É um 'pede-pede'. Estão pedindo demais. Estão assaltando a população, estão roubando, estão matando. É um descaso total. A gente está aqui para cobrar dos políticos. Por que esse

interesse de manter os venezuelanos aqui? [...] (CARVALHO, 2018, n.p.).

Posteriormente, essa praça foi cercada por tapumes, indicando que passaria por uma “manutenção”, conforme podemos observar na Figura 49:

Figura 49 - Manutenção da praça Simón Bolívar (2018).



Fonte: Folha BV (2018).

Com essa manutenção, houve a retirada de todos os migrantes que estavam vivendo nesse espaço, o qual permaneceu fechado durante oito meses. A praça foi reaberta em 21 de janeiro de 2019 para a população, mas, desde então, está bloqueada por muros e grades, com horário de funcionamento (comercial) e fiscalização contínua, limitando seu livre acesso (e impedindo que venezuelanos se instalem ali novamente).

Essa reforma da praça, representada pelas três imagens acima, suscitou na população divergências sobre o modo como foi conduzida até a reabertura do espaço. Há quem não aceite a ideia de uma praça pública com horário de funcionamento e fechada por grades; há, também, aqueles que defendem uma ideia “higienista”, pelo fato de que a praça agora permanece “limpa” e livre de acampamentos a céu aberto.

Para contrastar com a fala do participante do protesto contra os venezuelanos no Brasil, citado acima, trazemos também esta fala de uma migrante venezuelana que morou na Praça de Bolívar antes de seu fechamento para reforma:

Para nós, Simón Bolívar representa liberdade, igualdade social. [...] hoje estamos aqui refugiados na praça. Ela é como se fosse o nosso território venezuelano aqui no Brasil, sentimos que podemos estar nela porque ele também está e nos protege (COSTA; BRANDÃO; OLIVEIRA, 2018, n.p.).

Essa é uma clara enunciação de um fantasma urbano do líder militar venezuelano que lutou pela libertação da América Latina do domínio espanhol, considerado pelo imaginário dos venezuelanos como símbolo da liberdade do século XIX. Inclusive, no projeto “Caracas Imaginada”, 18% dos entrevistados se lembraram de Bolívar quando questionados sobre o personagem representativo de sua urbe (SILVA, 2014, p. 184).

Para esgotar esse exemplo de assombro social, podemos refletir sobre algumas hipóteses: *será que o frontão construído pelos brasileiros que dava boas-vindas, na língua dos venezuelanos, produziu seu efeito social de acolhida? Se os brasileiros saúdam os venezuelanos com boas-vindas, por que uma coletividade foi até a praça protestar contra a presença deles no Brasil? Se a praça é de Simón Bolívar, ela não deveria abrigar os venezuelanos radicados no Brasil?*

O fantasma do medo rondou esse espaço e nem tampouco o fantasma de Bolívar, evocado pela migrante, foi capaz de impedir que a presença venezuelana se instalasse na referida praça. A fantasmagoria urbana produziu, portanto, a condição de assombro social em nossa teia social.

Dessa forma, Silva (2014) compreende que os objetos com alta capacidade fantasiosa devem ser privilegiados nos estudos dos Imaginários Urbanos e, assim como orienta em seus trabalhos, nenhuma de nossas imagens sofreu qualquer tipo de montagem ou intervenção digital, pois o que buscamos exemplificar aqui foi o valor documental dessas imagens como descobrimento e revelação visual de um imaginário. Afirma, ainda, que “os estados imaginários de encarnação e, por conseguinte, de *assombro social* permitem uma gradação e que a coletividade pode ser ‘habitada” (p. 224).

Essa condição dos imaginários sob a perspectiva do assombro social, segundo o autor, se produz através de estratégias do **deslocamento** e do **resíduo** e, conseqüentemente, também se desdobram em duas outras operações, sendo uma **cognitiva** e a outra **disciplinar**.

O *deslocamento*, como o *fato de cognição*, reside na valorização simbólica que estava em um objeto, ou em parte de uma operação estética, deslocando-se em outro, que a incorpora e se apresenta com novas propriedades que assombram. Nesse sentido, trazendo para nosso exemplo, temos esse espaço da Praça Simón Bolívar de encontro das três grandes avenidas de acesso aos respectivos países da tríplice-fronteira (Brasil, Venezuela e Guiana Inglesa), enquanto objeto de valorização simbólica, cujos frontões, acolhem quem por ali passa dando as boas-vindas na língua daquele visitante que se aproxima. Com a chegada massiva de migrantes venezuelanos, que se instalaram nesse espaço, o valor simbólico acolhedor, que antes dava as boas-vindas ao estrangeiro, desloca-se para o assombro do medo que assola parte desse local, que profetiza em tal objeto simbólico (o migrante/a praça) o sentimento de perigo, e não mais de acolhimento (boas-vindas).

Já o *resíduo*, enquanto *objeto disciplinar*, faz referência ao fato de que esse novo campo dos imaginários, sobre os quais estamos nos debruçando, enfoca aquilo que permanece de fora das já consolidadas disciplinas com objetos muito definidos, como a sociologia, a antropologia ou o urbanismo e tem como objeto de estudo “o resto”, ou seja, aquilo que não estudam as análises de sistemas de organização social ou suas culturas como objeto definidor de seu campo (SILVA, 2014).

Os imaginários urbanos se ocupam de algo mais efêmero e intangível, dos desejos, gozos e projeções de afeto cidadão, que deixam sua marca no grupo e se instalam como modos de ser de uma comunidade num momento, ou por longos períodos no tempo, o que produz a familiaridade com a própria história, para entendê-la em sua condição de “história de mentalidades” (SILVA, 2014, p. 182).

Assim, esses estudos que partem dos sentidos, emoções, imaginários e o corpo são a metáfora em que se conjuga hoje o novo paradigma dos estudos sociais. Eles reúnem precisamente questões da ordem social explorando a maneira como construímos os nossos sentimentos. Podemos compreender, com isso, que o corpo funciona como uma abertura, o limiar entre o que está dentro e o que está fora, o reflexo de outros corpos, aquele que marca um território subjetivo, não para se tornar autoabsorvido, mas para estar sujeito aos demais corpos e, a partir daí, se diferenciarem em sua singularidade, estetizando seu próprio espaço para poder habitá-lo.

Na sequência do capítulo, tocaremos na especificidade do imaginário desse corpo que habita um território duplo, ou um não-lugar, que são os espaços de fronteira. Seguimos apresentando, então, aspectos dessa situação particular, que em muito se

assemelham ao que os corpos e a paisagem urbana de Boa Vista vivenciam hoje, diante dos trânsitos ocasionados pela migração venezuelana e que têm afetado as percepções cidadãs nessa cidade, algo que será demonstrado nas análises dos dados imaginários de Boa Vista.

## 2.5. Imaginários de Fronteira

Dentro desse arcabouço conceitual pertencente aos imaginários urbanos, até aqui apresentados, cuja ênfase reside na captura do que é ser urbano pela perspectiva do desejo cidadão, surge dessa teoria uma nova “categoria”, que, embora não esteja explicitamente descrita nas obras de Silva, merece destaque em nossa tese: os *imaginários de fronteira*.

Trazemos, assim, um breve panorama dessa nova categoria dentro da teoria dos Imaginários Urbanos, pelo fato de ela traçar correspondências com nosso objeto de estudo (Boa Vista – uma cidade em território de tríplice-fronteiriça). Portanto, conhecer o urbano a partir dos desejos fronteiriços é mais uma categoria que deve ser considerada em nosso estudo.

Em sua tese, Sanchez (2018) analisou diferentes percepções sobre a fronteira Norte do México através de sua relação cultural, econômica, urbana, social e política com o Sul dos Estados Unidos, mais especificamente nas relações fronteiriças entre *Ciudad Juarez e El Paso*. Seu objetivo foi mapear essa fronteira a partir do viés de seu imaginário, de como essa população fronteiriça assume como projeção imaginária a existência de uma fronteira internacional de três mil e duzentos quilômetros. Para essa análise, foi necessário refletir sobre esse “território bi-nacional” e perguntar aos moradores como eles percebem e vivem nesse espaço de fronteira.

Foi uma busca entre os "dois lados", entre pontos de convergências e divergências, união e separação, convivência e disputa; todas essas questões convergiram para uma categoria de análise capaz de evocar as várias percepções em torno da noção de fronteira como forma de ser urbano.

Buscando elucidar esse novo conceito ou categoria dentro do campo dos imaginários urbanos, Sánchez (2018, p. 14) apresentou a seguinte definição de Herrera Robles:

os imaginários de fronteira são aquelas percepções que a população fronteiriça tem sobre o que é comumente chamado de borda, fronteira, linha divisória ou faixa territorial que divide os Estados Unidos do México. E essa fronteira definir outra espacialidade imaginária que é

declarada como "o outro lado". O imaginário de fronteira tem um fardo histórico para ser uma construção sociocultural que tem um tempo social diferenciado de outras regiões não-fronteiriças e que têm uma espacialidade única.

Tomar como exemplo, em nossa tese, essa tão conhecida fronteira México-EUA, por suas peculiares características, quando comparada a outras situações de fronteiras pelo mundo devido a suas próprias dinâmicas muito particulares, é essencial para compreendermos a construção dos arquivos cidadãos em territórios fronteiriços, sobretudo por ser um espaço de controle e disputa que ficou mundialmente conhecido, especialmente em nosso imaginário recente, devido ao famoso muro, plataforma de governo de Donald Trump.

Além de toda essa questão geopolítica, em torno desse território, outros imaginários puderam ser acessados em ambas as nações nesse estudo de caso, uma vez que esse território fronteiriço foi formado por um componente sociocultural único, cujas realidades são diferentes do restante das zonas de ambos os países.

No que tange a pesquisas ou estudos relacionados às fronteiras pelo viés do imaginário e da Arte, Sánchez (2018) encontrou em seu estudo uma lacuna de materiais bibliográficos nesse sentido, e sua tese, pioneira nessa discussão, se apresenta como uma oportunidade de abrir um espaço de pesquisa no que se refere aos estudos sociais em espaços de fronteira, fornecendo diferentes elementos para entender as fronteiras que unem e separam os dois países ao mesmo tempo.

Sua tarefa foi pensar a fronteira de maneira imaginada apoiada pelos discursos de fronteira, suas histórias, lendas urbanas, mitos, fundações, eventos históricos, recursos fotográficos, documentos visuais, documentos históricos. Enfim, tudo o que serviu de base para conhecer como esses imaginários de fronteira são criados e recriados e, conseqüentemente, se tornam a base para a elaboração dos “arquivos cidadãos” indicados na metodologia de Silva (2014) como espaço de uma organização social arquivado em suas materialidades representacionais e como categoria cognitiva.

Com ênfase no campo das epistemologias do sensível, o autor focou na construção do conhecimento que emerge dos processos de percepção e que conseqüentemente conflua a processos criativos em torno da distância entre os corpos, designados como fronteira, *border* - borda ou *line* – limite e em seus objetos políticos de separação e controle: o deserto, o Rio Bravo, o muro etc. Tais percepções fronteiriças, símbolos dos trânsitos migratórios, reconfiguram-se em objetos de arte, onde olhares plurais, abertos,

críticos e criativos se estabelecem para entender o problema de condição de fronteira (SÁNCHEZ, 2018).

Esse limite (fronteira) é também território puro; se, por um lado, é permanentemente ordenado e reordenado política e economicamente, tornando-se mensurável, por outro, trata-se de inserções e separações emocionais de quem o habita, uma vez que esses corpos se encontram e se separam. Sánchez (2018) chama esse território de bi-social e relaciona esse espaço também como bi-sensível quando analisado nas manifestações, práticas e produtos da arte.

A hipótese, segundo Lefebvre (1991), é que ambos – território e Arte – podem ser entendidos como fronteiras e interstícios, também como práticas culturais e geopoéticas, uma vez que se tornam tanto memória como imaginário.

A partir do quadro conceitual e teórico dos imaginários, podemos compreender a fronteira a partir de suas práticas, aspectos culturais e sociais que confluem em uma ordem estética, tornando-se então, matéria do sensível. Nesse sentido, entre outras ordens, acessa o campo da arte, “que atua na representação de como essa fronteira se configura em memórias particulares que dão conta das formas de habitá-la ou estetizá-la” (SÁNCHEZ, 2018, p. 21).

O conhecimento produzido, portanto, amplifica e adensa o estudo dos Imaginários de Fronteira na medida em que sua abordagem da antropologia das percepções se instala no domínio desses cidadãos fronteiriços. Somados a esses cidadãos, o autor cita ainda os artistas fronteiriços, que, por meio de suas obras, espaço criativo, temática e trabalho, se alimentam da interação entre aqueles que são do Norte e outros que são do Sul, e, sobretudo, porque seus processos e produtos respondem pela relação dessas duas nações em questão, não tanto do ponto de vista da geopolítica, mas sim da geopoética, como uma possibilidade de rastrear as marcas, pegadas ou rastros estéticos particulares que os definem (SANCHEZ, 2018).

Assim, tanto os imaginários quanto a localização das práticas estéticas materializadas em Arte assumem função de memória, são encarnados ou incorporam, de acordo com Silva (2001), em objetos cidadãos que encontramos à luz do público e dos quais podemos deduzir sentimentos sociais, como medo, amor, ilusão ou raiva.

Esses sentimentos são, portanto, arquiváveis: escritos, imagens, sons, produções artísticas, em que o imaginário impõe seu valor dominante sobre o objeto em si, como já foi demonstrado nos exemplos deste capítulo. Portanto, todo objeto urbano não tem



apenas sua função útil, mas pode também receber uma avaliação imaginária que o dota de outra substância representacional (SILVA, 2014).

Seguindo o traço metodológico dos imaginários de Silva, a fronteira, assim como a cidade, pode ser entendida em seu aspecto físico, histórico e simbólico, na descrição de seus espaços materiais, dos objetos que a povoam e que estabelecem registros estéticos determinados. Esse exercício interpretativo e analítico ganha potência enquanto abordagem metodológica, uma vez que é possível, a partir dela, reconfigurar a trama de acepções que permitem visibilizar as práticas, discursos e organizações materiais, em que o fazer se desenvolve e a razão de ser da Arte se dá como instância de produção de conhecimento (SÁNCHEZ, 2018).

Nesse sentido, a investigação das formas artísticas, através de determinadas práticas estéticas como o audiovisual, fotografia, desenho, pintura, escultura, performance, são importantes desdobramentos que servem também para se tornarem objetos arquiváveis de memória, rastreados por meio de uma construção de imaginários sobre o que define a fronteira em suas diversidades e pluralidades culturais, sociais e econômicas. No caso do autor em questão, mais especificamente sobre a fronteira EUA (*El Paso*) com o México (*Ciudad Juarez*).

Os imaginários de fronteira, portanto, desdobram-se da teoria dos imaginários de Silva como uma nova possibilidade analítica desse território de interstício. No caso de Sánchez (2018), a seleção de seu material de análise foi enquadrada em critérios a fim de que seu *corpus* permitisse a ampliação da noção de estética na cena de fronteira, articulando os processos criativos de artistas de um lado e de outro da fronteira. A fim de produzir relações entre arte, identidade, território, fronteira e memória, propôs, assim, um horizonte reflexivo capaz de compreender a fronteira não apenas como instância geopolítica de separação, mas, sim, como possibilidade de mistura, de criação, de geopoética (SÁNCHEZ, 2018).

O instrumental de pesquisa dos imaginários de fronteira de Sánchez (2018) foi composto de um procedimento metodológico que envolveu entrevistas e um questionário formulado<sup>43</sup>. Foi desenvolvido em parceria com Armando Silva e Thierry Lulle, cuja estrutura investigativa aborda grupos temáticos que seguem a investigação sobre o imaginário de fronteira: identidade e história; imagem e memória; decogramas de fronteira; limítrofe emocional.

---

<sup>43</sup> O questionário de Sánchez é uma adaptação do questionário base de Silva (2006) voltada às questões fronteiriças.

Cada um desses grupos temáticos foi dividido em questões fechadas e abertas que permitiram estabelecer uma linha de base de ordem estatística e que complementou o exercício hermenêutico central na leitura dos dados e as informações qualitativas fornecidas pelos participantes<sup>44</sup>.

Logo, os imaginários de fronteira confluem com o pensamento de Armando Silva, que sustenta seu aparato teórico a partir de uma abordagem estética que idealiza estruturas imaginárias do cotidiano de quem habita o urbano para além do urbano, como construção de realidades que os cidadãos contemporâneos fazem sobre suas percepções, práticas urbanas, artísticas, culturais, políticas, tecnológicas, sem opor o imaginário ao real. Pelo contrário, entende que tanto realidade quanto imaginário operam no mesmo *status* ontológico de validade igual ou maior em certas situações (SÁNCHEZ, 2018).

Da mesma forma como no questionário base dos imaginários urbanos, os dados fronteirizos coletados são retrabalhados em diálogo com outros materiais, principalmente artísticos, de forma a produzir um olhar diferente (representação) sobre a fronteira entre México e Estados Unidos, correspondente à hipótese de que tanto o território como a Arte podem ser entendidos como fronteiras e interstícios, como práticas culturais e geopoéticas que se tornam, portanto, memória e imaginário.

Como Armando Silva aponta em relação à sua metodologia de pesquisa, os instrumentos usados para mapear o imaginário devem facilitar o exercício interpretativo de dimensionar o significado de ser urbano em seu aspecto sensível e perceptivo. Portanto, “o processo investigativo transita de uma sistemática de pesquisa científica para um campo criativo de produção de imagens que rivalizam com aquelas da realidade factual para assim avançar, precisamente, nas reconstruções estéticas das sensibilidades coletivas”. (SILVA, 2011, p.17 *apud* SÁNCHEZ, 2018, p.24).

Por fim, Sánchez (2018) assevera que o geopolítico divide, enquanto a geopoética une e que sua hipótese de que tanto a arte quanto o território podem ser entendidos como fronteiras e interstícios, como objetos, lugares, de separação e/ou encontro. Acrescenta que a Arte e a fronteira fazem sentido tanto no corpo individual, como nos corpos

---

<sup>44</sup> Em sua tese, Sánchez relata que a participação no seu estudo foi composta de quarenta e quatro profissionais (20 mulheres e 24 homens) das áreas de planejamento urbano, arte e cultura, cujas faixas etárias investigadas variaram entre 21 e 60 anos. Isso permitiu, em sua análise, um espectro significativo de percepções marcadas por experiências pessoais e trajetórias de vida particulares. Esses 44 questionários foram complementados ainda por onze entrevistas que foram gravadas e transcritas para ampliar sua análise, elas incluíram a participação de artistas, curadores, acadêmicos envolvidos nas duas cidades de fronteira em questão (SÁNCHEZ, 2018).

coletivos, aproximando o distante, o íntimo, a nossa condição estética que às vezes pode se interligar a processos por vezes dolorosos, às vezes agradáveis.

O estudo do imaginário e estético traz para esse corpo novas formas de olhar e sentir no que tange a aspectos da arte e da fronteira, pois estamos em eterna luta entre o que é dado e o que é criado. Nesse ponto, surge a tensão entre natureza e cultura que nos redefine permanentemente no tempo: o que a natureza não nos deu, nós transformamos, como princípio de configuração cultural. É preciso compreender também o olhar subjetivo do lado de fora enquanto existência não só física como psíquica, compreensão essa traduzida pelos artistas em seus trabalhos de fronteira, cujas produções são tecidas em conjunto com redes simbólicas, trazendo à tona emoções de uma cultura de fronteira, cujos sentimentos se materializam em memórias e imaginários.

Complementa ainda que as emoções e os sentidos são, portanto, vestígios de eventos que marcam esse corpo que atravessa o espaço, mas que, ao mesmo tempo, atuam na maneira como sentimos que agimos. De acordo com Sánchez (2018), eles seriam alguns dos centros explicativos da estética que sustenta a teoria dos imaginários, além do instintivo ou de linguagem pura, compreendendo o grande poder de produzir os desejos-imagens coletivas que conduzem às ações comuns. E que o abismo material entre as duas nações em questão, em seu estudo, é tão grande que seria impossível suavizar a ideia de fronteira enquanto lugar de riqueza cultural e consequentes trocas em que as pessoas coexistem sem problemas, romantizando, portanto, aquilo que é conflitivo por natureza. Todavia, sinaliza que a fronteira é terreno inesgotável de imagens da Arte, pois permite incontestavelmente a reciclagem de materiais e imagens culturais, políticas, raciais, migratórias para se reinventar permanentemente.

## 2.6 Da teoria à prática

Apresentados aqui todos os princípios básicos que compõem uma investigação dentro dessa metodologia dos Imaginários Urbanos de Silva (2001, 2006 e 2014) e sua potencialidade em trazer à tona as maneiras como os cidadãos de determinadas urbes se relacionam e percebem o espaço de suas cidades, identificamos que essa metodologia de trabalho, por possibilitar a compreensão dos processos urbanos de natureza simbólica que impactam os espaços urbanos e que são apropriados pela coletividade cidadã, seria o ponto de partida ideal para investigação das mudanças significativas no espaço urbano de

Boa Vista: mudanças na paisagem da cidade, expressivo aumento populacional e sobretudo nas relações dessa teia social.

Partimos, assim, para além dos resultados estatísticos, que se tornam visíveis no momento das interpretações das respostas produzidas pelas entrevistas, fruto do questionário base criado como instrumento de investigação dentro dessa metodologia. A já citada linha da criatividade (ou representações paralelas), que, atualmente, dentro dessa metodologia dos Imaginários Urbanos se ampliou para a ideia de uma metodologia visual dos imaginários urbanos, sobretudo por estar ligada às questões da estética e das artes, acaba tomando diversas formas para além dos livros, artigos e dissertações relacionados a essa temática.

Assim, os dados coletados nessas entrevistas têm sido interpretados em Exposições de Arte, como, por exemplo, a mostra *Cidades imaginadas Iberoamericanas*<sup>45</sup>, que reuniu no MAC – USP, em 2010, cinquenta fotografias do projeto Cidades Imaginadas de diversas cidades já estudadas. Documentários, instalações artísticas e intervenções urbanas são algumas dessas representações dos imaginários cidadãos e que vêm surgindo como produtos, compondo consequentemente os arquivos cidadãos, resultado do Projeto Cidades Imaginadas nos diversos locais onde foi desenvolvido.

Figura 50 - Frames dos documentários a) Porto Alegre e b) Bogotá imaginada<sup>46</sup>



<sup>45</sup> Catálogo da exposição disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/conteudo/exp/10/09.asp>

<sup>46</sup> Minidocumentário Porto alegre imaginada disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eiZTCvd5MGg>  
Minidocumentário Bogotá imaginada disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3GIOLIXRE1M>



Fonte: Canal Imaginários Urbanos no *YouTube*.

Esses arquivos dos imaginários urbanos, materializados pelas formas da Arte, são consequências diretas das interpretações proporcionadas pelos dados coletados em cada uma das cidades investigadas. Ao aproximá-los de nossa investigação, apresentamos, a seguir, alguns exemplos desses desdobramentos estéticos a partir de dados imaginados, sobretudo, experiências vivenciadas desde que compusemos o grupo do projeto Brasília Imaginada. A primeira experiência que evocamos desse projeto foi anterior a nossa entrada no grupo de pesquisa e tratou-se das percepções cidadãs sobre dois emblemáticos espaços dessa cidade: o Conic e o Conjunto Nacional, espaços idênticos com relação à sua arquitetura, mas, quando analisados pelo viés dos imaginários cidadãos, acabaram revelando diversas dicotomias, através das respostas de mais de 900 participantes.

Em suma, as análises mostraram que o Conjunto Nacional (representado à esquerda na Figura 51) evocou percepções de que este seria o espaço da família, com associações positivas à limpeza, segurança e lazer. Já o Conic (representado à direita, na Figura 51), foi associado à população LGBTQIA+ e evocou negativamente percepções de sujeira, perigo e medo. Todavia, também trouxe uma parcela de percepções positivas sobre se enquadrar em um espaço de trabalho, cultura e esperança pelos participantes (NERY; GARROSSINI, 2021).

Figura 51 - Mapa de respostas.

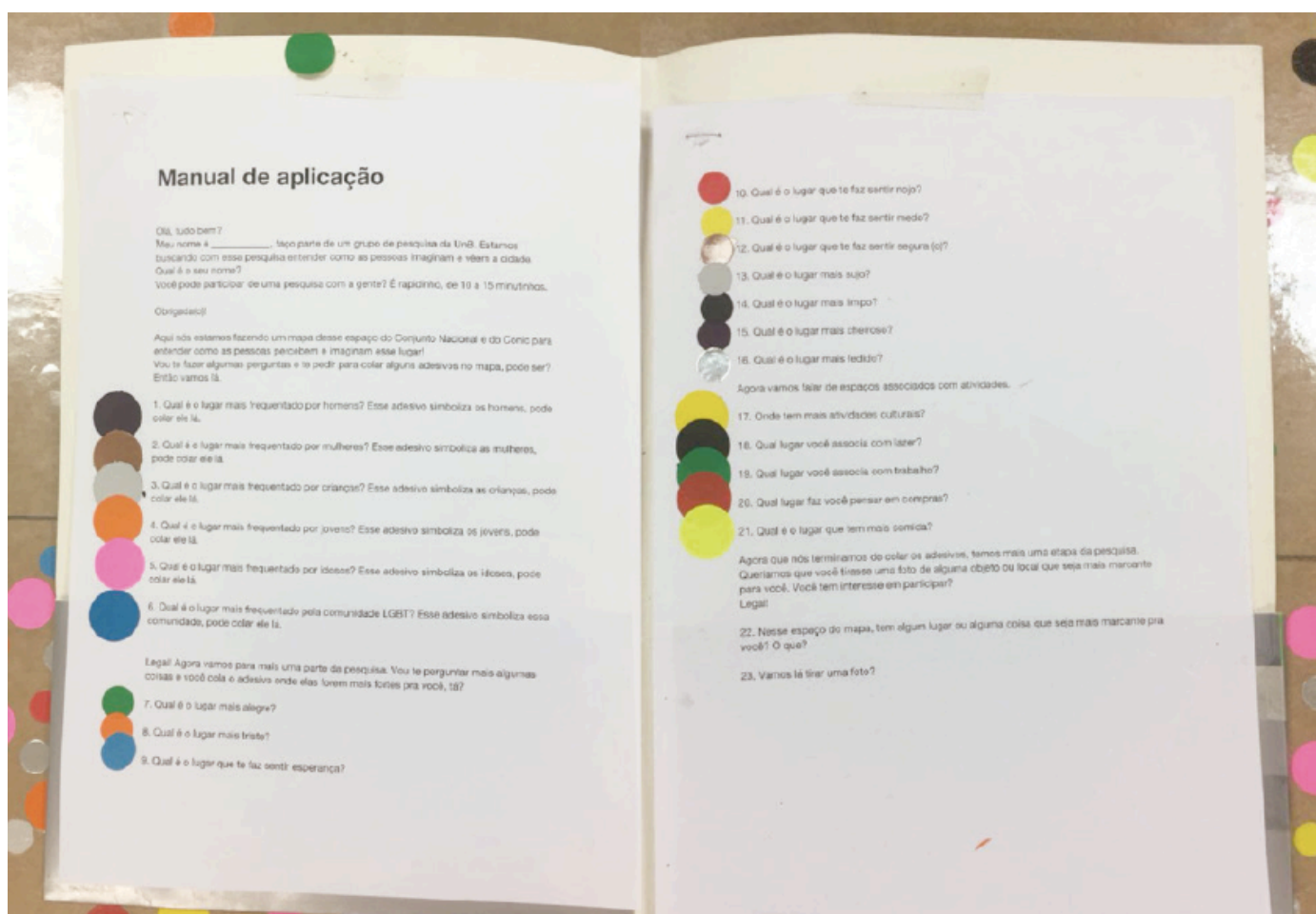


Fonte: Nery e Garrossini (2021).

O que se faz importante ressaltar em estudos deste tipo, para além dos estudos quantitativos, é o aprofundamento na construção simbólica dos espaços em questão. O Conjunto Nacional e o CONIC são edifícios espelhados, localizados a partir da mesma distância do centro da cidade, o que em uma descrição estrutural da cidade sugeriria similaridade no uso e frequência. As diferenças são construídas e compreendidas por nós não exatamente por explicações do plano que imaginou-se para Brasília, mas pela memória e vida construída pelas pessoas que aqui habitam. Não nos cabe o julgamento sobre as verdades ou inverdades sobre os dois lugares, o que nos interessa e é apresentado neste fragmento de estudo é a possibilidade de perceber o que é construído a partir dos imaginários e com as informações considerar possíveis reflexões sobre o espaço urbano (GARROSSINI; SANTOS; NERY, 2020, p. 164).

Na sequência, podemos observar o manual dessa aplicação, elaborado pela equipe do projeto, em que cada participante recebia uma cartela com os adesivos que correspondiam às respostas das questões subjetivas que seguem. Assim, o entrevistado selecionava qual dos espaços, Conic ou Conjunto, corresponderia à sua percepção imaginária.

Figura 52 - Manual de aplicação da pesquisa



Fonte: Nery e Garrossini (2021).

Através dessa experiência, um último desdobramento foi realizado, após a análise qualitativa dos dados coletados com a produção de uma instalação artística, que buscou demonstrar as dicotomias encontradas nessa experiência através do espelhamento das percepções cidadãs. Esses dados imaginados foram levados a outros cidadãos dessa cidade que não participaram da experiência, possibilitando, portanto, outras leituras e experimentações acerca dos lugares investigados.

Figura 53 - Exposição realizada no Espaço Cultural Renato Russo – 508 SUL representando o CONIC e o Conjunto.



Fonte: Garrossini, Santos e Nery (2020).

Ao compor o grupo de Brasília e entrar em contato com as experiências já vivenciadas na investigação dessa cidade, como pontapé inicial para compreensão de como o questionário base, proposto por Silva (2006), se aplicaria à realidade de Boa Vista, foi necessário primeiro testarmos sua aplicabilidade com pequenos grupos<sup>47</sup>, a fim de compreender melhor se a metodologia sugerida, pelo autor, seria utilizada de maneira estrita em nossa investigação de doutoramento, além de trazer informações importantes sobre como as pessoas percebem essa cidade.

As imagens a seguir mostram algumas respostas espontâneas de participantes desse teste:

<sup>47</sup> A aplicação teste pode ser mais bem consultada por meio do link: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1795> (POSCA; GARROSSINI, 2021).



Figura 54 - Aplicação teste do questionário de Boa Vista (2020).

5. Quando pensa em sua cidade que personagem vem à mente?  
imigrante nordestino

6. Dois lugares que você acredita que identificam essa cidade?  
laserado e assembleia legislativa

7. Com que tempo identifica a cidade?  
 Manhã  Tarde  Noite

8. Qual é a cor dessa cidade?  
laranja

9. Qual é o gênero musical da cidade?  
Carimbo

10. 3 lugares representativos de arquitetura em Boa Vista?  
manqueira no meio da cidade, Torre Portal do milênio, Cine Super

11. Em sua opinião qual é o acontecimento mais importante do último ano na cidade?  
Reabilitação do espaço público

12. E nos últimos 10 anos?  
imigração venezuelana

13. Como percebe a sua cidade?  
 Alegre  triste  perigosa  cansada  segura  viva

14. O que mais gosta na sua cidade?  
Opção do Sol e o céu no geral de Boa Vista  
 ml das ventadas de chegar em São Paulo.

15. O que menos gosta?  
Das pessoas, dos políticos, dos homens.

12. E nos últimos 10 anos?  
várias reformas em andamento para dar acesso a espaços q não te

13. Como percebe a sua cidade?  
quintados, mais.

14. O que mais gosta na sua cidade?  
Da floresta/natureza envolvida com o.

15. O que menos gosta?  
Insegurança

16. Mencione quatro lugares de diversão que existem na cidade?  
praça das águas, praça do mirandinha, bar do edoelvo,  
 Parque anaiwa.

17. Como se movimenta pela cidade?  
Carro

18. Indique três cidades que considera que tem afinidades com a cidade de Boa Vista?  
Barrutã, Santalega, Beluzgente

19. Qual é a imagem que as pessoas têm da cidade de Boa Vista?  
Basta duas imagens de quem nunca viu falar, que  
 imagina ~~em~~ uma cidade/floresta, cheia de índio, e outra  
 cheia de venezuelanos. E quem já passou aqui entende os  
 encantos que a cidade/floresta tem.

25. O lugar com maior venda de comida?  
no restaurante e mercado municipal

26. O lugar mais transitado por mulheres?  
Salão de beleza, lojas de roupas e calçados

27. O lugar mais transitado por homens?  
Bares, Barbearias

28. O lugar mais transitado por LGBT+?  
sequinas da Manqueira - Ataulo Teive

29. O lugar mais transitado por jovens?  
Cinema, universidade

30. O lugar mais transitado por idosos?  
Casa do Vovo

31. O lugar mais triste?  
nos abrigos

32. O lugar mais alegre?  
ENE GARREES quando apresenta grandes eventos

33. O lugar que te provoca nojo?  
daquela dual de respeito nas ruas

34. O lugar que te provoca esperança?  
na minha rua. Hospital de Câncer

35. O lugar mais limpo?  
Centro

Fonte: Acervo pessoal.

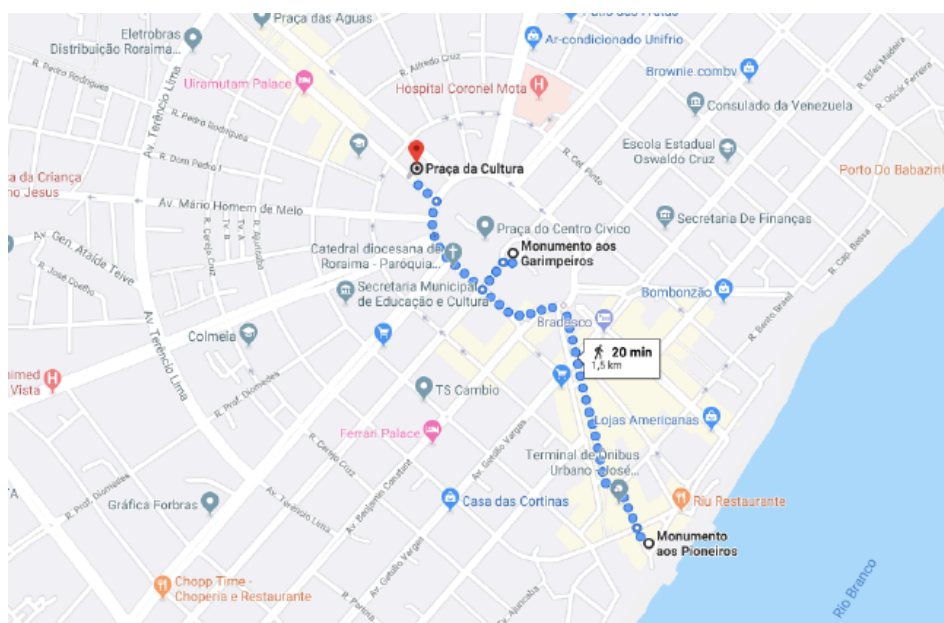
Ainda em 2020, juntamente com a aplicação adaptada do questionário, buscamos uma correspondência teórica com as representações paralelas de Silva (2006) ou, como popularmente chamamos nas reuniões do Projeto Cidades Imaginadas, de Grupo de Trabalho (GT) de Passeio na cidade e encontramos no trabalho transdisciplinar de Careri (2017) essa correspondência de deambulação, como metodologia de trabalho:

O curso de Artes Cívicas pede aos estudantes e aos cidadãos que se encontram ao longo do percurso de agir na cidade em escala 1:1, como ação física de seus corpos no espaço. Tem o objetivo de reativar suas capacidades inatas de transformação criativa, de lembrá-los que eles têm um corpo que lhes permite se posicionar dentro da cidade; pés para caminhar e mãos para modificar o espaço que habitam. Durante cada aula são percorridos cerca de dez quilômetros, caminhando do almoço ao pôr do sol. De vez em quando paramos para ler alguns textos, para comentar os espaços em que conseguimos penetrar, para raciocinar sobre a cidade, sobre a arte e sobre a sociedade (CARERI, 2017, p. 8).

Logo, esse autor apresenta como metodologia de pesquisa e didática a deambulação, ou seja, a experimentação direta da arte da descoberta e da transformação poética e política dos lugares. Seu curso, em Roma, elevou sua universidade a uma dimensão nômade, capaz de fugir das paredes das salas de aula (CARERI, 2017).

Voltando para aplicação teste em Boa Vista, agora, refletindo sobre os dados simbólicos coletados acerca dos imaginários urbanos frutos do questionário adaptado, realizamos uma deambulação com um grupo de acadêmicos da Universidade Federal de Roraima, no centro histórico de Boa Vista, adentrando, portanto, no uso desses espaços urbanos pelos estudantes, a fim de checar, *in loco*, como estes se sentiam sujeitos pertencentes e representados pelos dispositivos e objetos dispostos pela urbe. Para tal experiência, apenas duas regras ou *contraintes* foram sugeridas: – o local de partida: o monumento aos pioneiros de Roraima; e o local de chegada: a praça da cultura – monumento aos três pioneiros, no complexo Ayrton Senna: uma caminhada de cerca de 20 minutos.

Figura 55 - Mapa prévio da caminhada.



Fonte: Acervo pessoal via *google maps*.

Todo o percurso aconteceu a pé, o que fez o grupo sair da zona de conforto, tendo em vista que identificamos anteriormente, através das respostas dos questionários, que esse grupo se locomove, apenas, através de transportes públicos ou particulares. Todavia, diferentemente da experiência de Careri em Roma, que aplica as caminhadas logo após o almoço, nossa proposta foi executada no final de tarde, devido ao clima quente de nossa cidade.

Os participantes, Figura 56, foram instruídos que podiam propor paradas para conversar/observar/apontar para qualquer espaço do trajeto ou trazer informações sobre algum lugar/monumento desse caminho e definir o percurso que o grupo deveria seguir.

Figura 56 - Participantes da deambulação pelo Centro de Boa Vista.



Fonte: Acervo pessoal.

Os participantes foram informados que o ponto de partida dessa ação aconteceria no “Monumento aos pioneiros de Roraima”; assim, o grupo se reuniu no horário marcado em frente ao monumento inaugurado em 1995, enquanto eu os esperava no primeiro monumento aos pioneiros de Roraima (o Veleiro de 1975), que fica situado logo acima do monumento mais novo na praça Barreto Leite. Dessa forma, foi possível observar que, por mais cotidiano que seja passarem pelo local, o Veleiro acabou se tornando o que chamamos de monumento invisível aos olhos dos participantes. Na Figura 56, à esquerda, é possível ver o grupo no primeiro monumento aos pioneiros e, à direita, diante do monumento aos pioneiros de 1995.

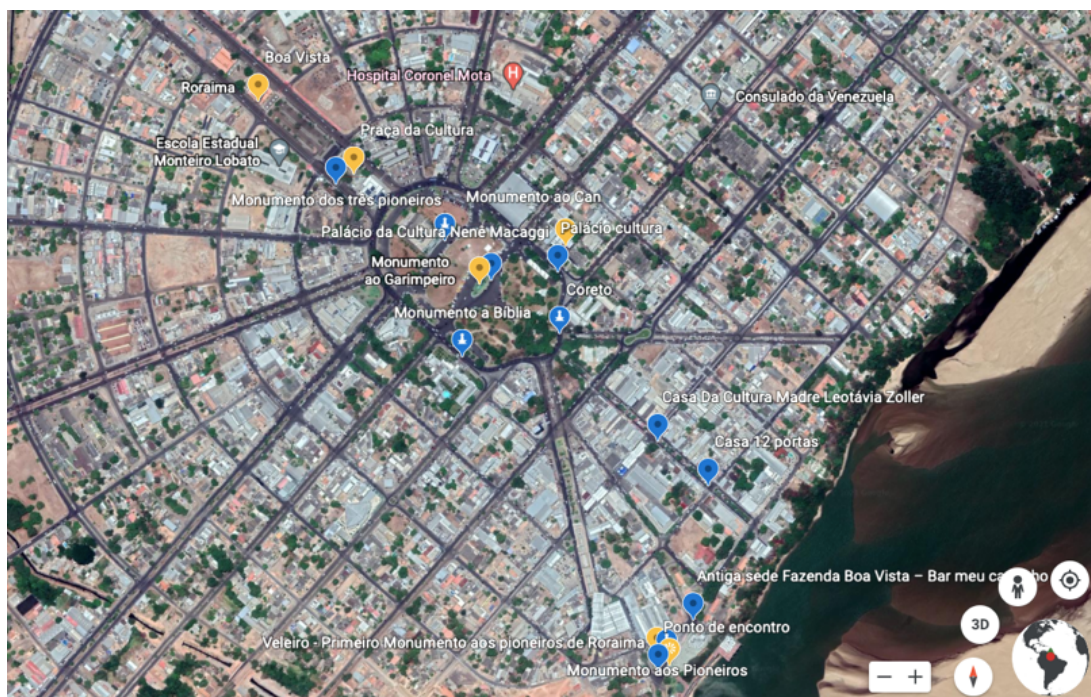
A mediação, como apontada por Martin-Barbero (1987), pode acontecer em espaços de onde surgem as constituições que delineiam a materialidade social, quando inserida em um âmbito de práticas sociais engajadas e abrange uma visão da informação como meio de comunicação generalizada. Para o autor, as mediações podem se delinear na experiência cotidiana, em escalas de diferentes tempos e nos processos cognitivos das pessoas. Logo, para que haja mediação da informação, é preciso envolvermos diálogos entre conhecimentos teóricos e práticos, a fim de possibilitar a transformação dos sistemas de conhecimentos e a construção de um saber social.

Além desse processo de deambulação, proposto nesta prática de mediação da cidade e das intervenções dos próprios participantes sobre onde parar, onde olhar, houve três momentos específicos de intervenção nessa caminhada. Primeiro: no monumento aos pioneiros de Roraima de 1995, refletindo sobre quem são os pioneiros representados na escultura; segundo: no monumento do Garimpeiro, no centro cívico, debatendo sobre a razão desse monumento ocupar o espaço de maior destaque na cidade e o que ele representa para a identidade roraimense; e terceiro: ainda no centro cívico, foi proposto ao grupo de participantes que eles apontassem os outros **monumentos invisíveis** que ocupam essa área de grande disputa na cidade. Durante a discussão proposta no monumento ao garimpeiro, todos os participantes afirmaram que desconheciam outros monumentos no espaço do Centro Cívico além do Garimpeiro.

Na Figura 57, segue uma imagem do mapa do centro de Boa Vista com as marcações finais de todas as paradas que foram realizadas durante o processo de mediação do espaço urbano através da metodologia de deambulação pelo centro de Boa Vista: 1. Veleiro – Primeiro Monumento aos pioneiros (1975); 2. Monumento aos pioneiros (1995); 3. Bar Meu Cantinho – Sede da antiga Fazenda Boa Vista; 4. Casa das 12 portas;

5. Casa da cultura; 6. Garimpeiro; 7. Coreto (homenagem a Raimundo Soares “Marreta” e memorial internacional ao indígena Macuxi Ovelário Tames); 8. Monumento à Bíblia; 9. Monumento ao CAN; 10. Palácio da Cultura; e, por fim, 11. Praça da cultura com o monumento aos três pioneiros (1992) – Índio, Fazendeiro, Garimpeiro. Essa deambulação por Boa Vista foi transformada em um passeio virtual interativo e encontra-se disponível<sup>48</sup> na plataforma *Google Earth*.

Figura 57 - Mapa final da deambulação por Boa Vista.



Fonte: Acervo pessoal.

Podemos concluir que essa construção metodológica dos imaginários urbanos surge para suprir uma lacuna no que tange à compreensão das vivências cidadãs, dentro dos estudos sociais. Isso possibilita, sobretudo, atuar em um maior panorama acerca das percepções da teia social a respeito do urbanismo cidadão.

A partir dessa metodologia vislumbramos a investigação dos estímulos político-estéticos de maior pregnância no espaço urbano, as inscrições psíquicas mais fortes, as paisagens e rugosidades pertinentes e suas transformações, os fantasmas urbanos que fazem parte de suas vivências, e o conjunto de todos estes [pontos críticos na vivência da teia social] (NERY, em preparação).

<sup>48</sup> O passeio virtual pode ser acessado clicando no link abaixo:

<https://earth.google.com/earth/d/1dVBuRP97YPZHIZKppMR-FXpRl0tO103i?usp=sharing>

Recordamos que a cidade imaginada pode ser compreendida como um tipo de patrimônio material de percepção coletiva. Logo, os arquivos de percepções urbanas abrem espaço para as sensibilidades individuais, conseqüentemente para a maneira em que cada um percebe o outro dentro de uma teia social. Compreendemos, assim, que a importância desses dados coletados vai muito além da experiência estética que eles podem proporcionar no final, como nos exemplos das aplicações já realizadas. Esses dados possibilitam, ainda, diversas formas de compreensão, construção e reconstrução do espaço urbano a partir da sua teia social.

Por fim, compartilhamos do pensamento construído por Santos, Garrossini e Nery (2020, p. 165) quando vão além das já citadas representações da cidade, através dos dados brutos e análises desse urbanismo cidadão, e sinalizam para a possibilidade de que os produtos dos imaginários urbanos – os arquivos cidadãos – se tornem fios condutores para tomadas de decisões sobre políticas públicas. Soma-se assim, mais uma contribuição para o campo desses estudos sociais, focada no que diz respeito ao cidadão que vive e usa o espaço urbano, uma vez que essa metodologia dos imaginários trabalha na perspectiva de construção da representação social sem a figura de mediadores.


Em nosso próximo capítulo – Procedimentos Metodológicos, trataremos de nossas escolhas e encaminhamentos a partir da cidade de Boa Vista, já introduzida em nosso Capítulo I, juntamente da teoria dos imaginários urbanos do Prof. Armando Silva, sobretudo de sua metodologia de trabalho já testada e aplicada em diversas urbes, e que buscamos sintetizar neste capítulo que apresentou seus principais elementos e conceitos além do diálogo com teóricos que apoiaram esse aprofundamento nas bases dessa teoria dos imaginários focada nos cidadãos.

Todo esse escopo teórico serão as bases fundamentais para procedermos com a busca de nossa Boa Vista imaginada. Assim, trataremos da aplicabilidade desse método aqui exposto e os encaminhamentos não só da coleta a partir das entrevistas do questionário base, mas também da formação do banco de dados imaginados, análises e interpretações artísticas desse material.

## CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos nossas decisões metodológicas para a realização desta pesquisa de doutoramento. Aqui, amparados pela metodologia de trabalho de Silva (2006), vamos relatar o processo de coleta dos dados imaginários de Boa Vista, obtidos a partir da aplicação adaptada do questionário base do Projeto Cidades Imaginadas<sup>49</sup>.

Figura 58 – Parte do Questionário proposto por Silva (2006).

**ANEXO 2**  
  
CONVENIO  
ANDRÉS  
BELLO

**Formulario Base**  
Proyecto Culturas urbanas en América Latina y España  
desde sus imaginarios sociales

Le pedimos responder de manera espontánea. Esta encuesta sólo aspira a comprender modos de percepción. Gracias.

Encuestador: \_\_\_\_\_  
Fecha: \_\_\_\_\_ Ciudad: \_\_\_\_\_ País: \_\_\_\_\_  
Barrio/colonia o distrito: \_\_\_\_\_

**Identificación**

- Lugar de vivienda: 1. \_\_\_\_\_ 2. \_\_\_\_\_ 3. \_\_\_\_\_ 4. \_\_\_\_\_
- Lugar de trabajo/actividad: 1. \_\_\_\_\_ 2. \_\_\_\_\_ 3. \_\_\_\_\_ 4. \_\_\_\_\_
- Actividad: Empleado \_\_\_\_\_ Independiente \_\_\_\_\_ Desempleado \_\_\_\_\_  
Estudiante \_\_\_\_\_ Pensionado \_\_\_\_\_ Otro \_\_\_\_\_
- Nivel socioeconómico: 1. \_\_\_\_\_ 2. \_\_\_\_\_ 3. \_\_\_\_\_
- Nivel educativo:
  - Primaria \_\_\_\_\_ 2. Secundaria \_\_\_\_\_ 3. Universitaria \_\_\_\_\_
  - Posgrado \_\_\_\_\_ 5. Ninguno \_\_\_\_\_
  - Último año aprobado: 1. \_\_\_\_\_ 2. \_\_\_\_\_ 3. \_\_\_\_\_ 4. \_\_\_\_\_ 5. \_\_\_\_\_ 6. \_\_\_\_\_ 7. \_\_\_\_\_
- Edad: 13-24 años \_\_\_\_\_ 25-45 años \_\_\_\_\_ 41-65 años \_\_\_\_\_ más 66 años \_\_\_\_\_
- Sexo: 1. F. \_\_\_\_\_ 2. M. \_\_\_\_\_
- Origen:
  - Nacido en la ciudad con algún padre de la ciudad \_\_\_\_\_
  - Nacido en la ciudad sin padres de la ciudad \_\_\_\_\_
  - No nacido en la ciudad pero vive en ella \_\_\_\_\_
- Con quién vive: \_\_\_\_\_

**ESCENARIOS URBANOS**

29. Cuando se pone una cita de preferencia lo hace en: (marque sólo uno)

- Centro comercial \_\_\_\_\_ 2. Iglesia \_\_\_\_\_ 3. Teatro \_\_\_\_\_ 4. Esquina \_\_\_\_\_
- Cafetería \_\_\_\_\_ 6. Restaurante \_\_\_\_\_ 7. Bar \_\_\_\_\_ 8. Parque \_\_\_\_\_
- Casa \_\_\_\_\_ 10. Otros \_\_\_\_\_

30. Mencione cuatro sitios de diversión que tenga la ciudad:  
1. \_\_\_\_\_ 2. \_\_\_\_\_  
3. \_\_\_\_\_ 4. \_\_\_\_\_

31. ¿Qué sitio de la ciudad frecuenta más en su vida de pareja?  
\_\_\_\_\_

32. Califique qué tanto le gustan estos lugares (escala 1 = nada 5 = mucho)

- \_\_\_\_\_ 2. \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_ 4. \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_ 6. \_\_\_\_\_

Mencione una calle o zona que usted considere como:

- La más peligrosa \_\_\_\_\_
- El mejor olor \_\_\_\_\_
- El olor más desagradable \_\_\_\_\_
- Con más movimiento \_\_\_\_\_
- Con más puestos de comida \_\_\_\_\_
- Más transitada por mujeres \_\_\_\_\_
- Más transitada por hombres \_\_\_\_\_
- Más transitada por jóvenes \_\_\_\_\_
- Más transitada por viejos \_\_\_\_\_
- Más triste \_\_\_\_\_
- Más alegre \_\_\_\_\_
- Calle con mayor venta callejera y con qué la identifica \_\_\_\_\_
- Más limpia y con qué la asocia \_\_\_\_\_
- Más sucia y con qué la asocia \_\_\_\_\_

Fonte: Silva (2006, p. 35; 38)

A partir de uma abordagem quali-quantitativa, descreveremos e interpretaremos, nos próximos capítulos, o resultado dos dados obtidos a partir da aplicação do questionário base com 42 participantes não identificados.

Prezando pela ética na pesquisa em Ciências Humanas e obedecendo ao que consta na Resolução do Conselho Nacional de Saúde – CNS 510/2016, esclarecemos que, para a coleta dos dados imaginários, todas as respostas obtidas foram coletadas

<sup>49</sup> Optamos por adaptar a versão utilizada na aplicação de Montería imaginada (86 questões) – <https://es.surveymonkey.com/r/DX8K9QH>, pois entendemos que na investigação atual CYCIL, na qual a cidade de Brasília está sendo investigada, o novo questionário base traz todo um novo panorama focado na pandemia da Covid19, que não é o foco de nossa investigação de Doutorado.

diretamente com os participantes sem qualquer tipo de risco a suas vidas, com o intuito de captar percepções subjetivas através de uma projeção grupal e estatística. Nesse sentido, informamos, ainda, que nossa investigação do imaginário de Boa Vista se trata de:

- a) uma pesquisa de opinião pública com participantes não identificados;
- b) uma pesquisa com bancos de dados, cujas informações são agregadas, sem possibilidade de identificação individual.

Essa abordagem quali-quantitativa foi selecionada por contemplar muito mais do que o estudo exploratório de materiais bibliográficos, documentais e descritivos encontrados em livros, teses e artigos sobre a relação de Imaginários Urbanos, Cidade, Migração e Fronteiras com a Arte, pois, além de coletar dados de forma quantitativa, criamos um banco com esses dados e nos lançamos ao desafio de compilar essas respostas não só quantificando-as, mas, também, qualificando-as. Em um primeiro momento, para a investigação de nossa Tese, trabalharemos como ponto de vista determinante de análise a categoria gênero. Dessa forma, podemos compreender aspectos da cidade de Boa Vista das mulheres e dos homens, de determinadas gerações participantes a fim de compreender como ambas as categorias percebem essa cidade; analisaremos, inclusive, as diferenças encontradas na cidade de Boa Vista pela lente dos ricos e dos pobres de cada gênero. Para isso, criaremos infográficos com a finalidade de demonstrar os resultados obtidos.

Em investigações futuras, será possível, até outros tipos de cruzamentos de informações, cujos pontos de vista determinantes, concentrem-se nas categorias: Idade e Classe sociais. Para isso, ampliar a amostra de pesquisa e criar uma equipe multidisciplinar de trabalho será um dos desdobramentos após o período de doutoramento enquanto um Projeto de pesquisa permanente.

As interpretações dos resultados vão além de quantificar as respostas, criar gráficos e encontrar correspondências desses imaginários com situações reais identificadas tanto pela imagem midiática como pelas vivências na cidade real; buscamos, assim, interpretar também de forma qualitativa esses resultados de maneira estética, através da Arte. Essa interpretação será detalhada no subcapítulo 3.4, de Metodologia Visual.

Por fim, nossos procedimentos de pesquisa seguem o modelo teórico-metodológico do projeto “Cidades Imaginadas” (SILVA, 2001) e a sua concepção triádica



do pensamento, que deu origem à metodologia dos imaginários urbanos: a cidade, os cidadãos e outridades, relatados em nosso capítulo anterior.

### 3.1 Coleta dos dados imaginários

Desde 2019, ao compor o grupo do projeto Brasília imaginada, conseqüentemente em contato direto com o criador da metodologia de trabalho dos imaginários urbanos, empreendemos esforços para compreender como o questionário base, do Projeto Cidades Imaginadas, se aplicaria na investigação da cidade de Boa Vista, uma vez que, diferentemente de Brasília ou das outras cidades imaginadas agrupadas no estudo atual, estamos adaptando essa metodologia com a finalidade de compreender aspectos relacionados à imagem da cidade de Boa Vista. Entretanto, não estamos trabalhando com a formação de um grupo de trabalho que conta com uma grande equipe multidisciplinar para aplicar estritamente tal metodologia de trabalho criada por Silva (2006) com a finalidade de uma leitura comparativa entre as cidades envolvidas. Compreendemos que uma investigação dos imaginários urbanos dentro do projeto atual CYCIL careceria desse grupo multidisciplinar de trabalho, tempo para a realização da investigação e, sobretudo, teria sua razão de ser na análise comparativa com as outras cidades relacionadas ao estudo.

Em nosso caso, essa metodologia de trabalho se apresentou como uma ferramenta para investigar as severas mudanças que têm acontecido no espaço urbano de Boa Vista diante dos processos político-sociais já citados anteriormente (migração venezuelana, gentrificação, luta dos povos indígenas, garimpo, xenofobia etc.) e os impactos que tais situações têm causado no que concerne ao urbanismo cidadão e à representação dessa cidade.

Desde então, enquanto docente da Universidade Federal de Roraima, realizei encontros e disciplinas<sup>50</sup> focadas em evocar a cidade de Boa Vista através da comunidade acadêmica e do diálogo com interessados da comunidade em geral.

---

<sup>50</sup> Em 2020, por exemplo, durante a disciplina de Tópicos Específicos em Arte e Cultura, experimentamos dois métodos de trabalho com foco na cidade de Boa Vista: a aplicação teste do questionário base de Silva (2006) e o método de trabalho de deambulação pela cidade “caminhando e parando com os estudantes”, de Careri (2017), chamado de Artes Cívicas, disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1795>. Já em 2021, na disciplina de Tópicos Específicos em Arte e Cidade, ampliamos a proposta de trabalho com o questionário base de cidades imaginadas e iniciamos a aplicação de Boa Vista imaginada com a comunidade em geral.

A partir da teoria de Silva (2001), no ano de 2020 estruturamos um questionário teste para realizar as primeiras experimentações, como demonstramos no capítulo anterior. Primeiramente, selecionamos 40 questões das 82 qualificadas originalmente, priorizamos as questões discursivas do questionário base, a fim de identificar quais os espaços da cidade seriam os mais recorrentes com esse teste, a fim, ainda, de captar as primeiras impressões de quais imagens urbanas, acontecimentos e comparações com os outros (outridades) seriam os mais citados (POSCA; GARROSSINI, 2021).

Após as experimentações realizadas em 2020 ainda de forma presencial (período pré-pandemia), alguns dados preliminares foram surgindo e indicando os caminhos que a investigação deveria tomar, o que nos permitiu determinar escolhas formais com relação aos locais específicos que deveríamos focar; por exemplo, foi através das respostas fornecidas pelas questões discursivas desse teste que selecionamos os lugares representativos da cidade, os quais foram incluídos como alternativas de nosso questionário base oficial. Contudo, a pandemia de Covid19 limitou qualquer tipo de contato/pesquisa de campo ou entrevista presencial, o que nos fez tomar a decisão, em 2021, de aplicar nosso questionário exclusivamente por meio de uma plataforma digital – o *Google forms*. Na sequência do capítulo, tratamos de tais adaptações e do cálculo amostral realizado.

### 3.2 Questionário base: adaptação e aplicabilidade na cidade de Boa Vista – RR

O formulário base do Projeto Cidades Imaginadas funciona como uma entrevista cujas perguntas são todas subjetivas por natureza, uma vez que o que se busca nas investigações dos imaginários urbanos são as emoções dos cidadãos quando vivem a sua cidade e, portanto, captar as particularidades de cada cidade estudada, de forma a concretizar a construção dos croquis das urbes envolvidas nos estudos.

A seção inicial (seção 0) desse formulário trata das informações preliminares do participante, sem que haja qualquer tipo de identificação desse entrevistado (questões de 1 a 10). As demais perguntas são divididas em outras três grandes partes, de acordo com a lógica triádica explicada no capítulo anterior: Cidade, Cidadão e Outridades.

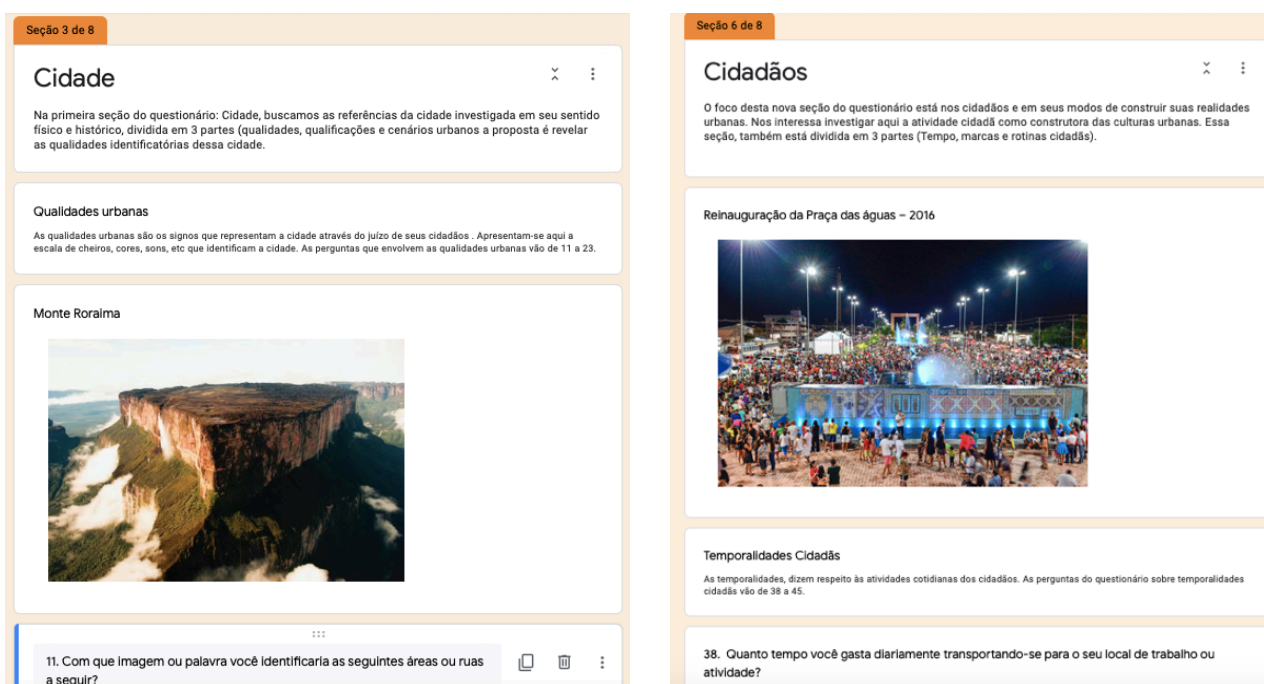
Na primeira seção do questionário, **Cidade**, buscamos as referências da cidade investigada em seu sentido físico e histórico, subdividindo-a em três outras partes – qualidades, qualificações e cenários urbanos –, cuja proposta é revelar as qualidades identificatórias dessa cidade. Com relação às **qualidades urbanas**, estas se configuram

como os signos que representam a cidade através do juízo de seus cidadãos. Apresentam-se nelas a escala de cheiros, cores, sons etc. que identificam a cidade (questões de 11 a 23). Por sua vez, as **qualificações urbanas** referem-se às maneiras de como a cidade é marcada por seus cidadãos, levando-se em conta aspectos como apreciações e necessidades sobre diferentes características da cidade e suas instituições (questões de 24 a 31). Finalmente, os **cenários urbanos** são aqueles lugares/espacos onde os cidadãos atuam ou se representam na cidade, como se fosse um ato teatral, no que diz respeito ao amor, diversão, comida, perigos etc. sobre a cidade (questões de 32 a 37).

A segunda seção do questionário, chamada **Cidadão**, foca os cidadãos e os seus modos de construir suas realidades urbanas. Interessa-nos investigar aí a atividade cidadã como construtora das culturas urbanas. Essa seção também está subdividida em três partes: **temporalidades**, que dizem respeito às atividades cotidianas dos cidadãos (questões de 38 a 45); **marcas de cidadãos**, que podem ser objetos, elementos, grupos ou lugares que assinalam o cidadão como o sujeito da experiência urbana, ou seja, elas *marcam* a urbanização do ser humano (questões de 46 a 54); e **rotinas**, que são aquelas ações que se repetem continuamente, caracterizando um estilo ou uma forma de atuar dos cidadãos (questões de 55 a 70).

A terceira e última seção do questionário de Silva (2006), adaptada por nós, é chamada **Outridades (percepção dos outros)**, na qual nos propomos a olhar *para fora* (outros/vizinhos), a fim de averiguar duas questões fundamentais: como nos imaginam e como imaginamos os outros (questões de 71 a 86). Na Figura 59, ilustramos partes desse questionário, de acordo com a adaptação que fizemos do modelo de Silva (2006).

Figura 59 - Questionário base de Boa Vista Imaginada, adaptado de Silva (2006).



Fonte: elaborado pelo autor.

Silva (2006) descreve o que seria uma amostra significativa na coleta de dados imaginários; ele estima que cidades que tenham entre 3 e 6 milhões de habitantes deveriam apresentar uma média entre 300 e 500 entrevistas válidas no estudo. O pesquisador esclarece, ainda, que a quantidade de pesquisas aplicadas é uma questão que deve ser resolvida pela coordenação do município que está desenvolvendo o estudo com os imaginários<sup>51</sup>.

Quando questionado sobre como ler as estatísticas nos estudos dos imaginários urbanos, Sánchez (2018, p. 25) sublinha o que Silva (2011, p. 20) apontou a respeito das projeções desses estudos:

Não fazemos projeções quantitativas com base em grandes amostras, como geralmente é feito em pesquisas de opinião pública, mas sim trabalhamos em projeções qualitativas de grupos de cidadãos, [...] em que combinamos questões abertas e fechadas, onde o desenho de formulários (ou questionários) permite o diálogo entre pesquisadores e cidadãos informantes, de onde saem raciocínios e visões de mundo que vão se reconstruindo (tradução nossa).

<sup>51</sup> Atualmente, na investigação de 2021/2022 do projeto CYCIL, que conta com a investigação em 42 das 86 cidades que aderiram à pesquisa, a amostra de aplicações foi definida entre cidades pequenas (100 aplicações), médias (200 aplicações) e grandes (300 aplicações).

Para a investigação em nossa tese, levamos em consideração essas projeções estatísticas aplicadas anteriormente nas pesquisas do Projeto Cidades Imaginadas. Sendo assim, nossa referência inicial tomou como base a expectativa populacional do Censo do IBGE para o ano de 2021<sup>52</sup>, para o qual a população estimada de Boa Vista é de 420.000 habitantes. Portanto, se, para uma cidade com 3.000.000 de habitantes, temos a média de 300 questionários aplicados, projetamos para Boa Vista o quantitativo mínimo de 42 participações válidas, considerando, sobretudo o ponto de vista gênero como determinante em nossa investigação, com a seguinte proporção:

- 50% dos respondentes com a identidade de gênero masculino (21 questionários);
- 50% dos respondentes com a identidade de gênero feminino (21 questionários).

Com relação à adaptação que fizemos do Questionário de Silva (2006), consideramos, para isso, as respostas que obtivemos a partir do Questionário Teste aplicado em 2020 para a confecção do Questionário Base final, aplicado em nossos informantes por meio do *Google Forms*.

Nesse sentido, no que concerne à seção de qualidades urbanas, a partir da aplicação teste, foram identificados 11 lugares considerados marcantes na paisagem da cidade de Boa Vista. Esses lugares, então, foram incluídos para compor a Questão 11 do Questionário Base final – “Com que imagem ou palavra você identificaria as seguintes áreas ou ruas a seguir?”, tal como se observa na Tabela 4. A partir disso, os informantes devem trazer, discursivamente, uma percepção sobre cada um dos lugares discriminados.

Tabela 4 - Locais selecionados para investigação de Boa Vista imaginada.

Com que imagem ou palavra você identificaria as seguintes áreas ou ruas a seguir?	
1	Centro cívico
2	Orla Taumanan
3	Monumento ao Garimpeiro
4	Praça Simón Bolívar
5	Parque do Rio Branco
6	Beiral (antigo bairro Caetano Filho)
7	Parque Anauá

<sup>52</sup> Em 2010, o Censo constatou que a população de Boa Vista era de 284.313 habitantes. Devido à pandemia e à ineficiência das políticas públicas do Governo Federal, o Censo de 2020 foi adiado e, até o ano de 2021, ainda não foi realizado.

8	Mangueira da Av. Ataíde Teive
9	Cine SuperK
10	Complexo Ayrton Senna de praças
11	Lago do Robertinho

Fonte: Próprio autor

Para a seção de cenários urbanos, os onze espaços selecionados para compor a Questão 35 – “Qualifique o quanto você gosta desses lugares” foram os mesmos da Questão 11, com o acréscimo dos seguintes espaços: Shopping Pátio Roraima, Garden Shopping e Universidade Federal de Roraima (UFRR) por entendermos que há uma grande concentração popular nesses locais com grande capacidade de gerar percepções, além de indicar preferências dos habitantes; foram retirados dessa questão a Mangueira da Av. Ataíde Teive, o Monumento ao Garimpeiro e o Cine SuperK, pelo caráter monumental desses dispositivos urbanos; optamos, portanto, pela escolha de lugares com maior concentração popular e, conseqüentemente, com capacidade de gerar percepções subjetivas.

No questionário de Silva (2006), a Questão 55 direciona-se a investigar sobre a frequência sexual dos entrevistados, na parte de rotinas cidadãs. Todavia, após diálogo com os respondentes do Questionário Teste, participantes da aplicação preliminar, essa questão foi alterada para o Questionário Base final, passando a conter a seguinte redação: “Poderia nos dizer com que frequência você se sente feliz?”. Fizemos isso porque consideramos que a questão inicial causaria desconforto aos participantes.

Ainda na seção das rotinas cidadãs, optamos por retirar as menções ao aparelho de fax e meios de transporte inexistentes na cidade de Boa Vista, como o metrô ou trem, e incluímos opções de dispositivos, celulares e *tablets*, por contemplarem melhor a realidade do tempo presente. Acrescentamos, ainda, menção aos “táxis lotação”, que são um meio de transporte local muito utilizado pela população<sup>53</sup> boavistense.

Na seção de outridades, buscamos adaptar as questões para a realidade transfronteiriça de nossa investigação. Por exemplo, a Questão 71 – “Com o que você identifica cada uma das seguintes cidades brasileiras” que, no Questionário de Silva

---

<sup>53</sup> Os táxis lotação são formas de transporte coletivo de Boa Vista que não se enquadram nem como um táxi convencional, nem como carros de aplicativos, como, por exemplo, Uber. Com rotas e preço fixos, eles têm a função de suprir uma lacuna de ônibus na cidade.

(2006), tem a finalidade de trazer a possibilidade de se realizar uma comparação entre a cidade pesquisada com outras cidades agrupadas no mesmo estudo. Assim, para o questionário teste, inserimos outras cidades que também fazem parte do Projeto Cidade Imaginadas no Brasil, como, por exemplo Porto Alegre. Essa cidade, especificamente, gerou estranhamento aos respondentes, uma vez que a maioria não tinha qualquer referência dessa urbe. Por essa razão, optamos por manter as cidades de Brasília (DF) e de São Paulo (SP), que, atualmente, têm equipes de trabalho desenvolvendo o projeto das cidades imaginadas e que, em futuras investigações, possibilitarão algum tipo de cruzamento de dados com os coletados em Boa Vista. Além dessas, inserimos, para o Questionário Final, Manaus (AM) e Belém (PA), por estarem em dois estados brasileiros que fazem fronteira com Roraima e, por último, São Luís (MA), por se tratar do estado da região Nordeste brasileira de onde provém grande parte da população que historicamente migrou para Roraima.

Para a Questão 73 – “Como você identifica cada uma das seguintes cidades latino-americanas?”, também precisamos fazer algumas adaptações, tendo em vista que, em nossa aplicação teste, os participantes sentiram muitas dificuldades em identificar cidades distantes de suas realidades, como, por exemplo, Buenos Aires e Santiago. Logo, selecionamos, para o Questionário Base final, as cidades de Bogotá (Colômbia) e Caracas (Venezuela), que já foram foco do Projeto Cidades Imaginadas, o que permitirá, futuramente, cruzamentos de dados com aqueles coletados em Boa Vista. Além dessas cidades, selecionamos, também, Santa Helena de Uairén (fronteira da Venezuela com Roraima), Lethem (fronteira da República da Guiana Inglesa com Roraima) e Georgetown (por se tratar da capital da República da Guiana Inglesa). Essas adaptações foram feitas para tentar aproximar a investigação de Boa Vista de suas cidades de fronteira.

### 3.3 Análise qualitativa dos dados

Para a aplicação do Questionário Base final, após a coleta das respostas válidas (42 participações), trabalhamos, em um primeiro momento, com a análise bruta dos dados por meio do *software* Microsoft Excel, procurando as correspondências imaginárias da coletividade cidadã participante nas questões dissertativas, como apresentado no exemplo da Figura 60:

Figura 60 – Parte de respostas à Questão 75.

75. Como você acha que os habitantes da cidade de Boa Vista são percebidos pelo resto dos cidadãos brasileiros?
aldeia indígena
índios
Como estranhos
Como índios
Não
Não sei
Aventureiros. Oportunistas
nao
índios
Acomodados, foi o que já ouvi.
Como pessoas que só tem contato com índios e natureza
Provincianos
INDÍGENAS
Como povos indígenas.
Calmos
Preconceito
Como seres do mato?
Índios
Não costumam ser percebidos, talvez pela repercussão da imigração venezuelana.
Muitas vezes ultrajados
Índios
Índios
Normais
Índios
índios (errados não tão, somos macuxi)
Como índios
Nem sabem que existimos
.
Índios
Ela não existe para os outros brasileiros é como se fosse uma porteira pra imigrantes
Hospitaleiro e receptivo

75. Como você acha que os habitantes da cidade de Boa Vista são percebidos pelo resto dos cidadãos brasileiros?
aldeia indígena
índios
Como estranhos
Como índios
Não
Não sei
Aventureiros. Oportunistas
nao
índios
Acomodados, foi o que já ouvi.
Como pessoas que só tem contato com índios e natureza
Provincianos
INDÍGENAS
Como povos indígenas.
Calmos
Preconceito
Como seres do mato?
Índios
Não costumam ser percebidos, talvez pela repercussão da imigração venezuelana.
Muitas vezes ultrajados
Índios
Índios
Normais
Índios
índios (errados não tão, somos macuxi)
Como índios
Nem sabem que existimos
.
Índios
Ela não existe para os outros brasileiros é como se fosse uma porteira pra imigrantes
Hospitaleiro e receptivo

Fonte: elaborado pelo autor.

Depois de agrupar as respostas semelhantes, passamos para a fase seguinte no próprio *software* Excel, criando tabelas dinâmicas e realizando a contagem das respostas correspondentes a fim de encontrar as porcentagens dos dados imaginados e assim, transformá-los em gráficos:

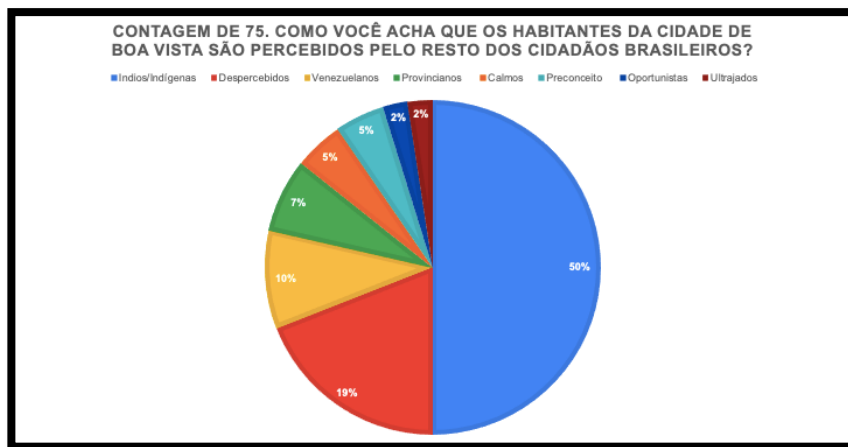


Figura 61 - Exemplo de tabela dinâmica e gráfico no Excel

Rótulos de Linha	Contagem de 75. Como você acha que os habitantes da cidade de Boa Vista são percebidos pelo resto dos cidadãos brasileiros?
Calmos	2
Despercebidos	8
Índios/Índigenas	21
Oportunistas	1
Preconceito	2
Provincianos	3
Ultrajados	1
Venezuelanos	4
<b>Total Geral</b>	<b>42</b>

Rótulos de Linha	Contagem de 75. Como você acha que os habitantes da cidade de Boa Vista são percebidos pelo resto dos cidadãos brasileiros?
Índios/Índigenas	50%
Despercebidos	19%
Venezuelanos	10%
Provincianos	7%
Calmos	5%
Preconceito	5%
Oportunistas	2%
Ultrajados	2%

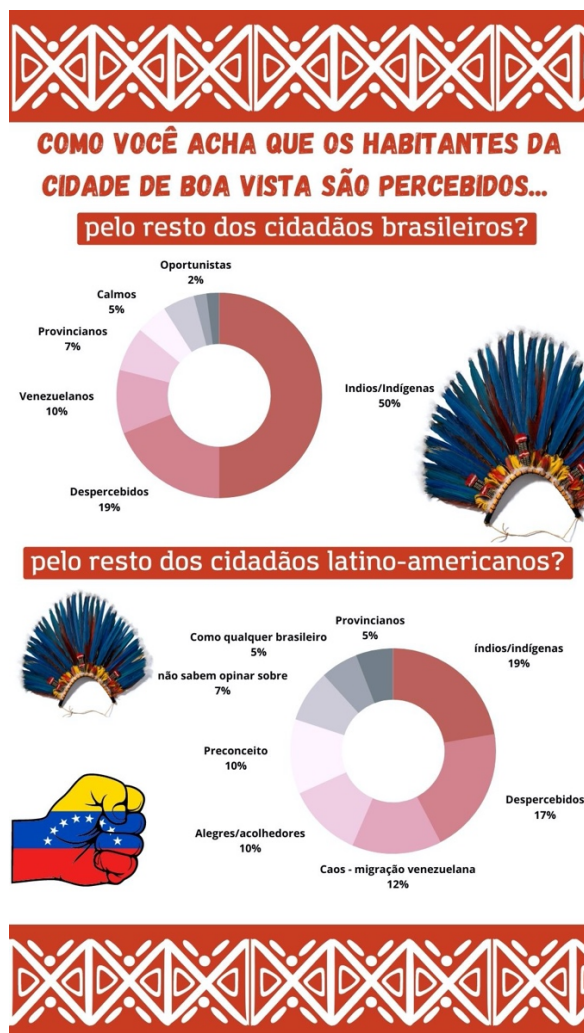


Fonte: Elaborado pelo autor.

Após este procedimento de construção dos gráficos de percepções cidadãs. Além das informações obtidas pelos dados imaginários e suas respectivas porcentagens de respostas, elaboramos uma construção imagética a fim de fazer uma correspondência dos dados imaginados com situações reais, vividas na cidade em questão.

Por exemplo, para a Questão 75 – “Como você acha que os habitantes da cidade de Boa Vista são percebidos pelo resto dos cidadãos brasileiros?” –, obtivemos os seguintes dados: para 50% dos entrevistados, os boa-vistenses são percebidos como “índios”; para 19%, os boa-vistenses passam “despercebidos”; 10% dos participantes, acreditam que os boa-vistenses são vistos como “venezuelanos”, entre outros dados residuais. Esses dados imaginados, juntamente com seus percentuais, são apresentados em nosso texto de maneira ilustrada, através de infográficos criados no *software* Canva, tal como se apresenta a seguir:

Figura 62 - Exemplo de construção de infográfico dos dados de Boa Vista imaginada.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como se vê na Figura 62, a utilização das imagens que servem como pano de fundo para a apresentação dos dados, nesse caso especificamente, busca suscitar reflexões e trazer referências sobre as realidades vividas pelos cidadãos de Boa Vista a partir de suas percepções imaginadas.

Além das questões dissertativas, o Questionário Base final contém perguntas de múltipla escolha. As respostas a essas perguntas são organizadas automaticamente pela plataforma utilizada – *Google Forms*, que compila e gera gráficos editáveis. Esses gráficos também serão analisados buscando relacionar os dados imaginados a situações reais vivenciadas no contexto boa-vistense.

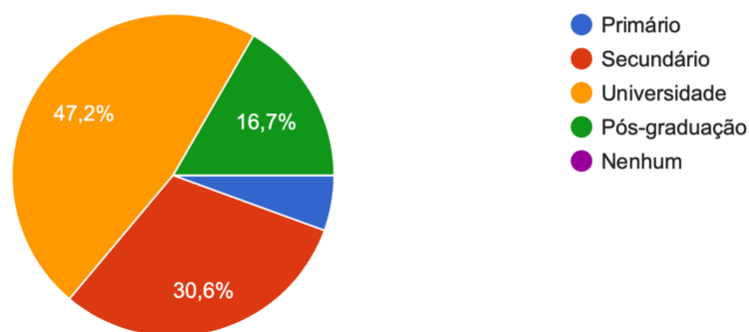
Na Figura 63, podemos checar um exemplo relacionado à Questão 6, “Escolaridade”, cujo resultado parcial mostra que 47,2% dos participantes têm nível

universitário, 30,6%, nível secundário (Educação Básica), 16,7%, pós-graduação, e 5,6% têm nível primário (Educação Básica):

Figura 63 - Gráfico gerado pelo *Google Forms* relacionado à escolaridade dos participantes.

## 6. Escolaridade?

36 respostas



Fonte: acervo do autor.

É importante mencionar, ainda, que optamos por aplicar o Questionário Base na íntegra (86 perguntas) com a coletividade de Boa Vista; porém, no momento das análises qualitativas, priorizaremos as variáveis que tratam das informações relativas ao foco de nossa tese: migração, fronteira, identidade, cultura, planejamento urbano e gentrificação. Fazemos isso a fim de que possamos checar como essa coletividade boa-vistense percebe as questões relativas à cultura urbana e à imagem da cidade de Boa Vista após o momento de ápice da migração venezuelana e acometimento pela Covid 19; além disso, buscamos observar como o cidadão boa-vistense tem construído seus croquis cidadãos diante da conjuntura política, social e pandêmica.

Ressaltamos que, na própria metodologia de trabalho de Silva (2006), algumas possibilidades de interpretações visuais são tratadas ao longo de seu estudo. Em nossa tese, realizaremos, também, essas interpretações artísticas. No subtópico a seguir, apresentamos especificamente como será realizado o tratamento visual dos dados obtidos em Boa Vista e de suas potencialidades artísticas.

### 3.4 Metodologia Visual: interpretações da Imagem da cidade de Boa Vista – RR pela perspectiva cidadã

Como temos visto ao longo deste texto, a “cidade imaginada” pode ser entendida como um tipo particular de patrimônio imaterial que caracteriza e pré-define o uso da outra: a cidade real. Assim, enquanto o imaginário é inerente à percepção do grupo, o arquivo é inerente à sua documentação, ao objeto que o guarda e à sua hierarquia e valorização cultural (SILVA, 2021).

Trabalhar, todavia, com arquivos visuais, é o último passo a ser dado. Silva (2021) infere que esses arquivos, frutos dos imaginários expressos em representações coletivas, também contam com uma capacidade arquivística. Logo, a arquivabilidade de suas materialidades também é função inerente de uma investigação imaginária. Nesse sentido, o autor fala de quatro possibilidades:

- **Construção de proposta estética do ser urbano:** trata-se de registrar os eventos urbanos detectados no questionário por meio de fotos e vídeos. Nesse caso, não se trata apenas de documentar as respostas que foram dadas a cada um desses itens, mas sim de registrar os fenômenos importantes encontrados.
- **Imagens da cidade na mídia de massa, internet e redes:** essa compilação exige sensibilidade para as histórias da cidade que circulam na mídia.
- **Arquivos comunitários:** modelo de grafites e arte pública – as inscrições urbanas também fazem parte das compilações de material de pesquisa.
- **Representações paralelas:** a representação paralela é chamada de produção de outras imagens que rivalizam e desafiam aquelas construídas pela mídia e repetidas como verdades socialmente aceitas.

A partir de tais possibilidades, para nossa investigação, compreendemos que as imagens de Boa Vista encontradas nos meios massivos e em arquivos comunitários, como grafites espalhados pela cidade e outras artes públicas, serão mídias fundamentais para a compreensão dos fenômenos encontrados a partir dos resultados obtidos pela coletividade cidadã. Essas imagens, nesse momento de interpretação, serão evocadas a fim de

entrelaçar as devidas correspondências imaginadas com as histórias e percepções reais dos cidadãos acerca dos fenômenos urbanos encontrados.

A **construção de proposta estética do ser urbano** e as **representações paralelas** serão elementares à nossa investigação, de forma que investiremos parte considerável do tempo restante de nossa pesquisa para que possamos registrar e interpretar nossos fenômenos através do campo da Arte. Nesse sentido, rivalizaremos as representações de Boa Vista pela lente das artes com as representações midiáticas evocadas ao longo da pesquisa.

Esse será o fechamento de nossa tese, sobretudo por meio da criação de obras em diferentes mídias e linguagens artísticas, onde serão interpretados os dados desses imaginários urbanos de Boa Vista. Tais representações serão evocadas por artistas que vivem em Boa Vista – roraimenses, roraimados, migrantes e imigrantes, sob minha curadoria na exposição Retratos de Boa Vista imaginada; para que, finalmente, possamos retratar os resultados dessa tese, evocando imagens ou retratos de Boa Vista imaginada. Encerrando, portanto, o processo de doutoramento em Artes Visuais.

## CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1. Os dados de Boa Vista imaginada

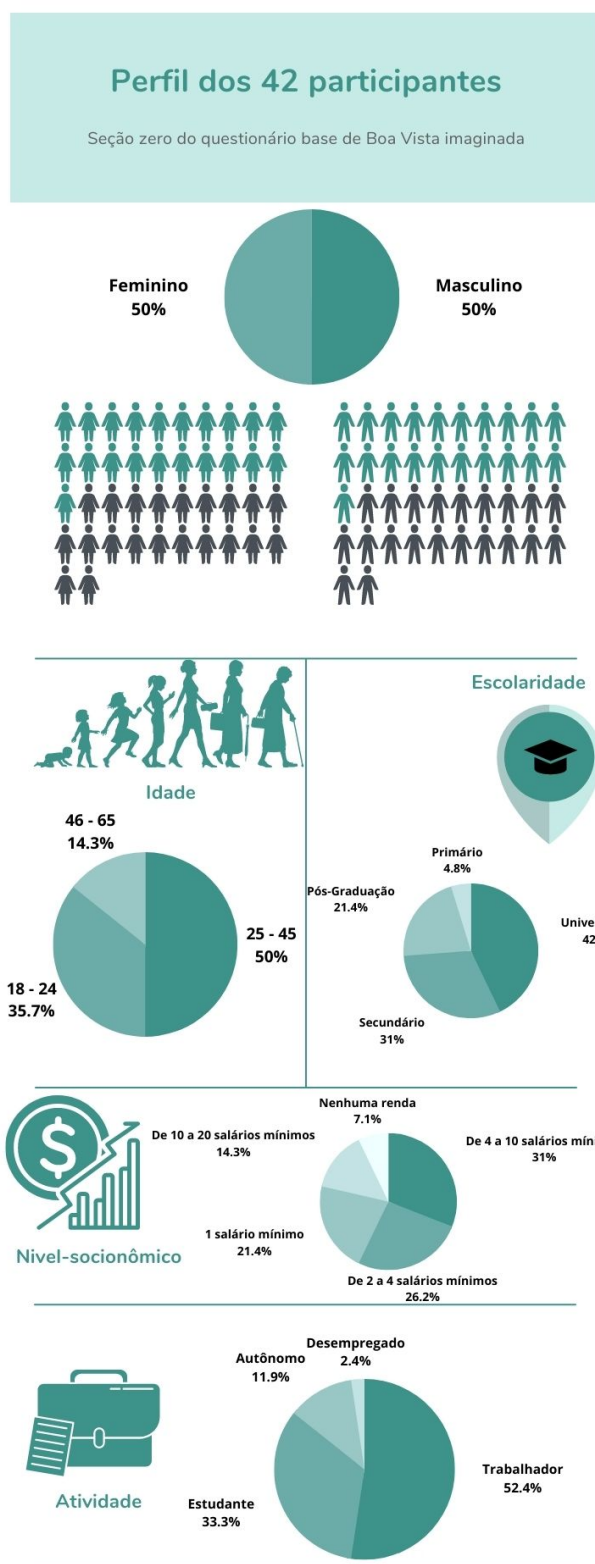
Conforme delinhamos em nossos procedimentos metodológicos, neste capítulo, apresentaremos os dados de nossa investigação, organizados de forma qualitativa e quantitativa, buscando, sempre que couber, confrontar as representações dos imaginários dos cidadãos de Boa Vista com situações reais, utilizando como base imagens midiáticas, fotografias, arte pública e em diferentes mídias e meios, a fim de que a condição de assombro social produzida pelos estados imaginários possa ser atestada em fenômenos reais experienciados pelos cidadãos dessa urbe.

Além disso, apresentaremos os croquis dos cidadãos boa-vistenses acerca de sua urbe e os emblemas urbanos elegidos pelos participantes através da consolidação das percepções cidadãs em esquemas visuais para que, por fim, façamos emergir a Boa Vista imaginada.

Essa representação da cidade, como em toda a aplicação da Metodologia dos imaginários urbanos, seguirá a ordem proposta pelo questionário aplicado relatado em nosso Capítulo III, de modo que discutiremos, a seguir, como organizamos a apresentação destes resultados e a sua discussão baseada no modelo teórico-metodológico do projeto Cidades Imaginadas e a sua concepção triádica do pensamento: a cidade, os cidadãos e as outridades. No subcapítulo 4.2, intitulado “Perfil dos participantes”, apresentamos os aspectos essenciais para compreensão dos cidadãos participantes da pesquisa. No subcapítulo seguinte, 4.3, intitulado “Cidade”, tratamos dos dados que versam sobre as qualidades, qualificações e cenários da cidade de Boa Vista. Na sequência, subcapítulo 4.4, intitulado “Cidadãos”, apresentamos os dados que focaram nos cidadãos boa-vistenses. Depois, no subcapítulo 4.5, intitulado “Outridades”, propomo-nos a olhar para os dados que refletem acerca de como os cidadãos boa-vistenses se enxergam e como pensam que os outros os enxergam. Por fim, no subcapítulo 4.6, intitulado “Croquis e a Boa Vista de seus cidadãos”, traçaremos considerações sobre os resultados alcançados pela pesquisa com vistas para o mapa dos afetos ou croquis cidadãos que foram desvelados pela pesquisa e aquilo que foi mais **emblemático** nas respostas dos participantes.

## 4.2. Perfil dos participantes

A seção inicial (seção 0) do questionário aplicado com os cidadãos de Boa Vista



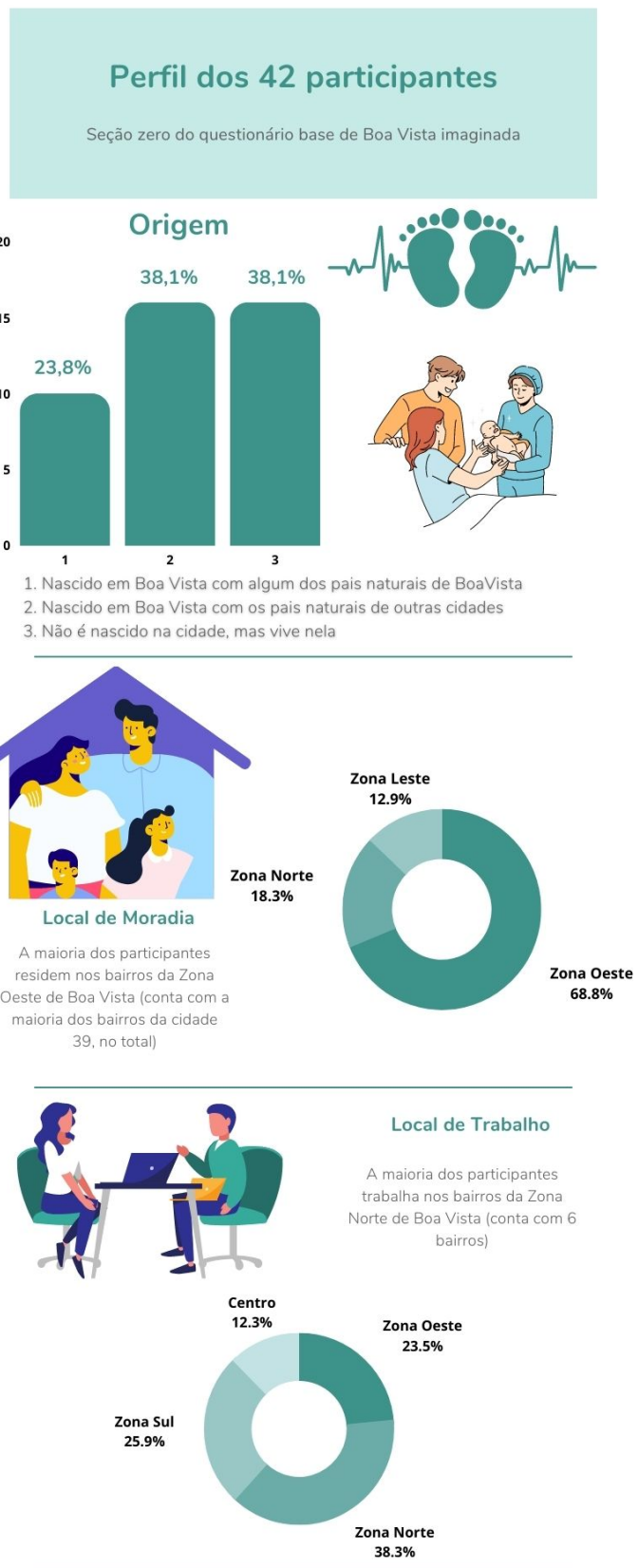
**Infográfico 1** - Perfil dos participantes

Fonte: Próprio autor

trata das informações preliminares do participante sem qualquer tipo de identificação pessoal, como já foi mencionado anteriormente. O intuito das dez primeiras perguntas é traçar o perfil dos participantes da pesquisa, e ainda nesta seção será possível traçar os pontos de vista determinantes para a análise das informações imaginárias. Em nosso caso, conforme ficou explicado nos procedimentos metodológicos, o ponto de vista determinante para a análise de nossos dados foi o gênero, sendo assim, durante a coleta dos dados imaginários, 50% dos participantes declararam seu gênero como masculino e 50% dos participantes declararam seu gênero como feminino. A idade dos participantes mostra que 50% dos participantes encontram-se na faixa-etária dos 25 aos 45 anos. 35,7% na faixa-etária dos 18 aos 24 anos e 14,3%, na faixa-etária dos 46 aos 65 anos.

A escolaridade dos participantes demonstra que a maioria conta com pelo menos o nível secundário, com apenas

4,8% dos participantes declarando que contavam com o nível de ensino primário. O nível socioeconômico foi determinado a partir do que o IBGE (2010) compreende como “Renda Familiar”, que é a soma dos rendimentos de todos os habitantes de uma residência. Desta forma, o nível socioeconômico foi dividido em nossa pesquisa entre: classe A: renda familiar acima de 20 salários mínimos (mais de R\$ 20.900); classe B: renda familiar que ultrapasse 10 salários mínimos e chegue até 20 salários mínimos (entre R\$ 10.450,01 e R\$ 20.900); classe C: renda familiar entre quatro e dez salários mínimos (acima de R\$ 4.180 até R\$ 10.450); classe D: renda familiar entre dois e quatro salários mínimos (entre R\$ 2.090,01 e R\$ 4.180) e classe E: renda familiar de no máximo dois salários mínimos (valor máximo de até R\$ 2.090). Em nossa investigação, o perfil de participantes concentrou-se entre aqueles que não tem nenhuma renda, até participantes da Classe B. Verificamos também que a



**Infográfico 2 - Perfil dos participantes 2**

**Fonte:** Próprio autor



maioria dos participantes está trabalhando ou estudando, enquanto uma minoria de 2,4% encontravam-se desempregadas no momento da pesquisa.

Ainda sobre o perfil dos participantes, estes foram questionados sobre sua naturalidade, onde obtivemos as seguintes respostas: a menor porcentagem dos cidadãos entrevistados, 23,8%, são nascidos em Boa Vista e tem algum de seus pais naturais desta cidade. 38,1% declararam-se nascidos em Boa Vista, com seus pais naturais de outras cidades, e 38,1% respondem que não são naturais de Boa Vista, mas vivem nessa cidade.

Os participantes também foram questionados sobre os seus locais de moradia e de trabalho. Nesta questão, todos os bairros da cidade foram listados segundo a subdivisão a seguir: Siglas: C= Centro, ZN= Zona Norte, ZS=Zona Sul, ZL= Zona Leste, ZO=Zona Oeste.

Fica evidenciado, até pelo número de bairros que compõe a Zona Oeste de Boa Vista, que 68,8% dos participantes residem nesta região. Todavia, a zona que concentra a maior parte dos locais de trabalho dos participantes é a Norte, com 38,3%.

#### 4.3. Cidade

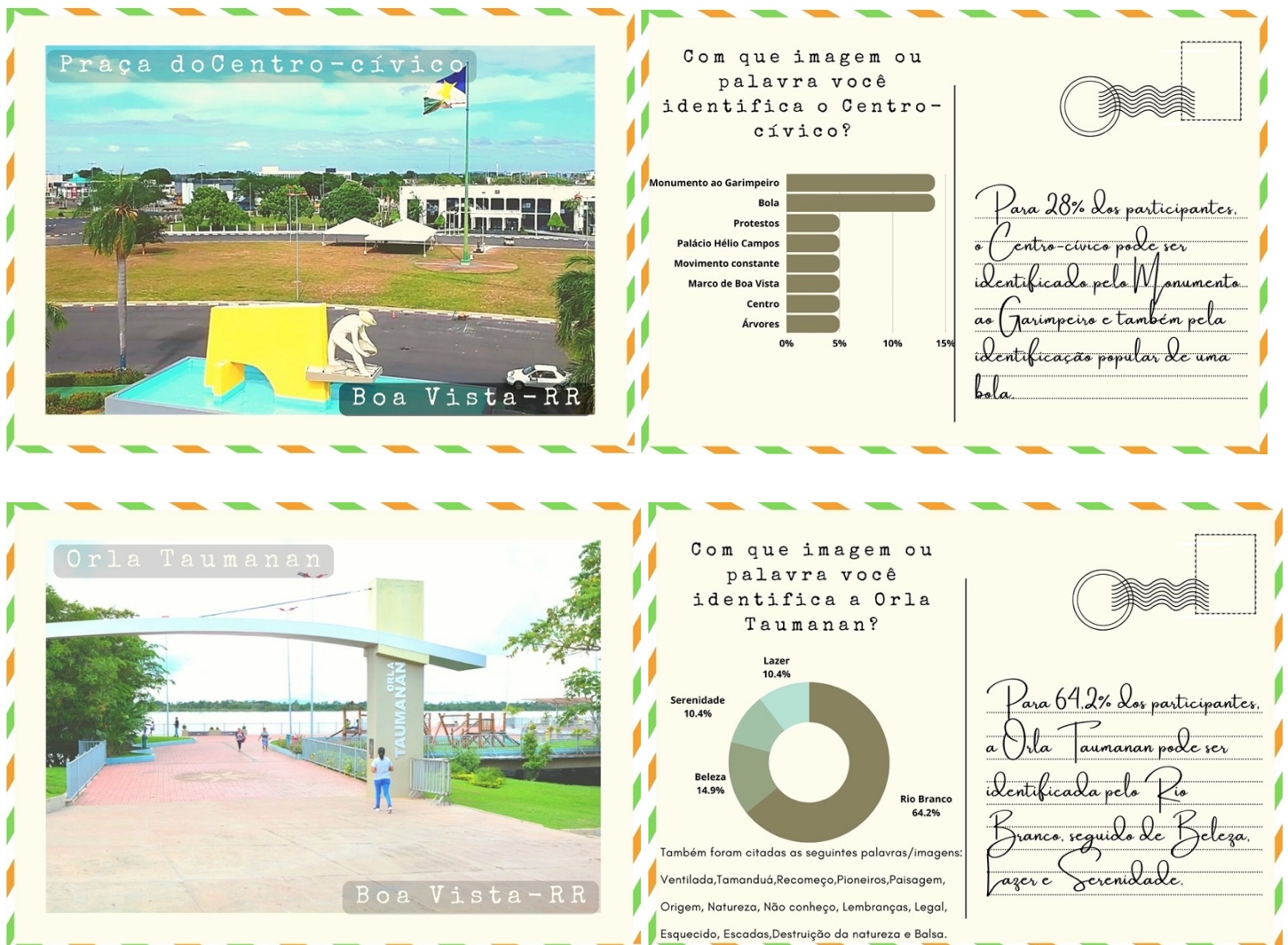
Na seção cidade do formulário, nos debruçamos em desvelar a cidade de Boa Vista em seu sentido físico e histórico a partir das percepções de seus habitantes / participantes. Para iniciarmos a apresentação desta seção, é importante ressaltarmos que nem todas as 86 questões aplicadas com os participantes serão detalhadas nesta análise por estarem distantes dos pontos focais e objetivos desta investigação. Outro ponto que merece ser destacado é que, após a análise bruta dos dados no software Excel, buscamos realizar interpretações iniciais das informações da coletividade cidadã com imagens que remetem à questão investigada. Assim, na sequência de apresentação dos dados, além dos gráficos foram criados postais, cards informativos e infográficos para uma melhor leitura e interpretação das informações obtidas com os nossos participantes, de forma que todos os dados apresentados estarão, de alguma forma, ilustrados com alguma representação da temática imaginária.

Iniciamos nossa apresentação lembrando que a questão 11 “Com que imagem ou palavra você identificaria as seguintes áreas ou ruas a seguir?” investigou onze lugares representativos da cidade de Boa Vista, fruto de uma experiência urbana coletiva (aplicação teste apresentada no Capítulo III), a fim de que chegássemos a uma visão ampla desta cidade com seus distintos comportamentos sociais, através de

imagens/palavras que representem os sentimentos dos cidadãos relacionados com cada um desses espaços analisados.

Na sequência, portanto, apresentaremos tal questão em formato de cartões-postais contendo os resultados das imagens/palavras de acordo com as percepções cidadãs dos boa-vistenses; depois, criaremos uma tabela, compilando as informações extraídas da percepção cidadã de acordo com suas qualidades perceptivas, para então prosseguirmos com as demais análises da seção cidade de nosso questionário de Boa Vista imaginada.

**Infográfico 3 - Cartões postais referentes à questão 11 do questionário-base**

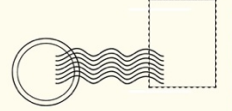




Com que imagem ou palavra você identifica o Monumento ao Garimpeiro?



Também foram citados: 7% (Centro-cívico, Crime, Deveria ser um indígena), 5% (Exploração, Memória, representatividade).



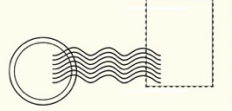
A maioria dos participantes se dividiu entre associar o monumento ao garimpeiro ao sentimento de Nojo (10%) e em identificá-lo como um cartão-postal da cidade (7%).



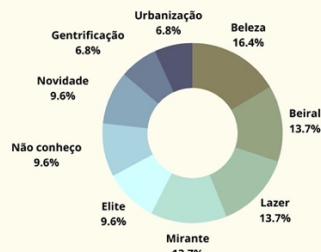
Com que imagem ou palavra você identifica a Praça Simón Bolívar?



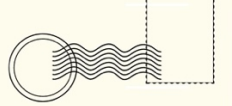
Para 19% dos participantes a Praça Simón Bolívar se identifica com os Venezuelanos, 10% associa a praça à migração e 7% com a fronteira.



Com que imagem ou palavra você identifica o Parque do Rio Branco?



A maioria dos participantes identifica o Parque do Rio Branco a beleza, seguido da lembrança do espaço do Beiral.

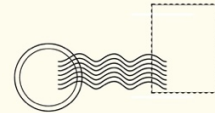
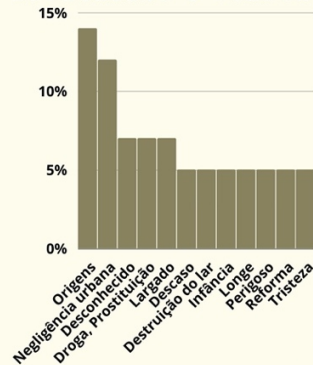


Beiral - Caetano Filho



Boa Vista-RR

Com que imagem ou palavra você identifica o Beiral?



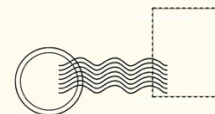
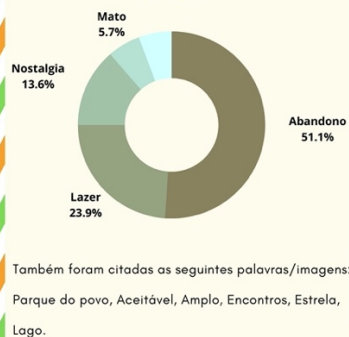
A maioria dos participantes associou o antigo Beiral às origens de Boa Vista, seguido da associação à negligência urbana.

Parque Anauá



Boa Vista-RR

Com que imagem ou palavra você identifica o Parque Anauá?



Para 51.1% dos participantes o Parque Anauá remete ao abandono, seguido pela percepção de lazer (23.9%).

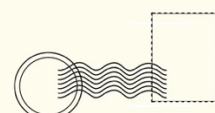
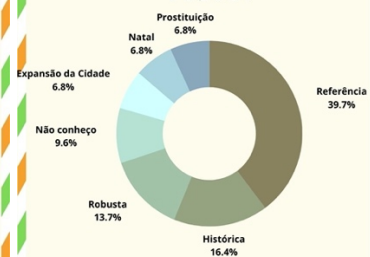
Também foram citadas as seguintes palavras/imagens: Parque do povo, Aceitável, Ampla, Encontros, Estrela, Lago.

Mangueira Ataíde Teive



Boa Vista-RR

Com que imagem ou palavra você identifica a Mangueira da Ataíde Teive?



Para os participantes a mangueira é uma referência e é um elemento de importância histórica para a cidade.

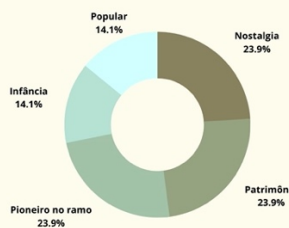
Também foram citadas as seguintes palavras/imagens: Bifurcação, Encanto, Engraçada, Estranho, Imponência, Infância, Longe, Madrugada, Manga, Nostalgia, Vida.

### Cine Super K

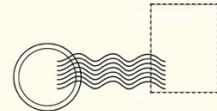


Boa Vista-RR

Com que imagem ou palavra você identifica o Cine Super K?



Também foram citadas as seguintes palavras/imagens: Aconchego, Diversão, Família, Marco histórico, Colorido, Entretenimento, Filmes, História, Movimentado.



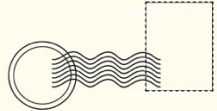
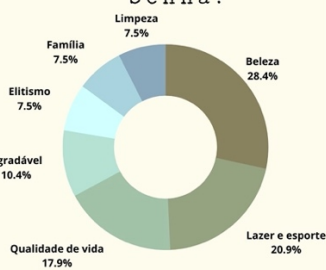
Para os participantes o cine super K remete a Nostalgia, ao Patrimônio e ao pioneirismo no ramo dos cinemas de Boa Vista.

### Complexo Ayrton Senna



Boa Vista-RR

Com que imagem ou palavra você identifica o complexo Ayrton Senna?



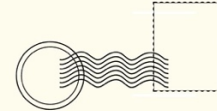
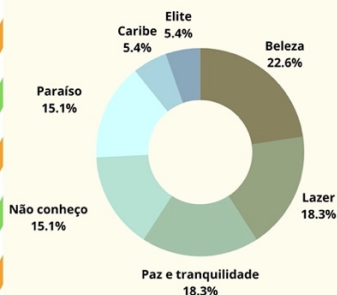
O complexo Ayrton Senna foi lembrado pelos participantes por sua beleza, como espaço de lazer, esporte e qualidade de vida.

### Lago do Robertinho



Boa Vista-RR

Com que imagem ou palavra você identifica o Lago do Robertinho?



O lago do Robertinho foi lembrado pelos participantes por sua beleza, como espaço de lazer, paz e tranquilidade.

Fonte: Próprio autor

**Tabela 5** - Compilado de percepções da questão 11 do questionário-base

Rua/Lugar	Imagem/ Palavra	Porcentagem	Concepção	Temporalização	Atividades	Metáforas	Adjetivos qualificativos
Centro cívico	Garimpeiro	28%	Negativa	*Local com o cheiro mais desagradável	Ponto de encontro / Identidade	Bola	Bola
Orla Taumanan	Rio Branco	64,2%	Positiva	Histórica	Lazer	Rio	Rio
Monumento ao Garimpeiro	Nojo	10%	Negativa	Presente/efêmero	Ponto de encontro / Identidade	Cartão postal	Nojo
Praça Simón Bolívar	Venezuelanos +Migração +Fronteira	19%+10%+7% = 36%	Positiva e/ou negativa	Memória	Ponto de encontro	Abrigo dos venezuelanos	Venezuelanos
Parque do Rio Branco	Beleza+ Beiral	16,4%+13,7%	Positiva e Negativa	*Local mais alegre	Lazer	Gentrificaçã o	Beleza
Beiral	Origens + Negligência urbana	14%+12%	Positiva e Negativa	Memória	Identidade	Drogas e Prostituição	Negligência
Parque Anauá	Abandono	51,1%	Negativa	Presente/efêmero	Lazer	Parque do povo	Abandono
Mangueira Ataide Teive	Referência	39,7%	Positiva	Histórica	Ponto de referência	Expansão urbana	Ponto de referência
Cine SuperK	Patrimônio+N ostalgia+Pione irismo	23,9%+23,9% +23,9%= 71,7%	Positiva	Histórica	Identidade	Infância	Nostalgia e pioneirismo
Complexo Ayrton Senna	Beleza	28,4%	Positiva	Presente/efêmero	Lazer	Família	Beleza
Lago do Robertinho	Beleza	22,6%	Positiva	Presente/efêmero	Lazer	Caribe	Beleza

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

## Qual é o personagem que identifica Boa Vista?



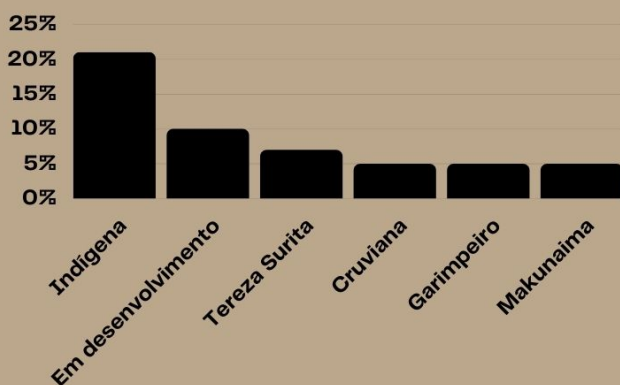
Para os participantes o personagem que identifica Boa Vista é o Indígena.

**21%** 1 | Indígena

2 | Em desenvolvimento **10%**

3 | Tereza Surita **7%**

4 | Cruviana, Garimpeiro e Makunaima **5%**



Também foram lembrados, cada um por 2% dos participantes:

Anchieta, Cel. Mota, Edinel Pereira, Exploradores de Terras, Povos Antigos, Imigrante, Leque, Migrante Nordestino, Monte Roraima, Neuber Uchôa, Otomar Pinto e a Paçoca

Infográfico 4 - Qual é o personagem que identifica Boa Vista

Fonte: Próprio autor

Na sequência, os participantes foram questionados sobre qual é o personagem que identifica a cidade de Boa Vista. Neste aspecto, o personagem mais lembrado foi o Indígena, com 21% das respostas, uma lógica que podemos verificar pela formação territorial da cidade de Boa Vista e devido ao próprio quantitativo de povos indígenas que existem em Roraima. Podemos inferir também uma relação da resposta indígena com outras respostas obtidas com os participantes, como Makunaima, Cruviana e Povos antigos – que remetem às cosmologias indígenas de Roraima e sua presença nesse território antes do processo de colonização desse espaço.

Recebemos, também, uma coletividade de respostas que sugeriram que Boa Vista não tem um personagem específico que os representaria, ou seja, somaram 7% as respostas que indicaram que um personagem ainda “em desenvolvimento” é o que representaria a cidade.

Políticos influentes, como a ex-Prefeita Tereza Surita, que se elegeu por 5 mandatos na capital Roraimense, e Ottomar Pinto, que se elegeu por 3 mandatos como Governador de Roraima, uma delas enquanto ainda era Território Federal de Roraima, também foram lembrados. Além de dados residuais que remeteram às questões da pesquisa, como: garimpeiro, exploradores de Terras, imigrante, migrante nordestino e Leque (em referência ao plano urbanístico).

Seguindo a seção de qualidades urbanas, os participantes também foram questionados sobre quais são os dois lugares que mais identificam Boa Vista. Foram eleitos pelos nossos participantes, primeiro o Centro cívico de Boa Vista, com 18% das respostas, e em seguida, a Orla Taumanan, com 17% das respostas. Vale destacar que ambos os lugares foram lembrados com qualificações ou qualidades positivas na questão anteriormente apresentada sobre a imagem/palavra que o habitante associava a esses lugares. O centro cívico, associado ao formato de bola, para onde convergem as avenidas radiais no planejamento da cidade e ao monumento ao Garimpeiro, que fica localizado no centro dessa praça como um grande ponto de encontro/referência e a Orla Taumanan, foram associadas ao Rio Branco, pois contam com uma vista privilegiada deste, que é o grande protagonista da construção da cidade de Boa Vista. Vale citar que também foram lembrados nesta questão vários lugares que foram investigados pela questão anterior, como a Praça



**Infográfico 5** - Lugares que identificam Boa Vista

**Fonte:** Próprio autor



das águas, parte integrante do complexo Ayrton Senna, o Garimpeiro, o Parque Anauá, entre outros.



**Infográfico 6** - As qualidades urbanas

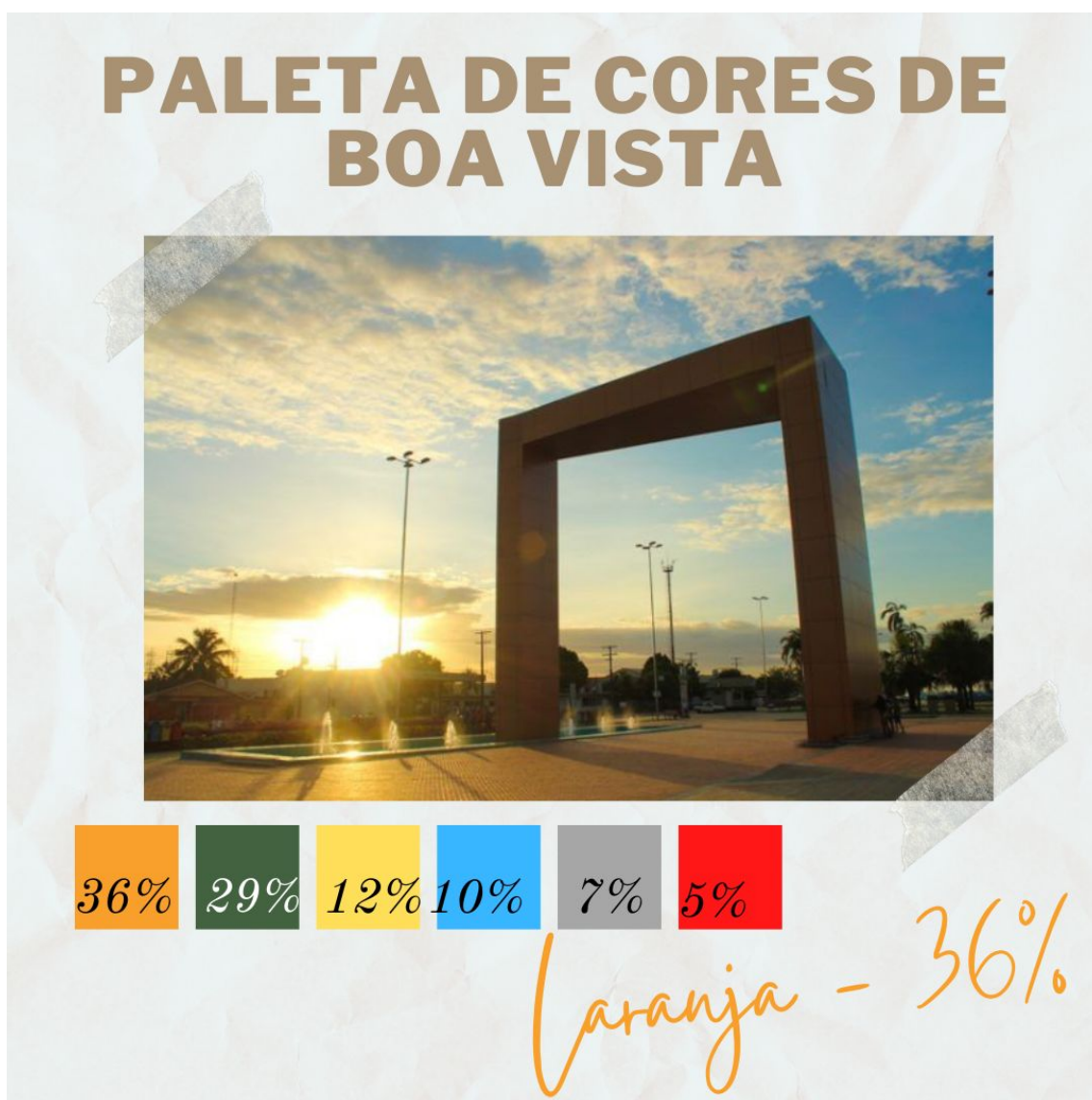
**Fonte:** Próprio autor

Seguindo ainda a seção de qualidades urbanas, os habitantes/participantes foram indagados acerca de qual seria o clima que eles mais identificam em Boa Vista. Quase que por unanimidade, o clima indicado pelos participantes foi quente, com 97,6% das respostas; 2,4% acreditam que o clima úmido é o mais marcante nessa cidade.

Além disso, seguindo investigando essas subjetivas percepções sobre a cidade, nossos participantes tiveram de apontar qual é o tempo ou período do dia que mais identifica a cidade, sendo o período da tarde o mais votado, com 57,2% das respostas. Muito embora Boa Vista seja uma cidade quente, como os próprios habitantes apontaram, acreditamos que a escolha pelo período da tarde se deve, também, pelas cores quentes e vivas relacionadas a esse período do dia, uma vez que não é muito comum o trânsito de pedestres nas ruas e praças nesse período. É perceptível a predileção pelos finais de tarde e inícios de manhãs, ao que compete às práticas de esporte nas praças da cidade. Quanto ao lazer e

encontros com amigos e familiares, os finais de tarde e inícios de noite são os períodos mais recorrentes para que aconteçam na cidade.

Infográfico 7 – Paleta de cores de Boa Vista



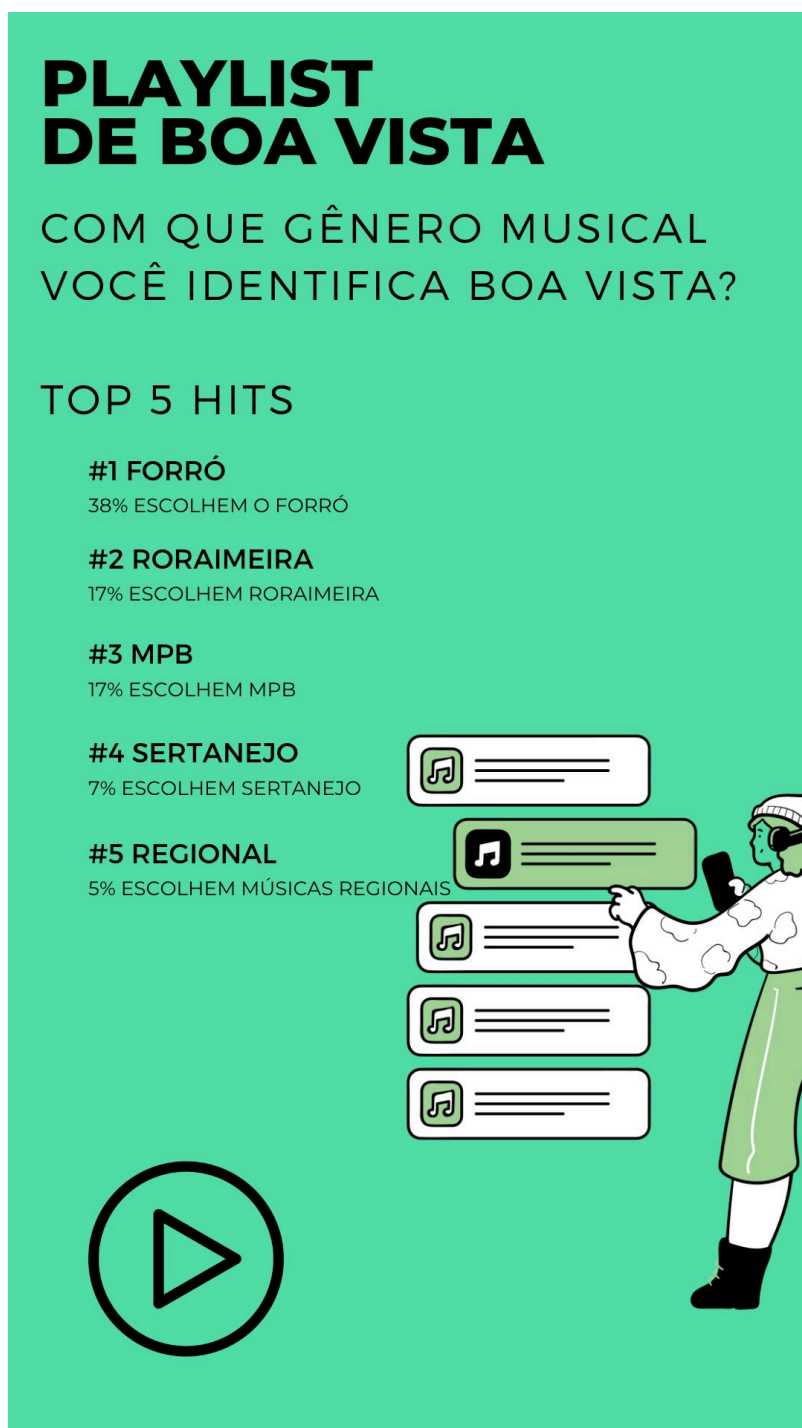
Fonte: Próprio autor

Seguindo a máxima relacionada à temperatura da cidade (quente), período do dia que representa a cidade (tarde), os habitantes foram convidados a responder à pergunta “Quando você pensa em Boa Vista, com que cor você a identifica?”. Novamente é possível relacionarmos a escolha dos habitantes com a sensação de quentura, através da predileção pela cor Laranja, com 36% das respostas. Uma cor quente, muito presente nas fotografias dos pontos turísticos da cidade, como é o caso da imagem do portal do milênio, que tem como cor predominante o laranja, e, sobretudo, nas imagens de pôr do sol. O fato de situarmos-nos em uma cidade plana permite que estes espetáculos diários do nascimento e pôr do sol sejam facilmente visíveis, independentemente da região onde se

esteja na cidade. Foram lembradas, também, as cores: verde – 29%, amarelo – 12%, azul – 10% e, residualmente, o cinza – 7% e vermelho – 5%.

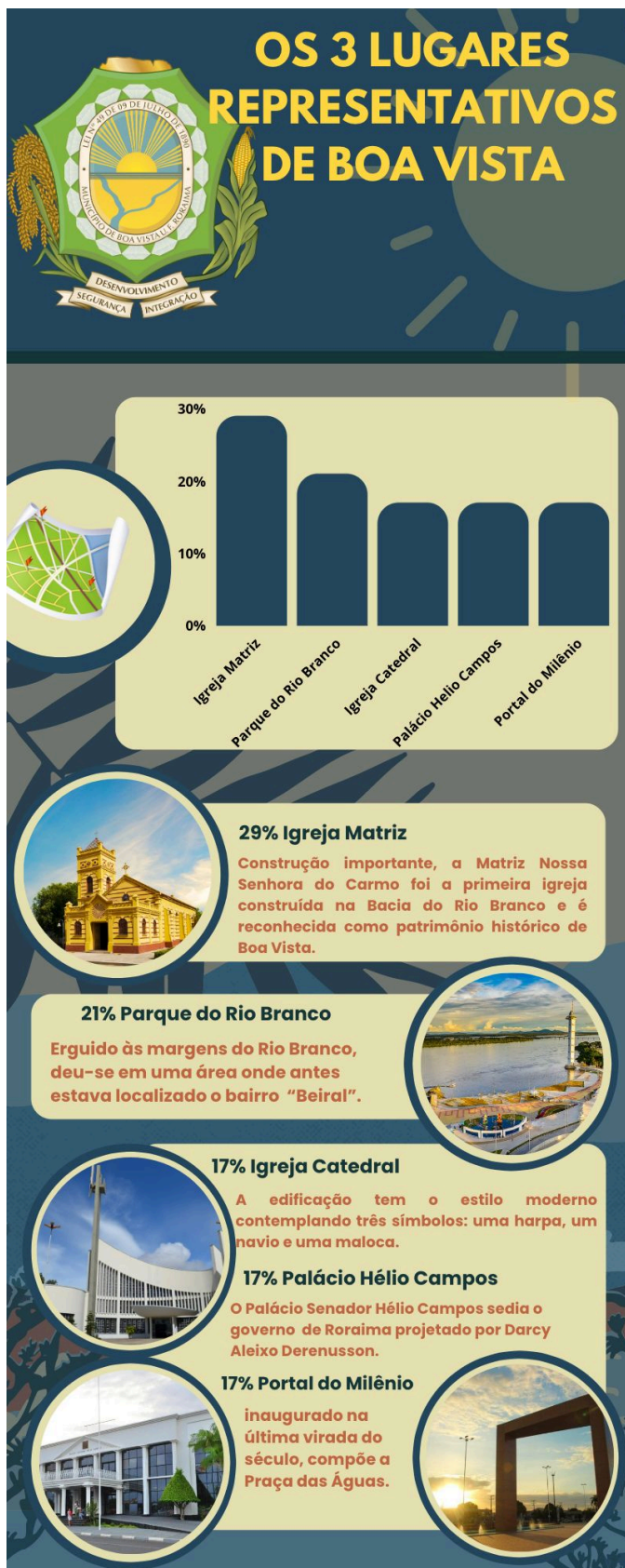
Outra questão que mediu uma percepção qualitativa sobre a cidade é “Com que gênero musical você identifica a cidade de Boa Vista?”. Obtivemos como resposta de 38% dos participantes que o gênero musical emblemático de Boa Vista é o Forró, gênero musical genuinamente nordestino e popularizado pelo Pernambucano Luiz Gonzaga, o que demonstra a forte influência da cultura nordestina na cidade de Boa Vista, devido aos processos migratórios de habitantes da região Nordeste para Roraima. Vale destacar que dentro do Parque Anauá existe um espaço de apresentações culturais, nomeado de Furródromo. Além do Forró, 17% dos participantes lembraram-se do Roraimeira, gênero inspirado nos movimentos modernista e tropicalista, tendo por finalidade promover as riquezas naturais da região, e outros 17%, da Música Popular

Brasileira. O que demonstra uma predileção/valorização dos boa-vistenses para gêneros musicais genuinamente brasileiros e regionais.



Infográfico 8 - Playlist de Boa Vista

Fonte: Próprio autor



**Infográfico 9** - Os três lugares representativos de Boa Vista  
 Fonte: Próprio autor

cívico da cidade.

Quando convidados a escolher os três lugares representativos da arquitetura de Boa Vista, a maioria dos participantes elegeu, com 29% das respostas, a Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, localizada no centro histórico de Boa Vista, construção, que como já citamos, existia antes da implantação do plano urbanístico de Derenusson. Na sequência, com 21% das respostas, o Parque do Rio Branco, construção até então mais recente do que todas as demais que foram citadas pela coletividade. E, com o mesmo quantitativo de 17%, a Igreja Catedral Cristo Redentor, localizada no Centro-cívico; o Palácio Hélio Campos, sede do Governo do Estado de Roraima, também no Centro-cívico, e o Portal do milênio, parte integrante da praça das águas e que compõe o complexo Ayrton Senna de praças, foram lembrados em terceiro lugar. Assim, 2 igrejas católicas, o palácio sede do Governo do Estado e 2 espaços de lazer foram os mais memoráveis pelos participantes. Todos localizados entre o centro histórico e a praça do Centro-

### Infográfico 10 – O acontecimento mais importante do último ano



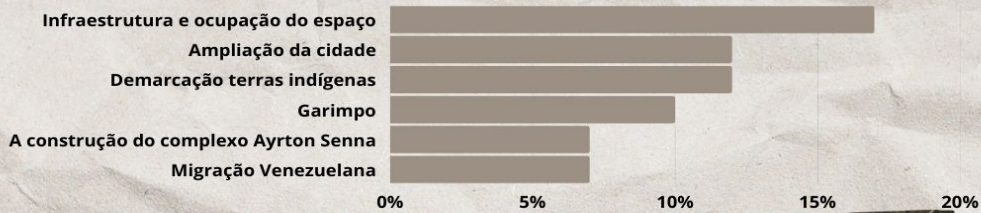
Caminhando para o fim da seção de qualidades urbanas, os participantes deveriam responder sobre “Qual foi o acontecimento mais importante de Boa Vista em seu último ano?”, lembrando que tal aplicação ocorreu entre 2020 e 2021. A migração Venezuelana foi a mais lembrada, com 26% das respostas, seguida pela pandemia de Covid-19, com 24% das respostas. Um reflexo claro do que foi possível se constatar na realidade boavistense, com seu expressivo aumento populacional de 2019 pra 2020, desencadeado pela migração venezuelana e ao devastador período severo da pandemia (2020-2021), no qual as vacinas ainda encontravam-se em desenvolvimento, o uso de máscaras de proteção individual ainda causava estranhamento em parte da população e muitas mortes aconteceram devido à fatalidade do vírus e às negligências diversas, como falta de oxigênio em hospitais, campanhas políticas para evitar que os habitantes ficassem em casa e sugestão do uso de medicamento ineficaz contra o corona vírus, em contraponto ao que dizia a ciência.

Quando questionados sobre “o acontecimento mais importante em Boa Vista, nos últimos 30 anos” percebemos que foi marcante para os participantes o processo de infraestrutura e ocupação do espaço, reunidos à ampliação da cidade, somando 29% das respostas.

# QUAL É O ACONTECIMENTO MAIS IMPORTANTE...



## DOS ÚLTIMOS 30 ANOS?



Para os participantes, o acontecimento mais importante dos últimos 30 anos em Boa Vista foi o processo de infraestrutura e ocupação do espaço da cidade. Seguido do processo de expansão urbana com a ampliação dos bairros e a demarcação de terras indígenas. Conquistas que só foram viabilizadas com a constituição Federal de 1988.



## E DA HISTÓRIA?



Já ao que se refere ao acontecimento mais importante da história de Boa Vista, para 29% dos participantes a criação do Estado de Roraima em 1988 empatou com 29% que se lembrou do planejamento urbano da cidade.



[WWW.BVIMAGINADA.COM.BR](http://WWW.BVIMAGINADA.COM.BR)

Fonte: Próprio autor

É possível ler que esses participantes fizeram referência direta à importância do planejamento urbano, que possibilitou a expansão urbana e parte da infraestrutura da cidade. Podemos identificar aqui, também, um contraste entre as demais respostas sobre a Demarcação de terras indígenas, com 12%, e o Garimpo, com 10%, sendo estes dois fatores em constante disputa até os dias de hoje no território roraimense. A demarcação, disputa dos indígenas pelo direito de ocupar seus próprios territórios sagrados, e o garimpo, disputando, muitas vezes, com violência e sangue contra os indígenas pela mineração ilegal de seus territórios.

E, além disso, os participantes foram questionados sobre qual foi o acontecimento mais importante da história de Boa Vista, os quais 29% dos habitantes elegeram a criação do Estado de Roraima como o acontecimento mais importante, fato que só foi concretizado com a Constituição Federal de 1988, transformando o antigo Território Federal de Roraima em um Estado membro da Federação, juntamente com 29% das respostas, que indicaram o planejamento urbano, fruto do plano urbanístico, que redesenhou a cidade de Boa Vista na década de 1940. A inauguração da BR-174 também foi lembrada em 10% das respostas, talvez devido a sua grande importância e por ser a única rodovia que interliga Roraima ao restante do País; muito embora tenha se iniciado nos governos militares, sua inauguração é relativamente recente, se deu apenas em 1998.

Finalizando a seção de qualidades urbanas, os participantes responderam a seguinte questão “Quando você pensa sobre o futuro de Boa Vista nos próximos 20 anos, com o que você identificaria?”. Novamente, houve um empate em dois grandes grupos de percepções, com 26% das respostas cada. A primeira delas associou o futuro de Boa Vista ao de uma “Metrópole ou questões relacionadas a expansão urbana”. E a segunda delas associou o futuro da cidade à “Modernidade/Modernização”.

O que nos faz crer que os habitantes associam o futuro deste espaço urbano ao de uma expansão urbana e modernização nos seus modos de viver, deixando assim de lado o caráter de estado “pequeno”, que conta com a menor população do Brasil, para uma representação de um estado amplo e moderno. Os participantes preveem ainda, com 12% das respostas, que melhorias nas áreas de saúde, educação e cultura devem fazer parte dos investimentos para garantir um bom futuro para a cidade. E, por fim, para 10% das respostas, a valorização dos indígenas deve ser algo a ser finalmente conquistado pelos habitantes do estado mais indígena do Brasil.

A leitura que podemos fazer de tais projeções é de que o boa-vistense carrega consigo a esperança de que um bom futuro para esse território deve ter como foco

investimentos em áreas prioritárias, como saúde e educação, e o reconhecimento de que a valorização dos povos indígenas, originários deste espaço urbano, deve ser fator elementar para um futuro próspero. Uma vez que para que aconteça uma expansão/modernização, não necessariamente se faz necessário a exclusão dos povos indígenas e sim caminhar juntos, desde que respeitados os espaços e direitos dos povos indígenas de Roraima. Neste sentido, fica subentendido que com a melhora na educação, cultura e valorização dos povos indígenas, o garimpo ilegal deixaria de ser um dos emblemas do futuro de Boa Vista e se tornaria um fantasma do passado? Só o tempo nos dirá!

**Infográfico 12 - Sobre o futuro de Boa Vista**

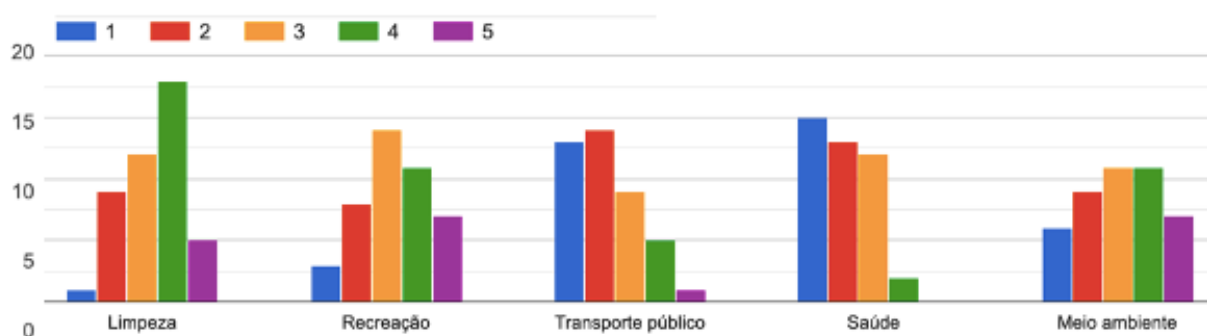
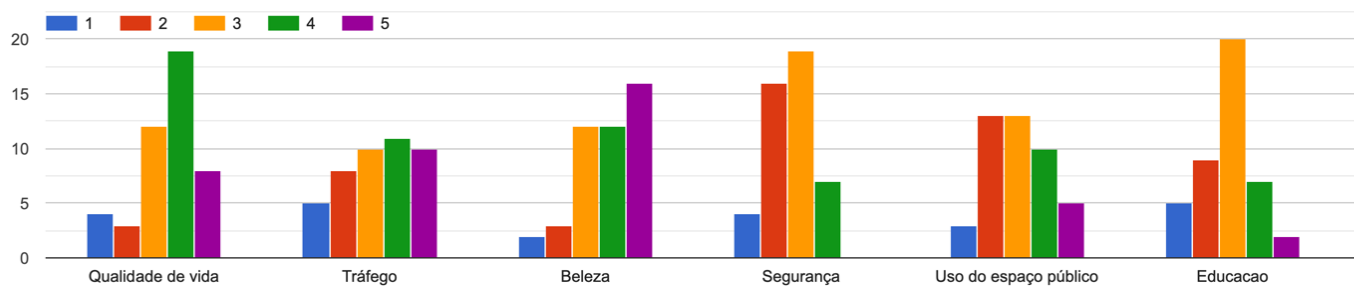


**Fonte:** Próprio autor

Na subseção de qualificações urbanas, o intuito é que sejamos capazes de identificar como o boa-vistense marca sua cidade, ou seja, apreciações diversas, sejam elas percepções positivas e/ou negativas, além da noção das necessidades acerca de determinados aspectos dessa cidade e de suas instituições. Na sequência, podemos verificar como os participantes avaliaram alguns aspectos da cidade a partir da questão norteadora: “Qualifique os seguintes aspectos da sua cidade?”, sendo a escala 1 = muito ruim / 5 = muito bom.



**Infográfico 13 - Qualifique os seguintes aspectos da sua cidade**

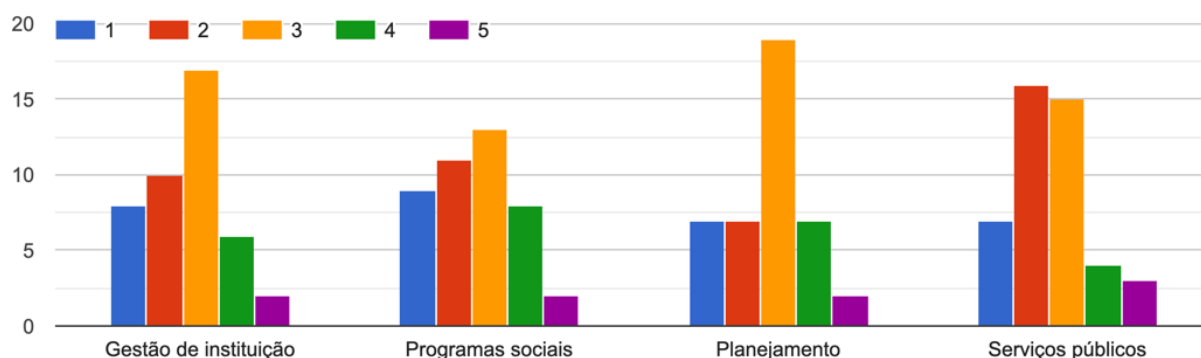


**Fonte:** Próprio autor

Neste ponto, os resultados mais promissores que podemos analisar são relacionados à qualidade de vida, beleza e limpeza; os resultados que demonstram uma percepção mediana são relacionados ao tráfego, segurança, uso do espaço público, educação, recreação e meio ambiente. E os piores resultados, de acordo com nossos participantes, concentram-se nas áreas de saúde e transporte público.

Além destas características, os participantes, também, foram convidados a qualificar a gestão/trabalho dos dirigentes de Boa Vista em relação a determinados aspectos da vida urbana, seguindo a mesma escala 1 = muito ruim / 5 = muito bom.

**Infográfico 14 - Qualifique os seguintes aspectos da sua cidade 2**

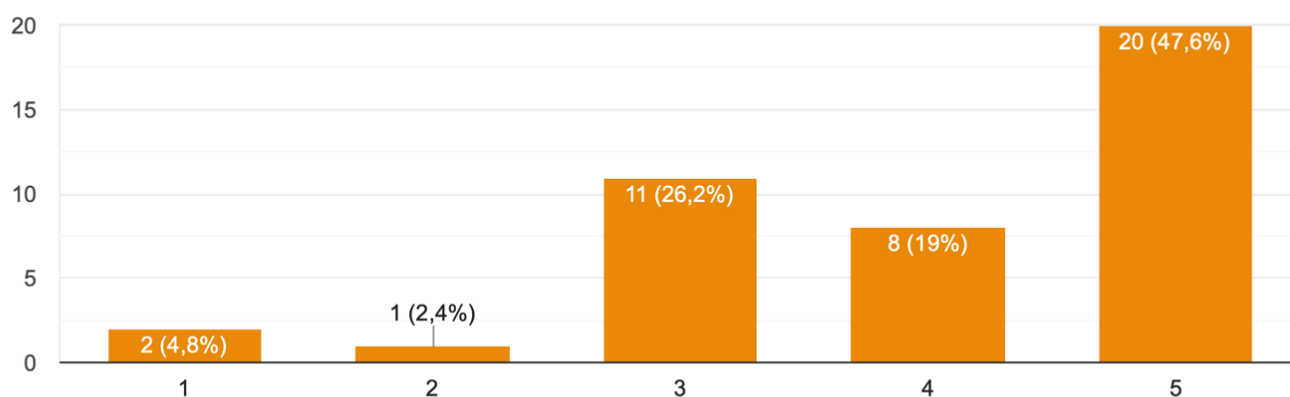


**Fonte:** Próprio autor

Com relação a gestão dos dirigentes, podemos apontar resultados com uma tendência à média e ruim, tendo a questão do planejamento e dos programas sociais os resultados medianos, e a gestão de instituição e os serviços públicos, os piores. Dentro destes aspectos avaliados não percebemos resultados que tendem a ser mais promissores.

Seguindo essa linha de qualificações urbanas, os participantes também foram questionados acerca de suas percepções sobre corrupção nos dirigentes da cidade de Boa Vista. Aqui, os participantes deveriam selecionar apenas uma das cinco opções válidas, sendo a opção 1 = nada e a opção 5 = muito. Vejamos a seguir os resultados da questão: “Qualifique sua percepção sobre a corrupção dos dirigentes de Boa Vista?”.

**Infográfico 15 - Qualifique sua percepção sobre a corrupção dos dirigentes de Boa Vista**



**Fonte:** Próprio autor

Pelo que podemos verificar, a soma das respostas que se aproximam mais da percepção ‘nada corruto’ (1 e 2) correspondem a 7,2%, em contraponto às respostas que

se aproximam da percepção ‘muito corrupto’ (4 e 5), que somam 66,6%; as respostas que indicam a percepção mediana de corrupção (3) ficaram com 26,2%. Logo, podemos inferir que é bastante emblemático, entre os participantes, a percepção de que os dirigentes de Boa Vista flertam com a corrupção, fato que trataremos melhor na seção 4.6, quando analisaremos apenas os emblemas urbanos elegidos pelos participantes.

Além das perguntas que tendem a medir essas percepções que qualificam a cidade de Boa Vista, os participantes também deveriam avaliar sua percepção qualitativa desta cidade com outras questões, seguindo a subseção de qualificações urbanas do questionário.

Sobre a pergunta “Como você percebe a sua cidade?”. Os participantes poderiam assinalar dentre seis opções de respostas: “Alegre, Triste, Perigosa, Viva, Segura, Cansada”. Sendo que nesta questão, todos poderiam escolher mais de uma resposta, dentre todas essas opções elencadas, desde que julgassem ser uma resposta representativa sobre a cidade de Boa Vista.

Os resultados demonstram uma percepção emblemática de que Boa Vista é uma cidade alegre, com 54,8% das respostas, e viva, com 52,4% das respostas.

Logo, podemos fazer uma leitura, a partir destas emblemáticas respostas, de que Boa Vista é percebida com características sobretudo positivas pela coletividade entrevistada. Até este momento, podemos supor que a coletividade entrevistada evoca uma representação de cidade alegre, viva, solar (representada pelo período da tarde e pela cor laranja), cuja sonoridade remete a um animado forró pé de serra.

Além destas respostas, cabe olharmos também para outras percepções apontadas pelos participantes. Para 35,7% dos respondentes, Boa Vista é perigosa, em contraponto a 23,8% que consideram a cidade segura. O que demonstra que o fantasma do perigo, de certa forma, ronda e afeta as percepções dos cidadãos de Boa Vista.

# BOA VISTA

GUIA DA CIDADE

Estado **Roraima** Fuso Horário **Amazonas (GMT-4)**  
População **420.000,00** Clima **Tropical úmido**  
Área **5.687 km<sup>2</sup>** Prefeito **Arthur Henrique**



**Infográfico 16** - Como você percebe Boa Vista

**Fonte:** Próprio autor

problemas relacionados à energia, que não é interligada ao sistema nacional e à fibra ótica,

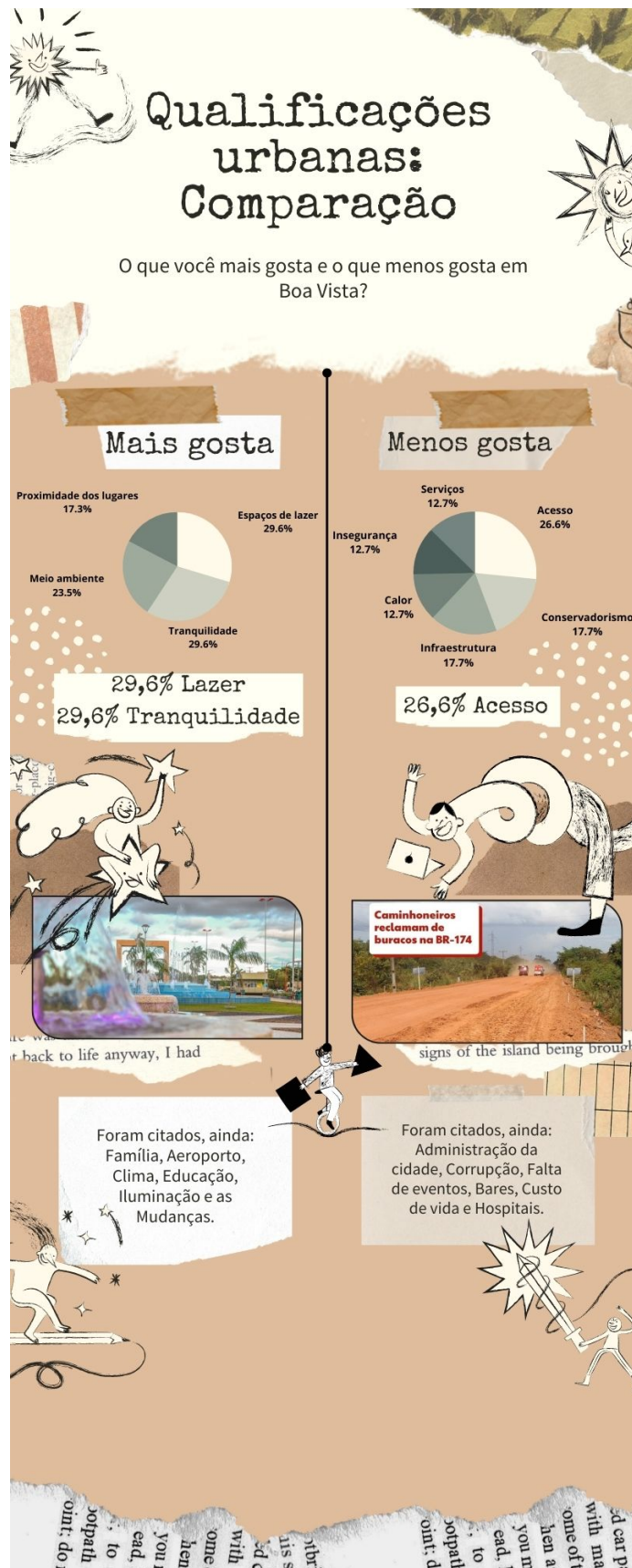
E, por fim, 16,7% percebem a cidade cansada e 7,1% triste, o que demonstra que, na avaliação destes quesitos, temos resultados que apontam mais para percepções positivas do que para percepções negativas.

Os participantes também foram convidados a apontar as 3 necessidades básicas da cidade de Boa Vista, de acordo com suas percepções. Aqui, pode-se perceber que as respostas não demonstraram um consenso emblemático. Todavia, a saúde, com 16%, foi a necessidade mais apontada pela coletividade, seguida pelo saneamento básico, com 12%, e mais segurança, com 8%. Uma possível leitura deste resultado se dá devido ao período de realização da pesquisa e à falta de leitos em hospitais devido ao caos da pandemia e abertura de leitos em hospital de campanha. A cidade de Boa Vista sofre com alagamentos em vários pontos da cidade em épocas de chuva, devido à falta de esgoto e saneamento básico. Vale a pena olharmos também para os dados residuais que transitam entre a segurança pública, educação, política, infraestrutura, os crônicos

que alimenta a internet de Boa Vista, e cotidianamente, apresenta problemas. Enfim, um verdadeiro retrato de necessidades diversas que poderiam merecer atenção dos governantes e das políticas públicas municipais e estaduais.

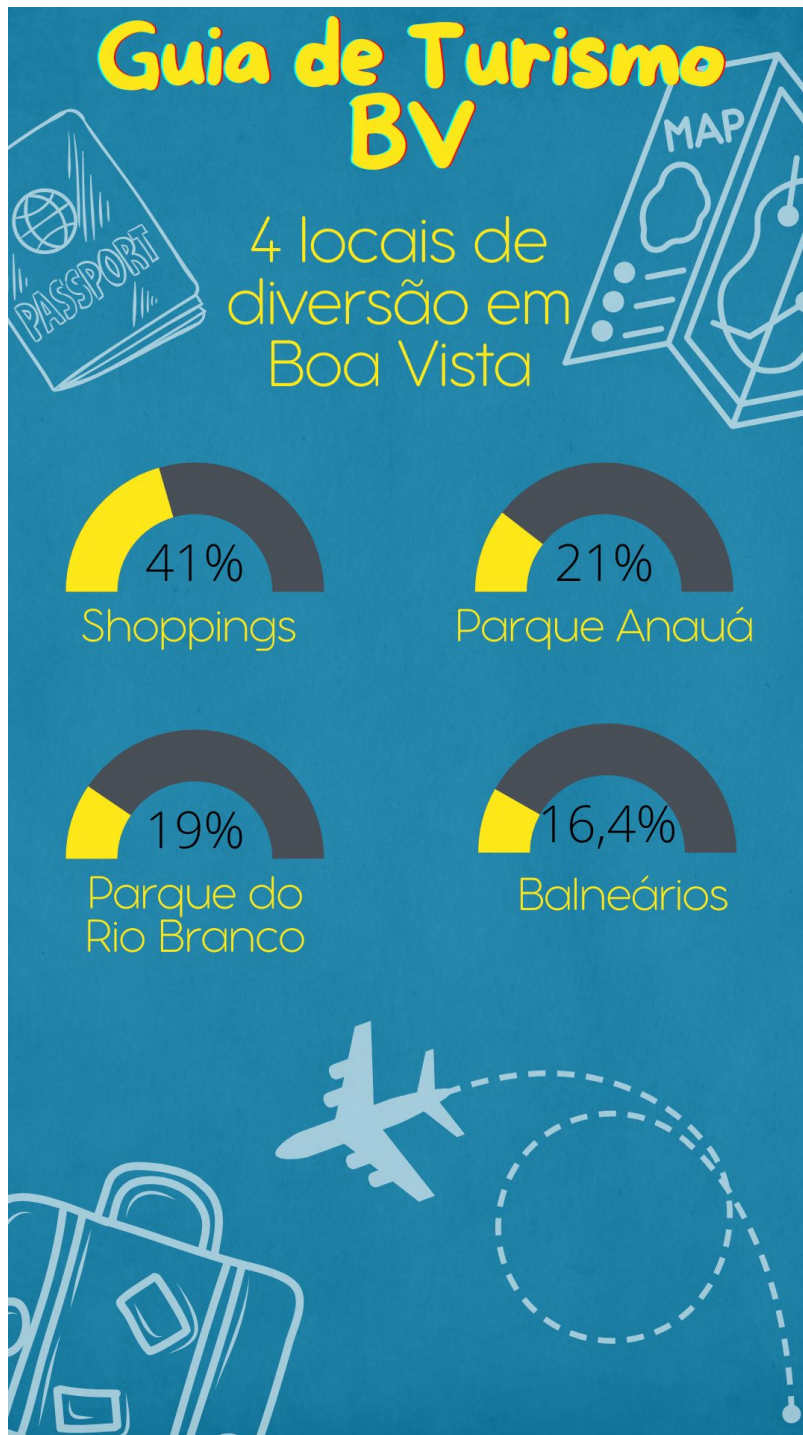
Ainda sobre estas percepções qualitativas, nossos participantes deveriam apontar aquilo que mais gostam e o que menos gostam na cidade de Boa Vista. Os dados coletados indicam que as opções de lazer e a tranquilidade da cidade são os aspectos favoritos dos habitantes, com 29,6% cada. Somados ao meio ambiente, 23,5%, e à proximidade dos lugares, 17,3%. Tais informações nos permitem subentender uma imagem de cidade/capital turística – com seus lugares de lazer e que remetem a uma cidade de interior, com seu meio ambiente preservado e de fácil mobilidade urbana entre os lugares.

Quanto ao que foi apontado como o que menos gostam, a dificuldade de acesso foi a mais lembrada, com 26,6%, seja o acesso via terrestre pela BR-174, única rodovia que permite o acesso aos demais



**Infográfico 17 - O que mais gosta e o que menos gosta**

**Fonte:** Próprio autor



**Infográfico 18** - Os 4 lugares de diversão

Fonte: Próprio autor

estados brasileiros e que, muitas vezes, apresenta muitos problemas estruturais, como buracos; seja o acesso via tráfego aéreo, com poucas e caras opções de voos que interligam a capital de Roraima aos outros estados da federação. O conservadorismo e a infraestrutura foram os outros aspectos que os habitantes menos gostam mais lembrados, com 17,7% das respostas cada.

Caminhando para a última subseção da primeira parte do questionário Cidade, os participantes responderam uma série de perguntas

acerca dos lugares ou ‘cenários urbanos’, nos quais os cidadãos atuam cotidianamente. Importante meio para analisarmos um pouco sobre os croquis urbanos, ou cartografias afetivas de nossos participantes ao darem vida a sua cidade.

Quando foram convidados a eleger os 4 principais locais de diversão da cidade, os participantes escolheram os shoppings da cidade, com 41% das respostas, como os

mais votados pensando na diversão de Boa Vista, seguidos pelo Parque Anauá, com 21% das respostas, o Parque do Rio Branco, com 19%, e dos vários balneários da cidade, com 16,4% das respostas. Ou seja, para a coletividade entrevistada, os shoppings da cidade são aqueles que mais trazem a percepção de diversão na cidade. Dois dos parques da cidade, o Anauá, embora traga a percepção de abandono pelos participantes, e o novo Parque do Rio Branco, inspiram a diversão entre os participantes; e por último, os balneários da cidade, escolha de muitos habitantes para reunir amigos e família em finais de semana para se refrescar do calor e passar momentos de lazer brincando nas águas quentes e doces. De acordo com nossos participantes, esse é o guia do que fazer para se divertir na cidade de Boa Vista.

Seguindo em busca dos croquis cidadãos, os participantes foram convidados a eleger quatorze espaços da cidade de acordo com suas percepções subjetivas, a partir da questão “Mencione uma rua ou área de Boa Vista que você considere ser...”. Vejamos como ficou essa cartografia afetiva:

**Infográfico 19 - Mencione uma rua ou área que você considere 1**



Fonte: Próprio autor



Fonte: Próprio autor

Através deste mapa dos afetos podemos fazer algumas considerações baseadas na leitura das informações coletadas pelos participantes. O centro de Boa Vista seria o espaço mais movimentado da cidade e que conta com o melhor cheiro. Espaço, que como já citamos, representa boa parte do território que foi planejado na década de 1940, com as avenidas radiais convergindo dos espaços de fora para essa área central. Curiosamente, os participantes apontaram que a área da cidade que tem o cheiro mais desagradável seria o Centro-cívico, local onde encontra-se o palácio Hélio Campos, sede do Governo Estadual, e também a estátua do Garimpeiro, elegida pelos participantes com a imagem/palavra Nojo. Possivelmente, o cheiro ruim está associado às questões políticas e à representação do garimpo como símbolo do Estado de Roraima.

Uma das avenidas radiais da cidade, a Ville Roy, é considerada pelos participantes como um espaço limpo, que recebe uma atenção privilegiada pelo poder público, com limpeza diária e que conta com a maior quantidade de bares, ou seja, locais em que as pessoas escolhem para ir celebrar, se divertir. O que nos permite afirmar que esse é um espaço da cidade mais frequentado por homens, uma vez que os participantes sugerem que o local mais frequentado por homens são os bares da cidade.

Os shoppings da cidade foram elencados como os espaços mais femininos e com a maior concentração de jovens. Já as praças seriam os espaços com a maior concentração



de idosos. A Avenida Ataíde Teive foi lembrada como o espaço que tem o maior comércio, devido à lembrança do quantitativo de lojas.

O parque do Rio Branco, recém-inaugurado, foi considerado como sendo o local mais alegre da cidade, em contraponto aos abrigos para venezuelanos, que foram considerados os espaços mais tristes.

E, por fim, os locais eleitos como sendo os mais perigosos da cidade foram o conjunto habitacional Pérola, no bairro “Nova Cidade”, da zona oeste, e o antigo Beiral, hoje território do Parque do Rio Branco. Ademais, podemos inferir que os participantes apontaram um contraste entre o “espaço mais limpo” da cidade – Av. Ville Roy, localizada na parte planejada, com os bairros de periferia como um todo, que segundo a coletividade, são considerados os “mais sujos” em decorrência da “própria população” que a ocupa. Isto poderia permitir uma leitura de que o fantasma do perigo, a sujeira está rondando a periferia da cidade, em contraponto a associação à limpeza da imponente Avenida Ville Roy, repleta de bares e diversão.

#### 4.4. Cidadãos

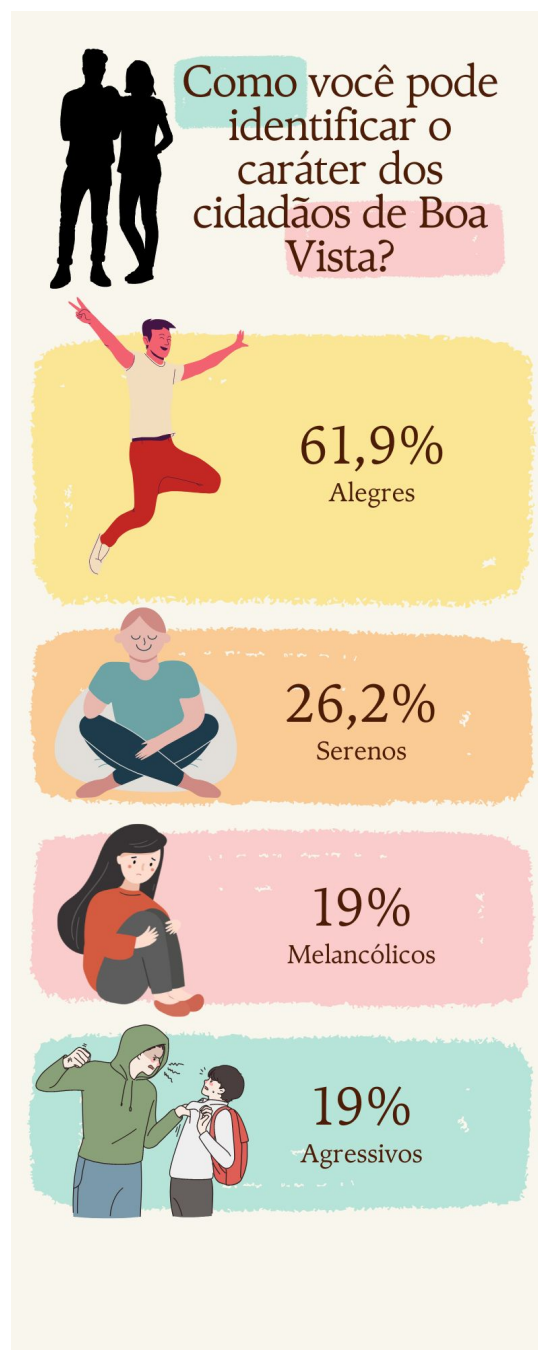
Com foco nos boa-vistenses, esta seção do questionário-base, busca compreender como os habitantes/participantes esquematizam e constroem suas realidades a partir de suas atividades cidadãs como meio de construção das culturas urbanas de Boa Vista.

Assim como na seção anterior, a parte que foca os cidadãos se subdivide em 3 partes, iniciando com a subseção temporalidades cidadãs, focada nas atividades cotidianas dos habitantes de Boa Vista. Todavia, focamos em apresentar aqui apenas dois grupos de percepções coletadas nesta subseção, a partir das questões “Como você pode identificar o caráter dos cidadãos de Boa Vista?” e “De onde você acha que vem a maioria dos habitantes de Boa Vista?”.

Tal escolha se deveu ao fato de que estes temas poderiam evocar informações relacionados ao que buscamos em nossa tese.

A primeira se tratava de uma questão de múltipla escolha, na qual os participantes poderiam marcar mais de uma das quatro opções disponíveis: Alegres, Serenos, Melancólicos e Agressivos.

Pelo que pudemos constatar, os boa-vistenses percebem a coletividade cidadã como “alegres”, de maneira emblemática, com 61,9% das respostas. Seguido pela percepção “serenos” com 26,2% das respostas. Por último, “melancólicos” e “agressivos”, com 19% das respostas cada. Logo, podemos verificar que a percepção coletada tende mais para um caráter positivo em detrimento ao caráter que tende para o negativo. Com isso, podemos adicionar mais uma camada à representação da cidade de Boa Vista pela perspectiva cidadã: *Cidade bela, alegre, solar,*



**Infográfico 21** - O caráter dos boa-vistenses  
**Fonte:** Próprio autor

*tranquila de se viver, cujos cidadãos majoritariamente são alegres e serenos. Uma imagem, sobretudo positiva.*

Percebemos, pelas respostas, uma tendência a olhar a cidade de Boa Vista e seus cidadãos com olhos de encantamento e esperança em detrimento ao que os participantes identificam como problemas sociais que afetam suas vidas urbanas.

A segunda questão, a que nos debruçamos na subseção de temporalidades, buscava a compreensão dos participantes acerca da origem/naturalidade dos habitantes de Boa Vista.

**Infográfico 22 - Naturalidade dos boa-vistenses**



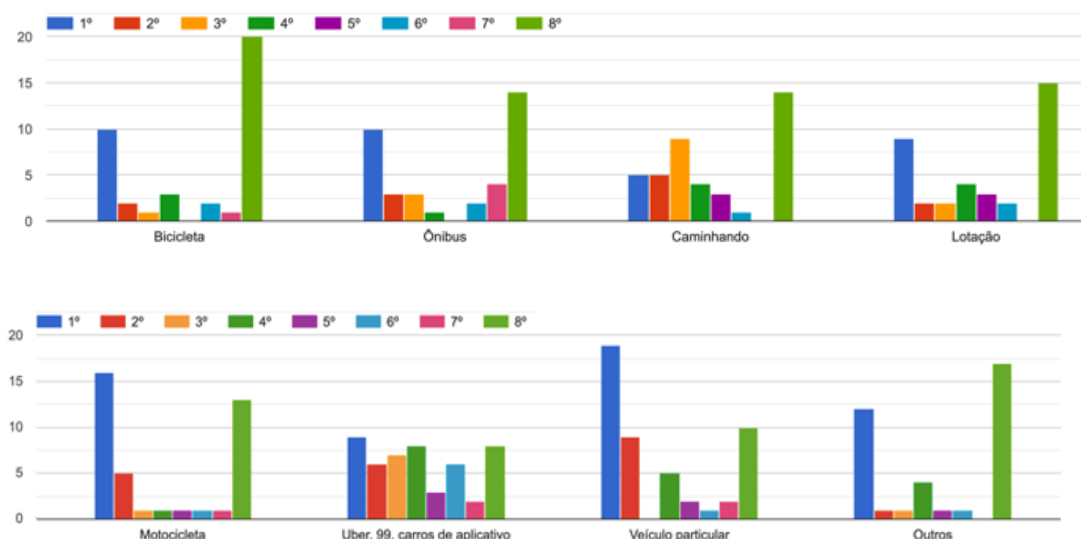
**Fonte:** Próprio autor

Pelo que pudemos constatar, é emblemático para os participantes que a maioria, 83,3%, percebe que boa parte dos habitantes de Boa Vista são nascidos em outras regiões do Brasil. Apenas 11,9% apontou que a maioria dos habitantes são naturais desta cidade, e 4,8% apontaram que os habitantes são nascidos em outros países. Aqui, podemos fazer uma correspondência do dado imaginado com os dados reais coletados pelo Censo do IBGE, já citados em nosso Capítulo I, que, de certa forma, coincide com as informações de estatísticas oficiais da cidade com as estatísticas imaginadas pelos participantes.

Na segunda subseção do questionário base, “marcas de cidadãos”, buscamos aspectos que assinalam o boa-vistense como o sujeito da experiência urbana, deixando,

portanto, marcas, rastros ou pegadas nesta urbe. Neste sentido, para compreender como esse cidadão tem deixado suas pegadas na cidade, vamos olhar para a questão “Como você se movimenta pela cidade?”. Sendo a escala de respostas, 1º (mais usado) ao 8º (menos usado).

**Infográfico 23** - Como você se movimenta pela cidade



**Fonte:** Próprio autor

Aqui, podemos inferir que o cidadão boa-vistense marca sua cidade preferencialmente pelo uso de seus veículos particulares e motocicletas, em contraponto à utilização de bicicletas, caminhadas e os transportes coletivos do município, como o ônibus e a lotação. O resultado que convergiu para o mediano pode ser observado na utilização dos aplicativos de transporte como Uber e o 99.

Com este resultado, é possível fazermos uma leitura de que, devido ao clima quente da cidade, as caminhadas e a utilização de bicicletas acabam sendo preteridas em comparação com os demais meios de transporte. Mesmo que, pelos croquis dos cidadãos, seja possível deprendermos que a cidade apresenta o aspecto de tranquilidade, fácil acesso e proximidade dos lugares.

Outra leitura possível, agora relacionada aos transportes coletivos, ônibus e lotação, indica uma tendência a menor utilização desse serviço, o que pode indicar uma

insuficiência de oferta dele na cidade; outra informação que pode ser confrontada com os dados reais, é a que indica que o transporte coletivo em Boa Vista está entre as maiores queixas dos habitantes<sup>54</sup>.

De tal modo que chegamos a maior preferência dos participantes, que apontou o transporte particular, como carros e motos, como o meio de transporte favorito quando se trata de escolher qual é o meio de transporte utilizado para deixar suas pegadas ou rastros marcados na cidade de Boa Vista.

Outra questão dentro desta subseção buscou relacionar os jovens e os idosos da cidade, através da percepção das pessoas com palavras, através da questão norteadora “com qual palavra você relaciona os jovens de Boa Vista / as pessoas da terceira idade de Boa Vista?”.

Primeiro, com relação aos jovens, podemos fazer uma soma das duas principais palavras escolhidas pelos participantes festeiros – 17%, e alegres – 14%. Logo, essa percepção ‘festeiros alegres’ representaria 31% das percepções dos participantes. Um resultado, sobretudo, positivo, ainda que



**Infográfico 24 - A juventude e os idosos de Boa Vista**  
**Fonte:** Próprio autor

<sup>54</sup> Esta situação pode ser confrontada com uma pesquisa realizada com habitantes em 2021: “Transporte público está entre as maiores queixas do boavistense”. Disponível em: <https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Transporte-publico-esta-entre-as-maiores-queixas-do-boavistense/76172> >Acesso em: 28 jan 2022.

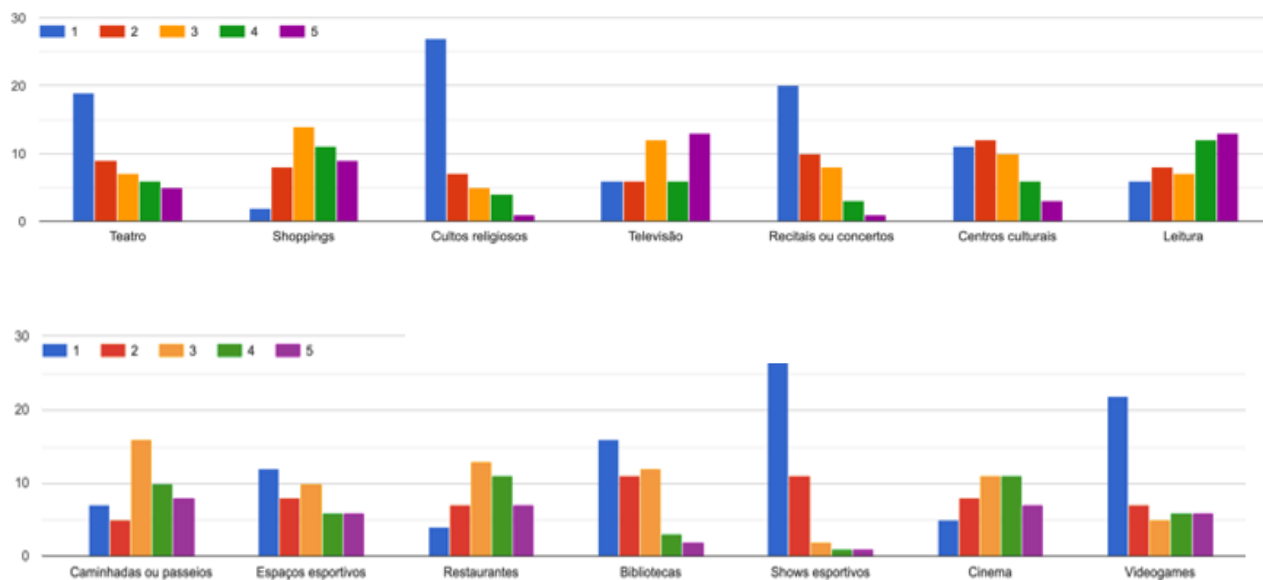
palavras como desanimados, desesperança e perdidos também figurem entre as escolhidas.

Com relação aos idosos, podemos fazer uma soma das principais palavras escolhidas: sabedoria, com 17% das respostas, e serenidade com 12%, representando um resultado de ‘sabedoria serenidade’ com 29% das percepções dos participantes. Aqui, a única palavra que representa algo de negativo seria “abandonados” com 7% das respostas. Percepções que tendem, em sua maioria, à palavras de cunho positivo (gente boa, bondade, disposição, experientes) também foram selecionadas pelos participantes para identificar os cidadãos da terceira idade de Boa Vista.

Seguindo para a última subseção da parte dos cidadãos de nosso questionário-base: Rotinas, que busca compreender, pelo viés dos participantes, as ações cotidianas que se repetem no dia a dia de suas vivências na cidade. Vamos apresentar, na sequência, um panorama que mostra um pouco das preferências dos boa-vistenses quando o assunto são suas escolhas e frequências de uso, através daquela mesma escala de qualificações já apresentada anteriormente: 1 = nada / 5 = muito.

A primeira qualificação das rotinas cidadãs classifica determinados usos e espaços da cidade dependendo da frequência de uso/participação dos cidadãos:

**Infográfico 25 - Qualificação dos usos e espaços da cidade**



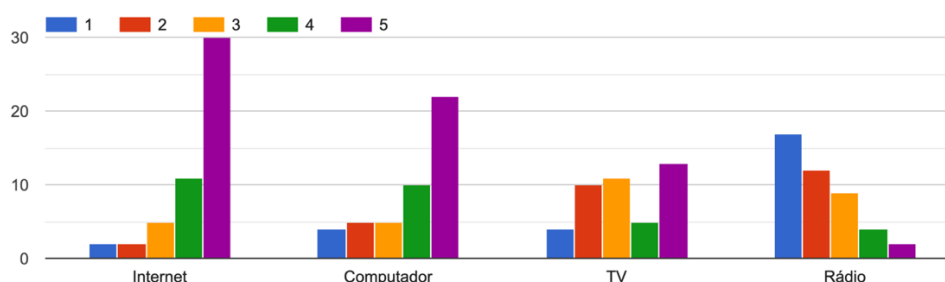
Fonte: Próprio autor

Aqui, podemos fazer uma leitura de que não há, em nenhuma destas ações, uma grande frequência de participação/uso por parte dos participantes da pesquisa. O resultado demonstra uma maioria de escolhas que tendem para a opção 1 = nada. As opções de

shows esportivos, cultos religiosos, teatro, recitais/concertos, bibliotecas e videogames apresentaram-se como opções que o boa-vistense pouco frequenta/utiliza em sua rotina. Já as opções shoppings, centros culturais, caminhadas/passeios, espaços esportivos, restaurantes e cinema apresentaram-se como escolhas medianas dentro das rotinas cidadãs. E as opções que convergiram para o lado positivo na frequência de uso/participação foram a leitura e a televisão. O que pode indicar um comportamento mais caseiro e introspectivo na rotina dos boa-vistenses.

Seguindo essa linha de qualificação dos usos e rotinas, os participantes deveriam apontar, na sequência, os usos de determinadas tecnologias (internet, computador, TV, rádio), de acordo com a sua frequência de utilização, seguindo a mesma escala – 1 = nada / 5 = muito.

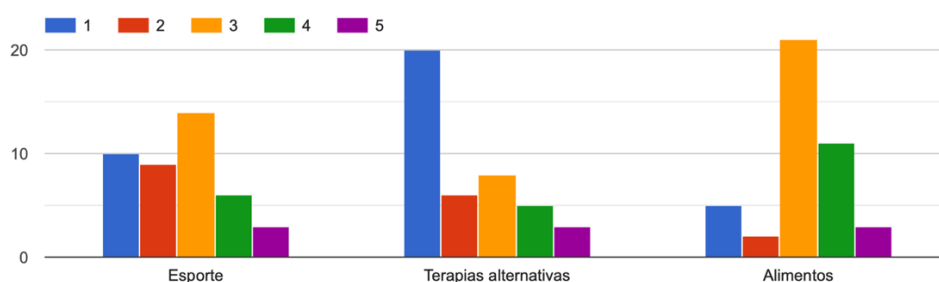
**Infográfico 26 - Qualificação do uso de tecnologias**



**Fonte:** Próprio autor

Desta forma, podemos perceber que a internet é o meio tecnológico mais utilizado pelos participantes, seguida pelo uso do computador. A televisão apresenta um resultado mediano, e o rádio é a tecnologia menos utilizada pelos boa-vistenses nos dias de hoje. Além das tecnologias preferenciais dos habitantes, questionamos também quais são os cuidados com o corpo que os participantes mais identificam no comportamento dos boa-vistenses. Seguindo a mesma escala – 1 = nada / 5 = muito.

**Infográfico 27 - Qualificação dos cuidados com o corpo**



Fonte: Próprio autor

Como podemos verificar através dos gráficos, é possível considerar que o boa-vistense tem um cuidado mediano com o corpo, e as terapias alternativas são aquelas que apresentaram os resultados com maior tendência à resposta ‘nada’; os alimentos têm uma tendência que transita de médio para muito, e os esportes ficaram com o resultado mediano. Interessante

apontarmos esse resultado médio para os esportes, pois como veremos na sequência, na última questão da subseção rotinas, os esportes foram lembrados por 14% dos participantes como algo que o boa-vistense gostaria de fazer em seu tempo livre.

Enfim, primeiro os participantes foram questionados sobre “o que você faz no seu tempo livre?”. Nesta questão, encontramos uma tendência de respostas que reforçam a já mencionada característica de um cidadão mais caseiro, que tende a ficar mais recluso, uma vez que as respostas mais citadas demonstram atividades majoritariamente realizadas em casa e não na rua ou em espaços públicos. 21% das respostas apontaram que o descanso é sua atividade principal quando tem tempo livre, seguida por atividades



Infográfico 28 - Sobre o tempo livre dos boa-vistenses

Fonte: Próprio autor



como leitura, escrita, TV, séries e filmes com 17% das respostas. Atividades de hobby ficaram com 14%, e lazer, 10% das respostas.

Já quando questionados sobre o que gostaria de fazer com seu tempo livre, obtivemos como respostas mais recorrentes o desejo de realizar atividades fora de casa. Viagens foi a atividade mais citada, com 26% das respostas, seguida de esportes, com 14% das respostas. Para 12% dos participantes, ficar em casa também é um desejo do que gostariam de fazer com seu tempo livre, empatada com atividades de lazer, que receberam 12% das respostas.

Com esse panorama, encerramos aqui a seção Cidadãos, chegando a mais uma camada de representação dos boa-vistenses que caminham da alegria à sabedoria, naturais de outros lugares do Brasil, caseiros, uma vez que em sua rotina preferem estar em casa, e quando saem, optam por deixar suas marcas na cidade através de meios de transporte próprios; todavia, projetam o desejo de estar fora de casa, seja viajando, praticando esportes ou se aventurando em atividades de lazer.

#### 4.5. Outridades

A terceira e última seção de nosso questionário-base tem o intuito de trabalhar, sobretudo, a dualidade “como nos percebemos/como nos percebem os outros (vizinhos)”. Aqui, em especial, buscamos averiguar as percepções imaginárias acerca da imagem de Boa Vista e de seus cidadãos a partir de outras perspectivas que não só a sua própria perspectiva de cidadão sobre a cidade, mas também pelo que supõe que imaginam sobre Boa Vista e seus cidadãos a partir dos olhares dos outros (demais brasileiros, estrangeiros).

Esta busca se deu, primeiramente, a partir dos questionamentos iniciais da seção outridades: “Como você acha que os habitantes de Boa Vista são percebidos pelo resto dos cidadãos brasileiros” e “Como você acha que os habitantes de Boa Vista são percebidos pelo resto dos cidadãos latino-americanos?”. E seguiu checando também a percepção dos participantes da pesquisa acerca das cidades brasileiras e latino-americanas que teriam mais ou menos afinidades com Boa Vista.

Importante lembrarmos que tais percepções imaginárias são elementos importantes para verificarmos as ocorrências das grandes questões da pesquisa já citadas: migração, fronteira, identidade, cultura, planejamento urbano e gentrificação.

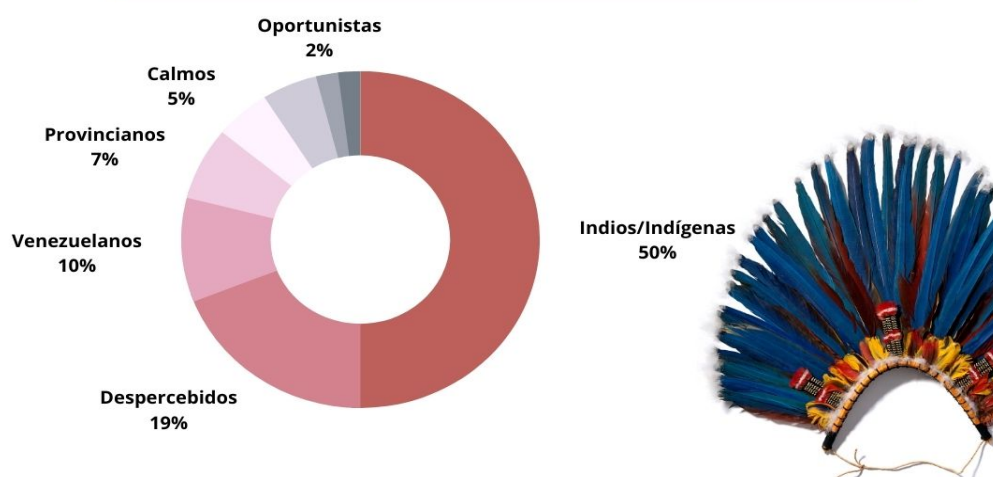
O primeiro questionamento acerca da percepção dos demais brasileiros sobre os habitantes de Boa Vista demonstra a emblemática percepção de que para os demais brasileiros os boa-vistenses são percebidos majoritariamente como índios/indígenas, com 50% das respostas. Na sequência, com 19% das respostas, os participantes acreditam que os boa-vistenses “passam despercebidos” pelo restante dos brasileiros, e 10% acreditam que os boa-vistenses são percebidos como venezuelanos, entre outras respostas residuais. Este resultado nos permite refletir que a coletividade acredita que a identidade indígena e o fato de possuir a maior quantidade de povos indígenas do Brasil, possivelmente, faz com que o restante dos brasileiros tenha a imaginação de que todos os habitantes de Boa Vista sejam parte dos povos indígenas do território roraimense.

Percepção corroborada pela segunda pergunta, que visou checar a percepção dos boa-vistenses sobre o que imaginam os demais cidadãos latino-americanos. Aqui, novamente a resposta “índio/indígena” foi a mais citada, com 19% das respostas, seguida por “despercebidos”, com 17% das respostas, e como terceira percepção, novamente a menção ao “caos” relacionado à migração venezuelana com 12% das respostas. Outros dados que observamos aqui, foram as respostas “alegres/acolhedores” e “preconceito”, ambas com 10% das respostas dos participantes. Portanto, além da percepção que converge à resposta indígena, respostas que indicam a percepção: passam despercebidos, venezuelanos, o acolhimento e a alegria foram bons sentimentos associados aos boa-vistenses, em contraponto ao preconceito também lembrado pelos participantes.

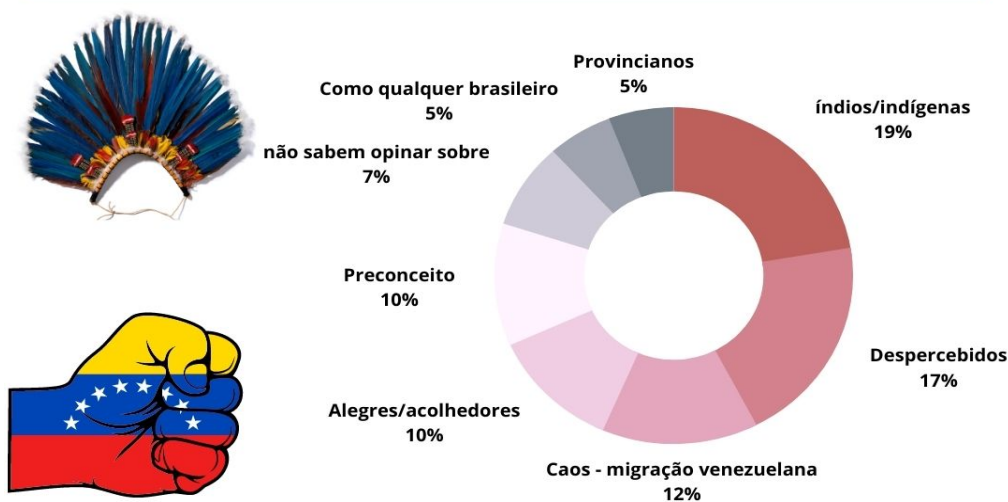


## COMO VOCÊ ACHA QUE OS HABITANTES DA CIDADE DE BOA VISTA SÃO PERCEBIDOS...

peço resto dos cidadãos brasileiros?

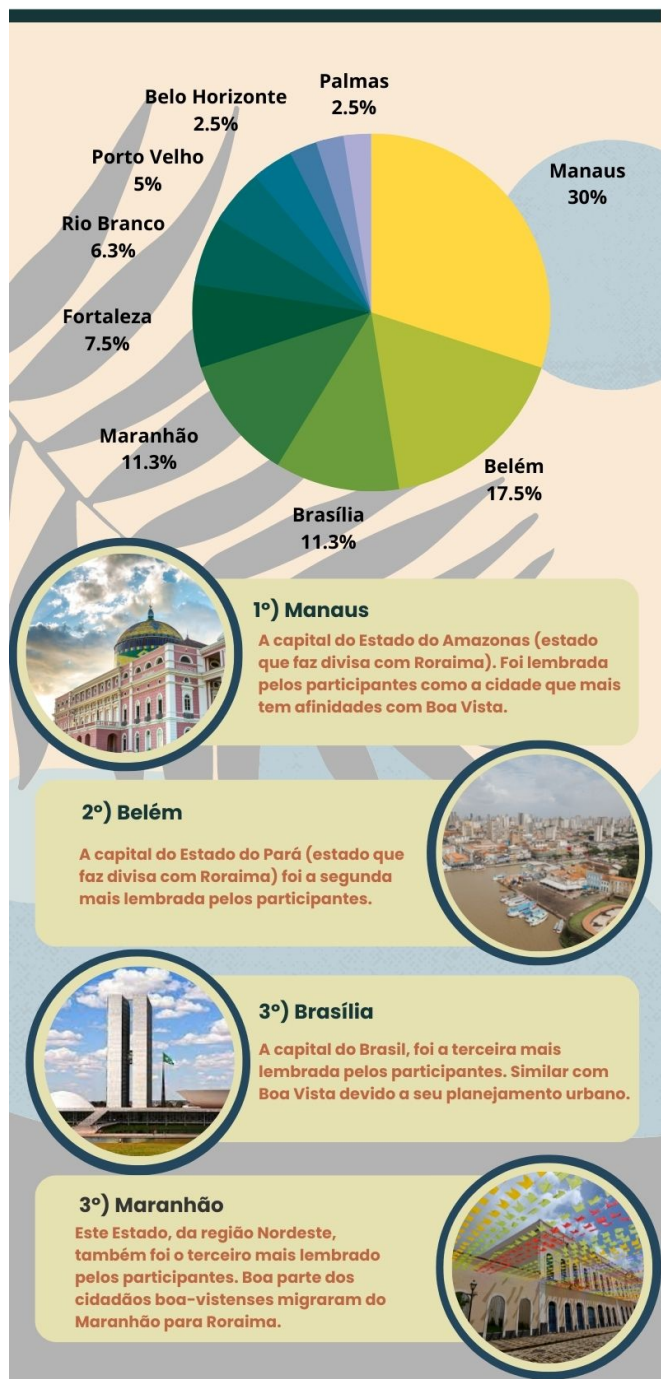


peço resto dos cidadãos latino-americanos?



Fonte: Próprio autor

## AS 3 CIDADES BRASILEIRAS QUE TEM MAIS AFINIDADE COM BOA VISTA?



**Infográfico 30** - Cidades com mais afinidades com Boa Vista

Fonte: Próprio autor

Seguindo em busca das percepções acerca das outridades, os participantes foram questionados acerca das três cidades brasileiras que consideram ter mais afinidades com Boa Vista. As percepções mais lembradas, neste caso, foram Manaus, com 30% das respostas, Belém com 17,5%, e em terceiro, um empate entre Brasília e o “Maranhão”, que embora seja um Estado, foi citado por 11,3% dos participantes, juntamente com a capital do Brasil.

Uma leitura possível destes dados é a de que Manaus e Belém, por serem também capitais da Região Norte, teriam mais afinidades com a realidade de Boa Vista.

Brasília, embora da Região centro-oeste, é a grande referência quando tratamos da questão cidade planejada, eixo monumental com os três poderes – Uma possível correspondência com o plano urbanístico de Boa Vista.

E o Maranhão, como já foi citado, é o estado da Região Nordeste de onde muitos habitantes de Boa Vista migraram, ou pais e/ou avós migraram. Logo, podemos fazer uma associação às

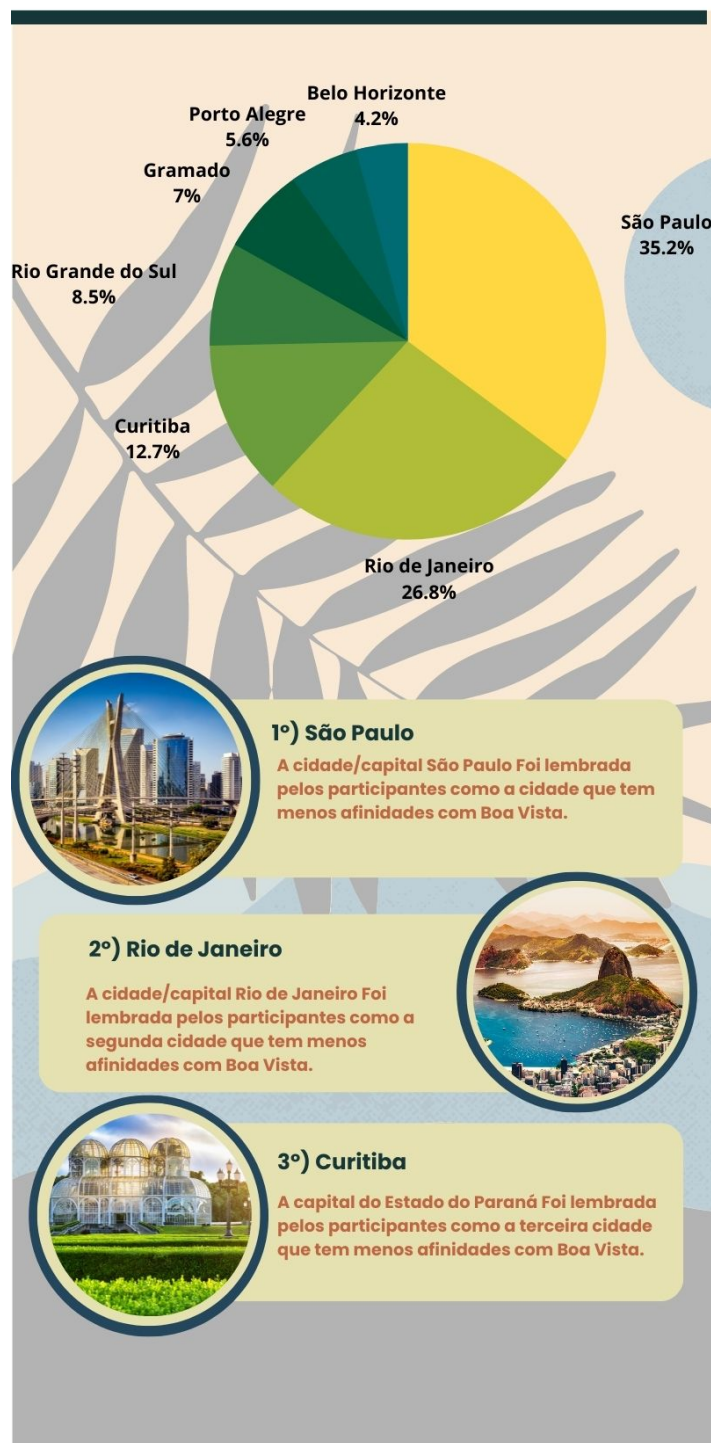
questões culturais que foram herdadas do Maranhão na cultura roraimense.

Na sequência, buscamos desvelar quais são os locais do Brasil que mais se distanciam da realidade de Boa Vista. Os participantes, então, responderam à questão: “Quais são as 3 cidades brasileiras que não tem afinidades com Boa Vista?”.

Para os participantes da pesquisa, Boa Vista está mais distante ou não tem afinidades com a cidade de São Paulo, com 35,2% das respostas, seguida pelo Rio de Janeiro, com 26,8% das respostas, e de Curitiba, com 12,7% das respostas.

Aqui, temos como respostas duas capitais da região sudeste do Brasil; São Paulo, a maior metrópole de nosso território, com sua vida agitada e prédios que não tem mais fim. O Rio de Janeiro, cidade quente, turística e muito agitada, e Curitiba, uma capital da região sul do Brasil. Vale apontar que outros locais do Sul foram também citados, como Gramado, Porto Alegre e o Rio Grande do Sul. Uma leitura possível de tal falta de afinidades pode se dar pela questão do clima, que é o total oposto do clima de Boa Vista, sendo o clima do sul predominantemente mais frio do que quente.

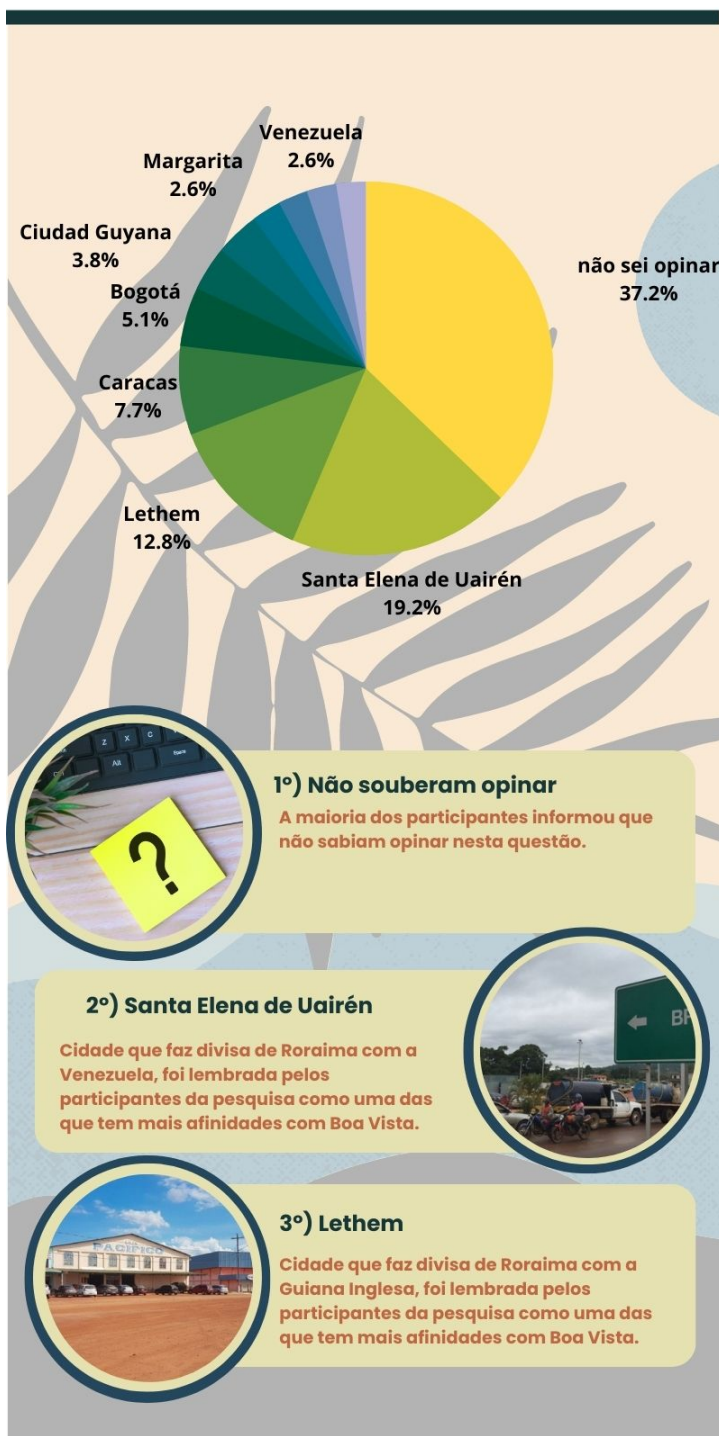
## AS 3 CIDADES BRASILEIRAS QUE NÃO TEM AFINIDADE COM BOA VISTA?



Infográfico 31 - Cidades com menos afinidades com Boa Vista

Fonte: Próprio autor

# AS 3 CIDADES LATINO-AMERICANAS QUE TEM MAIS AFINIDADE COM BOA VISTA?



**Infográfico 32** - Cidades latino-americanas com mais afinidades com BV

Fonte: Próprio autor

E, assim como nas questões anteriores, nossos participantes também foram questionados acerca das três cidades latino-americanas que consideram ter mais afinidades com Boa Vista.

É conveniente apontarmos aqui, que a resposta mais expressiva foi que 37,2% dos participantes não souberam opinar, e na sequência foram lembradas as cidades dos países vizinhos que fazem fronteira direta com o estado de Roraima: Santa Elena de Uairén (Venezuela) foi lembrada com 19,2% das respostas, e Lethem (Guyana) foi lembrada com 12,8% das respostas.

É simbólico apontarmos aqui que muitas das respostas apontam para locais na Venezuela, talvez pelo fator proximidade e/ou pelo fato de já terem visitado estes locais.

Talvez seja pela questão do clima, muito similar ao clima encontrado em Boa Vista, juntamente com a percepção sobre Lethem, cidade fronteira da Guyana

com Roraima, muito popular por ser um local de compras, sendo que muitos brasileiros trabalham nos comércios desta cidade. Enfim, as afinidades encontraram-se nas cidades de fronteira.

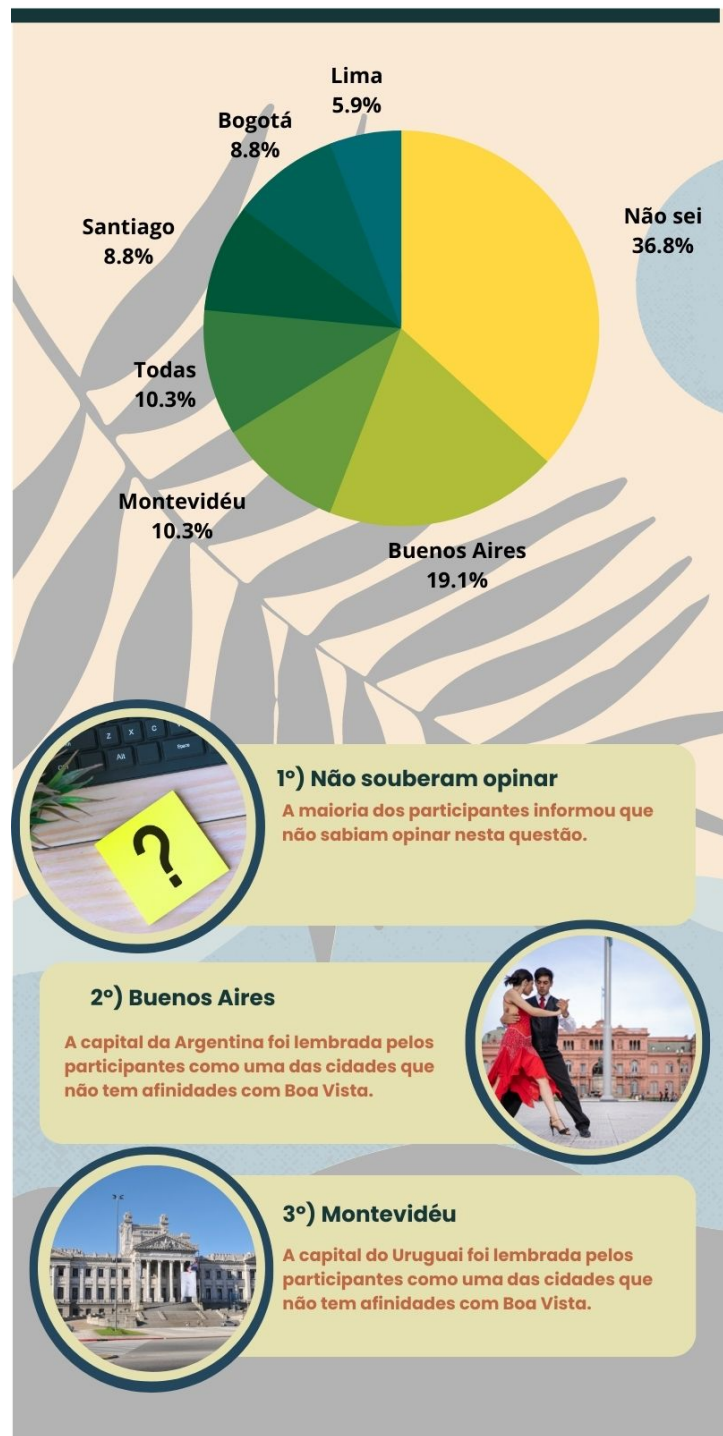
Por fim, nossos participantes foram questionados acerca das três cidades latino-americanas que não teriam afinidades com Boa Vista.

Novamente, a percepção “não sei” foi a correspondência mais votada com 36,8% das respostas, seguida pelas capitais da Argentina e Uruguai, Buenos Aires com 19,1% das respostas e Montevidéu com 10,3% das respostas. Além delas, a resposta “todas” também obteve 10,3% das respostas. O que indica que, mais uma vez, os participantes não se sentiram seguros para afirmar quais seriam as cidades mais distantes da realidade de Boa Vista, talvez por desconhecerem detalhes sobre outras cidades latino-americanas.

Todavia, nenhuma cidade dos países vizinhos foi citada aqui.

Portanto, a falta de afinidades de Buenos Aires e Montevidéu com Boa Vista talvez se deva à questão climática, assim como apontamos sobre as cidades

## AS 3 CIDADES LATINO-AMERICANAS QUE NÃO TEM AFINIDADE COM BOA VISTA?



Infográfico 33 - Cidades latino-americanas com menos afinidades com BV

Fonte: Próprio autor

brasileiras que também não teriam afinidades com Boa Vista.

Na sequência desse capítulo retomaremos alguns aspectos desta análise dos dados imaginados, a fim de que sejamos capazes de traçar os croquis cidadãos (mapa dos afetos) dos boa-vistenses e os emblemas urbanos, que são as percepções imaginárias mais emblemáticas entre aquelas envolvidas em nossos dados de Boa Vista imaginada.

#### 4.6. Croquis e a Boa Vista de seus cidadãos

A partir dos dados acima apresentados, seguindo a proposta de representação da cidade a partir da perspectiva cidadã, recorreremos finalmente à noção de croqui como apoio para as representações do espaço urbano boa-vistense, evocando imagens da cidade a partir do mapa dos afetos de seus cidadãos, desvelados pelos dados imaginários.

Neste croqui, fomos capazes de identificar, pela percepção dos participantes, que os processos de alteração da paisagem urbana estão presentes no imaginário dos cidadãos participantes. Podemos destacar aqui as menções à infraestrutura e ampliação dos espaços, lembradas como alguns dos acontecimentos mais importantes para a história da cidade e a então recente inauguração do Parque do Rio Branco (2020) sobre o antigo território de um dos mais antigos bairros da capital, o Caetano Filho – Beiral.

Neste caso, a percepção de negligência urbana, citada pelos participantes sobre o Beiral, se sobrepôs às percepções de beleza e lazer relacionadas à inauguração do novo parque da cidade. Neste sentido, podemos inferir que os fantasmas do medo, da violência, da insegurança, da negligência urbana (drogas e prostituição) rondou, afetou e causou um efeito social que impulsionou/provocou a mudança de cenário neste espaço urbano com a gentrificação de grande parte das famílias que ali viviam. Todavia, só o tempo dirá se esses fantasmas não voltarão a rondar esse novo espaço de lazer, que antes era ocupado pelo Beiral.

Uma outra alteração do espaço urbano afetada pelos imaginários é o já citado caso da Praça Simón Bolívar, que recebeu grades de proteção e horário de funcionamento. Pudemos verificar pelas percepções dos participantes que este é um espaço que ficou marcado pela memória da migração venezuelana com palavras/imagens que correspondem a esse acontecimento: “Venezuela, migração, fronteira, abrigo a céu aberto, chegada”. Logo, identificamos aqui uma ocorrência que evoca os imaginários de fronteira, não somente como parte dos croquis cidadãos, mas, sobretudo, como um



emblema urbano de Boa Vista imaginada, tendo em vista que somadas as percepções que evocam a Venezuela / venezuelanos / migração / fronteira, temos uma percepção superior a 50%<sup>55</sup> de respostas. Importante citar aqui, também, a escolha da migração venezuelana como o acontecimento mais importante do último ano na cidade de Boa Vista (2019-2020) por 26% das respostas, superior até mesmo que a pandemia de Covid-19, enquanto um fenômeno global, que ficou com 24% das respostas dos participantes.

Foi possível também encontrarmos nas respostas da coletividade entrevistada, ocorrências de percepções que demonstram as visões dicotômicas entre a Boa Vista, bela, planejada, tranquila, para a Boa Vista descuidada, caótica, negligente com as questões da migração, abandono de espaço públicos e o garimpo. Sendo que esse último, como checaremos na sequência, se apresentou como a representação mais controversa entre as opiniões evocadas pelos participantes.

Nesses croquis cidadãos, foi possível constatar, ainda, percepções que evocaram a cidade planejada, sobretudo quando elegem como o acontecimento mais importante dos últimos trinta anos a questão da infraestrutura e ocupação dos espaços territoriais, e como acontecimentos mais importantes da história, a criação do estado de Roraima e o processo de planejamento urbano. O que demonstra que o plano urbanístico, que em muito contribuiu para o crescimento da cidade, com o planejamento de largas avenidas radiais que permitiram a expansão urbana e a culminância de Roraima tornar-se um estado membro da federação, são conquistas dos roraimenses, que ainda vivem em seu imaginário como boas heranças que possibilitam mirar o futuro dessa urbe.

Dentre as possíveis representações encontradas no mapa dos afetos cidadãos acerca da dicotomia “Beleza x Negligência”, estão as percepções sobre o espaço da Orla Taumanan, que demonstrou emblemática a visão e associação do espaço de lazer ao Rio branco e sua beleza. Beleza essa, que também foi associada a outros dois espaços de lazer da cidade: o complexo Ayrton Senna e o lago do Robertinho, em contraponto aos espaços do antigo Beiral, do Parque Anauá e da Praça Simón Bolívar, os quais foram predominantes à evocação de negligências urbanas (Abandono, Descaso, Perigo, Mato, Drogas, Prostituição, Abrigo a céu aberto). Dicotomias que saltam aos olhos e, notavelmente ao imaginário dos cidadãos/participantes.

---

<sup>55</sup> de acordo com Silva (2022) para analisar dados do questionário, segundo sua metodologia, utiliza-se como referência para considerarmos um emblema urbano, dados maiores que 50% das respostas e assim, encontrados tais emblemas, sugere-se prosseguir com as representações fotográficas de tal emblema.

Ainda sobre o exemplo mais dicotômico encontrado em nossa análise, esse foi relacionado à imagem/palavra associada ao monumental Garimpeiro, instalado no centro da praça do Centro-cívico, sendo emblematicamente lembrado por 45% das respostas com associações negativas (Nojo, Crime, deveria ser um indígena, Exploração, Água parada, Controverso, Destruição, Duvidoso, Feio, Lixo, Morte), em contraste aos 37% das respostas que apresentaram associações positivas (Cartão postal, Memória, Representatividade, Arte, Dia a dia, Fundação, Histórico, Identidade, Importante, Luta, Origem, Significante, Trabalhadores). E, por fim, 18% de respostas neutras, como, por exemplo, a associação da estátua ao Centro-cívico.

Portanto, antes de prosseguirmos com a apresentação dos emblemas urbanos encontrados em nossa investigação, podemos arrematar preliminarmente através dessa análise dos croquis cidadãos que as três primeiras hipóteses dessa tese foram atestadas, em resumo, da seguinte forma:

1. Verificamos que as alterações na paisagem urbana e o processo de hibridação cultural afetou e causou efeitos na cidade real: Revitalizações como o da Praça de Bolívar e do Beiral, problemas que rondavam o imaginário cidadão, cujo poder público, assombrado pelos fantasmas da migração, drogas e prostituição, supostamente se resolveu com reformas e readequações do uso dos espaços da cidade, ou seja, imaginário que causou efeitos na cidade real.
2. A dicotomia entre a cidade planejada/bela e a cidade caótica/perigosa foi também atestada pelas lembranças da infraestrutura, planejamento urbano e beleza de alguns espaços de lazer da cidade, em contraponto à imagem de negligência de outros espaços, como o Parque Anauá e o antigo Beiral. E, sobretudo, pela imagem polarizada que representa a figura do monumento ao garimpeiro que inspirou, em nossos participantes, tanto sentimentos positivos, quanto sentimentos negativos.
3. A hipótese de que o período de 2015-2022 e seus emblemáticos acontecimentos surgiria nas respostas dos participantes também se mostrou positiva, uma vez que os participantes se lembraram da migração venezuelana e da pandemia de Covid-19 como os acontecimentos mais importantes do último ano em questão. A migração figurou também nas respostas das outras duas questões que averiguavam os acontecimentos mais importantes dos últimos trinta anos e da história da cidade, assim como o

Garimpo. Vale notar, também, o lembrete à demarcação de terras indígenas como um dos acontecimentos mais importantes da história da cidade. Esses quatro fatores – migração, pandemia, garimpo e demarcação de terras indígenas, para além das questões sociais, sobretudo, envolvem questões políticas e estiveram muitas vezes em pauta no período de análise de nossa Tese sob os governos de Jair Bolsonaro e Antônio Denarium, políticos aliados e alinhados ideologicamente, que abertamente, não necessariamente os dois, se mostraram favoráveis ao fechamento da fronteira com a Venezuela, minimizaram a pandemia de Covid-19 e que, com uma inclinação maior ao armamento, impulsionaram a exploração de terras e o garimpo em detrimento à demarcação de terras indígenas. O garimpo, por sua vez, durante as análises de nossa Tese, tem acontecido cada vez com maior frequência, e, conseqüentemente, o assassinato de indígenas e a poluição de rios e terras no estado de Roraima.

Com relação às outras duas hipóteses de nossa Tese – Acerca dos fantasmas urbanos e o conseqüente assombro social que fazemos com a correspondência das situações imaginadas em fatos reais da cidade. Além daqueles já citados anteriormente: da Praça Bolívar, do Beiral, Garimpo. Na sequência, com a apresentação dos emblemas urbanos, continuaremos a fazer essas correspondências do imaginado com o real para que, por fim, em nosso capítulo V, possamos trabalhar com a nossa quinta hipótese – revelar e transpor os imaginários urbanos de Boa Vista sob as lentes das artes visuais.

#### 4.6.1. Emblemas da Boa Vista imaginada

Como já dissemos anteriormente, Silva (2022) utiliza, atualmente, como referência para identificar os emblemas urbanos de uma cidade imaginada o seguinte parâmetro:

- Menos de 10% dados residuais
- Entre 10 e 30% dados significativos
- Entre 30 e 50% muito significativos
- Mais de 50% consideram-se como emblemas

Logo, seguiremos agora estritamente com os dados que apresentaram mais de 50% das respostas de nossos participantes, ou seja, os imaginários mais emblemáticos perante a nossa coletividade cidadã. Para todos eles, traçaremos relações dessas percepções com situações reais da cidade, sejam elas links com matérias jornalísticas, sejam elas fotografias que ilustrem as condições de assombro social de tais ocorrências emblemáticas na cidade.

Primeiramente, temos uma quase unanimidade que associa o clima de Boa Vista ao quente, com 97,6% das respostas e a associação ao período da tarde como momento do dia que mais identifica a cidade de Boa Vista, com 57,2% das respostas.

**Figura 64** - Mirante Edileuza Lóz com o sol da tarde



**Fonte:** PMBV (2021)

Foi emblemática, também, a percepção sobre dois grandes espaços turísticos da cidade: a associação da Orla Taumanan à imagem do Rio Branco, com 64,2% das respostas, uma vez que esse espaço turístico detém a melhor vista do rio que banha a cidade. Por outro lado, a percepção acerca do famoso “parque da família” – Parque Anauá, foi associada ao abandono, com 51,1% das respostas. Tal percepção de abandono é quase uma unanimidade quando conversamos com os habitantes de Boa Vista, tendo em vista que esse é um espaço da cidade que inspira sentimentos de nostalgia por grande parte da população, que carrega memórias afetivas desse espaço, e que hoje, infelizmente, não está em sua melhor fase. Como podemos acompanhar pelas coberturas midiáticas<sup>56</sup>

---

<sup>56</sup> Algumas ocorrências da mídia local sobre a questão do abandono do Parque Anauá em 2021:

corriqueiramente realizadas acerca do abandono do parque e de espaços que o integram e que outrora foram marcantes para a população, como por exemplo, o parque aquático e o Museu integrado de Roraima.

Um outro emblema negativo que emergiu nas percepções de nossos participantes foi sobre a noção de corrupção dos dirigentes de Boa Vista/Roraima, que somaram 66,6% das respostas que penderam para “muito corrupto”. No período de nossa pesquisa, houve pelo menos dois grandes casos, em âmbito Estadual, que ficaram nacionalmente conhecidos – A cassação do Presidente da Assembléia Legislativa de Roraima, Jalser Renier, que perdeu seu mandato de deputado Estadual, após 27 anos ininterruptamente sendo eleito e reeleito, cassado por suspeição de liderar uma milícia formada por policiais militares e de ser o mandante do sequestro do jornalista, crítico de seu trabalho na política, Romano dos Anjos<sup>57</sup>. Em nível Nacional, o mesmo parlamentar foi denunciado duas outras vezes ao longo de nossa pesquisa no periódico Fantástico<sup>58</sup>, da Rede Globo, por enriquecimento ilícito.

Outro político que ganhou renome Nacional durante nossa investigação foi o Senador de Roraima, Chico Rodrigues, que entre 2020 – 2021, ganhou os holofotes por participação em esquema de desvio de dinheiro de combate à pandemia em Roraima, sendo flagrado com dinheiro na cueca<sup>59</sup> em operação da Polícia Federal em outubro de 2020.

- 
- **Denúncia aponta falta de manutenção no Parque Anauá; governo nega.** Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Denuncia-aponta-falta-de-manutencao-no-Parque-Anaua--governo-nega/82362>> Acesso em: 13 de mar 2022.
  - **Parque Anauá: aqui NÃO tem obra!** Disponível em: <<https://roraimaemtempo.com.br/roraima-alerta/parque-anaua-aqui-nao-tem-obra/>> Acesso em: 13 de mar 2022.
  - **Abandono: Piscinas do Parque Anauá estão com água parada, lixo e matagal.** Disponível em: <<https://boavistaja.com/destaque/2021/08/31/abandono-piscinas-do-parque-anaua-estao-com-agua-parada-lixo-e-matagal/>> Acesso em: 13 de mar 2022.

<sup>57</sup> Matéria do G1 Roraima: **Jalser Renier perde mandato como deputado em sessão histórica.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/ao-vivo/sessao-de-cassacao-de-jalser-renier-na-assenmbleia-legislativa-de-roraima.ghtml>> Acesso em: 05 out de 2022

<sup>58</sup> Matéria do fantástico em 2016: **Presidente da Assembleia Legislativa de RR cumpre pena em semiaberto.**

Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5446465/>> Acesso em: 16 ago de 2022

Matéria do fantástico em 2019: **Cadê o Dinheiro Que Tava Aqui?: licitações fraudulentas desviam R\$ 24 milhões em Roraima.** Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7925319/>> Acesso em: 16 ago de 2022

<sup>59</sup> Matéria do G1 Roraima: **PF indícia senador Chico Rodrigues, flagrado com dinheiro na cueca durante operação.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/08/24/pf-indicia-senador-chico-rodrigues-flagrado-com-dinheiro-na-cueca.ghtml>> Acesso em: 05 out de 2022

Matéria da CNN Brasil: **Senador flagrado com dinheiro na cueca refaz pedido para STF arquivar inquérito.** Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/senador-flagrado-com-dinheiro-na-cueca-refaz-pedido-para-stf-arquivar-inquerito/>> Acesso em: 05 out de 2022

Entre esses e outros escândalos políticos da história recente de Boa Vista – RR, podemos completar que a descrença nos dirigentes e a percepção dos boa-vistenses sobre corrupção encontra fundamentos reais que trazem descrédito e afetam negativamente a imagem da política local perante os habitantes.

Mudando agora o foco para emblemas positivos sobre Boa Vista, foi possível averiguar que os participantes percebem Boa Vista como uma cidade Alegre – 54,8% e Viva – 52,4%, tais marcas, como já dissemos, demonstram que, sobretudo, os participantes têm uma ótima percepção da cidade, e também de seus cidadãos, uma vez que 61,9% dos participantes consideraram os boa-vistenses igualmente como alegres. É emblemática, portanto, a percepção de alegria na cidade e em seus cidadãos.

**Figura 65** - A alegria do Boa Vista Junina (o maior arraial da Amazônia)



**Fonte:** PMBV (2022)

Correspondente ao que o censo do IBGE aponta, os participantes de nossa pesquisa consideram, com 83,3% das respostas, que a maioria dos habitantes de Boa Vista não são naturais desta cidade. Ou seja, consideram que esta é uma cidade que reúne pessoas de diferentes formações culturais convivendo em um mesmo espaço urbano, característica crucial do processo de hibridação cultural apontado outras vezes em nosso trabalho.

E, por fim, como um último emblema urbano, com 50% das respostas, a percepção dos participantes que os demais cidadãos brasileiros compreendem os boa-vistenses como índios/indígenas, ou seja, o que nos permite inferir que ocorre devido ao fato de Roraima

ser o estado do Brasil que detêm a maior população indígena do Brasil. Somado ao pouco que se fala da cidade/capital em mídias nacionais, pode ser que exista essa crença de que os demais brasileiros pouco conheçam sobre a realidade da cidade de Boa Vista e, assim, apontem a essa percepção alegórica de que Boa Vista seja uma grande comunidade indígena e que apenas essa formação cultural componha a coletividade cidadã dessa cidade distante das demais capitais do Brasil.

Para fechar esse capítulo, que teve como foco apresentar os dados de nossa investigação, podemos concluir que essa é uma das muitas leituras possíveis que podemos fazer a partir desses dados de Boa Vista imaginada dentro da metodologia de Silva (2006) sobre os imaginários urbanos. Inúmeras outras representações podem ser evocadas e exploradas, seja com foco em outros pontos de vista determinantes, como a Boa Vista imaginada a partir de determinada zona residencial da cidade, a Boa Vista imaginada a partir do ponto de vista socioeconômico, e o cruzamento dos dados de Boa Vista imaginada com os de outra cidade imaginada, como Brasília, por exemplo.

Portanto, encerramos aqui essa análise com a certeza de que olhar para uma cidade a partir do ponto de vista de seus cidadãos é dar protagonismo àquele ser que dá vida ao espaço urbano e que luta diariamente pelo seu pertencimento em uma urbe. A metodologia aplicada de Silva (2006) se demonstrou eficaz em evocar diversos aspectos sociais que nos propomos em nossa investigação (migração venezuelana, gentrificação, luta dos povos indígenas, garimpo, xenofobia).

O imaginário, muitas vezes, se mostrou correspondente ao real. Atestamos que os fantasmas rondam e causam o assombro social, o que faz com que mudanças de paisagens urbanas, reformas, aproximações, estranhamentos tornem-se evidentes na vida cotidiana e se mostram a ponto de que possam ser captados tanto pela cobertura midiática, quanto pela Arte.

E esse é o gancho final para a conclusão de nossa investigação de doutorado. Em nosso próximo e último capítulo, trataremos da interpretação desses dados de Boa Vista imaginada pela lente das Artes Visuais e as representações paralelas que compõem parte da metodologia visual indicada por Silva (2021).

Apresentaremos, portanto, a culminância desta pesquisa através da exposição “Retratos de Boa Vista imaginada”, realizada no ano de 2023, em parceria com o Sesc Roraima, sob minha curadoria.

## CAPÍTULO V – A IMAGEM DA CIDADE PELA PERSPECTIVA CIDADÃ

Neste capítulo trataremos ainda da representação das percepções cidadãs, exploradas em nosso Capítulo IV, mas agora totalmente voltadas para a questão imagética e estética das representações de Boa Vista imaginada, dentro do que apresentamos em nossos procedimentos de pesquisa como *Metodologia visual*. Concluiremos, portanto, nosso trabalho com a interpretação dos dados de nossa investigação de maneira poética, traduzindo os imaginários de Boa Vista em arquivos urbanos através de obras de Artes Visuais.

Vale lembrar que em nosso Capítulo III, no subcapítulo 3.4, Metodologia Visual: interpretações da Imagem da cidade de Boa Vista – RR pela perspectiva cidadã, havíamos sinalizado sobre a possibilidade de trabalhar as percepções cidadãs advindas do banco de dados de Boa Vista imaginada, também como forma de criação de **arquivos urbanos** dentro das propostas que chamamos de **construção de proposta estética do ser urbano e as representações paralelas**. Isto foi possível através da curadoria da exposição *Retratos de Boa Vista imaginada*, subsidiada pelo Edital do II Kanau – Salão de Arte Contemporânea do Sesc-RR (2022-2023).

Desta forma, apresentaremos na sequência, no subcapítulo 5.1, intitulado “Proposta curatorial”, aspectos deste Edital, e a proposta enviada/selecionada pelo Sesc-RR. No subcapítulo seguinte, 5.2, intitulado “Seleção dos artistas/obras”, trataremos do processo de escolha dos 10 artistas selecionados para a exposição. Na sequência, subcapítulo 5.3, intitulado “Expografia”, propomo-nos a descrever como foi o processo de organização dos textos curatoriais e o desenho da exposição, baseado no modelo triádico de Silva (2001) – Cidade, cidadãos e outridades e, também, nas obras dos artistas; e, por fim, no subcapítulo 5.4, intitulado “Exposição Retratos de Boa Vista imaginada”, apresentaremos, de fato, as 10 obras selecionadas, imagens da exposição e a descrição dos retratos desta cidade imaginada.

### 5.1. Proposta curatorial

Desde o momento em que foram feitas as aplicações do questionário-base de Boa Vista imaginada com acadêmicos(as) da Universidade Federal de Roraima (UFRR), e este trabalho de pesquisa foi envolvendo cada vez mais estudantes, amigos e colegas de



outros cursos desta instituição, que a possibilidade de que esse trabalho, ao final, se tornasse também uma exposição, foi ficando cada vez mais real.

Foi neste momento que surgiu em 2022, o Edital do II Kanau – Salão de Arte Contemporânea do Sesc-RR (anexo A), que nesta edição de 2022-2023, estavam justamente em busca de um Profissional das Artes Visuais, com pesquisa artística comprovada, para realizar a curadoria de uma exposição coletiva, conforme podemos checar na Figura 66 no objetivo 1.2 do Edital:

Figura 66 - Parte do Edital do II Kanau



EDITAL 007/2022 – CULTURA SESC

II KANAU - SALÃO UNIVERSITÁRIO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO SESC

O SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC/RR – ADMINISTRAÇÃO REGIONAL EM RORAIMA, instituição de direito privado, sem fins lucrativos, instituído pelo Decreto-Lei nº 9.853, de 13 de setembro de 1946, com regulamento aprovado pelo Decreto Federal nº 61.836, de 05 de dezembro de 1967, com sede na Rua Dr. Araújo Filho, n.º 947 - Centro, em Boa Vista - Roraima, inscrito no CNPJ sob o n.º 03.488.834/0001-86, neste ato representado pela Diretora Regional, a senhora LISIANE GASSNER CARNETTI, torna público, para conhecimento dos interessados, a abertura do Edital 007/2022 para chamamento de propostas artístico-culturais para prestação de serviços, com a finalidade de atender ao Projeto II KANAU – Salão Universitário de Arte Contemporânea, no ano de 2022, de acordo com os critérios de aceitabilidade, contidos neste instrumento convocatório, regido pela Resolução SESC nº 1.252/12 e pelas disposições deste instrumento convocatório e seus anexos.

1. OBJETIVO

1.1. Constitui objeto deste Edital a contratação de profissionais para atender ao Projeto II KANAU – Salão Universitário de Arte Contemporânea, que realizará uma mostra inédita de arte contemporânea e popular, composta por exposição coletiva desenvolvida por pesquisadores das Artes Visuais residentes em Roraima. A palavra KANAU é de origem Macuxí que significa canoa. A canoa sempre foi um meio de transporte, comunicação e de trabalho nos rios do Brasil. Em uma alusão a essa ferramenta de navegação, o II Salão Universitário de Arte Contemporânea do Sesc pretende servir de embarcação para criar oportunidades aos artistas e pesquisadores universitários de Roraima viabilizando o contato com o circuito de artes visuais do estado.

1.2. Este edital destina-se a pesquisadores universitários da área de Artes Visuais. Os pesquisadores poderão inscrever projeto de mostra coletiva com base em pesquisa, composta por obras nas seguintes modalidades da área: pintura, desenho, gravura, escultura, cerâmica, fotografia, videoarte, objeto, instalação e híbridas, ou seja, com mistura de linguagens. Dentre as propostas será selecionada 1 (uma). A exposição terá duração máxima de 4 (quatro) meses, podendo esse período ser reduzido conforme calendário cultural anual do Sesc. Será selecionada a proposta que apresente uma pesquisa comprovada na linguagem de Artes Visuais, e aspectos de originalidade, coerência, impacto cultural para a comunidade local, contribuição para o pensar contemporâneo e promoção da diversidade cultural.

1.3. As propostas apresentadas deverão obrigatoriamente ter classificação livre e respeitar as medidas de sanitárias de combate a COVID-19 que estejam em vigor no momento da sua

Sesc – Serviço Social do Comércio | Departamento Regional em Roraima  
Rua Araújo Filho n.º 947 – Centro, Boa Vista (RR), CEP 69301-090 | +55 95 3212-2802  
www.sescrr.com.br | @sescrr

Fonte: Sesc – RR (2022)

Figura 67 - Parte do Edital do II Kanau 2



execução.

1.4. A contratação dos proponentes será efetivada por meio de inexigibilidade de licitação, conforme Resolução do Sesc nº 1.252/2012, art 10º, inciso III, na contratação de profissional de qualquer setor artístico, caracterizado por inviabilidade de competição, em razão da natureza do serviço a ser prestado.

1.5. Estão previstas neste edital a seleção de propostas que estejam de acordo com o cronograma do II KANAU – Salão Universitário de Arte Contemporânea e orientações apresentadas neste documento, possibilitando a contratação de profissionais de forma democrática e atendendo aos princípios da resolução vigente.

## **2. DO CONTEXTO**

Na tentativa de incentivar a pesquisa e a produção em artes visuais, o Sesc Roraima convoca pesquisadores vinculados a academia para desenvolverem o II KANAU – Salão Universitário de Arte Contemporânea. O trabalho a ser desenvolvido compreende a curadoria, que consiste na pesquisa, seleção, organização e montagem da exposição; o desenvolvimento de um material educativo impresso ou digital; o desenvolvimento de oficinas durante o período da mostra; o desenvolvimento de roteiro de visita mediada; e a realização da formação para os mediadores.

## **3. DO ESPAÇO EXPOSITIVO**

3.1 Galeria Franco Melchiorri, localizada no Centro de Atividades do Sesc Departamento Regional de Roraima, com endereço na rua João Barbosa n.º 143 A/B – Mecejana, Boa Vista (RR).

3.2 O projeto expositivo ganhará uma versão virtual que será montada com apoio do corpo técnico do Sesc Roraima.

3.3 Caso a galeria venha sofrer alguma intervenção física que necessite interdição temporária, a exposição será remarcada ou realocada conforme prévio acordo entre o artista e o Sesc Roraima.

Fonte: Sesc – RR (2022)

Após checar que cumpriria com todos os requisitos propostos pelo Sesc, encaminhei uma proposta de exposição sobre Boa Vista imaginada sob os cuidados de minha curadoria. Esta proposta pode ser consultada na íntegra no apêndice B. Em suma, apresentei um briefing do projeto cidades imaginadas, e como Boa Vista se inseriu na pesquisa, apresentei algumas referências de exposições e produtos artísticos do projeto cidades imaginadas e da metodologia dos Imaginários urbanos.

Como resultado, minha proposta foi acolhida pelo setor de cultura do Sesc-RR, conforme podemos verificar na Figura 68, que apresenta o resultado do Edital 007/2022 para o II Kanau:

**Figura 68** - Resultado do Edital II Kanau



**RESULTADO DO EDITAL 007/2022 – II KANAU – SALÃO UNIVERSITÁRIO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO SESC.**

O SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC/RR – ADMINISTRAÇÃO REGIONAL EM RORAIMA, torna público para conhecimento dos interessados, o resultado do processo de seleção das propostas do Edital 007/2022 – II Kanau – Salão Universitário de Arte Contemporânea do Sesc e convoca os artistas para a entrega da documentação conforme edital.

Artistas	Selecionados	(por	ordem
alfabética)			
Luís Muller Posca			

**Data e local da entrega dos documentos:**

Os documentos precisam ser entregues até o dia 30/05/2022 na Cultura, localizada no Centro de Atividades Sesc Mecejana, com acesso pela Avenida Venezuela, 1017, Pricumã, das 8h00 às 12h00 e das 14h00 às 18h00, conforme agendamento prévio por telefone ou e-mail.

**Dúvidas, esclarecimentos e agendamento da entrega de documentos:**

Em caso de dúvidas, esclarecimentos sobre o processo de seleção e entregas de documentos o candidato poderá enviar e-mail para [fapolinario@sescrr.com.br](mailto:fapolinario@sescrr.com.br) ou entrar em contato pelo telefone (95) 98403-4624.

Boa Vista-RR, 26 de maio de 2022.

Fonte: Sesc – RR (2022)

Assim como o banco de dados de percepções imaginários foi criado e subdividido em 3 categorias, de acordo com a concepção triádica de Silva (2001) – Cidade, cidadão e outridades, decidimos manter esta subdivisão em três linhas curatoriais a partir dos imaginários urbanos de Boa Vista-RR. Com esta subdivisão em mente, fizemos a seleção das propostas artísticas para cada uma das 3 linhas cidade, cidadãos e outridades. A priori, cada uma dessas linhas contemplaria 3 obras, sendo a décima obra um produto

audiovisual/clipe/videoarte que fosse capaz de responder à pergunta “Qual é a imagem da cidade de Boa Vista de acordo com a sua teia-social?”. No subcapítulo seguinte, detalharemos todo o processo de seleção dos artistas e obras.

## 5.2. Seleção dos artistas/obras

Conjuntamente com o setor de cultura do Sesc-RR, fizemos a seleção de 10 artistas residentes em Boa Vista-RR. Alguns deles universitários, outros, egressos do curso de Artes Visuais com atuação docente e artística em desenvolvimento, um coletivo de arte urbana e dois artistas venezuelanos, muralistas/grafiteiros que estão vivendo em Boa Vista-RR nos últimos anos. Todos eles foram selecionados devido ao fato de contarem com uma constante produção artística, sobretudo pelo fato de que suas obras apresentam relações artísticas que envolvem de alguma forma a cidade.

A priori, todos eles receberam o briefing da exposição e os infográficos com as percepções cidadãs coletadas pela pesquisa com os habitantes de Boa Vista. Após os primeiros diálogos entre curadoria e artistas, a videoarte (10ª obra) foi inserida como a terceira obra da linha cidade, e a linha cidadãos acabou ficando com quatro obras selecionadas. Com isto, a exposição foi se desenhando da seguinte forma:

### **Linha curatorial Cidade:**

- Larissa Brandão (Pintura): Além de artista, Larissa é estudante de Geografia na Universidade Federal de Roraima – UFRR. Sua obra buscou relações com os dados da questão 11 da investigação dos imaginários urbanos: “Com que imagem/palavra você identifica os seguintes espaços da cidade”.
- Giovana Peres (Pintura): Acadêmica de Artes Visuais e proprietária de um ateliê, sua obra buscou relações com os dados das questões 12 e 13 da investigação dos imaginários urbanos: “Qual é o personagem que identifica Boa Vista” e “quais são os lugares que identificam Boa Vista”.
- Pérola (vídeo e lambes): Egresso do curso de Artes visuais, Professor da Rede estadual de ensino, com experiência como analista de cultura. A(s) obra(s), deste artista são a síntese de todo o projeto Boa Vista imaginada. Baseada em toda a investigação dos imaginários urbanos sobre a pergunta norteadora da pesquisa: “qual é a imagem da cidade de Boa Vista?”

### **Linha curatorial Cidadãos:**

- João Biase (Desenho/Pintura): Egresso do curso de Artes Visuais, atualmente Professor da Rede estadual de ensino e artista. Para esta obra, traçamos relações com a questão 36 da investigação dos imaginários urbanos: “Mencione uma rua ou lugar que você considere...”, de forma que o artista pudesse explorar através das percepções cartográficas dos habitantes, algum aspecto para discussão de sua obra.
- Saulo Rodrigues (Escultura): Egresso do curso de Artes Visuais, atualmente Professor da rede estadual de ensino, artista com ênfase na expressão tridimensional. Este artista foi um dos participantes da primeira aplicação teste da pesquisa, e na ocasião, ao realizarmos o passeio pelos monumentos da cidade, evocou a proposta de criar uma escultura com várias cabeças representando quem são os cidadãos de boa vista hoje (indígena, migrante, imigrante) representada por um único busto.
- Amandik Mesquita (Instalação/*ready-made*): Acadêmica de Artes Visuais e artista, também participou das primeiras aplicações testes do questionário base e do passeio (deambulação) pela cidade. Sua obra buscou relações com os dados da questão 44 da investigação dos imaginários urbanos: “Como você pode identificar o caráter dos boa-vistenses”, junto de outras percepções sobre os cidadãos de Boa Vista e como eles são percebidos, presentes no questionário-base.
- Hema Vieira (Fotografias): Egressa do curso de Artes Visuais, Professora na rede de educação do Sesi e artista. A obra de Hema parte de uma investigação fotográfica que já vinha sendo desenvolvida com imigrantes sobre os trânsitos e caminhadas que movem as pessoas para a cidade de Boa Vista.

### **Linha curatorial Outridades (percepção dos outros)**

- Afronativa (pintura mural/grafite): Artista venezuelana, residente em Boa Vista, com vasta experiência em arte urbana e relevante atuação em coletivos e ações artístico-culturais na cidade de Boa Vista. Sua obra buscou relações com os dados das questões 75 e 76 da investigação dos imaginários urbanos: “Como você acha

que os cidadãos de Boa Vista são percebidos pelos demais brasileiros” e “como você acha que eles são percebidos por outros cidadãos da América-latina”.

- PLAC (Poéticas e Linguagens artísticas Contemporâneas) - integrantes: Floralice Barreto Oliveira; Daniel dos Santos Pereira; Wilson Gabriel da Cruz Neto; Yasmin Gabriela da Silva Faray; Naiane Alberto Ribeiro; Kenaldy de Souza Alves e Leila Adriana Baptaglin (Pintura): O PLAC é um coletivo de arte, nascido do projeto de extensão de minha amiga e colega de trabalho Leila Baptaglin, que ultrapassou os muros da universidade e tem se dedicado a ações de muralismo, oficinas e grafites pela cidade de Boa Vista. Assim como foi com a obra de Afronativa, sugerimos que a obra do PLAC também pudesse ter relações com os dados das questões 75 e 76 da investigação dos imaginários urbanos: “Como você acha que os cidadãos de Boa Vista são percebidos pelos demais brasileiros” e “como você acha que eles são percebidos por outros cidadãos da América-latina”
- Lu Is (pintura mural/grafite): Artista venezuelano, residente em Boa Vista, com vasta experiência em arte urbana e relevante atuação em coletivos e ações artístico-culturais nesta cidade. Devido a experiência deste artista com grandes murais que retratam o encontro das culturas brasileira, venezuelana e com forte representação das culturas indígenas destes dois povos, chegamos à proposta de que seu mural demonstrasse o encontro cultural dos diferentes agentes que compõe a cultura de Boa Vista hoje: indígena, migrante venezuelano, migrante de outros lugares do Brasil.

A partir da seleção dos artistas, reuniões com a equipe de cultura do Sesc-RR e comigo (curador), o compartilhamento de informações que extrapolaram os limites da pesquisa do questionário base foram fundamentais para que os artistas pudessem, a partir do conhecimento dos dados imaginados, criar suas próprias maneiras de fazer emergir seus arquivos urbanos nas mais variadas formas das artes visuais.

Vale ressaltar que o diálogo, desde o processo de seleção, afinidades artísticas e pessoais com as linhas curatoriais e construção das obras, foi essencial para que a exposição Retratos de Boa Vista imaginada fosse se materializando. Foi criado um grupo de trabalho da exposição, onde artistas e curador pudessem compartilhar informações e sugerir ideias, e o diálogo entre os artistas das linhas curatoriais foi se desenvolvendo de maneira natural e frutífera, de forma que o trabalho de expografia se tornasse fluido,

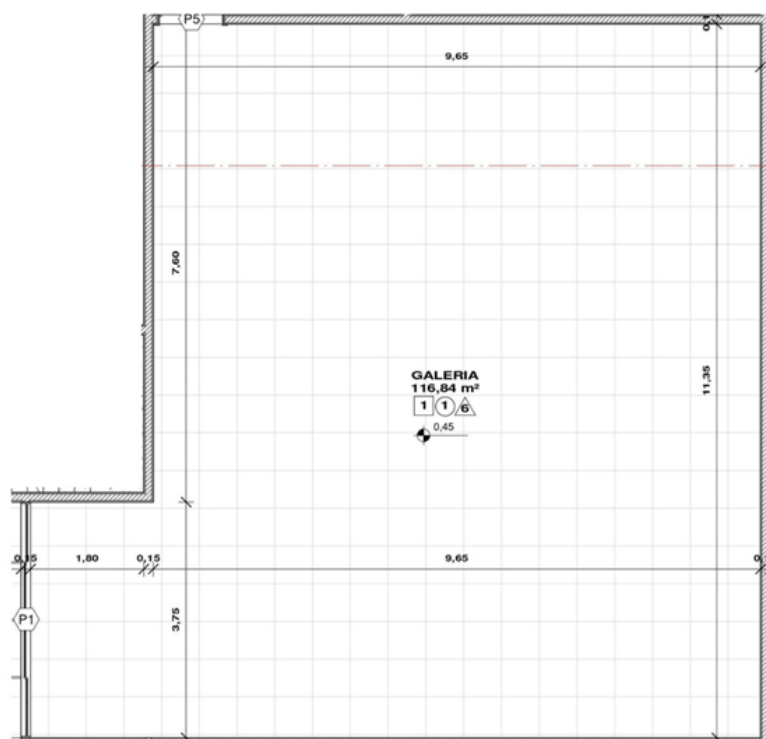
sempre contando com a marcante presença dos artistas selecionados no processo das escolhas e desenho da exposição propriamente dita.

No próximo subcapítulo, vamos tratar especificamente do processo de expografia, desde a escolha pela maneira de expor as obras, a criação do texto curatorial, os textos de apoio, as artes gráficas, que foram criadas para a divulgação da exposição e para os materiais impressos, bem como os esboços criados para o Sesc de todo este processo de expografia.

### 5.3. Expografia

O processo de expografia iniciou-se a partir de um estudo da planta da galeria Franco Melchiorri (Figura 69), no sentido de encontrarmos a melhor disposição das dez obras selecionadas, de acordo com as três linhas curatoriais. Desde o princípio, a ideia era fazermos uma alusão ao triângulo, simbolizando a tríade (cidade, cidadãos e outridades), como forma de demonstrar o percurso teórico-metodológico dos imaginários urbanos.

**Figura 69** - Planta da galeria Franco Melchiorri (Sesc-RR)



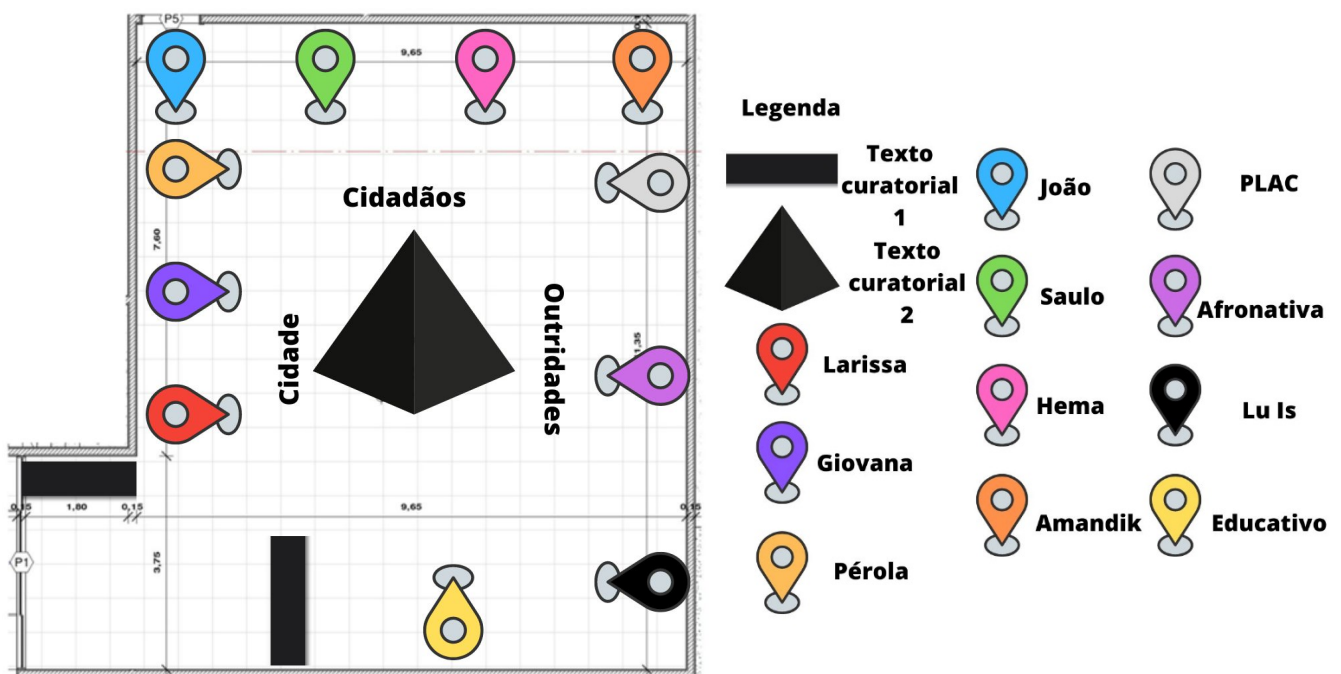
Fonte: Sesc – RR (2022)

A partir da entrega das obras pelos artistas selecionados, pudemos seguir com a estruturação da expografia. Na sequência, passamos para a fase de criação do texto curatorial principal, dos textos de apoio, um para cada linha curatorial da exposição, e preparação dos mediadores para realização de ações educativas.

Através de uma estrutura de paredes móveis, fornecida pelo Sesc, os textos de apoio foram plotados em três destas paredes, materializando, portanto, o triângulo em alusão a concepção triádica dos imaginários urbanos. Esta estrutura foi alocada no centro da galeria com as faces deste triângulo voltadas para as obras correspondentes de cada linha curatorial com seu texto de apoio.

Já o texto principal foi plotado na entrada da galeria. Desta forma, a disposição das obras foi organizada da seguinte maneira na galeria Franco Melchiorri:

Figura 70 - Expografia Retratos de Boa Vista imaginada



Fonte: Próprio autor

Na sequência, apresentamos o texto principal da exposição. Este texto traça conexões da pesquisa realizada por esta Tese, os dados coletados com o questionário base de Boa Vista imaginada e a relação da pesquisa com as obras e os imaginários urbanos:



## “Retratos de Boa Vista imaginada

Luís Müller Posca

A exposição **Retratos de Boa Vista imaginada** é uma realização do Sesc Roraima, subsidiada pelo edital do II KANAU – Salão Universitário de Arte Contemporânea, com organização e curadoria do Professor, artista e pesquisador Luís Müller Posca da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Neste II salão universitário a confluência da pesquisa de doutorado “*Boa Vista imaginada: representação da cidade pela arte e imagem mediada pelos olhares cidadãos* (POSCA, 2023)” serviu de embarcação para jovens artistas e pesquisadores convidados, entre eles, roraimenses, *roraimados*, migrantes e imigrantes cujos caminhos se cruzaram neste tempo-espço na cidade de Boa Vista-RR. Culminando em um encontro de agentes de distintas formações culturais que tem em comum o fato de acolherem Boa Vista-RR como seu lar e por intermédio das Artes Visuais, se lançaram ao desafio de navegar nas sinuosas percepções cidadãs sobre esta cidade e assim materializaram os *retratos da Boa Vista imaginada* por seus cidadãos.

A cidade imaginada, dentro da Teoria dos Imaginários Urbanos do Professor Colombiano Armando Silva (2001, 2006, 2014), pode ser entendida como um tipo de patrimônio imaterial, de percepção coletiva, mas que faz emergir sensibilidades individuais, corporificando, portanto, arquivos de percepção de natureza simbólica ou materialização dos sentidos. Trazendo à tona, para a cidade real, a corporificação de sensações que assumem novos significados na cidade, como medo, raiva, ilusões, odores, amor, cor etc.

Por meio da metodologia dos imaginários urbanos, as coleções de dados imaginados, que são subjetivos e foram coletados ao longo da pesquisa de POSCA (2023), foi possível uma ampla compreensão, sobre como a coletividade cidadã boa-vistense percebe o seu centro urbano e de que maneira a cidade de Boa Vista-RR está representada em suas imaginações, ou seja, através dos dados imaginados fomos capazes de decifrar como esses sentidos/sentimentos urbanos atravessam os boa-vistenses e suas vivências na cidade. Tais dados demonstraram informações que só podem ser acessadas através de subjetividades da imaginação/percepção das pessoas ao viverem seus cotidianos cidadãos nesta cidade. Diferentemente de pesquisas populacionais como, por exemplo, a do Censo do IBGE.

Isso quer dizer que as investigações dos imaginários urbanos coletam percepções particulares das pessoas sobre, por exemplo, *a cor da cidade, o som da cidade, quem é o personagem mais representativo dessa urbe, os lugares considerados mais importantes por sua população, como os habitantes dessa cidade são vistos e sobretudo, qual é a imagem da cidade na concepção desses cidadãos em contraponto às imagens dos cartões postais, previamente elegidas por meios hegemônicos.*

Desvendando-se, assim, em torno dos sentidos da cidade e do urbano, na maneira como essas relações são estabelecidas e circuladas por seus habitantes, as formas de representação e as estruturas que se desenvolvem para que tais construções simbólicas promovam novas relações com a cidade.

Logo, podemos afirmar que as percepções cidadãs acerca da imagem de uma cidade são informações que não podem ser encontradas em

nenhuma pesquisa de amostragem populacional ou livro com informações oficiais sobre a cidade em questão.

O grande desafio deste trabalho que evoca o simbólico e o imaginário reside na interpretação dessas sensações corporificadas em representações, croquis, marcas urbanas, mapas mentais que simbolizem essa cidade imaginada por seus cidadãos.

Para esta tarefa de materialização dos arquivos urbanos sobre os sentimentos e o imaginário dos boa-vistenses foram selecionadas as 10 obras desta exposição que traduzem, nas mais diversas formas das artes visuais, retratos desta Boa Vista imaginada, capturados através das percepções daqueles que são os agentes que dão vida ao espaço urbano – seus cidadãos; traduzidos poeticamente pelos nossos artistas selecionados.

A exposição *Retratos de Boa Vista imaginada* foi desenhada a partir do pensamento triádico da Teoria dos Imaginários Urbanos de Silva (2001), desta forma, todas as obras selecionadas têm como plano de fundo a cidade de Boa Vista-RR e foram ramificadas em três seções ou linhas curatoriais – a cidade, os cidadãos e as outridades (percepções dos outros)” (SESC, 2023, n.p.).

Esboço da plotagem do texto curatorial:

Figura 71 - Plotagem texto curatorial

**Retratos de Boa Vista Imaginada**  
Luis Müller Posca

A exposição *Retratos de Boa Vista imaginada* é uma realização do Sesc Roraima, subsidiada pelo edital do II KANAU – Salão Universitário de Arte Contemporânea, com organização e curadoria do Professor, artista e pesquisador Luis Müller Posca da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Neste II salão universitário a confluência da pesquisa de doutorado “Boa Vista imaginada: representação da cidade pela arte e imagem mediada pelos olhares cidadãos (POSCA, 2023)” serviu de embarcação para jovens artistas e pesquisadores convidados, entre eles, roraimenses, roraimados, migrantes e imigrantes cujos caminhos se cruzaram neste tempo-espaço na cidade de Boa Vista-RR. Culminando em um encontro de agentes de distintas formações culturais que tem em comum o fato de acolherem Boa Vista-RR como seu lar e por intermédio das Artes Visuais, se lançaram ao desafio de navegar nas sinuosas percepções cidadãs sobre esta cidade e assim materializaram os retratos da Boa Vista imaginada por seus cidadãos.

A cidade imaginada, dentro da Teoria dos Imaginários Urbanos do Professor Colombiano Armando Silva (2001, 2006, 2014), pode ser entendida como um tipo de patrimônio imaterial, de percepção coletiva, mas que faz emergir sensibilidades individuais, corporificando, portanto, arquivos de percepção de natureza simbólica ou materialização dos sentidos. Trazendo à tona, para a cidade real, a corporificação de sensações que assumem novos significados na cidade, como medo, raiva, ilusões, odores, amor, cor etc.

Por meio da metodologia dos imaginários urbanos, as coleções de dados imaginados, que são subjetivos e foram coletados ao longo da pesquisa de POSCA (2023), foi possível uma ampla compreensão, sobre como a coletividade cidadã boa-vistense percebe o seu centro urbano e de que maneira a cidade de Boa Vista-RR está representada em suas imaginações, ou seja, através dos dados imaginados fomos capazes de decifrar como esses sentidos/sentimentos urbanos atravessam os boa-vistenses e suas vivências na cidade. Tais dados demonstraram informações que só podem ser acessadas através de subjetividades da imaginação/percepção das pessoas ao viverem seus cotidianos cidadãos nesta cidade. Diferentemente de pesquisas populacionais como, por exemplo, a do Censo do IBGE.

Isso quer dizer que as investigações dos imaginários urbanos coletam percepções particulares das pessoas sobre, por exemplo, a cor da cidade, o som da cidade, quem é o personagem mais representativo dessa urbe, os lugares considerados mais importantes por sua população, como os habitantes dessa cidade são vistos e sobretudo, qual é a imagem da cidade na concepção desses cidadãos em contraponto às imagens dos cartões postais, previamente elegidas por meios hegemônicos.

Desvendando-se, assim, em torno dos sentidos da cidade e do urbano, na maneira como essas relações são estabelecidas e circuladas por seus habitantes, as formas de representação e as estruturas que se desenvolvem para que tais construções simbólicas promovam novas relações com a cidade.

Logo, podemos afirmar que as percepções cidadãs acerca da imagem de uma cidade são informações que não podem ser encontradas em nenhuma pesquisa de amostragem populacional ou livro com informações oficiais sobre a cidade em questão. O grande desafio deste trabalho que evoca o simbólico e o imaginário reside na interpretação dessas sensações corporificadas em representações, croquis, marcas urbanas, mapas mentais que simbolizem essa cidade imaginada por seus cidadãos.

Para esta tarefa de materialização dos arquivos urbanos sobre os sentimentos e o imaginário dos boa-vistenses foram selecionadas as 10 obras desta exposição que traduzem, nas mais diversas formas das artes visuais, retratos desta Boa Vista imaginada, capturados através das percepções daqueles que são os agentes que dão vida ao espaço urbano – seus cidadãos; traduzidos poeticamente pelos nossos artistas selecionados.

A exposição *Retratos de Boa Vista imaginada* foi desenhada a partir do pensamento triádico da Teoria dos Imaginários Urbanos de Silva (2001), desta forma, todas as obras selecionadas têm como plano de fundo a cidade de Boa Vista-RR e foram ramificadas em três seções ou linhas curatoriais – a cidade, os cidadãos e as outridades (percepções dos outros).

**Ficha Técnica**

Presidência do Conselho Nacional José Roberto Tadros	Equipe de Artes Visuais Caroline Souza Jacelino Pessoa
Departamento Nacional	Departamento Regional em Roraima
Direção-Geral Carlos Artexes Simões	Presidência do Conselho Regional Ademir dos Santos
Diretoria de Programas Sociais Lucia Prado	Direção do Departamento Regional Lisiane Gassner Carnetti
Diretoria de Desenvolvimento Institucional Luiza Saraiva	Analista de Cultura Rafael Pereira Pinto
Gerência de Cultura Marcos Henrique da Silva Rego	Educativo João Pedro Biase Lucileia Ferraz

Fonte: Próprio autor

E os textos de apoio, alocados no triângulo em alusão a concepção triádica, foram organizados da seguinte forma:

#### “Cidade

Na seção cidade buscamos as referências da cidade investigada – Boa Vista-RR, em seu sentido físico e histórico. Aqui, a proposta foi revelar as qualidades identificatórias desta cidade. Algumas das questões disparadoras das obras desta linha foram:

- Qual é o personagem que identifica Boa Vista?
- Quais são os lugares que identificam Boa Vista?
- Qual é a imagem da cidade de Boa Vista de acordo com a sua teia social?

As artistas selecionadas para esta primeira linha curatorial Larissa Brandão e Giovana Peres apresentam pinturas que evocam imagens representativas de Boa Vista-RR desde sua gênese até lugares e personagens com forte caráter simbólico lembrados pelos participantes da pesquisa Boa Vista imaginada. Além delas, o artista Pérola buscou através dos relatos dos próprios cidadãos da cidade substrato para construção de sua obra audiovisual que em coautoria com os participantes tornaram-se, ainda, lambes afixados nas diferentes zonas da cidade” (SESC, 2023, n.p.).

Esboço da plotagem do texto da seção Cidade:

Figura 72 - Plotagem do texto de apoio cidade



Fonte: Próprio autor

## “Cidadãos

Na segunda seção, que foca os cidadãos e os seus modos de construir suas realidades urbanas. Nos interessou investigar a atividade cidadã como construtora das culturas urbanas. Duas das questões disparadoras desta linha foram:

- Mencione uma rua ou lugar que você considere... (perigoso/lazer, repulsivo/triste/sujo, alegre/limpo, feminino/masculino, jovem/idoso). A fim de entender um pouco mais da cartografia de Boa Vista-RR pela perspectiva dos habitantes da cidade.
- Como você pode identificar o caráter dos boa-vistenses?

Aqui, coube aos artistas traduzirem em suas obras aspectos que contemplassem esta teia social que forma a trama urbana da Boa Vista-RR de hoje, como no caso da escultura de Saulo Rodrigues que faz alusão aos povos e a identidade roraimense. Além disso, as obras desta linha fazem emergir aspectos sobre o lugar desses cidadãos, seu pertencimento refletido no espaço da cidade e sobretudo, quem são os boa-vistenses hoje em meio aos fluxos e trânsitos, como propõe as obras dos artistas João Biase, Amandik Mesquita e Hema Vieira” (SESC, 2023, n.p.).

Esboço da plotagem do texto da seção Cidadãos:

Figura 73 - Plotagem do texto de apoio cidadãos



Fonte: Próprio autor

### “Outridades (Percepção dos outros)

Por fim, na terceira seção da exposição, nos propomos a olhar de dentro para fora (outros/vizinhos), a fim de averiguar a dualidade destes temas fundamentais: como nos imaginamos? E, como nos imaginam os outros?

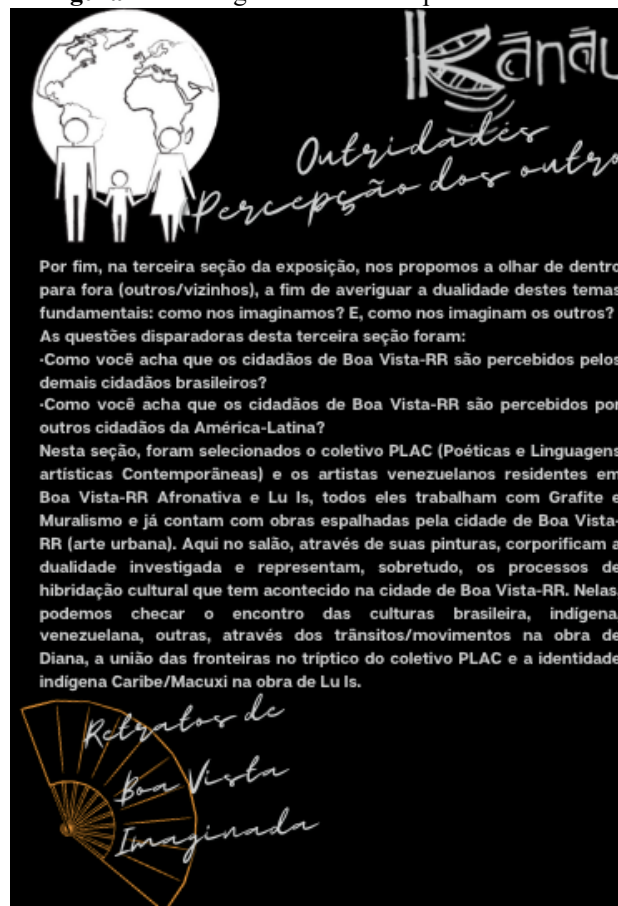
As questões disparadoras desta terceira seção foram:

- Como você acha que os cidadãos de Boa Vista-RR são percebidos pelos demais cidadãos brasileiros?
- Como você acha que os cidadãos de Boa Vista-RR são percebidos por outros cidadãos da América-Latina?

Nesta seção, foram selecionados o coletivo PLAC (Poéticas e Linguagens artísticas Contemporâneas) e os artistas venezuelanos residentes em Boa Vista-RR Afronativa e Lu Is, todos eles trabalham com Grafite e Muralismo e já contam com obras espalhadas pela cidade de Boa Vista-RR (arte urbana). Aqui no salão, através de suas pinturas, corporificam a dualidade investigada e representam, sobretudo, os processos de hibridação cultural que tem acontecido na cidade de Boa Vista-RR. Nelas, podemos checar o encontro das culturas brasileira, indígena, venezuelana, outras, através dos trânsitos/movimentos na obra de Diana, a união das fronteiras no tríptico do coletivo PLAC e a identidade indígena Caribe/Macuxi na obra de Lu Is” SESC, 2023, n.p.).

Esboço da plotagem do texto da seção Outridades:

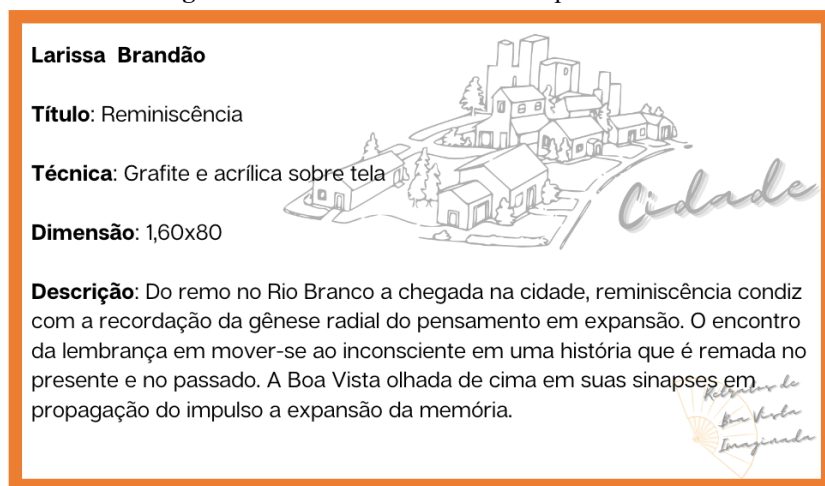
Figura 74 - Plotagem do texto de apoio outridades



Fonte: Próprio autor

Juntamente com as plotagens, elaboramos o design das fichas técnicas que acompanhariam as obras dos artistas selecionados. Como no exemplo abaixo:

**Figura 75** - Modelo de ficha técnica para as obras



Fonte: Próprio autor

Após todos estes processos de planejamento e organização da exposição, a abertura do II Kanau - Salão de Arte Contemporânea realizou-se em 14 de abril de 2023, conforme detalharemos no subcapítulo a seguir.

#### 5.4. Exposição Retratos de Boa Vista imaginada

Caminhando para o fim deste trabalho, antes de nos determos à apresentação da exposição de fato, vale retomarmos o arremate final que foi sugerido em nosso Capítulo IV, sobre a quinta hipótese levantada no início desta pesquisa – “revelar e transpor os imaginários urbanos de Boa Vista sob as lentes das artes visuais”. Vale resgatar que, assim como as quatro hipóteses anteriores, esmiuçadas no capítulo anterior, a quinta e última hipótese finalmente será demonstrada agora com a revelação dos retratos de Boa Vista imaginada, sob as lentes das artes visuais, como supúnhamos ao elaborar as hipóteses prévias à investigação com a coletividade cidadã de Boa Vista.

De antemão, inferimos que esta hipótese apenas foi alcançada devido possibilidade de unir a proposta do edital do II Kanau (Sesc-RR) com os resultados desta pesquisa sobre os imaginários de Boa Vista. Sem este edital de fomento, teria sido um desafio maior reunir diferentes artistas com suas poéticas e pontos de vista particulares de acordo com suas vivências na cidade de Boa Vista.

As obras apresentadas a seguir foram produzidas a luz da sensibilidade das respostas da coletividade cidadã pelo olhar único destes artistas que compõem esta teia social, com suas diversas formas de representar os retratos de Boa Vista imaginada. Os textos de descrição das obras, apresentados na sequência, são todos de autoria destes artistas.

### Cidade



**Figura 76** – Reminiscência  
Fonte: Sesc Roraima

**Larissa Brandão**

**Título:** Reminiscência

**Técnica:** Grafite e acrílica sobre tela

**Dimensão:** 1,60x80

**Descrição:** Do remo no Rio Branco à chegada na cidade, reminiscência condiz com a recordação da gênese radial do pensamento em expansão. O encontro da

lembrança em mover-se ao inconsciente em uma história que é remada no presente e no passado. A Boa Vista olhada de cima em suas sinapses em propagação do impulso à expansão da memória.



**Figura 77** - Além do Portal  
Fonte: Sesc Roraima

**Giovana Peres**

**Título:** Além do portal

**Técnica:** óleo sobre tela.

**Dimensão:** 70x 80 cm

**Descrição:** A obra traz personagens e lugares que identificam a cidade de Boa Vista-RR. Os elementos selecionados para compor a obra foram o Indígena, Makunaima, Cruviana, o

Garimpeiro, os Pescadores, o Portal do milênio, os Buritis, Caimbé, o Leque - em alusão ao Plano urbanístico, o Monte Roraima, a ponte dos Macuxis, as Serras e os Pássaros.



**Figura 78** - ComoVER a cidade  
Fonte: Sesc Roraima

**Pérola**

**Título:** comoVER a cidade

**Técnica:** Vídeo

**Pesquisa, Direção e**

**Trabalho Artístico:** Pérola

**Direção de Fotografia:**

Petricor

**Edição e Montagem:** José

Passos

**Música Original:** José

Passos

**Produção:** Embuá Produtora

**Entrevistados e Coautores:** V. I. - Moradora do Santa Tereza, L. L. - Moradora do Liberdade, I. F. - Moradora do São Bento, M. S. - Moradora do Cidade Satélite/Vila Jardim, N. S. - Moradora do Cidade Satélite/Vila Jardim, J. B. Morador do São Pedro, A. D. - Moradora do Centro, B. M. - Moradora do Pérola, A. M. - Moradora do Caranã.

**Descrição:** A Boa Vista que eu vejo é a mesma que você vê? Quais imaginários narram o lugar onde mora? Onde a cidade te machuca? Onde te cura? O que te deixa mais vivo nesse lugar? O que te faz ficar aqui?

A obra comoVER a cidade registra e demarca uma Boa Vista imaginada/contada/vivenciada por pessoas moradoras de diferentes bairros, trazendo retratos e relatos sobre a cidade gerados pela memória. Esses retratos e relatos foram transcritos, reproduzidos, e colados em forma de lambe-lambe nos bairros das pessoas que, junto com o artista, dividem a autoria da obra.



**Figura 79** - Acesso ao vídeo ComoVER a cidade

**Fonte:** <https://drive.google.com/file/d/1szMkI9dPvBLq5yWDGbNrplQXXxoMjuIe/view?usp=sharing>

*\*Todos os direitos reservados ao artista*



## Cidadãos

**João Biase**

**Título:** Sem título

**Técnica:** acrílica e pastel oleoso sobre tela

**Dimensão:** 120x60cm

**Descrição:** Os imaginários urbanos e percepções sobre a cidade sempre estarão limitados por nossas realidades materiais, políticas de infraestrutura e projetos de desenvolvimento urbano (ou a falta deles). Será que algum dia a rua mais fedorenta hoje poderá se tornar a mais cheirosa de amanhã?



**Figura 80** - Sem título  
Fonte: Sesc Roraima

**Saulo Rodrigues**

**Título:** Eu, nós, Roraima

**Técnica:** peças de madeira em sobreposição

**Dimensão:** 110 cm × 60 cm

**Descrição:** a obra escultórica representa os povos que constituem a identidade de Roraima. Suas formas têm como estilo estético referências ao cubismo e ao neoconcretismo.



**Figura 81** - Eu, nós, Roraima  
Fonte: Sesc Roraima

### Amandik Mesquita

**Título:** Reflexos do Cotidiano

**Técnica:** instalação, *ready-made*

**Dimensão:** não definida

**Descrição:** Desdobramento de alguns reflexos que o cidadão de Boa Vista-RR perpassa durante sua rotina: nem sempre um espelho, mas sempre um reflexo. Seja através de uma janela, uma tela ou uma poça d'água. Em que momento a tia da copa ou o porteiro do prédio se vislumbram nesta cidade?



**Figura 82** - Reflexos do cotidiano  
Fonte: Sesc Roraima

### Hema Vieira

**Título:** O que te faz andar?

**Técnica:** fotomontagens e colagem.

**Dimensão:** 150 cm x 100cm

**Descrição:** Em suma, este ensaio de fotomontagens em P&B retrata o processo de caminhadas transitórias de inúmeros indivíduos que se movem de



**Figura 83** - O que te faz andar?  
Fonte: Sesc Roraima

diferentes cenários até Boa Vista-RR. A obra retrata o processo do fragmentar, montar e colar, que representam partes do corpo. Sendo esses corpos aqueles que caminham, andam e escolhem estar em um outro local. Este trabalho se acolhe dentro de um olhar poético e sensível em relação ao outro, trazendo um pouco de sua história, memória e material retratados nas imagens com o objetivo de instigar a pergunta “O que te faz andar?”

## Outridades



**Figura 84** - Seres em movimento  
Fonte: Sesc Roraima

### Afronativa

**Título:** Seres em movimento

**Técnica:** Muralismo

**Dimensão:** 2,40x1,83

**Descrição:** Nos reconhecemos como seres em trânsito é a maior semelhança coletiva que temos na região de Boa Vista-RR. As fronteiras

podem existir, mas isso não pode impedir a movimentação. Alguns podem passar despercebidos... outros podem estar se movimentando na região desde muito tempo! Nossos destinos podem diferir, mas em algum momento coincidimos na mesma rua, no mesmo caminho. Esta obra retrata a nossa confluência, seres diversos que se encontram na caminhada.

### PLAC (Poéticas e Linguagens artísticas Contemporâneas)

**Integrantes:** Floralice Barreto Oliveira; Daniel dos Santos Pereira; Wilson Gabriel da Cruz Neto; Yasmin Gabriela da Silva Faray; Naiane Alberto Ribeiro; Kenaldy de Souza Alves e Leila Adriana Baptaglin.



**Figura 85** - Pertencentes  
Fonte: Sesc Roraima

**Título:** Pertencentes

**Técnica:** Acrílico sobre tela.

**Dimensão:** Três telas com tamanhos: 80cmx90cm

**Descrição:** A obra tem como premissa o fazer artístico sob o olhar sensível dos imaginários urbanos e as percepções populacionais dos habitantes de Boa Vista-RR. Trazendo a identidade cultural, a partir da representação figurativa das três fronteiras: Venezuela, Brasil e Guiana Inglesa, e da perspectiva climática da natureza com a representação do sol como um dos elementos simbólicos do clima local (quente e úmido). Mas, também, como um elemento representativo da poética artística do Coletivo PLAC. Assim, trouxemos Roraima a partir de uma pintura acrílica em tela, apresentando uma composição de um tríptico com a presença de tecidos representando as cores das bandeiras dos 3 países fronteiriços.



**Figura 86** - Indigenofuturismo

Fonte: Sesc Roraima

história cheia de lutas e conquistas e, ao mesmo tempo, uma história cheia de morte e resistência de um sistema diferente de vida que, desde 500 anos até agora, não mudou muito...

A seguir, mais alguns registros da montagem da exposição em 06 de abril de 2023 e de sua abertura em 14 de abril de 2023:

**Lu Is**

**Título:** indigenofuturismo

**Técnica:** mista

**Dimensão:** 2,40x1,83

**Descrição:** a obra relata a história indígena da Venezuela e do Brasil, que remonta desde uma migração de indígenas Caribes, que depois viraram Macuxis. Uma

**Figura 87** - Murais da seção outridades



Fonte: Acervo pessoal

**Figura 88** - Montagem da obra Reminiscência



Fonte: Acervo pessoal

**Figura 89 - Montagem da obra do PLAC**



Fonte: Acervo pessoal

**Figura 90 - Obra Pertencentes**



Fonte: Acervo pessoal

**Figura 91** - Montagem das obras de Giovana Peres e Hema Vieira



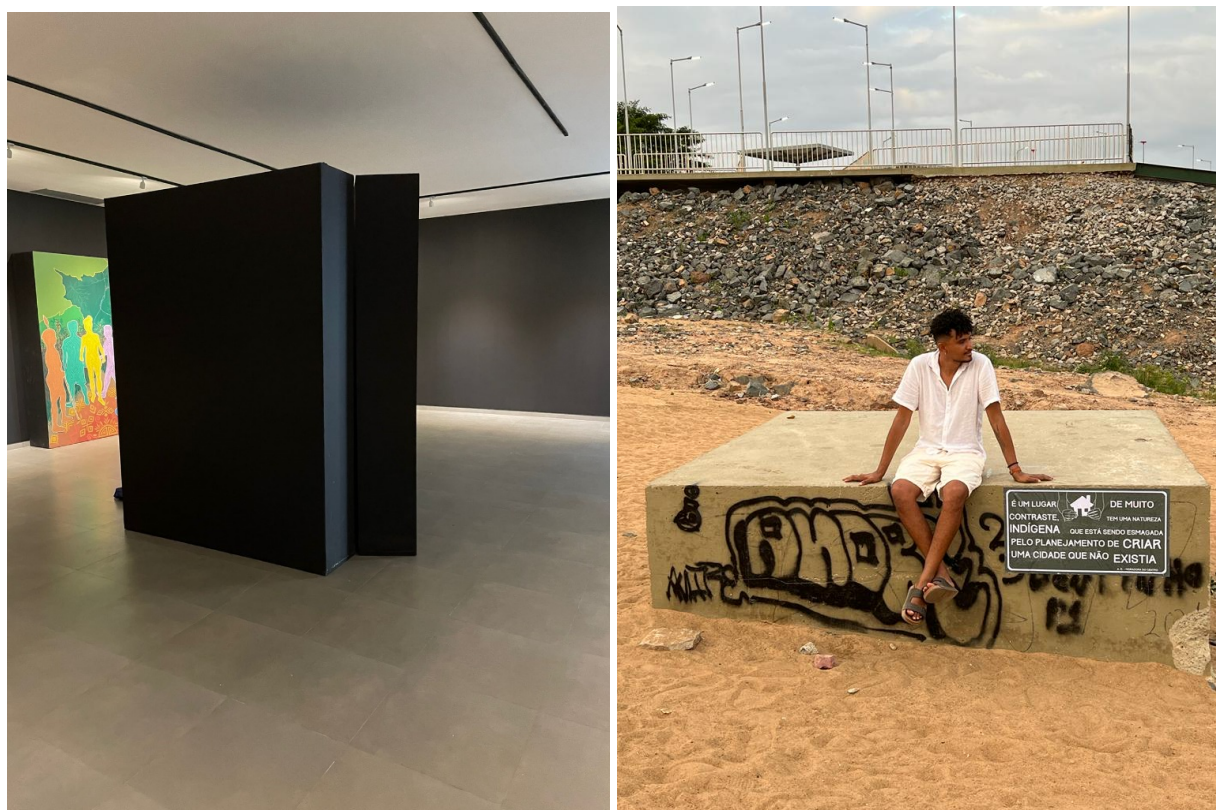
Fonte: Acervo pessoal

**Figura 92** - Escultura de Saulo Rodrigues e Mural de Afronativa



Fonte: Acervo pessoal

**Figura 93** - Paredes móveis em alusão a tríade e parte da obra de Pérola



Fonte: Acervo pessoal

**Figura 94** - Abertura da exposição (fala do curador)



Fonte: Sesc Roraima



Figura 95 - Visita inaugural



Fonte: Sesc Roraima

Figura 96 - Visita inaugural 2



Fonte: Sesc Roraima

Figura 97 - Artistas e texto curatorial



Fonte: Sesc Roraima

Com estas imagens, encerramos o percurso deste trabalho, com a sensação de que enquanto ele estava sendo construído, a troca com os cidadãos, seja através das disciplinas ministradas na UFRR sobre os imaginários urbanos, aplicações testes, e por último, através da exposição, funcionou como substrato desta pesquisa e deu fôlego para que explorássemos ao máximo este retrato social de Boa Vista coletado neste tempo-espço. Fechamos este capítulo com a certeza de uma abertura a outras análises, cruzamento de dados e interpretações dos retratos que evocaram imagens, fantasmas, assombros e sensibilidades desta coletividade cidadã boa-vistense.

Na sequência, serão tecidas as **CONSIDERAÇÕES FINAIS**, resumizando as conclusões a que chegamos no decorrer de nosso trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Creio que não há melhor forma de fechar este texto a não ser retorná-lo à discussão que o iniciou, sobre a **utopia da cidade ideal** e o processo dialógico entre a pessoa [homem e mulher] que “*cria*” este espaço utópico da cidade, de acordo com os desejos de seu coração e que, indiretamente, se “*re-cria*” enquanto um ser, um cidadão, enquanto um habitante que tem um lugar no Mundo para chamar de seu. Lugar, não apenas no sentido de espaço físico, mas, sobretudo, como um espaço de utopia, que extrapola seus limites físicos para os delírios e imaginários urbanos diversos.

Considero que fomos capazes de alcançar todos os objetivos desta investigação, pois, além de coletar, descrever e analisar os imaginários urbanos da coletividade cidadã de Boa Vista, enquadrámos estes imaginários e fomos capazes de produzir representações/retratos desta cidade baseados única e exclusivamente nas percepções da teia social boa-vistense, ou seja, através do imaginário dos cidadãos e artistas envolvidos na pesquisa.

Vale lembrar que a motivação inicial para realização desta pesquisa surge das inquietações vistas a olho nu, na cidade de Boa Vista, sobretudo relacionadas à migração venezuelana e todo o processo já detalhado de aproximações e distanciamentos culturais que provocaram rugosidades, atitudes e sentimentos (medos, amores) nesta coletividade cidadã. Naquele momento, tive a certeza de que a história desta cidade passava por um momento ímpar e que precisava ser capturada de alguma forma. Foi com esta ânsia de captar a imagem deste momento único que buscamos, através da metodologia dos imaginários urbanos, *o enquadramento*, no sentido metafórico da fotografia de “colocar em quadro”, os retratos desta Boa Vista em transição.

A luz deste problema relacionado às mudanças das paisagens urbanas de Boa Vista que traçamos as cinco hipóteses iniciais, que foram todas atestadas e comentadas em nossos capítulos finais. Dessa forma, reitero que fomos capazes de demonstrar, pelas informações extraídas nos dados dos participantes da pesquisa, que **as alterações na paisagem urbana e a hibridação cultural causaram efeitos na cidade real**, como prevíamos em nossa primeira hipótese; A segunda hipótese, relacionada às visões dicotômicas da Boa Vista bela e planejada em contraponto à Boa Vista caótica e negligente/perigosa se apresentou, também, nas visões dos participantes, sobretudo acerca da **representatividade da figura do garimpeiro entre associações positivas e negativas**; a terceira hipótese, relacionada ao panorama de acontecimentos mais recentes

na cidade como **a migração, as questões políticas e a pandemia de Covid19 foram igualmente averiguadas de maneira latente nas percepções de nossos participantes**, demonstrando, assim, que um retrato deste momento único, foi, de fato, importante para a história desta cidade; a quarta hipótese, relacionada ao processo de confrontar os fantasmas urbanos evocados pelas percepções imaginárias à condição de assombro social, que causam efeitos na cidade real, foi amplamente aplicada em nosso estudo através de **imagens e referências a matérias jornalísticas que indicavam exatamente a incidência de tal condição de assombro sobre fatos reais desta cidade**; Por fim, a quinta e última hipótese, que dizia respeito à captura dos retratos desta Boa Vista, presente no imaginário de seus cidadãos, foi alcançada através da proposta curatorial da mostra ***Retratos de Boa Vista imaginada*, pois através dela, fomos capazes de trazer à tona alguns destes retratos que enquadramos ao longo desta pesquisa**. Cumprindo, desta forma, com todos os objetivos propostos de **revelar o(s) imaginário(s) urbano(s) de Boa Vista**. Um panorama, que retrata esta cidade pela ótica de seus cidadãos neste espaço-temporal de pesquisa (2019-2023).

Toda a construção desta Tese foi possível de ser realizada através de uma imersão que caminhou pelos processos históricos e geopolíticos da cidade de Boa Vista, explorado em nosso **primeiro capítulo**, cujo objetivo era contextualizar e apresentar ao nosso leitor este lugar, no qual nos debruçamos nesta investigação. Na sequência, em nosso **segundo capítulo**, devidamente apresentados ao contexto da cidade, nos detivemos à apresentação da base teórica dos imaginários urbanos e as relações do imaginário com teorias e conceitos advindos dos estudos sociais, do direito à cidade, entre outros. Bases fundamentais para complementar o trabalho com a teoria dos imaginários urbanos. No **terceiro capítulo**, detalhamos todos os procedimentos metodológicos que utilizamos em nossa pesquisa, delineando todo o processo de aplicação do questionário base de nossa investigação, os aspectos e as ferramentas utilizadas na análise dos dados imaginados.

Em nosso **quarto capítulo**, finalmente apresentamos os resultados a que chegamos, discutindo as percepções imaginárias dos boa-vistenses a partir de infográficos, croquis e emblemas elegidos pelos cidadãos, devidamente ilustrados e organizados pelo pesquisador, revelando a Boa Vista existente nos consensos e discordâncias desta coletividade:

Foi nesta busca pela revelação dos imaginários, através da metodologia de Silva (2006), que fomos capazes de evocar as mudanças no espaço urbano da cidade de Boa Vista, que já aventávamos no início de nossa investigação – **A migração venezuelana**,

sobretudo no período de aplicação do questionário-base (2020-2021), lembrada pelos participantes como o acontecimento mais importante do último ano em Boa Vista-RR; A **gentrificação**, evocada pelos participantes acerca do processo de retirada das famílias do antigo Beiral, sobrepondo-se às percepções de beleza e lazer associadas ao então novo Parque do Rio Branco; A **luta dos povos indígenas**, lembrada pelas demarcações de terras indígenas e a associação emblemática da imagem do boa-vistense à imagem do indígena; a **cidade planejada**, que mesmo tendo seu plano urbanístico implantado na já distante década de 1940 do séc. XX, ainda paira no imaginário das pessoas quando o assunto evoca acontecimentos mais importantes da cidade, relacionados à infraestrutura e ocupação dos espaços; o **garimpo**, que se apresentou como a imagem mais dicotômica de nossa análise, entre associações positivas e negativas dos participantes, e a **xenofobia**, evocada pelas associações negativas aos espaços “considerados venezuelanos”, como os abrigos e a praça Simón Bolívar.

Ressaltamos que toda esta construção teórico-metodológica foi muito além do que podíamos supor ao nos embrenharmos por esta investigação. Assim sendo, seria pretensão falarmos aqui no encerramento em **uma única imagem desta cidade** evocada por este estudo. Todavia, apresentamos uma série de croquis, mapas afetivos, emblemas, obras de artes visuais e símbolos que ilustraram os sentimentos dos boa-vistenses. Eles foram capazes de revelar a seguinte representação dentro da concepção triádica (cidade, cidadãos, outridades): *“Boa Vista é uma **cidade** bela, alegre, viva, solar (representada pelo período da tarde e pela cor laranja), sobretudo, tranquila de se viver, cuja sonoridade remete a um animado forró pé de serra, trazido para cá pelas fortes raízes nordestinas, bases da fundação populacional desta cidade. Seus **cidadãos**, majoritariamente, são considerados alegres, sábios e serenos. Grande parte deles são naturais de outros lugares do Brasil, e caseiros, uma vez que em sua rotina preferem estar em casa. Quando saem, optam por deixar suas marcas na cidade através de meios de transporte próprios. Todavia, projetam o desejo de estar mais fora de casa, seja viajando, praticando esportes ou se aventurando em atividades de lazer. E, por fim, é marcante a percepção de que os **outros** (demais brasileiros e cidadãos latino-americanos) relacionam o boa-vistense aos povos indígenas e aos venezuelanos, sendo Boa Vista associada às cidades da região Norte do Brasil e à planejada Brasília, tendo maiores afinidades com suas cidades de fronteira como Santa Elena de Uairén e Lethem”*.

E, para finalizar este percurso investigativo, não poderíamos perder a oportunidade de trabalhar os dados desta investigação de maneira visual, tendo em vista que essa era uma de nossas intenções iniciais. Logo, em nosso **quinto e último capítulo**, trazemos todo esse arcabouço de pesquisa para o campo das artes visuais, de forma que conseguimos reunir artistas roraimenses, *roraimados* e venezuelanos residentes em Boa Vista, para enfim revelar os retratos desta Boa Vista dos cidadãos. Relacionando, por fim, todo o processo teórico de estudos de Boa Vista imaginada sob a ótica das artes visuais.

Importante recordarmos que esta pesquisa aconteceu não só em um momento único para esta cidade, mas também para a humanidade como um todo. Nosso grande desafio foi enfrentar a pandemia de Covid-19 neste período (2019-2023), o que fez com que tivéssemos que adaptar nossas intenções iniciais de pesquisa para meios estritamente virtuais. Mesmo com toda a adaptação, considero que conseguimos produzir um rico material de pesquisa. Muito embora, não tenha sido a nossa proposta, nesta investigação, de realizar um estudo comparativo com outras cidades, como geralmente acontece no projeto cidades imaginadas de Silva (2001; 2006). Esse banco de dados imaginados de Boa Vista, coletado durante os anos de pandemia, está organizado e disponível para que outros estudos possam se realizar. Penso, que para além do que caminhamos nesta Tese, pesquisas derivadas ou estudos comparativos com outras cidades podem se utilizar deste material produzido sob outros pontos de vista determinantes. Ou seja, outros retratos ou representações de Boa Vista podem ainda ser explorados e extraídos do corpus deste trabalho, para além daqueles que fomos capazes de evocar neste tempo.

Vale ressaltar a potência da metodologia de trabalho de Silva (2001; 2006) para os estudos urbanos na perspectiva cidadã. Uma metodologia que em seus mais de trinta anos se aperfeiçoou, agregou novos atores e se mantém viva através da oxigenação de novos pesquisadores, ideias e cidades imaginadas Mundo afora. Neste sentido, esperamos que a investigação de Boa Vista imaginada possa se somar ao macroprojeto cidades imaginadas, trazendo contribuições a outros estudos relacionados à investigação dos imaginários urbanos, cidades de fronteira e cidades planejadas.

Cabe citarmos, também, a importância do encontro desta investigação com a proposta do **Editais do II Kanau do Sesc-RR**, que possibilitou a realização da exposição *Retratos de Boa Vista imaginada*. Foi através desta proposta curatorial que conseguimos reunir um grupo ímpar de artistas que trouxeram suas visões sensíveis e poéticas de Mundo, revelando alguns dos retratos desta cidade imaginada. Posso dizer que, enquanto pesquisador, curador da exposição e artista, as 10 obras revelaram muito mais do que os

dados imaginados desta pesquisa puderam acessar. Através das visões únicas destes artistas/cidadãos, outras nuances e questionamentos potentes surgiram, como por exemplo: o questionamento de João Biase sobre *a rua considerada mais fedorenta de hoje, se amanhã ela terá a chance de ser considerada a mais cheirosa?* Também, o questionamento que faz Amandik Mesquita, sobre *até que ponto os cidadãos se veem espelhados nos reflexos desta cidade*. Outro exemplo vem da obra de Hema Vieira, sobre *as motivações que movem as pessoas até a cidade de Boa Vista*.

Enfim, estes e outros questionamentos interagiram com os cidadãos da cidade durante o período de realização da mostra. Penso que desta forma, a investigação ganhou mais vida e tenho a certeza de que outros imaginários puderam ser acessados por quem participou desta visita. Certamente, quem passou pela exposição vai olhar para esta cidade com um olhar diferente!

Para encerrar esta trajetória dos imaginários urbanos de Boa Vista, escolhi retomar a leitura que fizemos acerca da pergunta sobre *o que os habitantes pensam do futuro da cidade nos próximos 20 anos*. Em que obtivemos como respostas o imaginário da esperança, de um futuro melhor, e que neste futuro, Boa Vista invista mais em saúde e educação e que o reconhecimento/valorização dos povos indígenas garantirá este futuro próspero e conferirá a Boa Vista a imagem de uma cidade moderna e em constante processo de expansão. Por fim, peço licença aos participantes da pesquisa para conferir aqui uma última camada a essa percepção:

“A imagem da Boa Vista que imagino para o futuro também é a de uma cidade moderna, como a percepção dos participantes da pesquisa. Mas, também acredito que será inclusiva, acolhedora, cujas fronteiras sejam possibilidades de trocas e não barreiras! Uma cidade que tenha orgulho de sua ancestralidade indígena e que o respeito entre os povos seja a sua marca registrada. Desejo que o sentimento descrito por Derenusson, ao projetar as radiais e o leque, característicos do planejamento da cidade, se perpetue nos corações dos boa-vistenses – **irradiando de Boa Vista toda a energia e a alma deste povo plural que protege e tem orgulho de fazer parte do território da Amazônia setentrional no Extremo-Norte do Brasil**. Que os ventos ou **a Cruviana** (como diriam os roraimenses) soprados por este **leque** alcancem todos os cantos do Brasil e do Mundo, inspirando acerca da importância da preservação dos povos originários e da proteção à natureza/Amazônia. De forma que esta Boa Vista moderna, inclusiva, indígena e acolhedora alcance mais e mais imaginários pelas fronteiras onde **Cruviana** passar!”

## REFERÊNCIAS

AMAZONIA REAL. **Yanomamis marcham em Boa Vista para denunciar invasão garimpeira e colapso na saúde.** 2021. Disponível em: <<https://amazonia.org.br/yanomami-marcham-em-boa-vista-para-denunciar-invasao-garimpeira-e-colapso-na-saude/2021>>. Acesso em: 20/11/2021.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Espaço, polarização e desenvolvimento: uma introdução a economia regional.** São Paulo: Atlas, 1987.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A questão do território no Brasil.** São Paulo: Hucitec, 2004.

ÁVILA, Luiz Mario Severo. Plano urbanístico da Cidade de Boa Vista. Entrevista concedida a Sued Trajano de Oliveira. Boa Vista, jun. 2018. Digital (42 min.).

AVSI. **Projeto desenvolvido em Roraima atua em prol da primeira infância.** 2020. Disponível em: <http://www.avsibrasil.org.br/projeto-desenvolvido-em-roraima-atua-em-prol-da-primeira-infancia/>. Acesso em: 20/11/2021.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** Boston: Beacon Press, 1969.

BARBOSA, Pedro. **Praça onde viviam centenas de venezuelanos em Boa Vista é reaberta com grades e horário de funcionamento:** Área ficou interditada durante oito meses, após agravamento da crise migratória venezuelana em Boa Vista. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/01/21/praca-onde-viviam-centenas-de-venezuelanos-em-boa-vista-e-reaberta-com-grades-e-horario-de-funcionamento.ghtml>>. Acesso em: 5 fev. 2019.

**BOGOTÁ IMAGINADA.** Produção: *Ciudades imaginadas*. Bogotá, 2003. 1 vídeo (20 min). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=3GIOLIXRE1M&t=551s>> Acesso em: 04 set. 2019.

BRAGA, Olavo Viana. **Momentos da história de Roraima.** Manaus: Silva, 2002.

BRANDÃO, Inaê. **Crise migratória venezuelana no Brasil: O trabalho do UNICEF para garantir os direitos das crianças venezuelanas migrantes.** 2019. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil>>. Acesso em: 08 jul. 2019.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016.** Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: < <http://bit.ly/2fnnKeD> >. Acesso em: 20 jun. 2020.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.



CAMBRICOLI, Fabiana. **Com imigração venezuelana, Boa Vista vive problemas de metrópole:** Imigrantes passaram a morar em praças sem acesso a banheiros nem água potável, lotar semáforos pedindo esmola ou vendendo alimentos e tomar calçadas com barracas. 2018. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,com-imigracao-venezuelana-boa-vista-vive-problemas-de-metropole,70002278524>>. Acesso em: 8 jan. 2019.

CAMURÇA NETO. **Roraima:** o despertar Boa Vista. Monografia, 1996.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e Cidadãos.** Rio de Janeiro. UFRJ, 2006.

\_\_\_\_\_, **Imaginários urbanos.** Buenos Aires: Eudeba, 2010.

\_\_\_\_\_. **Culturas Híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2015.

CÂNDIDO, Francisco. **Beiral:** mesmo na beira do abismo d'água, resiste às mudanças propostas pela Prefeitura. 2017. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/coluna/Minha-Rua-Fala-12-07-2017/4381>>. Acesso em: 09 jul 2020.

\_\_\_\_\_, **Rua Lobo D'Almada.** 2019. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/coluna/Minha-Rua-Fala-05-06-2019/8322>>. Acesso em: 13/09/2021.

CAPRA, Fritjof. **Ecologia profunda:** um novo paradigma. In: A teia da Vida. São Paulo: Cultrix, 1997.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade.** São Paulo: Contexto, 2007.

CARERI, Francesco. **Caminhar e parar.** São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

CARVALHO, Paola. **Manifestantes fazem protesto contra venezuelanos e pedem das autoridades fiscalização nas fronteiras:** com cartazes e bandeiras do Brasil, populares pedem por mais segurança e praças “livres” de migrantes. 2018. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/Manifestantes-fazem-protesto-contra-venezuelanos-e-pedem-das-autoridades-fiscalizacao-nas-fronteiras/38119>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas:** fenomenologia do conhecimento (volume 3). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CAVALCANTE, Jordana. **10 fatos sobre a história do “Parque do Rio Branco**. 2021. Disponível em: <https://jovijou.com/os-10/10-fatos-sobre-a-historia-do-parque-do-rio-branco/>. Acesso em: 15/08/2021.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Uma geografia da cidade: elementos da produção do espaço urbano**. In: Geografia da cidade. Goiânia: Alternativa, 2001.

**CIDADES IMAGINADAS IBEROAMERICANAS**. Catálogo de exposição. São Paulo: MAC USP, 2010. Disponível em: <<http://www.mac.usp.br/mac/conteudo/exp/10/09.asp>>. Acesso em 13 Out. 2020.

CONEXÃO RORAIMA. **Exposição de fotos sobre história do Palácio Senador Hélio Campos**. 2019. Disponível em: <<https://www.conexaororaima.com.br/noticia/2407/exposicao-de-fotos-sobre-historia-do-palacio-senador-helio-campos-inicia-dia-1-ordm-de-setembro.html#foto2021>> Acesso em: 30 fev. 2021.

CORREIA, Luan Guilherme. **Arquiteto desfaz mito de que Capital foi planejada com inspiração em Paris**: Filho do engenheiro Darcy Aleixo, que projetou Boa Vista na década de 40, diz que plano urbanístico foi baseado no conceito de cidade-jardim. 2016. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Arquiteto-desfaz-mito-de-que-Capital-foi-planejada-com-inspiracao-em-Paris/23139>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

COSTA, Emily; BRANDÃO, Inaê; OLIVEIRA, Valéria. **Fuga da fome**: como a chegada de 40 mil venezuelanos transformou Boa Vista. 2018. Disponível em: <<http://amazonia.org.br/2018/02/fuga-da-fome-como-a-chegada-de-40-mil-venezuelanos-transformou-boa-vista/>>. Acesso em: 6 jan. 2019.

D'ÁCAMPORA, Márcia. Território Federal do Rio Branco: realidade e legalidade. In: **Roraima/Boa Vista**: temas sobre o regional e o local. MAGALHAES, Maria G. S. D.; SOUZA, Carla M. (Org.). Boa Vista: UFRR, 2012.

DOU. **Diário Oficial da União**. Concorrência para urbanização da cidade de Boa Vista. Publicado no D.O.U de 12 de agosto de 1944. Rio de Janeiro, 1944.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Abril cultural,1973.

EGGERATH, Pedro. **O vale e os índios do Rio Branco**. Rio de janeiro: Tipografia universal, 1924.

ENGELS, Friedrich. **The housing question**. New York: Press, 1935

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Olhar periférico**: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ver a cidade**. São Paulo: Nobel, 1988.

\_\_\_\_\_. Imagem Virtual Espaço Global Tempo Contínuo. In: **Sinopses**. [30], v. 30, n.1, p. 28-38, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os significados urbanos**. São Paulo: Edusp, 2000.

FOLHA BV. **Fluxo migratório**. 2018. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Manifestantes-fazem-protesto-contra-venezuelanos-e-pedem-das-autoridades-fiscalizacao-nas-fronteiras/381192018>>. Acesso em: 06 abr. 2019.

FOLHA BV. **Aniversário de Boa Vista 130 anos**. 2020. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/galeria/Aniversario-de-Boa-Vista-130-anos/537>>. Acesso em: 14 ago. 2020.

FREITAS, Aimerê. **Geografia e história de Roraima**. Manaus: Gráfica Belvedere, 1997.

GARROSSINI, Daniela Fávaro; SANTOS, Fátima Aparecida dos; NERY, Beatriz Melo Franco. Brasília imaginada: a cidade representada por meio dos seus processos simbólicos. *DAT Journal*, [S.L.], v.5, n.3, p. 156-166, 2020.

G1. **Praça Simón Bolívar ficará aberta para o público das 06 às 18h**. 2019. Disponível em: < <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/01/21/praca-onde-viviam-centenas-de-venezuelanos-em-boa-vista-e-reaberta-com-grades-e-horario-de-funcionamento.ghtml>>. Acesso em: 23 jan. 2019.

GODOY, Paulo. Uma reflexão sobre a produção do espaço. In: **Revista estudos geográficos**. Rio claro, 2 [1], p. 29-42, jun. 2004.

GOVERNO DO ESTADO DE RORAIMA. **Bandeira**. 2019. Disponível em: <[https://www.rr.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=31:governadores-da-amazonia-](https://www.rr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=31:governadores-da-amazonia-)>. Acesso em: 07 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. **Roraima gera mais de 2,5 mil empregos em 2021**. 2021. Disponível em: <<https://portal.rr.gov.br/index.php/noticias/item/4532-roraima-gera-mais-de-2-5-mil-empregos-em-20212021>>. Acesso em: 03 jan. 2022.

GROSSI, Virgínia Campos; BRAIDA, Frederico; ABDALLA, José Gustavo Francis. **Percepção urbana**: entrelaçamentos entre o pensamento de Lucrecia Ferrara e de Armando Silva. In: Anais do Simpósio brasileiro online de Gestão urbana. 2020. [Online]. Disponível em: <<https://www.eventoanap.org.br/eventos/paginas/evento/21/pagina/anais>> Acesso em: 09 dez. 2021.

HARVEY, David. **Espaços da esperança**. Edimburgo: Editora da Universidade de Edimburgo, 2000.

\_\_\_\_\_. O direito à cidade: A qualidade da vida urbana virou uma mercadoria. Há uma aura de liberdade de escolha de serviços, lazer e cultura – desde que se tenha dinheiro para pagar. **Piauí**. São Paulo, v. 1, n. 82, n.p., 01 jul. 2013.

HERRERA ROBLES, Luiz. A. *Documento inédito Proyecto Frontera Imaginada México/USA*. Ciudad Juárez: Universidad autónoma de Ciudad Juárez, 2012.

HOWARD, Ebenezer. *Cidades-Jardins de amanhã*. São Paulo: Hucitec, 1898.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/censo2010>>. Acesso em: 06 set. 2017.

\_\_\_\_\_. **Censo 1950**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/?view=detalhes&id=767>>. Acesso em: 06 set. 2017.

\_\_\_\_\_. **Censo 1990**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=293715>>. Acesso em: 06 set. 2017.

**INSTITUTO AIMBERÊ FREITAS**. Disponível em: <<http://www.aimberefreitas.com.br>>. Acesso em 18 fev 2021.

JORNAL A GAZETA DE RORAIMA. Edição especial: **Boa Vista**. Ano X [101], 09 de jul. de 1991.

JÚNIOR, Tércio. Roraima o Brasil do hemisfério Norte: diagnóstico científico e tecnológico para o desenvolvimento. **Boa Vista**: Fundação do meio ambiente e tecnologia de Roraima, 1993.

KASPER, Humberto. **O processo de pensamento sistêmico: um estudo das principais abordagens a partir de um quadro de referência proposto**. 2000. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2000.

LACAN, Jacques. **Escritos 2**. México: Siglo XXI, 1976.

LEFEBVRE, Henri. *The production of space*. Oxford: Basil Blackwell, 1991.

\_\_\_\_\_, *Le langage et la société*. Paris: Gallimard, 1966.

\_\_\_\_\_, **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2011.

LOTMAN, Jury. *Il problema di una tipologia dela cultura*. Milano: Bompiani, 1969.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1987.

MARTINS, Elisangela. **Memória do Regime Militar em Roraima**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Amazonas. Amazonas, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phenomenology of perception*. New York: Humanities press, 1962.

METRÓPOLES. **6 mil venezuelanos aguardam abrigo e assistência em Boa Vista (RR)**. Disponível em: <https://www.metrosoles.com/brasil/6-mil-venezuelanos-aguardam-abrigo-e-assistencia-em-boa-vista-rr> 2018 Acesso em: 02 fev. 2019.

MORAIS, Carla G.M.S.M.; GOMES FILHO, Gregório F. Visadas dobre Boa Vista do Rio Branco: Razoes e inspirações da Capital de Roraima (1830-2008). In: **Tempos Históricos**, v.13. p. 137-166, 2009.

MORE, Thomas. **A utopia**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

\_\_\_\_\_. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MUSARA, Fabíola. **Na terra de Macunaíma: Com savanas, serras e florestas amazônicas, Roraima é um paraíso para quem gosta de natureza**. 2010. Disponível em: <<https://www.revistaplaneta.com.br/na-terra-de-macunaima/>>. Acesso em: 5 jan. 2019.

NERY, Beatriz Melo Franco. **A apropriação da cidade a partir dos imaginários urbanos do grupo LGBTQIA+ do Distrito Federal**. Dissertação (Mestrado em Design). Programa de Pós-graduação em design. Universidade de Brasília – UNB, em preparação.

NERY, Beatriz Melo Franco; GARROSSINI, Daniela Fávoro. Imaginários urbanos e o grupo LGBTQIA+: a compreensão das condições de gênero na cidade. In: *Revista Latinoamericana de Ciencias de la comunicacion*. São Paulo. Ano 20, n.37, p. 100-112, mai-ago de 2021.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Trion, 1999.

OLIVEIRA, Avelino Ignácio de. **Bacia do Rio Branco (Estado do Amazonas)**. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, 1929.

ONU BRASIL. **ONU Brasil apoia governo federal na recepção de refugiados e migrantes venezuelanos**. 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/especial-onu-brasil-apoia-governo-federal-na-recepcao-de-refugiados-e-migrantes-venezuelanos/>>. Acesso em: 7 jan. 2019.

PARK, Robert. **No controle social e o comportamento coletivo**. Chicago, 1967.

PARSONS, Kermit C.; SCHUYLER, David. *From Garden City to Green City*. Baltimore: *The Johns Hopkins University Press*, 2002.

PAVANI, Jorge Donizette; MOURA, Gutemberg. **Panorama fotográfico urbanístico e arquitetônico de Boa Vista**. Brasília-DF: Gráfica coronário, 2006.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. São Paulo: Senac São Paulo/Marca D'água, 1996.

\_\_\_\_\_. **Intervenções Urbanas: Arte/Cidade**. São Paulo: Senac São Paulo, 2002.

PINTO, Luis. **Los imaginários sociales: la nueva construcción de la realidade social**. Maliaño: Sal Térrea, 1995.

PRADO, Avenir; MELLO, Patrícia C. **Venezuelanos e brasileiros se confrontam nas ruas de cidade de Roraima**: Secretaria de Segurança Nacional enviará contingente extra de 60 homens à região. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/08/refugiados-venezuelanos-sao-agredidos-e-expulsos-de-tendas-em-roraima.shtml>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA VISTA. **Banco de imagens**. 2021. Disponível em: <<https://boavista.rr.gov.br/banco-de-imagens>> Acesso em: 12 ago. 2021.

**PORTO ALEGRE IMAGINADA**. Direção: RAVA, Andreia et. al. Produção: STEFANI, Andreza. Porto Alegre: UFRGS, 2007. 1 vídeo (15 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eizTCvd5MGg&t=71s>>. Acesso em: 04 set. 2019.

POSCA, Luís Müller. Do direito à cidade para a gentrificação: uma análise a partir dos cenários urbanos e distópicos nos filmes de Kleber Mendonça Filho. In: **Artes e mídias: um panorama por pesquisadores da Amazônia brasileira**. NARDIM, Thaise; FERREIRA, Gustavo Henrique Lima (Org.). Palmas: EDUFT, 2020.

POSCA, Luís Müller; GARROSSINI, Daniela Fávaro. *Boa Vista, Roraima: Border city and cultural hybridization*. **The international journal of social, political and community agendas in the arts**. Illinois, v.16, n. 1, p. 31-43, mar. de 2021.

POSCA, Luís Müller; GARROSSINI, Daniela Fávaro. Boa Vista imaginada: mediação e representação da cidade através dos imaginários urbanos. In: **Revista Latinoamericana de Ciencias de la comunicacion**. São Paulo. Ano 20, n.37, p. 113-126, mai-ago de 2021.

RAMALHO, Yara; RODRIGUES, Caíque. **Mangueira da Ataíde Teive: a famosa árvore que resiste ao tempo e urbanização de Boa Vista**. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/09/21/mangueira-da-ataide-teive-a-famosa-arvore-que-resiste-ao-tempo-e-urbanizacao-de-boa-vista.ghtml>> Acesso em: 10 out. 2021.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Notas sobre a urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano**. São Paulo: Via das Artes, 2006.

RESTREPO, Mariluz. *El sentido de la educación: Desarrollo humano y calidad de la educación en perspectiva*. **Signo y Pensamiento**. [S. l.], v. 12, n. 23, p. 9–20, 1993.

RICE, A. Hamilton. **Exploração da Guiana brasileira**. Belo horizonte: Itatiaia, 1978.

ROXO, Sérgio. **Venezuelanos levam o caos a Roraima**: Onda de imigrantes muda vida de Pacaraima, com explosão de violência e questões sociais. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/venezuelanos-levam-caos-roraima-20419502>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

SÁNCHEZ, Mauricio Vera. *Geopoéticas, memoria e imaginários en la frontera México-Estados Unidos*. Tese (Doutorado em Estudos Sociais). *Universidad Externado de Colombia*, 2018.

SANTOS, Fátima Aparecida dos. Comunicação visual e design como índice da complexidade semiótica do espaço urbano. In: CÂMARA, Rogério; SANTOS, Fátima Aparecida dos (Org.). **Urbanidades**: Mediações. Brasília: Estereográfica, 2017.

SANTOS, Adair. História da livre iniciativa no desenvolvimento socioeconômico do estado de Roraima. **Boa Vista**: Fecomércio RR, 2004.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: Técnica e tempo, Razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2006.

SCHIMID, Christian. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. In: **GEOUSP – Espaço e tempo**: São Paulo, n.32, p.89-109, 2012.

SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

\_\_\_\_\_. *Punto de Vista Ciudadano*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1987.

\_\_\_\_\_. *Imaginarios urbanos: hacia el desarrollo de un urbanismo desde los ciudadanos: Metodología*. Bogotá: Convenio Andrés Bello/Universidad Nacional de Colombia, 2006.

\_\_\_\_\_. *Lenguaje y creación en los estudios sociales*. Conferência inaugural do Programa de Doutorado em Estudos Sociais da Universidade Externado de Colômbia, 2011.

\_\_\_\_\_. **Imaginários**: Estranhamentos urbanos. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.

\_\_\_\_\_. *Ciudades y comunidades imaginadas latinas em la era digital – CYCIL*. Documento inédito [não publicado], 2021.

SILVA, Armando; REBOLLO, Lisbeth. **Cidades imaginadas ibero-americanas**. São Paulo: MAC-USP/SESC, 2010.

SILVA, Paulo Rogério de Freitas. **Dinâmica territorial Urbana em Roraima – Brasil**. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Programa de Pós-graduação em Geografia humana. Universidade de São Paulo-USP, 2007.

SOUSA, Rainer Gonçalves. Drogas do Sertão. 2019. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/drogas-sertao.htm>> Acesso em: 24 nov. 2019.

SOUZA, Felipe Melo de. **A forma urbana do centro de Boa Vista/RR a partir das influências do primeiro plano urbanístico**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal de Roraima, 2015.

TREVISAN, Ricardo; FICHER, Sylvia; DERENUSSON, Isabella de Carvalho; DERENUSSON, Darcy Romero. Darcy Aleixo Derenusson. O engenheiro e urbanista que projetou Boa Vista – RR. **Arquitextos Vitruvius**, São Paulo, ano 18, n. 212.03, jan. 2018.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. **Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém**. Belém: UFPA, 1997.

VERAS, Antônio Tolrino de Rezende. **A produção do espaço urbano de Boa Vista - Roraima**. 2009. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo-USP. São Paulo, 2009.



## APÊNDICE A – Questionário base de Boa Vista imaginada

24/01/2022 11:53

Questionário base (Boa Vista-RR Imaginada)

### Questionário base (Boa Vista-RR Imaginada)

Olá, primeiramente sejam bem-vindas e bem-vindos ao questionário base do Projeto Boa Vista-RR Imaginada.

De antemão, pedimos que separe um tempo para responder as questões do formulário (o tempo médio estimado para responder esse questionário fica em torno de 25 e 35 minutos). Todas as questões apresentadas aqui são subjetivas e uma boa parte delas é de múltipla escolha. As questões que são abertas (ou discursivas) visam captar a primeira palavra ou ideia/impressão que lhe surgir, várias delas terão como resposta uma única palavra.

O grande objetivo desse questionário é coletar “dados imaginários” a partir de uma coletividade cidadã, para que possamos analisar o fenômeno em questão – o imaginário urbano da cidade de Boa Vista-RR. Abaixo, segue um breve panorama desse trabalho sobre cidades imaginadas/imaginários urbanos:

Em suma, as cidades imaginadas são entendidas como expressividades grupais, com seus modos singulares de ser e, desse modo, no convívio com seu sentido de estar em público. Logo, os estudos sobre imaginários se dedicam a entender de que forma construímos e arquivamos na memória individual e pública desde nossos desejos e percepções sociais até nosso modo grupal de ver, de viver, de habitar e desabitatar nosso mundo. O imaginário, então, tem um efeito social real (SILVA, 2014).

Esse questionário é uma parte importante da metodologia criada por Armando Silva (2001) para investigar os Imaginários Urbanos na América Latina:

Em 1992, Armando Silva lançou a obra Imaginários urbanos, um estudo de natureza comparativa que procurou compreender algumas questões centrais das culturas urbanas na América-Latina por meio de um olhar interdisciplinar, cuidadosamente lançado sobre seu objeto de estudo a partir de ferramentas teóricas e metodológicas da Antropologia, da Psicanálise, da Teoria da Comunicação, da Estética, da Semiótica e da História. O conteúdo do estudo tinha a princípio o intuito de investigar as cidades sob o enfoque desenvolvido pelas novas ciências da cultura que analisam os fenômenos urbanos. Ao longo de quase trinta anos, o pesquisador tem aprimorado sua teoria estética para demonstrar como as pessoas, através de seus estados de estranhamentos, produzem as percepções sociais, sobretudo quando veem o mundo a partir dos seus sentimentos. Tendo tal projeto sido realizado em inúmeras cidades latino-americanas, européias e norte-americanas. No Brasil, São Paulo, Porto Alegre e agora Brasília são as grandes cidades investigadas por esta metodologia. Resumindo, os Imaginários Urbanos, segundo Silva (2001), são percepções inconscientes construídas a partir da vivência na cidade, ou seja, vão além das percepções mentais, subjetivas e pessoais, passando a um estado de percepção coletiva, que, lentamente, vai sendo construída pelos habitantes que a “materializam” por intermédio de códigos, simbolismos, discursos e comportamentos, causando efeitos na “cidade real”, no compartilhamento do mesmo espaço-tempo.

Desejamos que ao responder o questionário, você consiga refletir bastante sua condição de ser cidadão e viver a sua cidade.

<https://docs.google.com/forms/d/15k9PVIXHUWgyxzKwQOtbJci0vJQhZJYU-WDFp5S7o/edit>

1/41

Carinhosamente,  
Prof. Luís Posca

**\*Obrigatório**

1. E-mail \*

---

Planejamento urbano de Boa Vista



1. **Informações pessoais**

Se refere aos dados do entrevistado, sem registrar seu nome. Servem como referências para estabelecer os pontos de vista dos quais se percebe a cidade. As demais perguntas desse questionário, estão distribuídas em 3 partes de acordo com a lógica trial da metodologia de Silva (2006): Cidade, cidadão e outridades.

2. Data

dia/ mês e ano que está preenchendo o questionário.

*Exemplo: 7 de janeiro de 2019*

---

## 3. 2. Local de Moradia? \*

Siglas: C= Centro, ZN= Zona Norte, ZN=Zona Sul, ZL= Zona Leste, ZO=Zona Oeste. Observação: Os bairros estão listados por zona, número e por último, por nome (Não está em ordem alfabética).

*Marcar apenas uma oval.*

- C1\_Centro
- ZN2\_31 de Março
- ZN3\_Aeroporto
- ZN4\_Aparecida
- ZN5\_Estados
- ZN6\_Paraviana
- ZN7\_São Francisco
- ZS8\_13 de Setembro
- ZS9\_Calungá
- ZS10\_Governador Aquilino Mota Duarte
- ZS11\_Marechal Rondon
- ZS12\_São Vicente
- ZL13\_Caçari
- ZL14\_Canarinho
- ZL15\_São Pedro
- ZL16\_05 de Outubro
- Z017\_Asa Branca
- Z018\_Alvorada
- Z019\_Professora Araceli Souto Maior
- Z020\_Bela Vista
- Z021\_Buritis
- Z022\_Caimbé
- Z023\_Cambará
- Z024\_Caranã
- Z025\_Cauamé
- Z026\_Centenário
- Z027\_Cinturão Verde
- Z028\_Jardim Equatorial
- Z029\_Senador Hélio Campos
- Z030\_Jardim Caranã

- Z031\_Jardim Primavera
- Z032\_Jardim Floresta
- Z033\_Jardim Tropical
- Z034\_Jóquei Clube
- Z035\_Liberdade
- Z036\_Mecejana
- Z037\_Nova Canaã
- Z038\_Nova Cidade
- Z039\_Operário
- Z040\_Pintolândia
- Z041\_Piscicultura
- Z042\_Pricumã
- Z043\_Raiar do Sol
- Z044\_Doutor Silvio Botelho
- Z045\_Doutor Silvio Leite
- Z046\_Santa Luzia
- Z047\_Santa Tereza
- Z048\_Tancredo Neves
- Z049\_União
- Z050\_Olímpico
- Z051\_Doutor Airtton Rocha
- Z052\_Laura Pinheiro
- Z053\_Murilo Teixeira
- Z054\_Said Salomão
- Z055\_São Bento
- Z056\_Cidade Satélite
- Outro

## 4. 3. Local de Trabalho/atividade? \*

Siglas: C= Centro, ZN= Zona Norte, ZN=Zona Sul, ZL= Zona Leste, ZO=Zona Oeste. Observação: Os bairros estão listados por zona, número e por último, por nome (Não está em ordem alfabética).

*Marcar apenas uma oval.*

- C1\_Centro
- ZN2\_31 de Março
- ZN3\_Aeroporto
- ZN4\_Aparecida
- ZN5\_Estados
- ZN6\_Paraviana
- ZN7\_São Francisco
- ZS8\_13 de Setembro
- ZS9\_Calungá
- ZS10\_Governador Aquilino Mota Duarte
- ZS11\_Marechal Rondon
- ZS12\_São Vicente
- ZL13\_Caçari
- ZL14\_Canarinho
- ZL15\_São Pedro
- ZL16\_05 de Outubro
- Z017\_Asa Branca
- Z018\_Alvorada
- Z019\_Professora Araceli Souto Maior
- Z020\_Bela Vista
- Z021\_Buritis
- Z022\_Caimbé
- Z023\_Cambará
- Z024\_Caranã
- Z025\_Cauamé
- Z026\_Centenário
- Z027\_Cinturão Verde
- Z028\_Jardim Equatorial
- Z029\_Senador Hélio Campos
- Z030\_Jardim Caranã
- Z031\_Jardim Primavera

- Z032\_Jardim Floresta
- Z033\_Jardim Tropical
- Z034\_Jóquei Clube
- Z035\_Liberdade
- Z036\_Mecejana
- Z037\_Nova Canaã
- Z038\_Nova Cidade
- Z039\_Operário
- Z040\_Pintolândia
- Z041\_Piscicultura
- Z042\_Pricumã
- Z043\_Raiar do Sol
- Z044\_Doutor Silvio Botelho
- Z045\_Doutor Silvio Leite
- Z046\_Santa Luzia
- Z047\_Santa Tereza
- Z048\_Tancredo Neves
- Z049\_União
- Z050\_Olímpico
- Z051\_Doutor Airton Rocha
- Z052\_Laura Pinheiro
- Z053\_Murilo Teixeira
- Z054\_Said Salomão
- Z055\_São Bento
- Z056\_Cidade Satélite
- Outro

## 5. 4. Atividade? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Trabalhador
- Autônomo
- Desempregado
- Pensionista
- Estudante

## 6. 5. Nível sócio-econômico?

A RENDA FAMILIAR É A SOMA DOS RENDIMENTOS DE TODOS OS HABITANTES DE UMA RESIDÊNCIA. De acordo com o CENSO do IBGE (2010) o nível sócio-econômico pode ser dividido entre: Classe A: Renda familiar acima de 20 salários mínimos (mais de R\$ 20.900); Classe B: Renda familiar que ultrapasse 10 salários mínimos e chegue até 20 salários mínimos (entre R\$ 10.450,01 e R\$ 20.900); Classe C: Renda familiar entre quatro e dez salários mínimos (Acima de R\$ 4.180 até R\$ 10.450); Classe D: Renda familiar entre dois e quatro salários mínimos (Entre R\$ 2.090,01 e R\$ 4.180) e Classe E: Renda familiar de no máximo dois salários mínimos (valor máximo de até R\$ 2.090).

*Marcar apenas uma oval.*

- Mais de 20 salários mínimos (mais de R\$ 20,900,00)
- De 10 a 20 salários mínimos (De R\$ 10.450,01 até 20.900,00)
- De 4 a 10 salários mínimos (De R\$ 4.180,00 até 10.450,00)
- De 2 a 4 salários mínimos (De R\$ 2.090,01 até 4.180,00)
- 1 salário mínimo (1.100,00)
- Nenhuma renda

## 7. 6. Escolaridade? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Primário
- Secundário
- Universidade
- Pós-graduação
- Nenhum

8. 7. Idade? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- 18-24  
 25-45  
 46-65  
 Mais de 66

9. 8. Sexo? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Feminino  
 Masculino  
 Outro: \_\_\_\_\_

10. 9. Origem? \*

*Marque todas que se aplicam.*

1. Nascido em Boa Vista com algum dos pais naturais de Boa Vista  
 2. Nascido em Boa Vista com os pais naturais de outras cidades  
 3. Não é nascido na cidade, mas vive nela

11. 10. Com quem você vive?

Cidade

Na primeira seção do questionário: Cidade, buscamos as referências da cidade investigada em seu sentido físico e histórico, dividida em 3 partes (qualidades, qualificações e cenários urbanos a proposta é revelar as qualidades identificatórias dessa cidade.

### Qualidades urbanas

As qualidades urbanas são os signos que representam a cidade através do juízo de seus cidadãos .  
Apresentam-se aqui a escala de cheiros, cores, sons, etc que identificam a cidade. As perguntas que envolvem as qualidades urbanas vão de 11 a 23.



Monte Roraima



11. Com que imagem ou palavra você identificaria as seguintes áreas ou ruas a seguir?

12. 11.1 – Centro Cívico \*

---

13. 11.2 – Orla Taumaña \*

---

14. 11.3 – Monumento ao Garimpeiro \*

---

15. 11.4 – Praça Simón Bolívar \*

---

16. 11.5 – Parque do Rio Branco \*

---

17. 11.6 – Antigo Beiral (Caetano Filho) \*

---

18. 11.7 – Parque Anauá \*

---

19. 11.8 – Mangueira da Ataíde Teive \*

---

20. 11.9 – Cine Super K \*

---

21. 11.10 – Complexo Ayrton Senna de praças \*

---

22. 11.11 – Lago do Robertinho \*

---

23. 12. Quando você pensa em sua cidade, que personagem você acha que a identifica? \*

---

13. Dois lugares que você acha que identificam sua cidade:

24. 13.1 – Lugar que identifica Boa Vista 1 \*

---

---

---

---

---

25. 13.2 – Lugar que identifica Boa Vista 2 \*

---

---

---

---

---

26. 14. Qual é o clima que você mais identifica em sua cidade? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Frio
- Úmido
- Quente
- Chuvoso

27. 15. Qual é o tempo (período) que mais identifica a sua cidade? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Manhã
- Tarde
- Noite

28. 16. Quando você pensa em Boa Vista, com que cor você a identifica? \*

---

29. 17. Com que gênero musical você identifica Boa Vista? \*

---

18. Escolha três lugares representativos da arquitetura de Boa Vista:

30. 18.1 – Lugar representativo 1 \*

---

31. 18.2 – Lugar representativo 2 \*

---

32. 18.3 – Lugar representativo 3 \*

---

33. 19. Na sua opinião, qual é o acontecimento mais importante do último ano na história de Boa Vista? \*

---

---

---

---

---

34. 20. Qual é o mais importante nos últimos trinta anos? \*

---

---

---

---

---

35. 21. Qual é o mais importante na história de Boa Vista? \*

---

---

---

---

---

36. 22. Quando você pensa sobre o futuro de Boa Vista nos próximos 20 anos, com o que você identificaria? \*

---

---

---

---

---

37. 23. Como você percebe a sua cidade? \*

(marque as opções que você desejar)

*Marque todas que se aplicam.*

- Alegre
- Triste
- Perigosa
- Viva
- Segura
- Cansada

Qualificações urbanas

As qualificações urbanas referem-se às maneiras como a cidade é marcada por seus cidadãos levando-se em conta aspectos como apreciações e necessidades sobre diferentes aspectos da cidade e suas instituições. As perguntas sobre as qualificações urbanas vão de 24 a 31

## Eu amo Boa Vista



38. 24. Como você classificaria seu local de trabalho?

Se desejar, você pode marcar mais de uma opção

Marque todas que se aplicam.

- Agradável
- Desagradável
- Saudável
- Insalubre
- Tranquilo
- Não tranquilo
- Confortável
- Estressante
- Outros

25. Liste três necessidades básicas que você acha que Boa Vista carece?

39. 25.1 – Necessidade 1 \*

---

40. 25.2 – Necessidade 2 \*

---

41. 25.3 – Necessidade 3 \*

---

42. 26. Qualifique os seguintes aspectos da sua cidade: \*

(Escala 1 = muito ruim / 5 = muito bom)

Marque todas que se aplicam.

	1	2	3	4	5
Qualidade de vida	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tráfego	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Beleza	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Segurança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Uso do espaço público	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Educacao	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Limpeza	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Recreação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Transporte público	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Saúde	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Meio ambiente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

43. 27. O que você mais gosta em Boa Vista? \*

---

44. 28. O que você menos gosta em Boa Vista? \*

---

45. 29. Qualifique a contaminação: \*

(Escala 1 = nada / 5 = muito)

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
Atmosférica	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Auditiva	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Visual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

46. 30. Qualifique a gestão/trabalho dos dirigentes de Boa Vista em relação aos seguintes aspectos: \*

(Escala 1 = muito ruim / 5 = muito bom)

Marque todas que se aplicam.

	1	2	3	4	5
Gestão de instituição	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Programas sociais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Planejamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Serviços públicos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

47. 31. Qualifique sua percepção sobre a corrupção dos dirigentes de Boa Vista? \*

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5
nada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Muito					



### Cenários Urbanos

Os cenários urbanos são aqueles lugares/espacos onde os cidadãos atuam ou se representam na cidade, como se fosse um ato teatral, no que diz respeito ao amor, diversão, comida, perigos e etc. sobre a cidade. As perguntas sobre os cenários urbanos vão de 32 a 37.

### Parque do Rio Branco



48. 32. Quando você marca um encontro com alguém, você o faz em:  
(Marque apenas um)

*Marcar apenas uma oval.*

- Shopping
- Igreja
- Teatro
- Esquina
- Cafeteria
- Restaurante
- Bar
- Parque
- Casa
- Outros

33. Mencione quatro locais de diversão que Boa Vista tem:

49. 33.1 – Local de diversão 1: \*

---

50. 33.2 – Local de diversão 2: \*

---

51. 33.3 – Local de diversão 3: \*

---

52. 33.4 – Local de diversão 4: \*

---

53. 34. Qual lugar na cidade você mais frequenta quando está em um relacionamento?

\_\_\_\_\_

54. 35. Qualifique o quanto você gosta desses lugares? \*

(escala 1 = nada / 5 = muito)

Marque todas que se aplicam.

	1	2	3	4	5
Orla Taumaña	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Praça das águas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Parque do Rio Branco	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Centro cívico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Complexo Ayrton Senna	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Shopping Pátio Roraima	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Garden Shopping	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Praça Simón Bolívar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
UFRR	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Lago do Robertinho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Beiral (antigo Caetano Filho)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

36. Mencione uma rua ou área de Boa Vista que você considere ser:

55. A mais perigosa? \*

\_\_\_\_\_

56. Com o melhor cheiro? \*

\_\_\_\_\_

57. Com o cheiro mais desagradável? \*

---

58. Com mais movimento? \*

---

59. Com mais bares: \*

---

60. Mais frequentada por mulheres? \*

---

61. Mais frequentada por homens? \*

---

62. Mais frequentada por jovens? \*

---

63. Mais frequentada por idosos? \*

---

64. Mais triste? \*

---

65. Mais alegre? \*

---

66. Local com a maior venda de rua (comércio)? \*

---

67. E o que identifica esse local? \*

---

---

---

---

---

68. A rua mais limpa? \*

---

69. E com o que associa essa limpeza? \*

---

---

---

---

---

70. A rua mais suja? \*

---

71. E com o que associa essa sujeira? \*

---

---

---

---

---

72. 37. Você frequenta algum parque temático em Boa Vista?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Cidadãos

O foco desta nova seção do questionário está nos cidadãos e em seus modos de construir suas realidades urbanas. Nos interessa investigar aqui a atividade cidadã como construtora das culturas urbanas. Essa seção, também está dividida em 3 partes (Tempo, marcas e rotinas cidadãs).

Reinauguração da Praça das águas – 2016



### Temporalidades Cidadãs

As temporalidades, dizem respeito às atividades cotidianas dos cidadãos. As perguntas do questionário sobre temporalidades cidadãs vão de 38 a 45.

73. 38. Quanto tempo você gasta diariamente transportando-se para o seu local de trabalho ou atividade?

\_\_\_Horas e \_\_\_minutos

\_\_\_\_\_

74. 39. Quantas horas você gasta no trabalho ou estudo por dia?

*Marcar apenas uma oval.*

Até quatro horas (4h)

Até oito horas (8h)

Até doze horas (12h)

Mais de doze horas

75. 40. Quantas horas por dia você se dedica na sua vida familiar?

\_\_Horas e \_\_minutos

\_\_\_\_\_

76. 41. Quantos dias na semana você se dedica a sua vida familiar?

\_\_Horas e \_\_minutos

\_\_\_\_\_

77. 42. Quantas horas por dia você dedica a seus amigos?

\_\_Horas e \_\_minutos

\_\_\_\_\_

78. 43. Quantos dias na semana você se dedica a seus amigos?

\_\_\_\_\_

79. 44. Como você pode identificar o caráter dos cidadãos de Boa Vista? \*

(Se desejar, você pode marcar mais de uma opção)

*Marque todas que se aplicam.*

Sereno

Alegre

Melancólico

Agressivo

Outro

80. 45. De onde você acha que vêm a maioria dos habitantes de Boa Vista? \*

(Marcar uma opção e registre o local que fez referência na questão seguinte)

*Marcar apenas uma oval.*

- Nascido na cidade
- Nascido em outras regiões do país
- Nascido em outro país

81. 45.1 – Se nascido na cidade (qual bairro/zona?), se nascido em outras regiões do País (quais regiões?), Se nascido em outro País (quais países?) \*

---

### Marcas de cidadãos

As marcas de cidadãos podem ser objetos, elementos, grupos ou lugares que assinalam o cidadão como o sujeito da experiência urbana, diríamos que marcam a urbanização do ser humano. As perguntas sobre as marcas cidadãs vão de 46 a 54.

82. 46. Que tipo de comida você mais gosta?

*Marque todas que se aplicam.*

- Carne
- Peixe
- Vegetariana
- Italiana
- Chinesa
- Fast-food
- Outras

83. 47. Mencione a invenção que você considera a mais importante no século 20.

---



84. 48. Você tem um computador?

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

85. 49. Você é um membro ativo de qualquer religião, culto, igreja ou algo assim? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

86. 50. Caso tenha respondido sim na questão anterior, por favor indique a religião, culto, igreja ou simulates?

---

## 87. 51. Como você se movimenta pela cidade?

(Ordem do 1º (mais usado) ao 8º (menos usado))

Marque todas que se aplicam.

	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º
Bicicleta	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ônibus	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Caminhando	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Lotação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Motocicleta	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Uber, 99, carros de aplicativo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Veículo particular	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

## 88. 52. Com qual palavra você relaciona os jovens de Boa Vista? \*

---

89. 53. Qualifique até que ponto os jovens influenciaram Boa Vista nos seguintes aspectos: \*

(Escala 1 = nada 5 = muito)

Marque todas que se aplicam.

	1	2	3	4	5
Moda	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Música	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Linguagem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Eventos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Uso de drogas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Violência	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Uso do espaço público	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Consumo de bebidas alcóolicas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

90. 54. Com que palavra você identifica ou relaciona as pessoas da terceira idade? \*

Rotinas  
cidadãs

As rotinas são aquelas ações que se repetem continuamente, caracterizando um estilo ou uma forma de atuar dos cidadãos. As perguntas que investigam as rotinas cidadãs vão de 55 a 70.

91. 55. Poderia nos dizer com que frequência você se sente feliz?

92. 56. Qualifique os seguintes aspectos dependendo de sua frequência de uso/participação: \*

(Escala 1 = nada / 5= muito)

Marque todas que se aplicam.

	1	2	3	4	5
Teatro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Shoppings	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cultos religiosos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Televisão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Recitais ou concertos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Centros culturais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Leitura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Caminhadas ou passeios	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Espaços esportivos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Restaurantes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Bibliotecas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Shows esportivos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cinema	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Videogames	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

93. 57. Qualifique de um (1) a cinco (5) dependendo da sua frequência de uso. \*  
(Escala 1 = nada 5 = muito)

*Marque todas que se aplicam.*

	1	2	3	4	5
Internet	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Computador	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
TV	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Rádio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

94. 58. Qualifique de acordo com a sua frequência de uso para os seguintes tipos de leitura:  
(Escala 1 = nada 5 = muito)

*Marque todas que se aplicam.*

	1	2	3	4	5
Jornais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Revistas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Material especializado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Literatura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

95. 59. Qualifique as seções do jornal que você mais lê:

(Escala 1 = nada 5 = muito)

Marque todas que se aplicam.

	1	2	3	4	5
Economia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Informação geral	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Política	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Esporte	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cultura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Shows e showbiz	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outros suplementos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

96. 60. Qualifique a sua frequência de uso para os seguintes programas de TV:

(Escala 1 = nada 5 = muito)

Marque todas que se aplicam.

	1	2	3	4	5
Informações	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Variedades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cultural	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Novelas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Infantil	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fofoca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

97. 61. Qualifique a sua frequência de uso para os seguintes programas de rádio:  
(Escala 1 = nada 5 = muito)

*Marque todas que se aplicam.*

	1	2	3	4	5
Notícias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Musicais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Revistas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Crianças	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Esporte	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

98. 62. Qualifique seu cuidado com o corpo de um (1) a cinco (5) nos seguintes aspectos: \*

(Escala 1 = nada 5 = muito). Terapias alternativas: ioga, esoterismo, medicinas naturais, outras.

*Marque todas que se aplicam.*

	1	2	3	4	5
Esporte	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Terapias alternativas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Alimentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

99. 63. Qual é o tipo de comida que você mais consome? \*

\_\_\_\_\_

100. 64. Onde você costuma comer durante a semana? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Casa
- Rua
- Restaurante
- Trabalho
- Outro

101. 65. Onde você costuma comer no fim de semana? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Casa
- Rua
- Restaurante
- Trabalho
- Outro

102. 66. O que você faz durante o seu tempo diário de transporte para o seu local de trabalho ou atividade? \*

---

---

---

---

---



103. 67. Que atividades você prefere quando está em um relacionamento e quer ficar bem com seu parceiro (a) amigo (a)? \*
- (Você pode marcar mais de uma opção)

*Marque todas que se aplicam.*

- Música
- Cinema
- Comida
- Bebida
- Outro

104. 68. Para que você usa mais seu computador?
- (ordem do mais alto ao menor, dependendo do seu uso: 1= maior uso, 4= menor uso)

*Marque todas que se aplicam.*

	1	2	3	4
Entretenimento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Comunicação ou informação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

## 105. 69. Como você se comunica com a família e amigos?

(ordem do mais alto ao menor, dependendo do seu uso: 1º= maior uso, 6º= menor uso)

*Marque todas que se aplicam.*

	1º	2º	3º	4º	5º	6º
Correio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
E-mail	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Telefone	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Aplicativos/Redes sociais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pessoalmente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

## 106. 70. O que você costuma fazer no seu tempo livre? \*

---



---



---



---



---

## 107. 70.1 E o que você gostaria de fazer? \*

---



---



---



---



---

Outridades  
[PERCEPÇÃO  
DOS  
OUTROS]

Na última seção do questionário, nos propomos a olhar para fora (outros/vizinhos) para averiguar duas questões fundamentais, como nos imaginam e como imaginamos os outros. As perguntas relativas às outridades vão de 71 a 86.

Ocupação da Praça Simón Bolívar – 2018



71. Com o quê você identifica cada uma das seguintes cidades brasileiras:

108. 79.1.1 Brasília - DF \*

---

109. 79.1.2 São Paulo - SP \*

---

110. 79.1.3 Manaus - AM \*

---

111. 79.1.4 Belém - PA \*

---

112. 79.1.5 São Luís - MA \*

---

72. Com o quê você identifica cada uma das seguintes cidades europeias:

113. 72.1 Paris \*

---

114. 72.2 Roma \*

---

115. 72.3 Lisboa \*

---

116. 72.4 Londres \*

---

117. 72.5 Madrid \*

---

73. Com o quê você identifica cada uma das seguintes cidades latino-americanas:

118. 73.1 Bogotá (Colômbia) \*

---

119. 73.2 Caracas (Venezuela) \*

---

120. 73.3 Santa Helena de Uairén (Venezuela) \*

---

121. 73.4 Lethem (Guiana) \*

---

122. 73.5 Georgetown (Guiana) \*

---

74. Com o quê você identifica cada uma das seguintes cidades norte-americanas:

123. 74.1 Nova York

---

124. 74.2 Miami

---

125. 74.3 Washington

---

126. 75. Como você acha que os habitantes da cidade de Boa Vista são percebidos pelo resto dos cidadãos brasileiros? \*

---

---

---

---

---

127. 76. Como você acha que os habitantes da cidade de Boa Vista são percebidos pelo resto dos cidadãos latino-americanos? \*

---

---

---

---

---

128. 77. Como você acha que os habitantes da cidade de Boa Vista são percebidos por parte dos cidadãos europeus? \*

---

---

---

---

---

129. 78. Como você acha que os habitantes da cidade de Boa Vista são percebidos por parte dos cidadãos norte-americanos? \*

---

---

---

---

---

79. Liste três cidades brasileiras que você considera que tem uma afinidade com Boa Vista?

130. 79.1 Cidade 1: \*

---

131. 79.2 Cidade 2: \*

---

132. 79.3 Cidade 3: \*

---

133. 80. Liste de uma a três cidades europeias que você considera que tem uma afinidade com Boa Vista?

---

---

---

---

134. 81. Liste de uma a três cidades norte-americanas que você considera que tem uma afinidade com Boa Vista?

---

---

---

---

82. Liste três cidades latino-americanas que você considera que tem uma afinidade com Boa Vista?

135. 82.1 Cidade 1: \*

---

136. 82.2 Cidade 2: \*

---

137. 82.3 Cidade 3: \*

---

83. Liste três cidades brasileiras que você considera não terem afinidade com Boa Vista?

138. 83.1 Cidade 1: \*

---

139. 83.2 Cidade 2: \*

---

140. 83.3 Cidade 3: \*

---

141. 84. Liste de uma a três cidades europeias que você considera não terem afinidade com Boa Vista?

---

---

---

---

142. 85. Liste de uma a três cidades norte-americanas que você considera não terem afinidade com Boa Vista?

---

---

---

---



**86. Liste três cidades latino-americanas que você considera não terem afinidade com Boa Vista?**

143. 86.1 Cidade 1: \*

---

144. 86.2 Cidade 2: \*

---

145. 86.3 Cidade 3: \*

---

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

# BOA VISTA IMAGINADA

*Proposta artística de exposição*  
*Curadoria Luís Müller Posca*

Maio de 2022

**EDITAL 07/2022 – CULTURA SESC**

II KANAU - SALÃO UNIVERSITÁRIO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO SESC



**Bien Venidos a Boa Vista? (ESTRELA, 2018)**

Proposta artística (Apresentação da pesquisa em Arte e proposta conceitual/curatorial da exposição)

**BOA VISTA – RR**

2022



# BRIEFING DO PROJETO

*Proposta artística de exposição  
Curadoria Luís Müller Posca*

O projeto “Boa Vista imaginada”, iniciado em 2019 e vinculado à investigação de mesmo teor realizada em Brasília-DF é, sobretudo, uma pesquisa sobre os anseios e desejos de cidadãos boa-vistenses acerca de suas percepções sobre suas próprias vivências nesta cidade. Tal pesquisa, na capital de Roraima, foi realizada nos anos de 2020 e 2021 com habitantes desta urbe através de um questionário com 86 perguntas e que, atualmente, já conta com esses dados de percepção cidadã compilados em um banco de dados imaginados dessa coletividade cidadã boavistense.

Tais dados demonstram informações que só podem ser acessadas através da imaginação/percepção das pessoas ao viverem seus cotidianos cidadãos, diferentemente de pesquisas populacionais como, por exemplo, a do Censo do IBGE. Isso quer dizer que as investigações dos imaginários urbanos coletam percepções subjetivas das pessoas sobre, por exemplo, a cor da cidade, o som da cidade, quem é o personagem mais representativo dessa urbe, os lugares considerados mais importantes por sua população, como os habitantes dessa cidade são vistos e sobretudo, **qual é a imagem da cidade na concepção desses cidadãos** em contraponto às imagens dos cartões postais, previamente elegidas por meios hegemônicos. Logo, podemos afirmar que as percepções cidadãs acerca da imagem de uma cidade são informações que não podem ser encontradas em nenhuma pesquisa de amostragem populacional ou livro com informações oficiais sobre a cidade em questão.

Por fim, além de trazer à tona essas percepções o objetivo final de uma pesquisa com imaginários urbanos se conecta ao campo das artes e da imagem da cidade, através da criação de obras que representem essas percepções cidadãs coletadas nas entrevistas. Materializando, portanto, aquilo que antes vivia apenas na imaginação ou no imaginário dos cidadãos de uma urbe.

Nossa proposta, portanto, é convidar artistas residentes ou em trânsito da cidade de Boa Vista para que possam transformar em obra, nas diversas modalidades das Artes Visuais (fotografia, vídeo, pintura, escultura, instalação, outros), essas “imagens de Boa Vista” coletadas pelo pesquisador/curador ao longo desta investigação iniciada em 2019. Para que possamos ser capazes de demonstrar como o boa-vistense de hoje, seja ele natural do estado de Roraima, seja ele “*Roraimado*” (migrante que aqui chegou de outro estado do Brasil e por aqui se estabeleceu) ou, também, imigrante/refugiado enxerga esta cidade planejada repleta de fluxos, aproximações e distanciamentos culturais e sociais.

Logo, consideramos que este projeto se apresenta como pioneiro no que concerne a abarcar visões artísticas de cidadãos que compõe essa teia social que é Boa Vista nos dias de hoje e que seremos capazes de emergir representações desta cidade únicas, baseadas na experiência sensível de artistas e cidadãos desse espaço transfronteiriço do Norte do Brasil.

# ALGUNS EXEMPLOS

*Proposta artística de exposição*  
*Curadoria Luís Müller Posca*

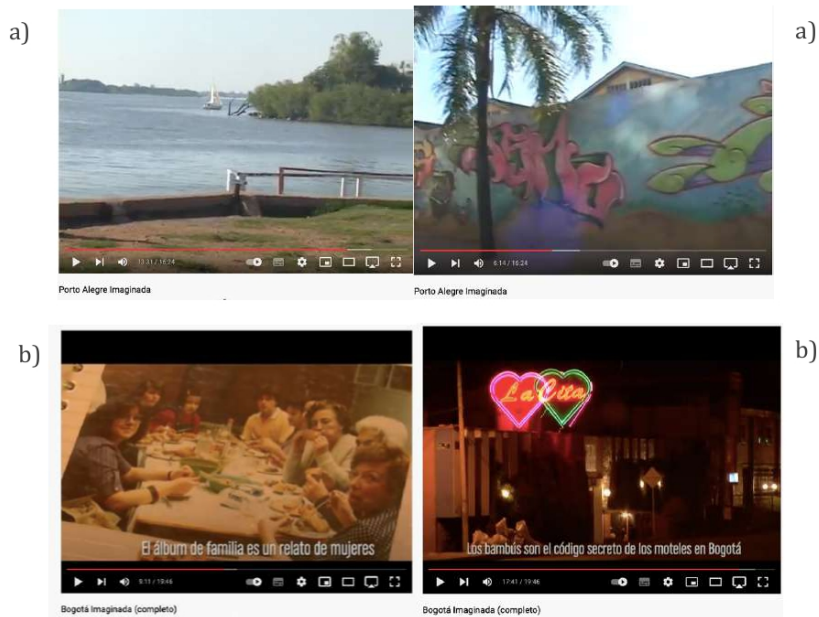


Em outras cidades já investigadas pela metodologia dos imaginários urbanos, assim como acontecerá em Boa Vista, os dados imaginados coletados nas entrevistas com os cidadãos têm sido interpretados e transformados em exposições de arte, como, por exemplo, a mostra *Cidades imaginadas Iberoamericanas*<sup>1</sup>, que reuniu no MAC – USP, em 2010, cinquenta fotografias do projeto Cidades Imaginadas de diversas cidades latino-

americanas já estudadas pelo projeto. Documentários, fotografias, desenhos, pinturas, instalações artísticas, clipes e intervenções urbanas são algumas dessas representações dos imaginários cidadãos e que vêm surgindo como produtos dos imaginários, compondo consequentemente os arquivos cidadãos, resultado do Projeto Cidades Imaginadas nos diversos locais onde foi desenvolvido. Esses arquivos dos imaginários urbanos, materializados pelas formas da Arte, são consequências diretas das interpretações proporcionadas pelos dados coletados em cada uma das cidades investigadas.

<sup>1</sup> Catálogo da exposição disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/conteudo/exp/10/09.asp>

Figuras - Frames dos Minidocumentários a) Porto Alegre e b) Bogotá imaginada<sup>2</sup>



Fonte: Canal Imaginários Urbanos no *YouTube*.

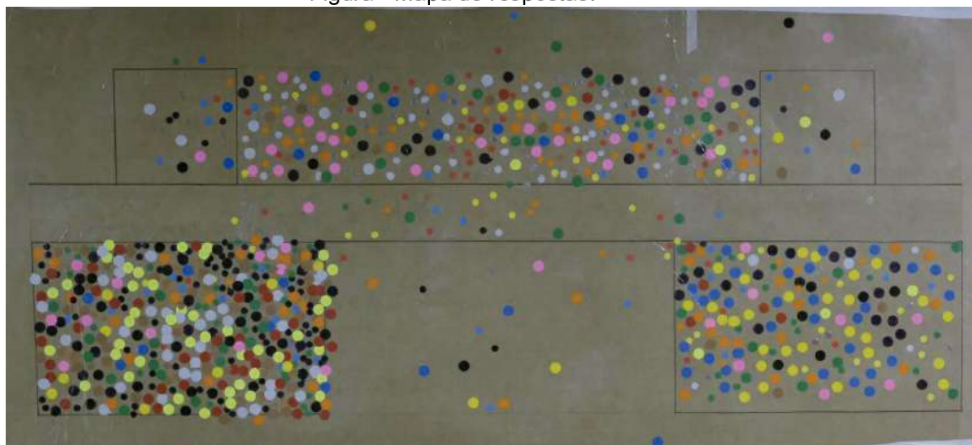
Um outro exemplo que podemos apresentar se trata das percepções cidadãos sobre dois emblemáticos espaços de Brasília, que vivenciamos em nossa prévia investigação no projeto Brasília imaginada vinculado ao projeto de Boa Vista. Através das percepções cidadãos acerca dos prédios do Conic e do Conjunto Nacional, espaços idênticos com relação à sua arquitetura, mas, quando analisados pelo viés dos imaginários cidadãos, acabaram revelando diversas dicotomias, através das respostas de mais de 900 participantes e que ao final acabou se tornando uma exposição de arte no espaço cultural Renato Russo em Brasília.

Em suma, as análises mostraram que o espaço do Conjunto Nacional (representado à esquerda na Figura abaixo) evocou

<sup>2</sup> Minidocumentário Porto alegre imaginada disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zML3e-E7khs&t=824s> e Minidocumentário Bogotá imaginada disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3GIOLIXRE1M>

percepções de que este seria o espaço da família, com associações positivas à limpeza, segurança e lazer. Já o Conic (representado à direita, na Figura abaixo), foi associado à população LGBTQIA+ e evocou negativamente percepções de sujeira, perigo e medo. Todavia, também trouxe uma parcela de percepções positivas sobre se enquadrar em um espaço de trabalho, cultura e esperança pelos participantes.

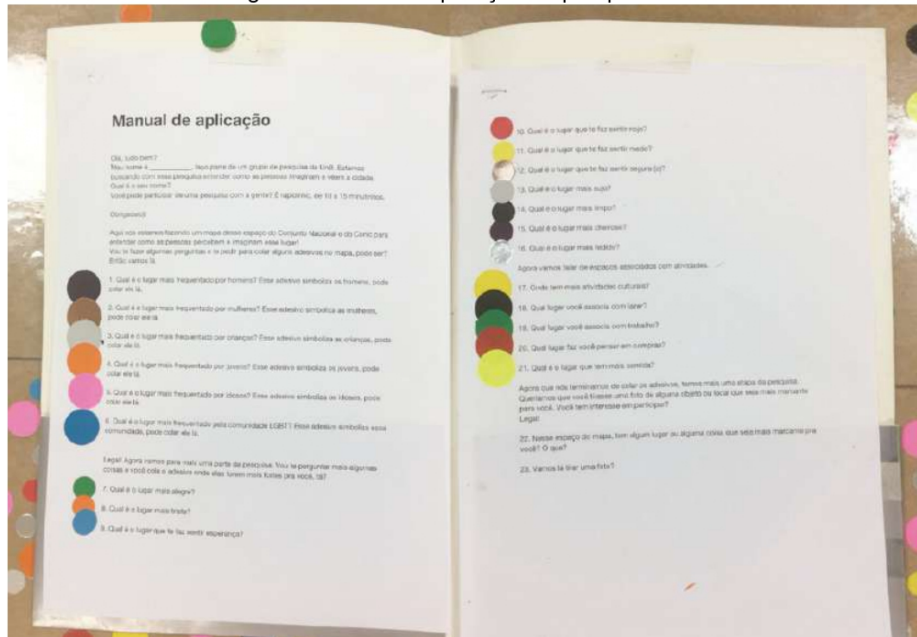
Figura - Mapa de respostas.



Fonte: Nery e Garrossini (2021).

Na sequência, podemos observar o manual dessa aplicação, elaborado pela equipe do projeto Brasília imaginada, em que cada participante recebia uma cartela com os adesivos que correspondiam às respostas das questões subjetivas que seguem. Assim, o entrevistado selecionava qual dos espaços, Conic ou Conjunto, corresponderia à sua percepção imaginária:

Figura - Manual de aplicação da pesquisa



Fonte: Nery e Garrossini (2021).

Através dessa experiência, um último desdobramento foi realizado, após a análise qualitativa dos dados coletados com a produção de uma instalação artística, que buscou demonstrar as dicotomias encontradas nessa experiência através do espelhamento das percepções cidadãs.

Esses dados imaginados foram levados a outros cidadãos dessa cidade que não participaram da experiência, possibilitando, portanto, outras leituras e experimentações acerca dos lugares investigados.



Figuras - Exposição realizada no Espaço Cultural Renato Russo – 508 SUL representando o CONIC e o Conjunto.



Fonte: Garrossini, Santos e Nery (2020).

# RESUMO DO MACROPROJETO CIDADES IMAGINADAS

## *Referencial teórico-metodológico*

Em 1992, Armando Silva (criador da metodologia de trabalho com imaginários urbanos) lançou a obra *Imaginários urbanos* e se tornou uma das figuras centrais que discutem a teoria dos imaginários voltado ao espaço das cidades, um estudo de natureza comparativa que procurou compreender algumas questões centrais das culturas urbanas

na América-Latina por meio de um olhar transdisciplinar, cuidadosamente lançado sobre seu objeto de estudo a partir de ferramentas teóricas e metodológicas da Antropologia, da Psicanálise, da Teoria da Comunicação, da Estética, da Semiótica, da História e da Arte. O conteúdo do estudo tinha a princípio o intuito de investigar as cidades sob o enfoque desenvolvido pelas novas ciências da cultura que analisam os fenômenos urbanos através de coletividades cidadãs. Ao longo de quase trinta anos, o pesquisador tem aprimorado sua teoria estética para demonstrar como as pessoas, através de seus estados de estranhamentos, produzem as percepções sociais, sobretudo quando veem o mundo a partir dos seus sentimentos. Tendo tal projeto sido realizado em inúmeras cidades latino-americanas, europeias e norte-americanas. No Brasil, São Paulo, Porto Alegre e agora Brasília são as grandes cidades investigadas por esta metodologia.

Em resumo, os Imaginários Urbanos, segundo Silva (2001), são percepções inconscientes construídas a partir da vivência na cidade, ou seja, vão além das percepções mentais, subjetivas e pessoais, passando a um estado de percepção coletiva, que, lentamente, vai sendo construída pelos habitantes que a “materializam” por intermédio de códigos, simbolismos, discursos e comportamentos, causando efeitos na “cidade real”, no compartilhamento do mesmo espaço-tempo. Portanto, as cidades imaginadas são entendidas como expressividades grupais, com seus modos singulares de ser e, desse modo, no convívio com seu sentido de estar em público. Logo, os estudos sobre imaginários se dedicam a entender de que forma construímos e arquivamos na memória individual e pública desde nossos desejos e percepções sociais até nosso modo grupal de ver, de viver, de habitar e desabitatar nosso mundo. Assim, o imaginário, então, tem um efeito social real (SILVA, 2014).

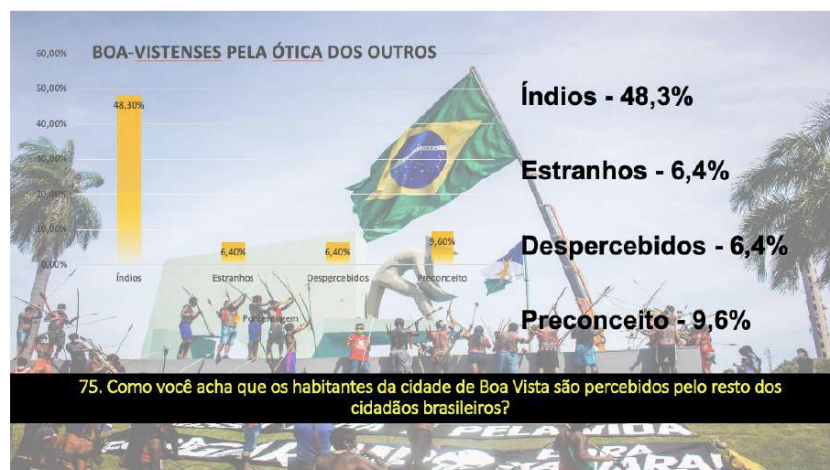
# ALGUMAS IMAGENS

## *processos criativos - Boa Vista imaginada*

Figuras – Deambulação (passeio) pelo centro de Boa Vista.  
Essa deambulação por Boa Vista foi transformada em um passeio virtual interativo e encontra-se disponível na plataforma *Google Earth*<sup>3</sup>.



Figura – Análise da questão 75 do questionário Boa Vista imaginada.



Fonte: Acervo pessoal

<sup>3</sup> O passeio virtual pode ser acessado clicando no link abaixo:  
<https://earth.google.com/earth/d/1dVBuRP97YPZHJKppMR-FXpRI0tO103i?usp=sharing>

Figuras – Artistas venezuelanos radicados em Boa Vista (obras que retratam os trânsitos migratórios e a hibridação cultural – mescla das culturas brasileira e venezuelana)



Fonte: Folha de Boa Vista

## ANEXO A – Edital do II Kanau do Sesc – Roraima



### EDITAL 007/2022 – CULTURA SESC

#### II KANAU - SALÃO UNIVERSITÁRIO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO SESC

O **SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC/RR – ADMINISTRAÇÃO REGIONAL EM RORAIMA**, instituição de direito privado, sem fins lucrativos, instituído pelo Decreto-Lei nº 9.853, de 13 de setembro de 1946, com regulamento aprovado pelo Decreto Federal nº 61.836, de 05 de dezembro de 1967, com sede na Rua Dr. Araújo Filho, n.º 947 - Centro, em Boa Vista - Roraima, inscrito no CNPJ sob o n.º 03.488.834/0001-86, neste ato representado pela Diretora Regional, a senhora **LISIANE GASSNER CARNETTI**, torna público, para conhecimento dos interessados, a abertura do Edital 007/2022 para chamamento de propostas artístico-culturais para prestação de serviços, com a finalidade de atender ao Projeto II KANAU – Salão Universitário de Arte Contemporânea, no ano de 2022, de acordo com os critérios de aceitabilidade, contidos neste instrumento convocatório, regido pela Resolução SESC nº 1.252/12 e pelas disposições deste instrumento convocatório e seus anexos.

#### 1. OBJETIVO

1.1. Constitui objeto deste Edital a contratação de profissionais para atender ao Projeto II KANAU – Salão Universitário de Arte Contemporânea, que realizará uma mostra inédita de arte contemporânea e popular, composta por exposição coletiva desenvolvida por pesquisadores das Artes Visuais residentes em Roraima. A palavra KANAU é de origem Macuxí que significa canoa. A canoa sempre foi um meio de transporte, comunicação e de trabalho nos rios do Brasil. Em uma alusão a essa ferramenta de navegação, o II Salão Universitário de Arte Contemporânea do Sesc pretende servir de embarcação para criar oportunidades aos artistas e pesquisadores universitários de Roraima viabilizando o contato com o circuito de artes visuais do estado.

1.2. Este edital destina-se a pesquisadores universitários da área de Artes Visuais. Os pesquisadores poderão inscrever projeto de mostra coletiva com base em pesquisa, composta por obras nas seguintes modalidades da área: pintura, desenho, gravura, escultura, cerâmica, fotografia, videoarte, objeto, instalação e híbridas, ou seja, com mistura de linguagens. Dentre as propostas será selecionada 1 (uma). A exposição terá duração máxima de 4 (quatro) meses, podendo esse período ser reduzido conforme calendário cultural anual do Sesc. Será selecionada a proposta que apresente uma pesquisa comprovada na linguagem de Artes Visuais, e aspectos de originalidade, coerência, impacto cultural para a comunidade local, contribuição para o pensar contemporâneo e promoção da diversidade cultural.

1.3. As propostas apresentadas deverão obrigatoriamente ter classificação livre e respeitar as medidas de sanitárias de combate a COVID-19 que estejam em vigor no momento da sua

Sesc – Serviço Social do Comércio | Departamento Regional em Roraima  
Rua Araújo Filho n.º 947 – Centro, Boa Vista (RR), CEP 69301-090 | +55 95 3212-2802  
www.sescrr.com.br | @sescrr

execução.

1.4. A contratação dos proponentes será efetivada por meio de inexigibilidade de licitação, conforme Resolução do Sesc nº 1.252/2012, art 10º, inciso III, na contratação de profissional de qualquer setor artístico, caracterizado por inviabilidade de competição, em razão da natureza do serviço a ser prestado.

1.5. Estão previstas neste edital a seleção de propostas que estejam de acordo com o cronograma do II KANAU – Salão Universitário de Arte Contemporânea e orientações apresentadas neste documento, possibilitando a contratação de profissionais de forma democrática e atendendo aos princípios da resolução vigente.

## 2. DO CONTEXTO

Na tentativa de incentivar a pesquisa e a produção em artes visuais, o Sesc Roraima convoca pesquisadores vinculados a academia para desenvolverem o II KANAU – Salão Universitário de Arte Contemporânea. O trabalho a ser desenvolvido compreende a curadoria, que consiste na pesquisa, seleção, organização e montagem da exposição; o desenvolvimento de um material educativo impresso ou digital; o desenvolvimento de oficinas durante o período da mostra; o desenvolvimento de roteiro de visita mediada; e a realização da formação para os mediadores.

## 3. DO ESPAÇO EXPOSITIVO

3.1 Galeria Franco Melchiorri, localizada no Centro de Atividades do Sesc Departamento Regional de Roraima, com endereço na rua João Barbosa n.º 143 A/B – Mecejana, Boa Vista (RR).

3.2 O projeto expositivo ganhará uma versão virtual que será montada com apoio do corpo técnico do Sesc Roraima.

3.3 Caso a galeria venha sofrer alguma intervenção física que necessite interdição temporária, a exposição será remarcada ou realocada conforme prévio acordo entre o artista e o Sesc Roraima.

CRONOGRAMA DE REALIZAÇÃO DA EXPOSIÇÃO	
Montagem da exposição	De 28/11/2022 até 01/12/2022
Abertura	02/12/2022
Encerramento	02/04/2023

*\*As datas de realização podem variar de acordo com o calendário de eventos culturais organizados pelo Sesc Roraima, estando, portanto, sujeitas a alteração.*

#### **4. CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO**

4.1. Poderão se inscrever no presente Edital:

- a) Pesquisadores de quaisquer instituições de ensino superior do Estado de Roraima da área das Artes Visuais, que possuam pesquisa em Arte em andamento, com proposta de exposição.
- b) Pessoas físicas acima de 18 (dezoito) anos ou emancipados, residentes no Estado de Roraima por no mínimo 06 (seis) meses. Caso o proponente não apresente documento legal comprobatório quando solicitado, a proposta será desclassificada;
- c) Pessoas jurídicas, legalmente constituídas no estado de Roraima; desde que a CNAE (Classificação Nacional de Atividades Econômicas) seja compatível com a prestação de serviços deste Edital;
- d) Microempreendedor individual, estabelecido no Estado de Roraima, desde que a CNAE (Classificação Nacional de Atividades Econômicas) seja compatível com a prestação de serviços deste Edital;

4.2. Não poderão participar do presente seletivo:

- a) Membros da Comissão de seleção do SESC/AR/RR, bem como de seus cônjuges e familiares até terceiro grau;
- b) Empregados, terceirizados, ocupantes de cargos comissionados ou estagiários do SESC/SENAC, bem como de seus cônjuges e familiares até terceiro grau;
- c) Pessoas Jurídicas que estejam em situação irregular perante os órgãos competentes;
- d) Propostas incoerentes com os valores culturais do SESC;
- e) Grupos e/ou artistas com CNPJ inscritos fora do Estado de Roraima.

4.3. Os interessados deverão realizar inscrição e preencher todos os requisitos exigidos neste edital;

4.4. Os participantes deverão prover sob responsabilidade própria dos recursos humanos e materiais para realizar sua proposta de trabalho;

4.5. Todos os inscritos concordam que o Sesc-RR se reserva do direito de definir a programação mediante os aprovados, definindo local e carga horária para cada um;

4.6. Todos os inscritos concordam que o Sesc utilizará as informações enviadas para criar um banco de dados.

#### **5. DO DIREITO DE USO DE IMAGEM**

5.1. O selecionado cede e transfere ao Sesc/RR, neste ato e a título universal, pelo tempo de duração da exposição os direitos de uso de imagem relativos às OBRAS, razão pela qual

poderá o Sesc/RR, a seu único e exclusivo critério, utilizar as imagens das OBRAS em ações sejam elas públicas e/ou privadas, com ou sem fim lucrativo, e, inclusive, para outros fins, tais como, mas não limitado a:

- a) Reprodução das OBRAS em toda e qualquer outra forma de comunicação, em mídias impressa e eletrônica, que tenha por objetivo a divulgação da exposição;
- d) Reprodução e inclusão das OBRAS em banco de dados digital do Sesc e terceiros autorizados pelo Sesc, sem restrições e/ou limitações de qualquer espécie desde que sejam para a divulgação da exposição;
- e) Reprodução e inclusão das OBRAS em sites na internet do Sesc e terceiros autorizados pelo Sesc, sem restrições e/ou limitações de qualquer espécie, para a divulgação da exposição;
- f) Reprodução das OBRAS em mídias e meios de comunicação impressa e eletrônica, para fins de divulgação e promoção do Sesc e de suas atividades, bem como de terceiros autorizados pelo Sesc, sem restrições e/ou limitações de qualquer espécie;
- g) Toda e qualquer outra modalidade de utilização de divulgação da exposição e das atividades do Sesc, meio de comunicação e suporte material existentes, sem restrições e/ou limitações de qualquer espécie, mesmo para aqueles não expressamente previstos neste contrato.

5.2. O ARTISTA/AUTOR/PROFISSIONAL autoriza o Sesc/RR, neste ato, o uso de imagem, nos termos e condições deste edital, será válido para todo o território brasileiro e exterior, para qualquer idioma, sem restrições e/ou limitações de qualquer espécie, pactuando as partes que as mesmas serão válidas, inclusive, por todo o prazo de proteção aos direitos de autor, conforme previsto na Lei n.º 9.610/98.

5.3. Casos resultantes de denúncias de cópias, plágios ou falsidades ideológicas somente serão acatados por decisão judicial.

5.4. O proponente concede ao Sesc, sem qualquer ônus, o direito de uso de seu nome, imagem, voz e da matéria escrita, para fins de divulgação e veiculação.

5.5. A presente transferência de direitos é a título gratuito, o proponente renuncia a qualquer compensação ou indenização pecuniária ou qualquer outra possível, oriunda das matérias objeto deste termo, aplicando-se aos sucessores e/ou herdeiros.

5.6. Em caso da exposição envolver obras de outros artistas, o proponente precisa apresentar a Declaração de Cessão de Direitos Autorais na qual o autor da obra autoriza o uso da mesma na exposição, sem que haja nenhuma transferência financeira por parte do Sesc.

## **6. DA INSCRIÇÃO**

6.1. As inscrições serão gratuitas e deverão ser efetivadas somente pela internet, por meio do preenchimento de formulário on-line, disponível no portal do Sesc Roraima: <https://forms.gle/uhT2g2V2WjSnP1An9>, no período de 14/04/2022 a 13/05/2022.



6.2. Todas as informações referentes ao formulário de inscrição devem ser atualizadas e são de inteira responsabilidade do proponente.

6.3. Cada proponente poderá inscrever até 01 (um) projeto exclusivamente por meio do preenchimento do formulário on-line específico para esta seleção, devendo este comprovar que se encontra habilitado para prestar o serviço, de acordo com as normas deste instrumento convocatório.

6.4. O ato de inscrição pressupõe plena concordância dos termos, cláusulas, condições do Edital e de seus Anexos, que passarão a integrar as obrigações, bem como na observância dos regulamentos administrativos e das normas técnicas aplicáveis, não sendo aceita, sob qualquer hipótese, alegação de seu desconhecimento em qualquer fase do procedimento administrativo e execução dos serviços.

6.5. Não serão aceitas propostas recebidas via e-mail ou material físico, somente por meio do preenchimento de formulário on-line, salvo disposição em sentido contrário no Edital ou na página do SESC/AR/RR.

6.6. serão consideradas válidas somente as inscrições finalizadas, por meio do envio da proposta, até o horário e data limite estipulados nesta convocatória. Serão desconsideradas as propostas incompletas.

6.7. No formulário on-line deverá ser anexada a proposta de artística, o texto conceitual ou curatorial das obras e Currículo e/ou Portfólio.

6.8 Serão aceitos apenas projetos inéditos, sendo desclassificados os projetos que tenham participado de outra mostra ou exposição, exceto que tenham acontecido na instituição de ensino a qual pertencem os participantes;

6.9 Para trabalhos realizados por coletivos de artistas, apenas um representante assinará a ficha de inscrição, ficando esse responsável pelo recebimento do incentivo financeiro, os demais nomes deverão constar em anexo;

6.10 A proposta artística deve conter fotos digitais de cada obra a ser exposta, vídeo (no caso de videoinstalação e videoarte) ou projeto executivo (no caso de instalações, performance e outros), acompanhados da ficha técnica de cada obra (título, técnica, tamanho, data e autor);

6.11 O texto conceitual das obras expostas deve ter de 1 a 2 laudas, incluir as motivações que levam o(s) artista(s) a desenvolver(em) a mostra, referências consideradas importantes pelo artista, para maior aproximação com o trabalho a ser exposto e, se existentes, influências de outros artistas e contextos;

6.12 As obras em vídeo deverão ser entregues em cópia em arquivo com formato compatível para computador, para o processo de seleção e posteriormente, de acordo com o suporte que deverá ser exposto;

6.13. O SESC Roraima não se responsabiliza por eventuais erros, ausência de documentação e casos de documento não legível.

6.14. É de responsabilidade do(a) proponente garantir o acesso às pastas compartilhadas, quando for o caso, sob pena de desclassificação caso o conteúdo esteja bloqueado para acesso dos avaliadores. Não serão aceitos links de armazenamento temporário (como

Wetransfer, Sendspace e similares).

6.15. Os inscritos poderão, de segunda a sexta-feira, em horário comercial, consultar a Coordenação de Cultura do Sesc Roraima, localizada no Centro de Atividades Dr. Antonio Oliveira Santos, Rua João Barbosa, 143 A/B — Mecejana, pelo telefone (95) 98403-4624 ou pelo e-mail [cultura@sescrr.com.br](mailto:cultura@sescrr.com.br), para dirimir suas dúvidas quanto ao edital de inscrição estabelecido.

## 7. DA SELEÇÃO

7.1. Compete à comissão técnica designada pelo SESC Roraima, avaliar e selecionar as propostas artísticas para o II KANAU - Salão Universitário de Arte Contemporânea, segundo o texto conceitual/curatorial e currículo/portfólio dos mesmos.

7.2 A análise da(s) proposta(s) seguirá os seguintes critérios e pontuações:

- a) Relevância artístico-cultural e qualidade de execução da proposta (30 pontos);
- b) Singularidade: criatividade e originalidade (10 pontos);
- c) Clareza na apresentação da proposta (10 pontos);
- d) Adequação à identidade institucional: afinidade com os valores, diretrizes e Política Cultural do SESC (<https://www.sesc.com.br/downloads/politicacultural.pdf>) (30 pontos);
- e) Relevância e agregação de valor à proposição do projeto KANAU (**item 1 deste edital**) (20 pontos).

## 8. DA IMPUGNAÇÃO E PEDIDO DE ESCLARECIMENTO

8.1. Este Edital poderá ser impugnado em até 2 (dois) dias úteis após a publicação do edital, antes da data fixada para o início do recebimento da documentação.

8.2. Os pedidos de esclarecimento nos casos omissos e as dúvidas suscitadas neste edital serão resolvidos pelo SESC/RR por meio do Setor de Cultura do Sesc, pelo e-mail [cultura@sescrr.com.br](mailto:cultura@sescrr.com.br). O documento deverá ser encaminhado anexo ao e-mail em formato *pdf*, pelo proponente ou por seu representante legal.

## 9. DAS OBRIGAÇÕES DO PROPONENTE

9.1. Apresentar no prazo estipulado todas as documentações exigidas no “**item 11**” deste Edital;

9.2. Apresentar o trabalho artístico de acordo com a proposta escrita quando convocado para a realização das atividades;

9.3. Realizar o trabalho artístico proposto de acordo com o cronograma de realização do Sesc Roraima, suas cláusulas e condições constantes em instrumentos de contratos ou equivalentes que serão celebrados entre o Sesc Roraima e os proponentes selecionados;

9.4 Realizar palestra ou bate-papo na abertura da exposição abordando o processo criativo e/ou a exposição em questão;

- 9.5 Se a exposição apresentar instalações deverão providenciar equipamentos específicos que o Sesc Roraima não disponha;
- 9.6. O pesquisador é responsável pelo seu deslocamento das obras ao local de exposição e também por retirá-las, que será na Galeria Franco Melchiorri, localizada no Centro de Atividades Dr. Antonio Oliveira Santos do Sesc Departamento Regional de Roraima, com localizado na rua João Barbosa n.º 143 – Mecejana, Boa Vista (RR);
- 9.7. Garantir a boa qualidade dos serviços;
- 9.8. Manter, durante toda a vigência da contratação, os documentos e dos dados fornecidos, devidamente atualizados;
- 9.9. Responsabilizar-se por todos e quaisquer danos e/ou prejuízos que vierem a causar ao Sesc/RR ou a terceiros;
- 9.10 As obras não poderão alterar ou danificar a integridade física do prédio onde será realizada a exposição;
- 9.11 Todos os equipamentos que compõem a obra ou que sejam necessários para o seu funcionamento são de responsabilidade do participante, não cabendo ao Sesc a obrigação de fornecer quaisquer materiais ou equipamentos que componham a obra;
- 9.12 O selecionado se responsabiliza pela realização trabalho que compreende a curadoria, que consiste na pesquisa, seleção, organização e montagem da exposição; o desenvolvimento de um material educativo impresso ou digital; o desenvolvimento de oficinas durante o período da mostra; o desenvolvimento de roteiro de visita mediada; e a realização da formação para os mediadores.
- 9.13. O selecionado se responsabiliza por qualquer transferência financeira oriunda de empréstimos de obras de terceiros, ou qualquer outra atividade relacionada a mostra;
- 9.14. Cumprir as cláusulas e condições constantes no presente instrumento, bem como em contrato ou instrumentos equivalentes a serem celebrados entre o Sesc Roraima e os proponentes selecionados.

## **10. DAS OBRIGAÇÕES DA CONTRATANTE**

- 10.1. Prestar assessoria de imprensa, produção de convite eletrônico, e inserção nos sites e mídias sociais do SESC para divulgação das ações;
- 10.2. Fornecer layout expográfico que compreende a pintura do espaço expositivo, iluminação, suportes, painéis e legenda para as obras;
- 10.3. Fornecer o trabalho educativo com mediação durante o período da exposição;
- 10.4. O SESC não fornecerá materiais específicos para realização da proposta, ficando a cargo do pesquisador esta aquisição.
- 10.5. O SESC disponibilizará espaço físico para realização das propostas artísticas, se encarregando de montagem e preparação prévia;
- 10.6 Fornecer as orientações conceituais do projeto expográfico e montagem da exposição

serão a partir da ação formativa realizada em caráter de laboratório com a participação de todos os artistas e que será conduzida pela equipe do II KANAU;

10.7. Produzir uma versão virtual da exposição.

10.8. Pagamento de cachê mediante a apresentação de nota fiscal após a realização do serviço, conforme **item 12** deste edital, que define os valores para cada função deste certame.

#### **11. DOS DOCUMENTOS DE HABILITAÇÃO**

11.1. Após a etapa de seleção da proposta, o proponente selecionado terá o prazo de até 05 (cinco) dias úteis, a contar da divulgação do resultado das propostas selecionadas, conforme CRONOGRAMA deste edital, para apresentar os documentos elencados no **"subitem 11.3"** deste edital.

11.2. Toda documentação necessária para contratação deve ser entregue em horário comercial na Coordenação de Cultura do SESC, localizada no Centro de Atividades Dr. Antônio Oliveira Santos, localizada à Rua João Barbosa, 143 A/B — Mecejana, Boa Vista – RR, em envelope devidamente identificado.

11.3. Relação de documentos a serem entregues (originais e cópias):

##### **a) PESSOA FÍSICA PROPONENTE:**

- Termo de Cessão de Imagem (ANEXO I – original);
- Declaração de Parentesco (ANEXO III – original);
- Carteira de Trabalho e Previdência Social Digital – CTPS Digital;
- Carteira de Identidade (RG);
- Cadastro de Pessoa Física (CPF);
- Título de Eleitor;
- Passaporte e RNE (Para estrangeiros);
- Comprovante de Residência expedido em Até 90 Dias (quem mora de aluguel trazer autodeclaração de moradia original);
- Comprovante de escolaridade;
- Registro no Conselho de Classe Profissional (caso necessário);
- Situação do número do PIS/PASEP com data de cadastramento (CEF);
- Dados bancários (cartão ou extrato bancário);
- Portfólio e/ou Currículo;

##### **b) PESSOA FÍSICA PROPONENTE COM REPRESENTANTE:**

- Carta de Exclusividade (ANEXO II - Original e com firma reconhecida em cartório);
- Termo de Cessão de Imagem (ANEXO I - Original);
- Documento identidade (RG);
- Cadastro de Pessoa Física (CPF);
- Comprovante de Residência expedido em Até 90 Dias (quem mora de aluguel trazer

autodeclaração de moradia original);

- Portfólio e/ou Currículo;
- **Documentos do Representante:**
- ✓ Contrato Social e suas alterações; ou Certidão Simplificada da Junta Comercial, ou Estatuto Social e Ata para Associações, Instituições e Cooperativas;
- ✓ Cartão do CNPJ;
- ✓ CERTIDÕES (Trabalhista, Municipal, Estadual, Federal);
- ✓ Comprovante de Residência (quem mora de aluguel entregar autodeclaração de moradia original);
- ✓ Documento de Identidade (RG);
- ✓ Cadastro de Pessoa Física (CPF);
- ✓ Dados Bancários PJ (cópia do cartão ou extrato ou contrato).

**b) PESSOA JURÍDICA PROPONENTE:**

- Termo de Cessão de Imagem (ANEXO I - Original);
- Documento identidade (RG);
- Cadastro de Pessoa Física (CPF);
- Comprovante de Residência expedido em Até 90 Dias (quem mora de aluguel trazer autodeclaração de moradia original);
- Dados Bancários PJ (cópia do cartão ou extrato ou contrato);
- Portfólio e/ou Currículo;
- Cartão do CNPJ;
- Contrato Social e suas alterações; ou Certidão Simplificada da Junta Comercial, ou Estatuto Social e Ata para Associações, Instituições e Cooperativas;
- CERTIDÕES NEGATIVAS DE DÉBITOS (Trabalhista, Municipal, Estadual, Federal).

**e) PESSOA JURÍDICA MEI PROPONENTE:**

- Cartão CNPJ;
- Certificado de Microempreendedor;
- Situação no Simples Nacional/SIMEI;
- CERTIDÕES NEGATIVAS DE DÉBITOS (Trabalhista, Municipal, Estadual, Federal).
- CPF, RG e comprovante de residência (quem mora de aluguel trazer autodeclaração de moradia original assinada pelo inquilino e proprietário do imóvel);
- Termo de Cessão de Imagem (ANEXO I - Original);
- Dados bancários PJ (Cópia cartão ou extrato ou contrato);
- Portfólio e/ou currículo;

11.4. No caso de proponentes representados por pessoa jurídica, os dados do profissional continuam sendo de preenchimento obrigatório.

11.5. Independente dos documentos supracitados, o Sesc, se necessário, poderá solicitar outros que julgue indispensável para a prestação do serviço artístico.

11.6. A execução do serviço somente será autorizada após a assinatura do Contrato de Prestação de Serviços ou emissão do PEDIDO (PAF – pedido ao fornecedor) em conformidade com suas cláusulas, o convocado apresentará os documentos atualizados citados neste instrumento.

11.7. É vedada a cessão, a transferência do Contrato de Prestação de Serviço ou PEDIDO (PAF – pedido ao fornecedor), total ou parcial, bem como a subcontratação parcial do objeto, assim como a transferência de representação para outro CNPJ ou para Pessoa Física.

11.8. Após conferência de documentação e das propostas, será publicado o resultado preliminar com as propostas aprovadas, por meio da página eletrônica oficial do SESC/RR ([www.sescrr.com.br](http://www.sescrr.com.br)).

11.9. O ato de convocação para a execução do serviço dar-se-á por e-mail ou outro meio que o SESC/RR entender apto e conterá, resumidamente, o objeto, quantidade de apresentações, local(ais) da(s) prestação(ões) do(s) serviço(s), valor da contratação, etc.

11.10. É vedada a cessão, a transferência total ou parcial, bem como a subcontratação parcial do objeto, assim como a alteração de natureza jurídica do proponente.

## **12. DO PAGAMENTO**

12.1. O pagamento será realizado por meio de depósito na conta corrente da CONTRATADA, em até 20 (vinte) dias úteis, após o aceite do serviço, mediante a apresentação de documento fiscal, sendo vedada a negociação de faturas ou títulos de crédito com instituições financeiras, como também não serão aceitos boletos bancários, contados da apresentação da Nota Fiscal devidamente atestada;

12.2. Havendo erro na Nota Fiscal (preço diferente do contrato ou qualquer outra irregularidade) ou descumprimento das condições pactuadas, sua tramitação será suspensa para que a CONTRATADA adote as providências necessárias à sua correção. Passará a ser considerada, para efeito de pagamento, a data do aceite da nova nota reapresentada, nos mesmos termos do subitem anterior;

12.3. Em havendo alguma pendência impeditiva do pagamento, o prazo fluirá a partir de sua regularização por parte da contratada.

12.4. Os valores de cachê artístico praticados pelo Sesc Roraima são definidos em níveis estabelecidos na Matriz Referencial de Valores de Cachê do Sesc Roraima, que variam de acordo com a experiência dos artistas. Por ter o foco na contratação de um pesquisador das Artes Visuais que possua experiência e pesquisa em desenvolvimento, o cachê pago pelo projeto para cada será correspondente ao Nível III – Artistas com mais de cinco anos de experiência comprovada da Matriz Referencial de Valores de Cachê do Sesc Roraima.

TÍTULO	TIPO	NÍVEL	CACHÊ
Exposição de arte	Grupo	III	R\$ 2.500,00
Realização de Oficina com duração total de 50 horas	-	III	R\$ 40,00/hora
Curadoria Educativa (Construção de material Educativo)	-	III	1.600,00
Palestra de abertura e palestra de formação para mediadores com duração total de 20 horas.	-	III	R\$ 50,00/hora

12.5. O cachê mencionado no quadro acima é o valor bruto, podendo haver deduções legais.

12.6. Para o proponente autônomo (pessoa física) a alíquota a ser descontada da remuneração a ser paga é de 20% sobre o valor bruto conforme dispõe artigo 65, inciso II, alínea 'a', item 2, da IN RFB 971/2009.

### 13. DO CRONOGRAMA

Publicação do Edital	20/04/2022
Período de inscrição	20/04/2022 a 13/05/2022
Análise das propostas e currículos/portifólios	18 a 21/05/2022
Divulgação do resultado	23/05/2022
Entrega e análise da documentação de habilitação dos selecionados	23/05 a 25/05/2022
Divulgação do resultado final	26/05/2022
Realização da exposição (previsão)	02/12/2022 a 02/04/2023

*\*As datas de realização podem variar de acordo com o calendário de eventos culturais organizados pelo Sesc Roraima, estando, portanto, sujeitas a alteração.*

#### **14. DAS DISPOSIÇÕES FINAIS**

14.1. Independentemente de declaração expressa, a apresentação dos documentos e da proposta implica a aceitação plena e total das condições e exigências deste instrumento convocatório e seus anexos, a veracidade e autenticidade das informações constantes nos documentos apresentados, e ainda, a inexistência de fato impeditivo à participação do proponente, o qual, na incidência, obriga o participante a comunicar ao SESC/RR quando ocorrido durante a vigência deste Edital;

14.2. Não será permitido a disseminação de conteúdo racista, preconceituoso, homofóbico, misógino, xenofóbico, sexual, de natureza pejorativa e repudiável, que afetem negativamente a dignidade da pessoa humana. Não será permitido propaganda político-partidária, promoção empresarial de produtos, serviços e marcas de qualquer natureza; e ainda a comercialização direta ou indireta de quaisquer produtos e serviços.

14.3. Todo o custo referente à produção das propostas será de responsabilidade do proponente;

14.4. O SESC/RR se reserva o direito de cancelar unilateralmente este edital, a qualquer momento, no todo ou em parte, não cabendo aos proponentes quaisquer direitos, vantagens, reclamações, a que título for dando conhecimento aos interessados pelos mesmos meios de divulgação deste edital;

14.5. Serão considerados inscritos aqueles que preencherem corretamente todos dados solicitados no formulário de inscrição disponível;

14.6. Competirá à Cultura do SESC dirimir eventuais dúvidas de interpretação do presente edital;

14.7. Casos resultantes de denúncias de cópias, plágios ou falsidades ideológicas somente serão acatados por decisão judicial ou conforme previsto no item;

14.8. A qualquer momento, o SESC/RR poderá desclassificar o proponente, sem que lhes caiba qualquer indenização, caso tenha conhecimento de fato que desabone a idoneidade, a capacidade técnica, inclusive incorreções que venham a ser detectadas na documentação ou propostas;

14.9. Não poderá ser contratado o proponente que não demonstrar a pertinência do trabalho com a área artística, ou que deixar de prestar informações complementares solicitadas;

14.10. Os dados fornecidos serão utilizados para fins de cumprimento do objeto desse edital;

14.11. Os casos omissos e controversos serão resolvidos pela comissão.

14.12. É parte integrante deste edital o seguinte anexo:

Anexo I - Termo de cessão de direito de uso de imagem;

Anexo II - Modelo de declaração/carta de exclusividade concedida por profissional (pessoa física) para representante legal exclusivo;





Anexo III – Declaração de parentesco.  
Anexo IV – Declaração de Direitos Autorais.

Boa Vista-RR, 20 de abril de 2022.

**LISIANE GASSNER CARNETTI**

Diretora Regional  
Sesc/RR

**REGINA MOURA FERNANDES**

Gerente de Assistência e Cultura  
Sesc/RR

**RAFAEL PEREIRA PINTO**

Analista de Cultura  
Sesc/RR

ANEXO I  
TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DE IMAGEM

---

TERMO DE CESSÃO DE USO DA IMAGEM

**II KANAU – Salão Universitário de Arte Contemporânea – SESC RR**

Eu, \_\_\_\_\_, nacionalidade \_\_\_\_\_, estado civil \_\_\_\_\_, profissão \_\_\_\_\_, inscrito no CPF (para brasileiros) sob o nº \_\_\_\_\_ e RG (ou Passaporte) sob o nº \_\_\_\_\_, residente \_\_\_\_\_ à \_\_\_\_\_ Rua/Av. \_\_\_\_\_, autorizo o uso de meu nome, minha imagem e meu trabalho proposto ao **Editai 007/2022 – Cultura – II KANAU – SALÃO UNIVERSITÁRIO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO SESC 2022**, realizado pelo SESC/RR, para fins de divulgação e publicidade.

(cidade) \_\_\_\_\_, (data) \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Nome e assinatura

**ANEXO II**  
**MODELO DE DECLARAÇÃO/CARTA DE EXCLUSIVIDADE CONCEDIDA POR PROFISSIONAL**  
**(PESSOA FÍSICA) PARA REPRESENTANTE LEGAL EXCLUSIVO**

**DECLARAÇÃO DE REPRESENTATIVIDADE**

Declaramos, para os fins de prestação de serviço artístico vinculado ao **EDITAL 007/2022 – CULTURA – II KANAU – SALÃO UNIVERSITÁRIO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO SESC 2022**, que, (descrição dos nomes e dados de cada integrante), sou/somos representado(s), em caráter de exclusividade, pela empresa \_\_\_\_\_, inscrita no CNPJ N° \_\_\_\_\_, pessoa jurídica de direito privado, sendo nomeado o(a) Sr.(a) \_\_\_\_\_, como responsável pelo repasse de todos os rendimentos oriundos dos serviços prestados ao SESC/RR.

Esta declaração terá validade durante a vigência do edital em questão.

(Elencar abaixo todos os participantes do grupo/pessoa, com nome legível, n° do CPF e RG. Recolher assinatura de todos, inclusive do signatário da empresa).

Boa Vista-RR, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_.

Assinatura:	Assinatura:
Nome:	Nome:
CPF:	CPF:
RG:	RG:

Assinatura:	Assinatura:
Nome:	Nome:
CPF:	CPF:
RG:	RG:



**ANEXO III**  
**DECLARAÇÃO DE PARENTESCO**

Para efeito de contratação, afirmo não ter parente, consanguíneo ou afim, até o terceiro grau civil, de qualquer membro, efetivo ou suplente, do Conselho Nacional, do Conselho Fiscal ou dos Conselhos Regionais do SESC ou do SENAC, ou de dirigentes de entidades civis ou sindicais do comércio, patronais ou de empregados, e de colaboradores do SESC ou do SENAC.

Boa Vista - RR, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

Eu, \_\_\_\_\_, declaro ter lido e estar ciente das implicações legais da minha declaração.

**ANEXO IV**  
**CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS E AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE OBRA DE ARTE**  
**EM EXPOSIÇÃO FÍSICA E VIRTUAL**

EU, \_\_\_\_\_, inscrito(a) no CPF sob nº \_\_\_\_\_,  
portador da cédula de identidade nº \_\_\_\_\_, expedida por \_\_\_\_\_,  
pelo presente termo, autorizo o (NOME DO PESQUISADOR), inscrito(a) no CPF sob  
nº \_\_\_\_\_, portador da cédula de identidade nº \_\_\_\_\_,  
expedida por \_\_\_\_\_, a utilizar, no II KANAU – Salão Universitário de Arte  
Contemporânea, o trabalho intitulado

\_\_\_\_\_, de minha autoria, cedendo-lhe, no período de  
\_\_\_\_\_ até \_\_\_\_\_, os direitos autorais para utilização do trabalho e  
de sua imagem em toda a programação desenvolvida pela exposição.

Declaro que a obra cedida é de minha autoria e que assumo, portanto, total  
responsabilidade pelo seu conteúdo.

Autorizo, ainda, a publicação em quaisquer meios e suportes existentes, inclusive no site do



evento, na Internet, e em CD-Rom, bem como a reprodução em outras publicações do projeto, a comunicação ao público, a edição, a reedição ou a adaptação e a distribuição. Por ser verdade, firmo o presente e dou fé.

Boa Vista - RR, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022

---

Assinatura do Artista

---

Assinatura do Pesquisador

## ANEXO B – Resultado do edital II Kanau do Sesc - Roraima



### RESULTADO DO EDITAL 007/2022 – II KANAU – SALÃO UNIVERSITÁRIO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO SESC.

O SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC/RR – ADMINISTRAÇÃO REGIONAL EM RORAIMA, torna público para conhecimento dos interessados, o resultado do processo de seleção das propostas do Edital 007/2022 – II Kanau – Salão Universitário de Arte Contemporânea do Sesc e convoca os artistas para a entrega da documentação conforme edital.

Artistas Selecionados (por ordem alfabética)
Luís Muller Posca

#### Data e local da entrega dos documentos:

Os documentos precisam ser entregues até o dia 30/05/2022 na Cultura, localizada no Centro de Atividades Sesc Mecejana, com acesso pela Avenida Venezuela, 1017, Pricumã, das 8h00 às 12h00 e das 14h00 às 18h00, conforme agendamento prévio por telefone ou e-mail.

#### Dúvidas, esclarecimentos e agendamento da entrega de documentos:

Em caso de dúvidas, esclarecimentos sobre o processo de seleção e entregas de documentos o candidato poderá enviar e-mail para [fapolinario@sescrr.com.br](mailto:fapolinario@sescrr.com.br) ou entrar em contato pelo telefone (95) 98403-4624.

Boa Vista-RR, 26 de maio de 2022.

**Rafael Pereira Pinto**  
Analista de Cultura – Sesc/RR

**Francielen Leandro Apolinário**  
Analista de Cultura – Sesc/RR

**Regina Moura Fernandes**  
Gerente de Assistência e Cultura – Sesc/RR